

GRACILIANO
RAMOS

*Memórias
do Cárcere*



Vol. II





GRACILIANO RAMOS

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Volume II

Editora Record

TERCEIRA PARTE

COLÔNIA CORRECCIONAL

ENTRAMOS num salão bastante limpo, de pintura nova, ainda com cheiro de tinta fresca, mas desprovido inteiramente de móveis. Era o Pavilhão dos Militares. O chão liso, as paredes nuas valorizavam demais o conforto escasso perdido uma hora antes: o colchão magro, a cama dura, o guarda-vento. Iríamos para a Colônia? Essa pergunta muitas vezes se repetiu; uns aos outros os homens em redor avivavam receios, queriam suprimi-los, enquanto se ambientavam, de cócoras pelos cantos, sentados nas bagagens. Macedo não tinha dúvida. Iríamos, claro. Dizia isso tranquilo, indiferente à miserável perspectiva, arrumando os troços com pachorra, a concentrar o engenho no problema de armar a rede. Trouxeram-nos esteiras e lençóis. Bem. Davam-nos agasalhos, a situação era melhor que nas prisões das galerias, molhadas, cheias, a gente mal conseguindo estirar-se no espaço exíguo.

Despi-me, busquei nos muros um prego que me servisse de cabide; em falta disto, dobrei a roupa, coloquei-a em cima do chapéu de palha. Retirei da maleta o pijama, vesti-me, arriei na esteira a carcaça, junto à porta, Macedo abriu o saco de lona e ofereceu-

me um travesseiro. Homem arrumado e providente. Com o saco de lona parecia fazer mágicas: extraía dele os objetos necessários e requintes de luxo, até fronhas. Agora exteriorizava contentamento: achara meio de pendurar a rede entre duas grades. Sentou-se nela e acendeu o cachimbo. Tentei repousar, mas um burburinho confuso e as idéias fragmentárias impediam-me o sono. Impossível conservar-me em posição horizontal. Ergui o espinhaço, encostei-me à parede, entretive-me a examinar os companheiros; contei-os várias vezes, sem atinar com o número certo; mexiam-se demais, entregues à arrumação, e atrapalhavam-me a contagem.

Findos os arranjos, atenuada a lufa-lufa, convenci-me afinal de que éramos dezessete pessoas, cinco nordestinos e doze paranaenses. Fixei a atenção nestes, quase todos rapagões fortes e brancos, já percebidos vagamente no andar térreo do Pavilhão dos Primários, envoltos em largos sobretudos espessos. Tinham prosódia esquisita, e sobrenomes exóticos feriam-me os ouvidos: Petrosky, Prinz, Zoppo, Garrett, Cabezon. A minoria, vulgar e mais ou menos cabocla, usava designações caseiras, expressas na fala arrastada, familiar no porão do *Manaus*, quatro meses atrás: Guerra, Macedo, João Rocha, José Gomes.

Entre os sujeitos ali reunidos, atentei num velho encorpado, vermelho, de óculos, muito sério, visto dias antes na fila, à hora da bóia. Conversamos essa noite, e descobri que ele se notabilizava por vários motivos: falava polaco, citava com abundância versículos da Bíblia e era danadamente reacionário. Precisava desabafar e segredou-me confidências: fora preso por engano; sim senhor, engano, calúnia de inimigos. Via em mim uma pessoa de consideração - e julgava por isso que não iríamos para a Colônia Correccional. Chamava-se apenas Eusébio. Tinha um cargo público (ou não tinha: provavelmente o haviam demitido) e era pequeno proprietário. Em desassossego, evitando convivências prejudiciais, buscava no ambiente insalubre um homem de posses, conservador, esforçava-se por segurar-se a ele e tranquilizar-se. Iriam mandar-nos para a Colônia Correccional? E porquê? Francamente, seria possível que nos mandassem para lá? A viagem me parecia certa - e o velho Eusébio desesperava. Não senhor, grunhia aflito e encatarroado. Não nos fariam semelhante desacato. Arregalava os olhos, querendo enxergar em mim qualquer coisa além das aparências, elevar-me e salvar-se:

- Uma pessoa de consideração.

Desenganei-o. Conhecendo-me a pobreza, desanimou, sentiu-se desamparado. Extinta a fugidia importância, em vão buscava em roda um sustentáculo, o ar de cólica, o sorriso mofino, uma longa tremura a envolver-se no capote. No descampado social nenhuma saliência. E a criatura infeliz continuou a chatear-me remoendo o seu caso, arrepiando-se em cochichos por ver-se misturado a indivíduos suspeitos. Vivera sempre longe de confusões, gemia fanhoso, terminando os períodos numa interjeição demorada e asmática - "An!" Explicava-se, defendia-se, pegando-se à religião, utilizando pedaços do Velho Testamento, como se isto lhe proporcionasse vantagem. Apesar da minha franqueza, teimava em não julgar-me inteiramente pobre. E afastou-se rosnando com segurança fraca:

- Uma pessoa de consideração. Acha que mandam? L impossível. An!

Essa despedida não me trouxe o isolamento necessário ao arranjo das idéias e ao sossego. As idas e vindas no cubículo, à toa, a ouvir palavras sem nexos, a procura de objetos miúdos na arrumação da bagagem, a dificuldade em amarrar a gravata e calçar-me, enfim a mudança de gaiola tinham-me fatigado em excesso. Que distância havíamos percorrido? Cem metros, duzentos, no máximo uns trezentos. Isso me

parecia uma caminhada extensa, e o meio novo, as fisionomias indistintas, vozes a confundir-se exigiam-me grande esforço para simular calma, apreender a significação de uma pergunta e dar a resposta conveniente. A covardia obtusa do velho Eusébio causava-me desgosto profundo. Largos dias, talvez meses, as lamúrias bambas iriam importunar-me, endurecer-me o coração. Nenhuma simpatia, absoluta ausência de piedade. Receava impacientar-me, suprimir com raiva as lamentações pegajosas que nos sujavam, lavar-me delas. Queria dormir, mas sempre estavam a reclamar-me a atenção. A imobilidade e o silêncio adquiriam de repente enorme valor. Dificuldade pensar, e obrigavam-me a isto.

Um paranaense loquaz avizinhou-se, entabulando camaradagem fácil, esteve meia hora a narrar-me as divergências existentes no seu grupo, intelectuais de um lado, operários de outro, abominando-se ou desprezando-se. A curiosa revelação desanuviou-me um instante e despertou ligeira curiosidade. Intelectuais? Que diabo significava isso? Intirei-me a custo. Designavam-se desse jeito os indivíduos alheios a qualquer ofício manual: Herculano, estudante de músculos débeis e rosto enxofrado, o velho Eusébio, alguns pequenos funcionários de uma estrada de ferro. Mais essa. Iam

forçar-me a conviver, tempo indeterminado, com pessoas que se justapunham, sem chegar a entender-se. Não me eximiria de muitos erros: certamente esqueceria as diferenças e a minha linguagem feriria susceptibilidades.

A fadiga me entorpecia a carne, mas o fervedouro de pensamentos desconexos não me deixaria repousar. Livre do informante, alonguei-me na esteira, fechei os olhos, envolvi-me no lençol curto demais. Os pés ficaram descobertos, o ar frio da noite picava-me as orelhas. Encolhi-me, tentei defender-me das ferroadas penetrantes, vencer os arrepios. A umidade atravessava o tecido fino, e não havia meio de aquietar-me. Escolhera por desgraça o pior lugar, junto à grade; um ventinho insinuante e velhaco trazia-me a garoa de julho. Se o esgotamento não me prendesse, iria alojar-me noutra parte. Nem me lembrei disso, provavelmente, e na sala não havia canto disponível.

Descerrando as pálpebras pesadas, inteirava-me de minúcias que não se articulavam; o conjunto era uma aglomeração de tipos reconhecíveis um instante e logo a esfumar-se em neblina; envoltórios de redes e capotes davam-lhes a feição vaga de fardos instáveis. A fraqueza visual impedia-me identificar as pessoas mais distantes. Necessário usar óculos quando me

soltassem: à luz escassa dos cubículos, durante alguns meses as letras haviam dançado no papel. Falas vagarosas me arrastavam de chofre ao porão do *Manaus*, e três figuras ressurgiam: João Rocha, o pequeno dentista Guerra, José Gomes. De que modo iria comportar-se o pobre Guerra, dias antes acometido por um acesso de terror, a urinar-se e a tremer, querendo a presença de mamãe? Garrett e Petrosky, encostados ao muro, estavam silenciosos e carrancudos. Tinham esses nomes, sem dúvida, mas não consegui saber qual dos dois era Garrett, qual era Petrosky. Incomodavam-me as frases soltas, para mim vazias como tagarelar de papagaios. Descobri aos poucos sentido nelas: os operários arredavam preocupações contando anedotas escabrosas. José Gomes ria-se demais das próprias histórias, repisando minúcias, como se desconfiasse da inteligência dos outros. Não alcançando o resultado previsto, de nenhum modo se alterava: divertia-se imenso com as narrativas insípidas. A gente do sul procedia de igual maneira, pouco lhe importando o juízo do auditório. A ausência de espírito, a monotonia, a pobreza de concepção, a linguagem perra, tudo indicava falta de exercício mental, insinuava-me cautela, a precisão de acomodar-me ao conceito simples e direto: um paradoxo ali originaria incompatibilidades inevitáveis. Desagradável naquele meio o diálogo curto que tive

com um trabalhador. O homem falava-me nas vantagens da autocrítica. E eu, sem refletir: - "Exato. Devo conhecer os meus defeitos, para conservá-los todos com muito cuidado." Surpresa viva, interjeições - e este desgraçado remate incompreensível ao interlocutor honesto: - "Claro. Se os meus defeitos se sumirem, deixarei de ser eu, mudar-me-ei noutro. Quero guardá-los, não perder um." Opiniões desse gênero alarmariam as criaturas singelas ocupadas em remoer facécias estultas.

Súbito uma pilhéria cheia de sal arrancou-me uma gargalhada, abriu-me os olhos, virou-me na esteira, ergueu-me sobre o cotovelo. Fora Cabezon que me provocara esses movimentos, o indivíduo a quem davam tal nome, com certeza um dos intelectuais mencionados pouco antes, amanuense oficial administrativo, ou funcionário pequeno de uma estrada de ferro. A situação dele era mais ou menos igual à minha. Revelava-se num trocadilho obscuro, mas isto não causou grande efeito na assistência. Os casos insulsos continuaram. O velho Eusébio tentava levar a conversa para assuntos graves. E Macedo, balançando-se na rede, cachimbava e sorria.

NO DIA seguinte pela manhã, Herculano trepou-se a uma janela e, agarrado aos varões, ficou lá de poleiro como papagaio, buscando entender-se com as outras celas. Gritos nos deram a notícia de que uma turma viera dias antes da Colônia e estava ali perto. Desejei saber os nomes dos recém-chegados; como a voz fraca me impedia comunicação, o estudante amarelo encarregou-se de transmitir a pergunta. Berraram-nos uma lista, abafada e incompleta; algumas pessoas reduziam-se a sílabas escassas, não havia meio de reconhecê-las; quatro ou cinco surgiam claramente, quase todas enviadas na primeira leva, naquela noite em que Desidério levantava o braço com raiva, entortando mais o bugalho vesgo, e Tamanduá se empavonava, metido no poncho vermelho.

Trouxeram-nos o café, muito ralo, e um pão sem manteiga. Aí notaríamos uma advertência, se ela fosse precisa. O pão era exatamente igual ao fornecido no Pavilhão dos Primários, mas tiravam-nos o pouco de manteiga rançosa, obrigatória lá. Com certeza não

procediam assim por economia: a supressão visava a um fim, aliava-se às esteiras, ao ajuntamento em local exíguo, aos lençóis curtos e finos em tempo frio, a indicar-nos uma degradação. Iam impor-nos outras mudanças, apagar de chofre os restos de conforto ainda conservados na véspera e forçar-nos a contrair novos hábitos. Esses choques nos perturbam em demasia, e o pior é não sabermos até onde nos levarão: a instabilidade nos impede entrever qualquer limite.

Mandei comprar pelo faxina um litro de leite. Dias compridos o meu alimento seria esse litro de leite, o pão e alguns canecos da lavagem turva, de gosto adocicado, que eu insistia em beber, esquecendo o aviso misterioso de um preso velho e experiente. Em geral nos davam essa refeição com a porta fechada: o bico do bule se encostava a uma travessa, estirávamos os canecos e recebíamos os pães através dos ferros. Nos cubículos era assim que faziam. Mas naquela manhã destrancaram inopinadamente a grade, os faxinas entraram com o saco de pães e o vaso enorme de folha, e o guarda nos permitiu andar no pátio.

Engoli o café, abalamos todos em busca do Pavilhão onde se aboletavam refugos da Colônia. Encontrei um bando a comprimir-se numa abertura

estreita, e nos espaços que havia entre os corpos surgiam rostos magros e desbotados. Outras fileiras deviam empurrar-se, invisíveis, pois do fundo, escuro, fumacento e fuliginoso, partiam vozes percebidas em qualquer parte. Os homens da frente, quase nus, cabeças lisas, tinham muita sujeira, muita amarelidão, órbitas cavadas, bochechas murchas. Deixavam provavelmente a enfermaria. A primeira vista não reconheci nenhum. Quando principiaram a falar, depressa, em desordem, como se o tempo não desse para todos, fui notando aqui e ali sinais guardados inconscientemente. Sorriam, descobrindo as gengivas pálidas. O esqueleto que o moço da rouparia tinha no punho voltou-me ao espírito. Os ácidos não haviam desfeito a medonha tatuagem. Por cima da cicatriz que repuxava a pele e se estendia num desenho róseo, sobressaíam costelas, vértebras, o riso da caveira. As figuras estranhas apinhadas ali riam. Riam para mim, como se eu fosse uma carcaça também. Quantos meses fazia que tinham vivido comigo no Pavilhão dos Primários? Dois meses. Era, dois meses, pouco mais ou menos. E estavam assim. Talvez ignorassem que estavam assim. Estremeci. Não me acharia daquele jeito? Olhei o pijama curto e rasgado. Ultimamente dormia pouco, alimentava-me com dificuldade. Extingui a comparação desagradável. Farrapos. Regressavam da Colônia, farrapos. Iriam

reconstituir-se, renascer, mas ali eram farrapos. Examinei-os. Bem. Aquele devia ser o Newton Freitas, o camarada alegre e ruidoso que no Pavilhão soltava risadas enormes, com ou sem propósito. Era ele, pensei descobrindo nos ossos do rosto lívido sinais do antigo Newton. Sem dúvida, lá vinha a gargalhada, uma fria gargalhada sem ânimo. E o sujeito baixo, de cuecas, barbudo em excesso, a mexer as mandíbulas com jeito de caititu? Seria o Pessoa? Com os diabos! Anastácio Pessoa, tipo neutro, alheio à questão social, posto em liberdade, supúnhamos. Inofensivo e discreto. - Você também, Pessoa?

Recordei-me dele, vi-o na fila, manejando um romance inglês, à espera da comida, num apuro escandaloso. Não se decidia a vestir pijama, nivelar-se aos outros, pois ia de morar pouco entre nós. Um equívoco, tinham-no agarrado por engano. Com certeza iam chamá-lo, explicar-se, mandá-lo embora, com desculpas. E nesta convicção isolava-se, de meias, sapatos lustrosos, calça de casimira, suspensório, camisa de seda e gravata. Havia de ficar ali sem saber porquê? Saía - e por isto recebera abraços e parabéns. Agora voltava da Colônia Correccional sujo, magro, hirsuto, de cueca e tamancos. No risinho insignificante e nos modos encolhidos logo distingui Bagé. O nome dele me

surgira pela primeira vez na galeria. Distraía-me a olhar as paredes e o teto, um dos poucos meios de encher o tempo ali. As paredes estavam cobertas de inscrições e desenhos; no teto oscilavam penduricalhos feitos com essas lâminas finas de metal usadas em carteiras de cigarros. No meio dos letreiros, alto, onde não chegava braço de homem, uma lista de presos, em tinta azul. Embaixo, uma data e o motivo da prisão. Alguns indivíduos expostos no rol tinham-me aparecido mais tarde. Numerosas voltas e viravoltas arbitrarias - e diante de nós se achavam dois: Bagé e Medina. Também reconheci Agrícola Baptista, o Tamanduá, que, em briga da Coluna Prestes, recebera uma bala na perna e claudicava. Um guarda veio abrir a porta, reunimo-nos à sombra de uma árvore no pátio. E as notícias chooveram, em pedaços, de cambulhada.

- Bichos, exclamou Tamanduá. Vivemos como bichos.

Um Tamanduá diferente, sórdido e escuro, sem a cabeleira arrepiada. E o poncho, que fim levava o poncho vermelho, afrontoso e ostensivo como bandeira de guerra?

- Num curral de arame farpado, como bichos, prosseguiu Tamanduá.

Disse mais coisas a respeito de latrinas, banheiros, disenteria e falta de papel, mas o rebanho de criaturas humanas em curral de arame farpado buliu comigo e afastou o resto da exposição. As minúcias embaralhavam-se, perdiam-se.

- Para onde vão mandar vocês? perguntou Medina. Para a Colônia, evidentemente; isto me parecia claro. Medina espalhou a vista em redor, analisou-me a cara, refletiu e moveu a cabeça discordando: não nos meteriam na Colônia. Aborreci-me. Queria tapear-nos com emolientes? De nenhum modo; interpretei mal as disposições do moço: não nos enviariam à ilha Grande, infelizmente. Procurou exhibir-me a vantagem de permanecer lá umas semanas.

- Não digo meses, que você não agüentaria. Algumas semanas apenas. Muito instrutivo.

Era um rapaz frio, risonho, desdentado. No Pavilhão dos Primários tinha uma cabeleira vasta e barba longa, mas isto desaparecera. A boca murcha dava-lhe um ar insignificante e avelhantado.

- Boa experiência, creia; material abundante. Seria magnífico você estudar aquilo.

Em seguida à estridência e aos arrepios de Tamanduá, não me entusiasmei com as palavras de

Medina; achei-as realmente absurdas: se resolvessem matar-me, a abundância de material seria inútil. Newton Freitas anunciou o propósito de narrar em livro a viagem no porão do Campos. Excelente idéia. Eu é que não tinha desejo nenhum de escrever. O guarda surgiu com o molho de chaves. Fizemos as despedidas e novamente nos trancaram.

AGORA na prisão havia mais espaço: deixaram aberta uma grade e nosso mundo se estendeu alguns metros, pudemos andar na sala vizinha. Estive ali parte do dia, a contar os passos de uma a outra parede, a imaginação presa no curral de arame, as palavras insensatas de Medina fervilhando-me na cabeça. Esforçava-me por varrer essas coisas aflitivas, um minuto conseguia amortecê-las, embalar-me numa vaga impressão de esquecimento; logo se reavivavam, eliminando recordações, a insinuar-se nos fatos da vida nova. Caso singular: a desgraçada perspectiva me dava prazer. Não era talvez isso, pois ao mesmo tempo sentia o coração desmaiar numa espécie de angústia, e alarmava-me servir de campo ao medonho jogo de emoções incompatíveis. As notícias me arrefeciam, animavam terrores latentes, e em vão queria livrar-me de uma horrível curiosidade malsã. Na verdade Medina tinha razão: pus-me a afirmar isto sabendo que afirmava uma estupidez: as minhas observações no lugar infame não valeriam nada. Mas a sujeira imensa, a disenteria, a falta de água, um milheiro de homens a apertar-se num curral de arame

não me deixavam sossegar. Aquilo merecia ser visto, pelo menos serviria para indicar a nossa resistência, de algum modo fortalecer-nos. Havia nesse desejo mórbido quase um desafio aos maus tratos, às humilhações, e se de repente nos largassem na rua, nem sei se me consideraria em liberdade ou vítima de um logro.

O velho Eusébio veio trazer-me a sua camaradagem mofina, entrou a passear comigo, a voz bamba a sumir-se na pergunta ansiosa mastigada na véspera. Estivera no pátio, debaixo da árvore, os olhos e os ouvidos atentos, e os molambos de esperança guardados preciosamente iam-se esgarçando.

- Nós vão mandar para a Colônia? Será possível? Novamente a confusão pronominal, observada no Pavilhão, me chocou; não havia de acostumar-me ao diabo da sintaxe encrencada. Isso jugava-se aos receios e à moleza da criatura, aos gestos ambíguos, às citações do Velho Testamento, e uma forte repulsa me enchia o coração. Impacientei-me, acho que fui grosseiro; nenhuma piedade me levava a minorar os sustos do menino grisalho. Respondi com monossílabos ásperos, continuando a absorver-me nas impressões de Tamanduá, na extravagância de Medina. Restar-me-iam forças para agüentar-me na piolheira infame? Essa pergunta já me

viera ao pensamento ao aniquilar-me no porão do *Manaus*, respirando a custo, andando sobre porcarias, meio desfeito em suor no calor de fornalha. Na primeira noite julgara-me perto de enlouquecer; depois me habituara: uma semana a ver as algas pela vigia, trepado numa costela do cavername; a fumar na rede presa à boca da escotilha; a redigir notas a lápis no camarote do padeiro. A gente se acostuma depressa às mais inesperadas situações. O que me alarmava era ter vivido muitos dias em jejum. Provavelmente ia agora suceder o mesmo; enjôo à comida, a língua seca, os beijos a rachar; o estômago já se entorpecia, como a bordo. Certamente me acabaria de inanição.

- Sim. É. Claro. O senhor tem dúvida?

Essas concisões faziam brechas na arrepiada lengalenga do paranaense, queriam destruí-la, mas o esguicho de lamúrias não cessava, atingia-me, dissolvendo-me a estranha demência. Idiota. Nenhum sujeito normal deseja rebaixar-se e arriscar-se a morrer de fome. Que me importavam as figuras tristes consumidas no curral de arame? Preferível não conhecê-las. Para quê? Ladrões, vagabundos, malandros. Tinha-me arrastado mais de quarenta anos longe deles, sem cogitar da existência deles, e surgia-me de chofre a necessidade besta de uma aproximação inútil. Idiota. Injuriava-me por dentro, mas a zanga

exterior convergia para o velho Eusébio, revelada nas sílabas cortantes:

-- Isso. Pois não. Claro, claro. Todos. Não está vendo? Receava exceder-me, engolia impropérios. Afastei-me, a arrasada personagem me seguiu ronronando o seu caso, inocentando-se. Desculpava-se usando o plural, envolvendo-me na justificação. Havia qualquer suspeita contra nós? Não havia. Tínhamos entrado em desordem? Não tínhamos. Éramos inimigos de barulhos. E então? Porque estávamos ali? Hem? E porque essa história de Colônia Correcional? Os lamentos enfureciam-me, atazanava-me por evitá-los; a maneira hostil e as passada largas frustravam-se: em qualquer parte achava-se ao pé de mim a sombra queixosa. Essa convivência de naturezas inconciliáveis, prolongando-se, chega a ser tortura, e explica brutalidades, rompantes de que não nos julgamos capazes e nos envergonham.

Afinal, depois de muitos ziguezagues nas duas salas, refugiei-me num vão de porta, busquei distrair-me olhando o pátio, jogando miolo de pão às aves residentes na árvore próxima. Eram pardais sem conta e devoravam tudo com rapidez enorme. Algum tempo isolei-me; o rumor das asas, os chilros e o verde-claro dos ramos na manhã luminosa acalmaram-me. Vencidas as idéias malucas, resolvi descansar na

esteira, decifrar a conversa dos operários, mas não consigo lembrar-me do que eles diziam. Os pardais tinham-me dado uma tranqüilidade aparente. Levantava-me, deitava-me, bebia goles de leite e canecas do pretume doce e repugnante que o faxina vendia à grade. O futuro já não me inquietava; esvaíam-se as tremuras do velho Eusébio, o desconchavo de Mediria, e a viagem para a Colônia deixava-me indiferente; impacientava-me, porém, ficar sentado, imóvel, na incerteza. Difícil desenovelar tais incongruências. Experimentamos isto, suponho: os acontecimentos de amanhã não nos interessam, são como se se referissem a outra pessoa; hoje não encontramos paz, as horas longas enchem-se de fatos desagradáveis, necessitamos fingir paciência e isto cada vez mais nos enerva.

Herculano, em rápida arenga, despertou-me a atenção. Arrolou as nossas dificuldades, exprimiu a conveniência de mutuarmos auxílio e acabou sugerindo que esvaziássemos os

bolsos, contássemos o dinheiro e o dividíssemos eqüitativamente. A inesperada proposta não causou entusiasmo. O velho Eusébio franziu o nariz e arredou-se; os homens da estrada de ferro e os operários fizeram-se desentendidos; os nordestinos

encolheram-se reprovando. Ante a negativa fria e silenciosa, chamei de parte o estudante:

- Ó Herculano, se não é indiscrição, quanto é que você possui?

- Eu? Nada, cochichou o rapaz. Tinha vinte mil-réis, que perdi no jogo.

Diabo! Um truque infantil. E eu havia ganho a pobre cédula do companheiro, deixando-o mais fraco e mais pálido. - Porque não me disse, homem? Dei-lhe esse prejuízo, sem querer.

Abri o porta-níqueis, retirei uma das poucas notas lá escondidas:

- É uma restituição. Talvez seja a mesma que recebi naquela noite.

Aliviada a consciência, pus em ordem os meus troços, coloquei-os junto à esteira, ao alcance do braço, o chapéu em cima da valise, a roupa dobrada em cima do chapéu. As notas redigidas em vários meses davam-me receio. Apesar dos longos intervalos de marasmo e preguiça, alargavam-se em quarenta ou cinquenta páginas cobertas de letra miúda, as linhas tão próximas que as emendas se tornavam impossíveis. Ocultavam-se entre cuecas e lenços, mas com certeza não conseguiriam entrar na Colônia. Não cabiam dentro dos sapatos; imaginei guardá-las por

baixo da camisa, enfaixar as pernas com elas; necessitava barbante para amarrá-las. Escapariam à revista?

Os diálogos em roda iam-me descobrindo alguns indivíduos. Petrosky era o sujeito louro, grande, forte, de rosto severo. O moço de cabeça redonda e fala doce e engrolada chamava-se Zoppo. Como se arranjaría na viagem desgraçada o pequeno dentista Guerra? Um dia caíra da cama, esperneara gritando por mamãe. Coitado. Iam arrasá-lo. Agora havia sossego no pátio; o calor e a claridade recolhiam entre ás folhas os pássaros mudos.

Um guarda de olhar manhoso destrancou a porta e os faxinas entraram com o almoço Fugí, um aperto na garganta, examinei o exterior deserto, para não ver a comida,

não podia evitar o cheiro dela, e a náusea me atormentava. Sensação igual à experimentada meses atrás, no porão do *Manaus*. A língua seca, os beijos iam rachar-se, a ponta do cigarro se colaria à pele sangrenta. Agachados nas esteiras, diversos homens sentiam prazer em mastigar, e o apetite deles me causava uma estranha indignação. O som das colheres nas marmitas feria-me os ouvidos, era insuportável.

PASSOU-SE o dia, outros dias se passaram, quatro ou cinco, talvez mais. Uma notícia entrou a circular: embarcaríamos para o sul. Os paranaenses, em maioria, admitiram logo o boato, sem procurar saber quem o trouxera. Ninguém, provavelmente; originara-se ali, mas o curso, a repetição, complementos anônimos, davam-lhe prestígio, mudavam-no quase em certeza, e Petrosky, Zoppo, Cabezon, Garrett esperavam ler num jornal impossível a passagem de um navio para o sul. Guerra, José Gomes e Rocha tinham a certeza de que viajaríamos para o norte. Esforçava-me por fechar os ouvidos e isolar-me, e não conseguia deixar de contaminar-me, ver nos desejos ambientes realidades possíveis, aceitar a informação chegada a nós sem veículo, atravessando muros. Essa credulidade me desgostava; busquei afastá-la pensando em Sebastião Félix, mudo e sombrio, ausente do mundo, em contato com os espíritos num cubículo do Pavilhão dos Primários. Deixava-me levar, contra vontade; as fisionomias mostravam convicção, e por minutos incorporava-me a um dos grupos. Em seguida reagia, certamente por não querer deslocar-me para cima ou para baixo. Não

me tentava o regresso à minha terra. E que diabo iria fazer no Paraná?

Livre do contágio, Macedo sorria e cachimbava na rede, falava sobre a permanência na Colônia, sereno, como se isto figurasse nos seus planos. Continuava a servir-me do travesseiro dele, macio, de penas, mas tão miúdo que, para erguer a cabeça, tive de colocá-lo em cima da valise. A calça e o paletó, dobrados, formando um volume pequeno, ficaram sobre o chapéu de palha, junto à parede. Não me incomodava a aspereza da esteira, mas, na friagem da noite, enrolando-me no lençol curto, adormecia, acordava, as orelhas e as mãos geladas. Arrepios, desânimo na carne. A apatia sexual, notada meses atrás, depois esquecida, novamente me causava surpresa. Tentei vencê-la enchendo as horas de insônia com cenas lúbricas; isto se convertia depressa num exercício mental penoso, e era como se me faltassem partes do corpo. A lembrança das mulheres não me dava nenhum prazer. Porque me havia aparecido aquilo de repente? Chegara-me a impotência completa. Bem; se fosse definitiva, não valia a pena mortificar-me; iria talvez eximir-me de excessivos tormentos, da horrível necessidade insatisfeita, que me perturbava o trabalho. Iria comportar-me direito, como um frade, relacionar

idéias fugitivas, obrigá-las à disciplina; as histórias se arrumariam no papel sem as freqüentes suspensões inevitáveis. Para ser franco, esse entorpecimento me agradou; se não fosse ele, a reclusão demorada se tornaria dolorosa em extremo. E continuei a beber café, muitas canecas de café, não percebendo nisto sombra de inconveniente.

Das funções orgânicas permitiam-nos apenas assimilar, desassimilar. Abundante e ruim, a comida nos chegava em marmitas de folha amolgada, a empanturrar um caixão que varais ladeavam. Agarrando esses apêndices, os faxinas do transporte pareciam animais atrelados a uma liteira. Grandes nacos de carne, farinha de mandioca e arroz, de mistura nas gamelas sujas, causavam repugnância. Com o material existente ali um cozinheiro teria podido sem esforço arranjar pratos regulares. Desperdício e desleixo. Convidavam-me em redor, insistiam, afirmando que a bóia não tinha mau gosto, mas a minha fraqueza arrepiada contentava-se com o pão seco oferecido pelo governo e um litro de leite comprado por mim. Ao cabo da refeição gorda, os homens se estiravam nas redes, nos capotes, ressonavam pesada sesta. A um canto, à esquerda, não longe da porta, duas paredes baixas angulavam, formando um compartimento exíguo, que escondia a

latrina e uma torneira. A carência de pia tornava as mais simples necessidades de higiene muito difíceis.

Uma tarde, ao cair da noite, subitamente nos achamos em situação embaraçosa; diante do imprevisto, embuchamos, a surpresa nos cortou a fala e escureceu o espírito. Como de ordinário, os meus novos amigos haviam devorado o almoço, lavado as mãos no esguicho mesquinho, repousado; findos os cochilos, entregaram-se aos exames das probabilidades, ao corte das unhas, à arrumação e desarrumação das bagagens. Quando o jantar veio, ainda estavam fartos. Alguns olhavam a comida com indiferença e afastavam-se bocejando; outros pegaram as marmitas e depressa as largaram. Inapetência contagiosa, recusa geral. Os faxinas jungiram-se aos varais, o caixão desapareceu, a chave tilintou na fechadura. Passou-se meia hora, e o guarda velho de cara manhosa surgiu com uma indagação desconcertante. Porque havíamos devolvido o rancho? O diretor queria saber se estávamos sem fome ou se se tratava de insurreição. Longos minutos ficamos desorientados. Espantava-me ver um caso tão insignificante engrossar, exigir sindicância. Ninguém tencionara rebelar-se, era evidente, mas todos se fechavam, com receio de confessar isto, de qualquer forma revelar covardia. Chateavam-se, resmungavam.

Para o diabo. Não se explicariam, não dariam a impressão de recuar; dispunham-se a assumir responsabilidade por uma falta inexistente. Isso manifestava-se em pedaços de frases, em gestos desabridos; e havia também um mudo assombro, dificuldade em compreender a exigência impertinente. O guarda insistia na pergunta, mas falava a dezessete indivíduos; e nenhum se julgava na obrigação de responder. Ouvido em particular, cada homem diria sem esforço a verdade: ausência de apetite, apenas. No conjunto a confissão esmorecia, quase se desagregava, era difícil alguém arriscar-se à iniciativa de expor intuits alheios. Agüentaríamos as conseqüências, iam mandar-nos para as galerias, provavelmente. Em situação normal temíamos isso; agora se atenuava o perigo, dividido por muitas pessoas. Com certeza ainda pensávamos nele; mais grave, porém, seria uma afirmação irrefletida, em desacordo talvez com os sentimentos do grupo. Com as melhores intenções, engendramos ali dentro incompatibilidades insolúveis, em vão tentamos explicar-nos, e isto é pior que todos os vexames causados pela polícia. E temeroso arvorar-se um homem, sem mandato, em representante de uma sociedade fluida, a vacilar entre opiniões e interesses opostos, ora pelo pés, ora pela cabeça. Um momento julgamos interpretá-la, decidimos por conta própria

enfeixar as aspirações coletivas, e sucede esvaírem-se os desencontros, uma súbita unanimidade surgir contra nós; imaginamos ser úteis - e somos imprudentes.

Não refleti nisso. Indispensável uma consulta rápida, supus. O guarda, amolado, esperava a resposta, uma sílaba apenas. Sim ou não? Houvera bagunça, intuito subversivo? Se a questão se formulasse de outro modo, permitisse delonga, recursos, os meus companheiros não se engasgariam, a sílaba atravessada na garganta, como um osso. Mas o diretor exigia uma dificuldade: sim ou não? Achamos resistência, o guarda se dispunha a retirar-se.

- Um instante.

Veio-me a tentação de lançar-me ao jogo, exatamente como quando, no bacadá, arrojava todas as fichas numa cartada:

- Vamos resolver isto. Vocês estavam no propósito de esculhambar a administração? Se estavam, porque havemos de calar-nos? É arriar a trouxa e esperar. Se não estavam, parece bobagem mostrarmos uma valentia que não tivemos. Penso haver falado pouco mais ou menos assim. Em redor

me afirmaram disposições pacíficas. Bem. E dirigi-me ao funcionário de rosto manhoso:

- Diga ao diretor que não tencionamos fazer revolução aqui dentro. O jantar voltou porque era demais. É impossível, deitados, sem exercício, digerirmos tanta carne, tanta farinha: não temos estômagos de jibóia. Ignoro se a comida é ruim, nunca toquei nela, a minha parte sempre foi devolvida intacta. Não é protesto, é que não posso engolir isso.

A intervenção produziu bom efeito. Arrancando exíguas palavras, limitara-me ao essencial: os companheiros conservavam-se dignos, um diretor invisível recebia explicação razoável. Depois refleti na inquirição. Iam tratar-nos com dureza, submeter-nos a uma justiça diversa da usada no Pavilhão dos Primários. Lá rebentáramos a louça toda, e ninguém se lembrara de indagar motivos; em consequência tínhamos recebido talheres e pratos novos. Agora tencionavam descobrir malevolência em ninharias Pesos e medidas diferentes. Queriam talvez desferrar-se, obrigar-nos a ajustar contas com dois meses de atraso. Na verdade os paranaenses estavam alheios à bagunça. Mas isso não tinha importância. Rigor para todos.

UMA novidade nos chegou, retalhos de novidade; não houve meio de cosê-los. Ouvimos um barulho grande, vozeria para os lados do Pavilhão dos Primários, e o faxina preto nos cochichou que a polícia especial tinha aparecido lá e quebrado muita cabeça. Porquê? O informante erguia os ombros; tinham-lhe dito apenas aquilo: várias cabeças partidas. Como o rumor distante se prolongasse, apertei o guarda com perguntas vãs: o patife baixava o rosto, mordida os beiços, com ar de inocência muito safado. Não sabia. Por detrás dele, o negro arredondava o bagulho cor de leite, fazia caretas, negando a ingenuidade sorna. O grupo era burlesco e irritante. Embora não houvesse dúvida sobre as escapatórias do homem, os gestos simiescos e a zombaria silenciosa às costas dele estorvavam-nos a possibilidade vaga de por um instante enganar-nos.

Desordem no Pavilhão, gritos e pancadaria; certamente Agildo se comprometera elevando no fuzuê a voz fina e o gesto macio de gato. Não me podiam dar uma notícia, dizer ao menos se houvera transferência? Nesse caso, os estrangeiros iriam roer o osso mais duro: Ghioldi, Sérgio e Snaider gramariam

tormentos físicos e morais; a coleção de selos de Birinyi desapareceria, e o pobre homem, desesperado, tentaria de novo abrir as artérias. Onde estavam Ghioldi, Sérgio, Benjamin Snaider e Valdemar Birinyi?

O guarda sacudia a cabeça, bonachão, na maior ignorância deste mundo; não trabalhava por aquelas bandas, e, no meio de tantos presos, nunca ouvira os nomes das quatro pessoas que me interessavam. Esses miseráveis segredos nos arrasam, nos deixam em pandarecos. Vemos um sujeito sem as unhas dos pés, sabemos que elas foram arrancadas a torquês, e a nossa curiosidade não vai além; os sofrimentos findaram, as unhas renascerão, a memória da vítima se embotou; horrível é imaginarmos a redução de uma criatura com tenazes quando pensamos nela, exatamente quando pensamos nela. A limitação profissional de um guarda e a bisbilhotice vaga de um faxina levam-nos a criar medonhas realidades; as imagens surgem com vida intensa e em vão tentamos afastá-las: vemos perfeitamente dorsos lanhados, carne sangrenta, equimoses vermelhas, azuis, pretas. Essas coisas, percebidas de relance numa porta de cubículo, avultam em demasia quando se ausentam, e é horrível a expressão de um rosto meio esquecido, num instante recomposto. Palavras obliteradas se

renovam, terrivelmente claras. Um berro nos chega aos ouvidos: - "Polícia." E uma voz trêmula desmaia: - "Não agüento mais. Vão matar-me." Foram esses, creio, os piores momentos que vivi no Pavilhão dos Militares, agachado na esteira ou refugiando-me perto da grade, olhando o vôo dos pardais. Realmente nunca me supus arriscado aos lanhos, a sapecar-me no fogo do maçarico; achava-me livre disso, estupidamente livre, até rebentando a louça do governo, por insinuação de Agildo. No íntimo devia julgar-me uma espécie de Anastácio Pessoa, pequenino e invulnerável.

A desgraça era indeterminada, uma desgraça fluida e abstrata, influenza sentimental. Essa impossibilidade de isolamento, a obrigação de sentir a miséria alheia, é imposta lá dentro. Inútil espalmar as mãos nas orelhas: o chilo das aves próximas não abafa o alarido contínuo. Além dos gorjeios, destacavam-se, nos dois ou três dias de celeuma, as conversas de Zoppo e as cantigas de Herculano. Zoppo era excelente camarada, ingênuo, simples, uma criança. Falou-me de parentes revolucionários perseguidos pelo fascismo e tentou ensinar-me a extração do ouro nas minas. ótimo tipo. A cara redonda iluminava-se, a voz doce, lenta, engrolada,

narrava projetos de mineração e os tios que Mussolini prendeu e matou.

Os cantos me enjoavam. Ao chegar ao Pavilhão dos Primários, ainda sentia o gosto do café torpe bebido na galeria, tinha debaixo dos pés a oscilação das pranchas do *Manaus*, e o *Hino do Brasileiro Pobre* me endireitara o espinhaço derreado. Essa composição, que os jornais da polícia confundiam de propósito com a *Internacional*, dera-me alguma confiança em meu país chinfrim. Ou talvez a confiança fosse em mim mesmo. De fato precisava dela: uma semana de jejum, os beijos a sangrar, o interior em cacos, a hemorragia súbita. O *Hino do Brasileiro Pobre* me servira bastante. A correção de alguns versos maus fizera dele coisa menos ordinária que a arranjada para imbecilizar a infância nas escolas. As repetições me haviam fatigado e logo exasperado. Amolava-me sobretudo este pedaço, anterior à emenda: "Brasil, que lembra o fogo e lembra a árvore." Altas vozes em prisão vizinha: um infeliz a pedir água. Os berros e o hiato roubavam-me o sono. Todos os dias, à mesma hora, ecoava a insipidez morna das canções, alternando-se a marchas de carnaval, sambas, e isto era uma espécie de morfina, afastava-nos do espírito a viagem provável à

Colônia. Vinha o silêncio, findava a anestesia, chegava-nos a depressão.

Agora não nos podíamos iludir: receios esparsos juntavam-se, engrossavam, e debalde nos esforçaríamos por amortecê-los. Contudo Herculano trepava à janela, segurava-se às traves de ferro e ordenava que todos cantassem. Onde lhe vinha aquela autoridade? O velho Eusébio fungava, ia encolher-se na outra sala. Insensíveis à exigência ruidosa, nem nos mexíamos nas esteiras, quase todos macambúzios, alguns a expandir-se em conjeturas desagradáveis. O tumulto não findava no Pavilhão dos Primários. Durante um minuto era balbúrdia enorme; em seguida esmorecia, ficava um rumor surdo: com certeza havia gente escalada para deitar lenha na fogueira sonora, não deixá-la apagar-se. Que estaria sucedendo? Herculano deixava a janela, indignado, como se assistisse a uma deserção. O canto devia ter para ele a importância de um rito, e a nossa indiferença o molestava.

DESPERTARAM-NOS antes de amanhecer, ordenaram que nos vestíssemos sem rumor. Lavagem precipitada na torneira, rápida mudança de roupa, leve tilintar de chaves, um sujeito invisível à porta, a exigir pressa. Findamos os arranjos, tomamos as bagagens, saímos. Escuridão lá fora, com certeza o dia estava longe, os pardais ainda não tinham acordado. Movemo-nos algum tempo entre as árvores, deixamos a prisão.

Um tintureiro nos aguardava na rua, abriu-se para receber-nos. Ignoro como entrei, acho que subi por uma pequena escada. Provavelmente com receio instintivo de maus tratos, empurrões, muitas vezes referidos, mergulhei rápido na abertura, à traseira do veículo, se não me engano. Outros me haviam precedido, e no exíguo espaço não descobri meio de acomodar-me. Arriei sentado não sei onde, em posição má, sem poder virar-me. Um objeto duro, mala ou fardo, esmagava-me as coxas e um corpo me tombava, pesado, no ombro direito Jogam-se ali homens e coisas, de mistura, e não indagam se o carro tem capacidade bastante para carga; depois batem a porta. Se alguém ficar com a perna levantada, viaja

equilibrando-se num pé e escorando-se no vizinho. Provavelmente o sujeito que me caía por cima do ombro estava assim, uma perna no ar, buscando apoio, sacudindo-se, mal arrumado naquela espécie de lata de conserva. Se houvessem permitido que nos ajeitássemos, acharíamos talvez lugar para redes e sacos. Mas com semelhante azáfama, afundáramos à toa no buraco sombrio, éramos uma confusão de membros e pacotes. Em vão nos esforçaríamos por endireitar-nos. Aliás, diante de nossas preocupações, a imensa trapalhada valia pouco. Senti uma dor aguda no baixo-ventre. Uma operação anos atrás, o corte de peças necessárias, demora no hospital - e, em consequência, a perna a fazer-me pirraças. Largo tempo a claudicar, um aprumo difícil. Novamente me desarranjara na cadeia: vinham-me repuxões na carne doída, arrastava-me a cambalear, e os dias longos no Pavilhão dos Militares, a ausência de comida e a friagem do chão tinham-me arrasado. O diabo do volume saltava sobre a coxa doente, chocava-me na barriga, exatamente na região aberta pelos médicos. Cercavam-nos trevas cheias de manchas luminosas. As paredes do carro eram crivadas de furos redondos, as luzes da rua entravam por eles, corriam em dança louca, punham, traços vivos e inconstantes nas figuras em redor, e isto me dava a impressão de ver gente incompleta, pedaços humanos, olhos, bocas, orelhas, a

aparecer e desaparecer continuamente. Palavras soltas indicavam que alguns tipos se orientavam chegando-se aos buracos e ainda queriam enganar-se examinando o exterior: imaginavam pisar num cais, embarcar em navio para longe, muito longe, da Colônia Correccional. Essas fantasias não me pareceram absurdas, teimamos em pegar-nos a ilusões, sabendo perfeitamente que eram ilusões. Virei-me a custo, e as marteladas no pé da barriga cessaram. Consegui levantar-me, romper a massa compacta, avizinhar-me dos orifícios, enxergar uma esteira de asfalto molhado. Nesse instante um prazer inexplicável e uma idéia esquisita me assaltaram. Devia ser delírio, mas depois esse pensamento doido me importunou com freqüência. Tentava libertar-me, vencer o despropósito, horrorizava-me sentir prazer em tal situação, mas o asfalto molhado e os farrapos de luz me fascinavam. Quando me decidisse a escrever, em futuro remoto, produziriam bom efeito numa página. Como nos entram na cabeça maluqueiras semelhantes? Queremos extingui-las, voltar a ser viventes normais, e as miseráveis insistem. Em períodos vagos, num livro distante, surgiriam de novo o asfalto molhado e a deslocação vertiginosa das réstias. Queria convencer-me de que isso não tinha nenhuma importância, zangava-me por estar satisfeito, e a leseira permanecia.

O carro parou, rolamos uns por cima dos outros, esbarrando nas trouxas e pacotes. Abriu-se a porta, descemos. Quando saí, já diversos companheiros se moviam entre duas filas de soldados. Espantou-me conservar na mão a valise, guardá-la inconscientemente naquela balbúrdia. Na claridade ambígua da manhã nascente focos elétricos desfaleciam.

Avancei tonto, um homem de farda e fuzil à direita, outro à esquerda. Marchávamos num corredor estreito, renques de polícias a isolar-nos, e por detrás das cercas móveis curiosos embasbacavam para nós. Essa indiscrição me aborreceu. Estúpidos. Baixei a cabeça, e escaparam-me os arredores. Na barafunda mental a indignação transferiu-se. Estúpidos. Havia esquecido os basbaques; impressionava-me a inútil exposição de força. Bobagem, fanfarrice besta. Para vigiar um doente bambo e trôpego - dois sujeitos armados. Mergulhamos numa estação de estrada de ferro, mas só percebi isto ao entrarmos no carro de segunda classe.

Arriei no banco estreito, ladeado pelos tipos que me custodiavam desde o tintureiro, espalhei a vista em roda, colhi fragmentos de miséria em gestos moles, em fisionomias decompostas. Criaturas arrasadas; provavelmente devia achar-me assim. O trem moveu-

se. Para onde iríamos? Naquele momento a Colônia se tornava bastante duvidosa, não sei porquê. Dos soldados próximos um esteve em silêncio durante a viagem. O outro, um rapaz magro, puxou conversa em voz baixa:

- Ordem política e social? Atrapalhei-me e confessei: - Não entendo.

- Pergunto se é preso político, insistiu o rapaz. - Ah! sim. Porque pergunta?

- Porque ladrão não é.

Admirei a sutileza do moço, desejei experimentá-la- E se eu quiser dizer que sou ladrão?

Assustou-se, deu uma espiadela em torno, examinou-me fixo, cochichou:

- Não diga. Isso prejudica. Mas se dissesse, ninguém acreditava. O senhor pode ser assassino. Também não é. Se fosse, tinha ficado. Para lá só vão presos políticos e ladrões. Ladrão não é.

- Está bem. Vejo que tem muita prática.

- Não, pouca, às vezes me engano. Os da polícia civil conhecem os ladrões de longe, na rua, pelo andar.

- Está bem. Para onde vamos?

Olhou-me surpreendido, certamente a duvidar da minha ignorância, e permaneceu calado.

- Vamos para a Colônia? Balançou a cabeça afirmando. - Horrível, hem?

Hesitou um momento, segredou:

- Não é tanto como dizem não. Agora está melhor. Isso contradizia a afirmação de vários indivíduos, mas se tivermos uma corda no pescoço e alguém nos vier sorrindo negar a existência dela, acho que nos convenceremos facilmente. Um gazeteiro chegou à janela apregoando.

- Julgo que podemos ler, não? - Com certeza.

Comprei um jornal e, com esforço, repisando a leitura cheia de lacunas, agarrei a notícia infeliz: o estado de guerra ia ser prorrogado. A patifaria inicial não me deixara moça, de fato nem me perturbara o jogo de xadrez, talvez por achar-me estável no cubículo 35; nenhuma referência a ela nos papéis guardados no bolso; agora faltava-me estabilidade, era-me impossível pensar nisto ali dentro, a rolar para a ignomínia, e a renovação do ato canalha dava-me arrepios. Larguei a folha em desânimo profundo. Câmara prostituída. Mais três meses de arrocho, ficaríamos pelo menos três meses na ilha, no curral de arame farpado, na sujeira imensa.

Tento lembrar-me de qualquer coisa exterior, vista nos campos, nas plataformas das estações. Não me lembro de nada, inúteis as pessoas, inútil a paisagem. Rodávamos no meio de laranjais, observei-os no regresso. Não havia laranjais. Havia apenas a informação desgraçada: mais três meses de guerra. Guerra a quem, malandros? A quem, filhos de umas putas? Essas explosões internas causam enorme desarranjo a um organismo combalido. Não nos revolta a safadeza, revolta-nos a estupidez. Conformismo idiota, pulhice, tudo a encolher-se na ordem - e um reconhecimento de guerra nesse marasmo. O soldadinho magro e pálido era uma criatura boa, não tinham força para incutir-lhe ferocidade. O instinto o levava a conversar comigo, a ver em mim um tipo como ele. Uns miseráveis o açulavam debalde: não sabia morder. Com certeza desejei agradecer-lhe, e o receio de parecer covarde abafou o impulso. Não me recordo, isso me aconteceu algumas vezes. Nevoeiro mental, fugas, carência de nexos, o estado de guerra e os buracos do tintureiro.

Um volume sobre a Colônia, o livro que Medina esperava. Detinha-me nessa afirmação maquinal, embora considerasse o projeto irrealizável: nem queria ouvir falar em semelhante gênero de trabalho. Haviam-me no Pavilhão dado conselhos,

mostrado a conveniência de narrar a vida na cadeia; a tarefa imposta me esfriava, em horas de aborrecimento vinha-me a tentação de berrar que não tinha deveres, estava longe da terra e imbecilizado. Os buracos do tintureiro e as réstias movediças continuavam a perseguir-me. De quando em quando me apalpava, tocava os papéis escondidos nos bolsos do paletó. Se fosse revistado, atira-los-ia pela janela do vagão. Sobressaltava-me, as figuras de Tamanduá, Newton Freitas e Medina apareciam-me nítidas. Um curral de arame farpado, um rebanho a definhar. As réstias deslocando-se no tintureiro. Punha-me a esfregar as mãos de riço, depois tateava o manuscrito dividido, inquiria de esguelha se ele estava muito visível. No caso de revista, joga-lo-ia fora. Em que estariam pensando o velho Eusébio, Guerra, Herculano, Zoppo, Macedo? Ignoravam talvez a minha presença, absorviam-se como eu, faziam gestos inconsiderados e tentavam emendar-se. Na ratoeira que andava em cima de trilhos, sem decidir-se a parar, na verdade éramos bichos bem mesquinhos. Todos bichos. Mencionei a prorrogação do estado de guerra, desdisseram-me com azedume; exhibi o jornal, repeliram a nota agoureira: a unanimidade alienaria provisoriamente o sucesso aziago.

Dessa viagem realizada fora do tempo, armas e fardas a enchê-la, a guardar as portas, ligeiros traços hoje se esfumam. Página meio branca Avultam nela contudo as palavras do soldadinho Convenço-me de ter sido fiel reproduzindo o nosso diálogo; ao cabo de tantos anos, as perguntas e as respostas vêm nítidas, parecem recentes; não preciso enxertos, pelo menos julgo isto. A magreza e a palidez do moço ainda se conservam. O resto era confusão. O jornal, armas e fardas, os meus dedos úmidos e frios, as mãos inquietas esfregando-se, metendo-se nos bolsos, os companheiros a recusar indignados a notícia ruim. Nada mais. Uma janela inútil.

O TREM parou, desembarcamos em Mangaratiba. Aí me chegaram algumas idéias claras, fui capaz de observar qualquer coisa; agora as recordações avultam e se articulam. Achara-me num sorvedouro; ou antes, não me deslocara em sentido horizontal, mas para cima e para baixo, a subir e a descer nas roscas de um parafuso. Estávamos em Mangaratiba. Vi este nome na placa da estação. Bem. Chegávamos enfim a um canto da terra, e isto nos dava consistência. Roláramos fora dela, ausentes da realidade.

Ao sair da caixa móvel, José Gomes, o velho Eusébio, Guerra, Zoppo, deixavam de ser sombras, ganhavam corpo: lembro-me deles. Mangaratiba é um lugar miúdo, que pro curo fixar na memória para não me esquecer dos companheiros. Uma povoação triste e abafada, com montes em redor. É, parece que tem montes em redor. Nada mais.

Deixando o vagão, marchamos em frente, pisamos num tablado sobre água: com certeza íamos embarcar. Faltavam-me cigarros. Como embarcar sem cigarros? Talvez não tivesse fumado no trem, mas ali,

com os bolsos vazios, uma angústia me vinha. Os dedos a entrar nos bolsos vazios, a apertar-se em vão. Procurei auxílio, enxerguei perto um soldado negro, dirigi-me a ele. Estava sem cigarros. Entendia? Impossível viajar sem cigarros. Ofereceu-se para comprar alguns maços. Dei-lhe vinte mil-réis, fiquei olhando algumas senhoras que desciam do trem, da primeira classe, ingressavam no embarcadouro, em companhia de um sujeito magro, baixo, de cara chupada. Alguém me disse que o tipo se chamava Sardinha, era médico e mandava provisoriamente na Colônia Correccional de Dois Rios. Punham-me em contato com um mundo estranho, vago e difícil. Busquei adivinhar, pela fisionomia do homem, o que ele tinha por dentro. Nenhum contato, enganei-me. Aquele rosto impenetrável, chocho, aparece-me como silhueta recortada em matéria dura e fria. Um rosto de lâmina, cortante. Percebi a roupa escura e, além disso, um envoltório de rabugice, pimponice e hostilidade. Nunca me fez mal; pelo contrário: mais tarde me livrou de ser roubado; mas naquele momento me causou impressão demasiado repulsiva, e instintivamente dei um passo para trás. Recuo inútil: embora estivessem próximas, em cima do tabuado exíguo, as pessoas vindas da primeira classe muito se distanciavam de nós. Atentei nos rostos delas - e, que me lembre, nunca vi tal expressão de estabilidade,

segurança. Firmeza em cima de pranchas mal pregadas. Um homem baixo e magro, mulheres bem vestidas. Certamente se haviam habituado a olhar trastes como nós, espalhados no chão, eram tipas importantes, não nos enxergavam, naturalmente. Carregados de embrulhos, redes, malas e sobretudo, gente do sul e do norte, pobres-diabos, não valíamos nada, éramos lixo. Não nos distinguiam. Acostumadas ao lixo, andavam cegas, podiam pisar-nos. O homem de rosto murcho, recortado em lâmina de faca, mexia-se procurando meio de acomodar as senhoras. Trouxeram cadeiras, julgo que vieram cadeiras de vime. Talvez fossem de vime, não sei bem. As senhoras sentaram-se, tranqüilas, conversando alto. Estávamos ali, arrumados nas pranchas, com os nossos embrulhos e a nossa desgraça - e elas não nos viam. Lixo. Se quisessem levantar-se e andar, caminhariam bem, pois não tomávamos espaço, éramos coisas diminutas, rentes às tábuas. Passariam tranqüilas por cima de nós, machucar-nos-iam com as solas dos sapatos, como se fôssemos pontas de cigarros. Excitava-me o sossego das mulheres e cócegas me arranhavam a garganta. Desejo de rir. Desenvoltas, em desembaraço perfeito, pareciam trancadas num quarto, podiam despir-se.

Duas idéias me perseguiram: o soldado preto não voltava com os cigarros, e nós éramos bagatelas, cisco em cima das tábuas, pontas de cigarros. Os meus vinte mil-réis estavam perdidos. E se uma daquelas senhoras quisesse mijar? Esse pensamento burlesco um minuto me agravou os arranhões da goela, o desejo de rir. Nenhum motivo para acanharem-se, mijariam facilmente na rede de Macedo, no capote do Zoppo, na minha valise. Tão grandes e afastadas, assim próximas e miúdas, em cadeiras de vime! Estávamos em pé, as nossas misérias, os nossos embrulhos, no chão. O soldado preto não regressava.

Uma lancha avizinhou-se, atracou. Saltamos para ela, houve confusão de passageiros no transbordo, gente a entrar, sair. Fizeram-nos descer uma escada que levava ao porão. No primeiro degrau ouvi alguém chamar-me familiarmente e dei de cara com um sujeito desconhecido, alegre e ruidoso. Quem diabo seria? Reparando bem, julguei-o, pelos modos, um tipo encontrado meses antes, no Pavilhão dos Primários, buscando entender-se com Birinyi num italiano incompreensível. Vinha num grupo da Colônia e saía do porão. Criaturas indefinidas. A nossa escolta apoderou-se deles, a que os havia trazido encarregou-se de nós e ficou lá em cima, a vigiar em torno da escotilha.

Descemos. Em meio do caminho ouvi um grito e, levantando a cabeça, distingui o soldado preto a acenar-me. Subi ao convés, recebi vários maços de cigarros e caixas de fósforos. Ao metê-los nos bolsos, encontrei as folhas de papel cobertas de letras miúdas e joguei-as na água. Representavam meses de esforço, nenhuma composição me fora tão desigual e custosa, mas naquele momento experimentei uma sensação de alívio. Não me ocorreu o prejuízo. O certo era que as notas significavam culpa, e se fossem descobertas isto me renderia aborrecimentos. Haviam escapado às fogueiras inevitáveis nos cubículos do Pavilhão quando nos anunciavam revista. Imprudência conservá-las naquele tempo. Agora isto era absurdo: não entrariam na Colônia. Perda escassa: estavam pessimamente redigidas, e longos anos tantas vezes me sucedera queimar prosa ordinária que não me abalava a destruição de mais algumas páginas. De certo modo aquilo desculpava o desânimo e a preguiça, serviria de pretexto para furtar-me à obrigação cacete. Iam-se diluindo na água as minhas lembranças esparsas; não me seria possível reconstituir com segurança os cubículos povoados de percevejos, a sala escura da galeria, as redes oscilantes e o camarote do padeiro no porão do *Manaus*. Tornei a descer a escada curta, penetrei na

jaula que nos reservavam, fui sentar-me a um canto, sobre a maleta.

A lancha desatracou e partiu, algumas pessoas entraram a enjoar. Como era grande o calor, tirei o paletó e a gravata, afrouxei o colarinho. A perna encrencada aperreava-me em excesso. Ao embarcar atrevera-me a um passo comprido - e a dor crescera, muito aguda. Isto me alegrava. Se me inutilizasse, com certeza me deixariam morrer num hospital. A perna doía. E cultivei a dor, imaginei acabar-me depressa fora do curral de arame descrito por Tamanduá.

Macedo estabeleceu-se junto a mim e começou a realizar uma operação minuciosa e lenta. Despiu-se, tirou o dinheiro, enrolou as notas em longos pavios e meteu-as no cóis do pijama. Em seguida substituiu a cueca pelo pijama, vestiu a calça e aconselhou-me a fazer o mesmo. Restavam-me cento e poucos mil-réis e não julguei preciso escondê-los. A barca jogava muito. E em redor olhos compridos enlanguesciam, fechavam-se, abriam-se, fechavam-se de novo. Lembrei-me do pavor de Guerra, no Pavilhão. Batia com a cabeça nos ferros da cama e gritava, injuriando o governo, atirando à polícia nomes sujos. Como iria agüentar-se? Esquisito: Guerra se comportava bem, ria, pilheriava. Estaria a fingir-se alegre por

fanfarronice? Talvez não. o movimento e o riso pareceram-me naturais. Os homens do Paraná tinham modos bovinos. Sentados nos capotes, as costas apoiadas às tábuas das paredes, fechavam-se, lúgubres. Os óculos do velho Eusébio procuravam socorro impossível; a voz era um tímido murmúrio, a interjeição do fim das frases quase se sumia. Espanto e receio nos rostos. Não me surpreendia viajarmos em porão, mas aquele era baixo demais. Talvez Macedo e Guerra pudessem ficar ali em pé; se Petrosky se levantasse, com certeza bateria com a cabeça no teto.

Não sei quem teve a lembrança de me oferecer comida. Prinz ou Cabezon. Surgiram postas de peixe seco e rodela de pão num papel engordurado, certamente contrabando fornecido pelo faxina preto. Desviei-me engulhando, os rapazes insistiram, a princípio com paciência, depois irrita dos: uma exigência dura. Bem, tinham razão. Escolhi um pedaço de peixe, o menor, tentei ingeri-lo devagar. A língua seca, aperto na goela, os beijos gretados e queimados. Se tivesse um copo de água, tudo se arranaria. Mas com semelhante secura a dificuldade era grande. Mastiguei o peixe até que ele se transformou numa espécie de serragem, longo tempo estive a ruminar em vão. Afinal o espesso farelo me atravessou a garganta, arranhando-a. Como areia.

Resisti à náusea, apertei os queixos, entortando a cara, retesando os músculos do pescoço. Talvez aquela fosse a minha última refeição.

Chegou-me a sede. E como limpar os dedos sujos de sal e gordura? Esfreguei-os num pedaço de papel, mas continuaram sujos e tive receio de enodoar a roupa. Tirei dos bolsos as carteiras de cigarros que o soldado trouxera, despejei-as, limpei as mãos nos invólucros, demoradamente, até ficarem túmidas e vermelhas. Desmanchando as carteiras e friccionando as mãos, tinha entre as pernas juntas uma pilha de cigarros soltos. Espalhei-os em vários bolsos, inquieto: haviam-me dito que só entrava na Colônia um reduzido número de maços; veio-me a esperança de salvar aqueles, dispersos, misturados a lenços e objetos miúdos. Percebi em volta olhares cobiçosos, urgências de fumo, e arremessei, com um gesto liberal, o paletó recheado sobre as tábuas. O valor dos cigarros diminuiu.

Petrosky, Zoppo, Garrett, Prinz, Cabezon - que nomes estranhos! Bichos brancos e vagarosos, de outro mundo. Prinz tinha um sorriso fatigado. Cabezon tentava conversar e desistia. O tormento do velho Eusébio reluzia nos vidros, soava na respiração de gato. Duas figuras me impressionavam: Macedo, tranqüilo e gordo, cachimbando, a arrumar as suas

coisas sem pressa, e Guerra, agitado e falador, com estridências na voz e ameaças na ponta do bigodinho, um Guerra muito diferente do que rolava na cama, aos gritos. Do velho Eusébio restavam depressões. Por cima das nossas cabeças, ladeando a entrada, viam-se as perneiras, as fardas, os bonés e os fuzis da polícia. Petrosky, o homenzarrão silencioso e louro, arriava-se a um canto, invisível no escuro, entre caixões. Se tentasse erguer-se, não conseguiria aprumar-se. Sentado na valise, arrimado à tábua, pouco a pouco me entorpecí, achei-me longe do porão da lancha, do carro de segunda classe, do tintureiro. Todos ali eram desconhecidos, meses antes não me havia chegado o nome de nenhum deles. Eu mesmo era um desconhecido agora, diluía-me, tentava debalde encontrar-me, perdido entre aquelas sombras.

Uma frase repetida, que se despojara de significação, martelava-me: o estado de guerra ia ser prorrogado. Isto me aborrecia. Para o diabo o estado de guerra. Imaginei-me em país distante, falando língua exótica, ocupando-me em coisas úteis, terra onde não só os patifes mandassem. Logo me fatiguei dessas divagações malucas e dei um salto para trás, vi-me pequeno, a correr num pátio branco de fazenda sertaneja, a subir na porteira do curral, a ouvir os bodes bodejarem no chiqueiro. De qualquer forma,

enveredando no futuro ou mergulhando no passado, era um sujeito morto. Necessário esquecer tudo aquilo: o porão, o carro de segunda classe, o tintureiro, os cubículos, a recordação da infância, o país distante e absurdo, refúgio impossível.

Não sei quem me tirou dessa horrível apatia, alguém que me pediu um cigarro ou ofereceu qualquer coisa. Regressei à realidade, enxerguei fisionomias sucumbidas, invadiram-me palavras soltas, o riso estridente de Guerra, a fala engrolada de Zoppo, o laconismo, a resignação bovina de Petrosky. José Gomes estava abatido. Lembrei-me do *Manaus*. A noite José Gomes fazia com as mãos uma corneta, erguia a voz imitando um locutor: - "Rádio Clube do Porão. Vamos ouvir Paulo Pinto, rei do samba." E Paulo Pinto, negro, rei do samba, cantava; com amores, tolices, onomatopéias, reduzia o calor da fornalha, o cheiro de amoníaco, os vômitos, o arquejar penoso, as cascas de laranja atiradas da cobertura sobre as nossas redes. Agora Paulo Pinto estava na Colônia, e José Gomes se imobilizava no silêncio.

Em redor, nos cantos sombrios, caixas, bagagens, sacos. E pelas frestas que separavam as tábuas grossas e sujas, víamos a água escura lá embaixo. As minhas folhas se desagregavam nela, a plumbagina se diluía, perto do embarcadouro de

Mangaratiba. Amizades rápidas, casuais, um instante a fixar-se e logo a estremecer nos sacolejos dos navios, dos carros, seriam em breve partículas indecisas no mar, partículas indecisas na minha memória. Na Colônia, iriam mexer-me nos bolsos, despojar-me, recolher-me fraco e desarmado.

Resolvi guiar-me pelo juízo de Macedo, homem cauteloso, em geral entregue a minúcias razoáveis; imitei-lhe a prudência. Retirei da valise a calça do pijama e introduzi no cós dela o dinheiro de papel que me restava; deixei no porta-níqueis uma cédula de cinquenta mil-réis. Despi-me, vesti a peça fraudulenta, a roupa de cima, com a aprovação tácita do meu companheiro meticoloso. Bem. Agora me alentava um pouco; as notas amarradas à barriga davam-me a esperança de conseguir mexer-me, não perder a iniciativa.

Ergui-me, fui até a abertura por onde havíamos descido, subi os degraus inferiores da escada curta. Entre as pernas dos soldados, vi o mundo lá fora, o sol, água, ilhas, montes, uma terra próxima a alargar-se.

SUBI mais uns dois degraus, vi telhados, árvores, depois, mais para baixo, uma povoação e as tábuas de uma espécie de embarcadouro, aparentemente melhor que o de Mangaratiba.

A lancha atracou. Mergulhei os olhos no buraco onde ainda me achava meio enterrado, percebi alvoroço, homens agarrando embrulhos, fardos, sobretudos, malas, sacos e as redes sertanejas inseparáveis dos nordestinos. Eram grandes e tinham aplicações várias, essas redes. Presas nos armadores, serviam de camas, cadeiras. Estendidas no chão, substituíam cobertores, lençóis. Dobravam-se, enrolavam-se, entre as varandas metiam-se objetos miúdos - supriam sem dificuldade os baús de folha usados no interior. E como no nordeste conduzem nelas defuntos para o cemitério, não é tropo afirmar que os meus amigos do porão do *Manaus* levavam às costas os seus próprios caixões. Matuto degenerado, nunca pude utilizar essa complicação. E ali estava no meio da escada, a valise debaixo do braço, leve, transportada maquinalmente. Dentro da valise, cuecas, lenços, duas camisas, dois ou três pares de meias, alguns lápis, um bloco de papel inocente e branco,

bilhetes, cartas, fotografias, correspondência de minha mulher. Pouco me importava que tomassem tudo isso. Nada comprometedor. Papéis inofensivos, bilhetes anódinos, lápis, nenhum dinheiro, retratos de meninos. As notas, únicas forças restantes, arrumavam-se no cós do pijama, faziam na barriga um chumaço pequeno em cima da cicatriz da operação. As folhas prejudiciais tinham sido atiradas na água. Estavam comigo notícias ingênuas, a figura de meu filho mais novo, de olhos grandes. Apenas. Bem. Valise insignificante, que a minha fraqueza podia transportar sem custo. Bem. Não me constrangiam coisas pesadas e incômodas.

Enquanto os outros arrumavam a difícil bagagem, trepei os últimos degraus, cheguei à coberta. Alguns minutos de espera. Macedo e Zoppo, Guerra e Cabezon, Petrosky e Zé Gomes desenroscaram-se lá embaixo, subiram - e achamos em linha, passamos ao tablado que servia de ancoradouro. Um sargento, mulato gordo e fornido, entrou a distribuir-nos, e as dezessete pessoas, em fileira, num instante se sumiram. Dois sujeitos armados tomavam conta de um preso, exatamente como ao descermos do tintureiro. Arrogância, exposição besta de força. Dois polícias para escoltar um indivíduo inerte, de braços ocupados, seguro à

bagagem. O sargento volumoso e escuro tinha carranca selvagem, mas o instinto me levou a entender-me com ele. A primeira leva desembarcara ali em noite de chuva, subira montes e descera montes, às carreiras. Lembrei-me do relatório de Chermont. Se um infeliz escorregava no barro molhado e caía, obrigavam-no a levantar-se com pancadas. Agora os caminhos estavam enxutos, o dia claro. Infelizmente a perna me atormentava e não me seria possível correr. Declarei isto ao sargento. Examinou-me, talvez procurando no meu rosto sinais de mentira.

- Que é que o senhor tem? perguntou áspero. - Fui operado. Não consigo viajar depressa. Refletiu, decidiu:

- Vou pedir um cavalo.

Isto me aborreceu: desagradava-me incomodar alguém. - Talvez não seja preciso. Qual é a distância?

- Doze quilômetros de serra. - Que horas são?

- Dez.

- A que hora devo chegar?

- A tarde. Chegando às seis chega bem.

- Obrigado, sargento. Não é necessário o cavalo. Vou a pé.

Voltou-se para os dois policiais:

- Este senhor está doente, não pode acompanhar os outros. Andem muito devagar com ele, parando para descansar.

Afastei-me capenga, disposto à marcha penosa; no fim do tablado recuei, vexado por não me ocorrer um agradecimento razoável. Afinal a criatura nada tinha com os meus desastres. Atentei na fisionomia agreste:

- Aquilo é horrível, hem, sargento? Alongou o beijo grosso, resmungou: - Não. Para o senhor, não.

- Ora essa! Porquê?

- Em qualquer parte o senhor está em casa.

A observação me chocou. Ter-me-ia acanalhado? Comportar-me-ia direito em excesso, buscando captar a benevolência da força? Um rápido exame interno sossegou-me: ti nha-me expressado conciso e frio, apenas manifestara a impossibilidade completa de mexer-me depressa. Antes de me retirar, o homem se avizinhou, segredou uma pergunta inesperada:

- Tem dinheiro?

Surpreendi-me. Contudo não senti desejo de fechar-me: - Tenho, pouco, mas tenho.

- Não caia na tolice de entregá-lo. Só lhe consentem levar cinco mil-réis. Guarde o resto. Vai passar fome, sabe? Há de comprar comida fora.

Súbito revelei ao sujeito o esconderijo das notas, e não julguei ser imprudente. Estavam no cóso do pijama, entre as calças e a cueca.

- Acha que vão descobri-las na revista? Balançou a cabeça negativamente:

- Não há perigo, a busca é formalidade.

Referiu-se de novo à falta de alimento e repetiu o conselho de aferrolhar o dinheiro, economizar: ser-me-ia indispensável prover-me em negócios clandestinos. Falava rápido e baixo, a conversa durou talvez dois minutos. Ainda avancei uma interrogação: qual era o meio de obter coisas no exterior? Alguns rapazes da polícia arriscavam-se a esses favores, afirmou.

- Quer apresentar-me a um dos seus homens? - Não. O senhor será procurado, com certeza.

Duas ou três vezes introduziu no diálogo esta observação intempestiva:

- Não lhe acontecerá nada ruim. Uma pessoa inteligente nunca se aperta.

- Agradecido, sargento.

Arredei-me a coxear, aproximei-me dos guardas, pisamos terra. A reflexão do sargento era burlesca; e fazendo-a, parecia referir-se, não à minha inteligência, mas à dele. Que ria talvez aparentar sagacidade notando em mim prendas ocultas, pois nenhum recurso intelectual se revelara nas minhas palavras. Longe disso: houvera-me estupidamente, confessara a existência das cédulas e a peça de roupa onde se metiam. Deixara-me levar pelo instinto: não enxergara um inimigo no tipo sombrio. Ou então me surgira o desejo de arriscar-me, avaliar a minha resistência e as disposições contrárias. Algumas vezes isso me acontecia, e, presumo, durante a reclusão estirada não precisei simular. De qualquer modo a conversa ligeira nas tábuas me convencia de que a violência organizada era bem precária: os agentes dela se bandeavam, nos momentos difíceis vinham cochichar-nos informações e conselhos. Bem. O mulato rijo e de tromba, os soldadinhos fracos a aborrecer-se debaixo dos fuzis pesados não tinham interesse em magoar-me. Os generais deviam procurar saber como as suas ordens se cumprem. Berram, ameaçam, têm aparência de terremotos - e ali me achava a manquejar, seguido por dois sicários inofensivos.

- Como se chama este povoado? - Abrão.

Na ponta da rua uma bodega me sugeriu a idéia de comprar cigarros. Entrei nela, pedi um milheiro, diversas caixas de fósforos, enchi a valise, acabei de empanzinar todos os bolsos. Deixariam penetrar na Colônia aquele despropósito? Os soldados me incutiram otimismo. Bebi um cálice de conhaque, larguei a nota de cinquenta mil-réis e guardei o troco no desvão do porta-níqueis; à mostra ficaram apenas algumas moedas. O álcool é proibido com rigor, mas nem me ocorreu falar em consentimento: a disciplina se relaxaria ante a necessidade forte. Saímos, perdemos de vista as últimas casas da aldeia. Topônimo esquisito: Abraão. Um dos condutores me corrigiu a pronúncia:

- Abrão.

Certamente havia morado ali um sujeito importante com esse nome. Algum judeu? Na Alemanha a designação torpe e semítica se haveria riscado, mas a esculhambação nacional não atentava nisso. E o Abrão continuava na geografia miúda, possivelmente um velho Abrão de olhos vivos e nariz curvo, parente vago de Gikovate e Karacik, transferido um mês atrás para a Sala da Capela.

Distanciamo-nos da costa, assanharam-se os declives, entramos a subir e a descer ladeiras. Vegetação farta. Várias pontes sobre os rios estreitos,

ziguezagueantes, que haviam batizado a Colônia. A luz forte do sol feria montes escuros e nus; em certos pontos árvores esguias disfarçavam a calvície da terra pedregosa. Veio-me o desejo de perguntar como se chamavam essas plantas, mas a curiosidade morreu logo.

Ao calor do meio-dia, estazei-me. Horríveis picadas na perna; vencer alguns metros de rampa custava-me esforço enorme. Respiração curta, suor abundante, falhas na vista. Procurei dominar a fraqueza atentando na paisagem. Inutilmente. A cabeleira escassa dos morros já não me interessava. As dores no pé da barriga avivavam lembranças insuportáveis do hospital. Meses compridos vira-me forçado a amparar-me a uma bengala; esse arrimo agora me fazia grande falta, e os passos arrastavam-se trôpegos, indecisos, parando a cada instante. Os soldados começaram a impacientar-se, e isto agravou a dificuldade. Tentei elastecer a carne entanguida, propensa à imobilidade; experimentei a sensação de ter um dreno de borracha metido no ventre. Mordia os beijos queimados e arfava. Impossível continuar. Pus a valise em cima de uma pedra e sentei-me, indignando os condutores presos ao cambalear penoso, recusei-me a prosseguir. Inútil a insistência, arquejei. Não viam que estavam exigindo o

impossível? Contudo inclinava-me a julgar aquilo um achaque passageiro; nenhuma preocupação. Iria restabelecer-me quando me surgissem de novo as mesas e as camas, objetos remotos, improváveis.

Ergui-me, reencetei a caminhada bamba, detive-me ao cabo de cem metros, joguei-me outra vez para a frente. Rês

cansada; nenhum agulhão me apressaria. Inquietava-me a posição do sol, e uma pergunta me vinha com frequência: ainda estávamos longe? Com certeza. Afligia-me causar transtorno aos dois homens. Um deles puxou conversa. Era de Palmeira dos índios, em Alagoas. E inteirando-se de que eu vivera ali muitos anos, pediu notícias de personagens locais, perguntou como iam de saúde seu Aureliano Wanderley e seu Juca Sampaio. Achei graça na curiosidade e afirmei:

- Vão muito bem.

Nas escarpas da ilha Grande, a esfaltar-me, a aproximar-me vagaroso da Colônia Correccional, papagueava com um matuto fardado sobre gente do interior, meio esquecida. O rapaz me interrogava como se eu tivesse a obrigação de conhecer Juca Sampaio e Aureliano Wanderley. Palmeira dos índios é uma cidadezinha, os habitantes andam lá em contato

forçado. Apartara-me deles, mas não hesitava em referir-me às duas pessoas mencionadas. Estavam bem. Pelo menos deviam estar melhor que eu. Essa tagarelice aplacou o trajeto ronceiro.

As estações espaçaram-se. O terreno ia ficando menos íngreme, o calor diminuía. Era certo chegarmos antes da noite e não precisava agitar-me em excesso. As punhaladas no ventre esmoreceram; o que agora me incomodava era o torpor na coxa direita. A dormência crescia, chegava ao joelho, dava-me a impressão nova de mexer-me com uma perna artificial. A voz lenta do sertanejo escorregava-me nos ouvidos, trazia-me ao espírito as largas campinas da minha terra, os cardos pujantes na seca, as flores amarelas das catingueiras. Em redor, coisa muito diversa dessas evocações familiares: sombras, matas, as estranhas árvores delgadas a vestir a peladura negra dos montes.

No fim da tarde alcançamos um pátio branco. Ao fundo, enorme galpão fechado, e junto a ele cercas de arame, certamente o curral onde nos confinariam. A vista fixa nas paredes baixas, na cobertura de zinco, durante algum tempo não percebi as casas alinhadas no terreiro. Surgiram-me de chofre, como se se tivessem construído naquele instante, sem dúvida residências de funcionários, repartições, cozinhas, e

alojamento da tropa. Na confusão da chegada, isso me vinha desconexo, vago e sem limites. Amálgama incoerente. Que pensariam de mim os dois rapazes? Movera-me até ali conversando, a exumar fatos e indivíduos meio extintos, e não revelara falha na memória, nas idéias. De repente me achava incapaz de localizar os edifícios, desorientava-me. Só queria saber se a perturbação vinha à tona, transparecia nos modos, ou se ainda me seria possível exibir uma aparência razoável. Continuava a falar, com pausas, ignorando a significação das palavras, e examinava os interlocutores, buscando neles marcas de espanto. Nada enxerguei. Naturalmente fazia perguntas, mas não tinha consciência disto; as informações resvalavam no entendimento paralisado. Incapaz de relacionar as coisas mais simples, senti um prazer absurdo no exame de plantas amáveis, de grandes folhas verdes, crestadas, a adornar a terra clara. Concentrei-me nessa decoração, no movimento e na cor: as folhas mortas, fulvas, caíam lentas, voavam na aragem fria. Para onde me levavam?

No caminho surgiu-me um velho miúdo cheio de rugas. Vestia zebra e manjava enxada, ocupando-se em retirar do chão uma nesga de grama. Ao passarmos, interrompeu a tarefa, diligenciou erguer o

espinhaço curvo, estirou o braço trêmulo, gemeu quase a soluçar:

- Uma esmolinha de um cigarro pelo amor de Deus. Meti a mão no bolso preche de cigarros, tirei um punhado, larguei-o na mão da criatura.

- O senhor está doido? gritou um dos soldados. Espantei-me:

- Porquê?

- Dar quarenta cigarros a este vagabundo! Estão aí bem quarenta. Há de haver dia em que o senhor não acha um cigarro por dinheiro nenhum. Escute bem. Por dinheiro nenhum.

Essa perspectiva me trouxe um arrepio. Enfim, paciência. Que se havia de fazer? Na verdade não me instigara nenhum sentimento caridoso ao espoliar-me em benefício do velho. Estava meio convencido de que não me deixariam guardar aquela enorme provisão de fumo. A minha filantropia esvaziava um pouco a algibeira prejudicial. Reduzido o 'volume, talvez me permitissem conservar o resto dos cigarros.

LEVARAM-ME a uma das formalidades inevitáveis na burocracia das prisões, num dos edifícios baixos, limites do pátio branco. Sala estreita, acanhada; homens de zebra a mexer-se em trabalhos aparentemente desnecessários. Porque me encontrava ali? Devo ter feito essa pergunta, devo tê-la renovado. Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos. Provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social - e os nossos papéis exigiam alguns carimbos. A degradação se realizava dentro das normas. Que me iriam perguntar? Não disseram nada. Os homens de zebra exigiram apenas que lhes entregasse a roupa. Ora essa! Queriam então que me retirasse dali nu? Não era bem isso. Tinham aberto a valise, arrolado os troços, achavam possível despojar-me da indumentária civilizada. Estava certo. Era preciso despir-me em público ou havia lugar reservado para isso? Não havia. Perfeitamente.

Despojei-me da casimira. E como tinha por baixo a calça do pijama, com o dinheiro minguado no cós, vesti apenas o casaco. Achava-me regulamentar, tanto ou quanto regulamentar e ridículo, a preendi a camisa nas virilhas, sujeitando o pano à carne

resistente. Achei-me coberto enfim deste jeito: camisa úmida, colarinho, gravata, pijama bastante amarrotado, os pés coagidos nos sapatos duros, poeirentos. Os tamancos deixados no cubículo 50, no Pavilhão dos Primários, faziam-me falta. É estúpido mencionar isso; contudo não conseguimos prescindir lá dentro de tais insignificâncias. De fato não eram insignificâncias. Os sapatos duros e estreitos magoavam-me os calos; seria bom juntar aos pés inchados pedaços de madeira presos com tiras de pano. Os tamancos me dariam folga, relativa liberdade.

Antes de largar os trapos ao funcionário de zebra, recolhi os cigarros, enchi os bolsos do pijama, fiquei obeso. Para emagrecer um pouco, recolhi o cinto, apertei-o à barriga, avancei dois ou três furos além do ponto normal: a ausência de comida facilitava-me a operação: a magrém forçada compensava a gordura exterior. Em relativo equilíbrio, tentei conservar a carteira, onde havia alguns papéis isentos de valor. Um sujeito de zebra tomou-a. Reclamei.

- Para que é que o senhor quer isso? São fotografias. Veja. Não interessam.

O homem fez orelhas moucas e guardou a carteira, sem me deixar nenhum vestígio da subtração.

Depois me conduziram às cercas de arame, ao galpão temeroso. Numa saleta, os meus companheiros de viagem, com certeza chegados horas antes, amolavam-se à espera de formalidades rotineiras, mais ou menos indecifráveis. Em torno de uma banca figuras se moviam, davam-me a impressão de mexer-se em densa neblina: a minha vista se turvava, era-me impossível notar minúcias. Na imobilidade, reapareceram-me as dores, ferrões me atravessaram a carne entanguida. Não me agüentei de pé, fui encostar-me a uma parede, curvo, derreado para a direita, a mão no pé da barriga.

Nunca pude saber como, em tais situações, nos chegam notícias precisas. De que modo se transmitem? Parecem adivinhação. Estamos cercados, vigiados; alguém nos sussurra algumas palavras, e recebemos num instante esclarecimentos indispensáveis. Uma cadeia se forma, conjugam-se reminiscências, o aviso se amplia; quando nos referimos a ele, notamos apêndices, interpolações, acréscimos rápidos, anônimos. Nesse trabalho coletivo a memória e a imaginação cooperam de tal jeito que nos é impossível saber se o informe decisivo é falso ou verdadeiro: entrosam-se nele os pacientes exames rigorosos e a credulidade excessiva ordinária nas cadeias. Em torno divisei homens fardados, mas a

minha escolta havia desaparecido. Indicaram-me nessa altura um sujeitinho e segredaram-me o nome, a índole, os costumes dele. O anspeçada Aguiar, nanico, tinha péssimas entranhas, compensava a escassez física normalizando a violência; arrogava-se poder imenso, de fato ali dentro superava as autoridades comuns, adstritas à censura e à regra. Já me haviam falado nesse tipo Exigia um respeito absurdo, e na presença dele todos nós devíamos guardar silêncio e cruzar os braços. Inclina-me a julgar isso exagero; difícil admitir que tal insignificância tivesse meios de criar normas, sujeitar a elas várias centenas de indivíduos. O cochicho rápido fez-me virar o rosto, atentar na minguada personagem. O movimento não lhe passou despercebido. Olhou-me seco e frio, com certeza o surpreendeu a minha postura encaranguejada. Chegou-se a mim, resmungou áspero, distante e superior:

- Está doente?

Balancei a cabeça afirmando. Retirou-se, momentos depois reapareceu trazendo uma cadeira. Sentei-me, agradei num gesto. O homem não era tão ruim como diziam. Essa oferta da coisa necessária numa situação crua me dispunha favoravelmente. Bobagens sermos susceptíveis naquele meio. Era possível que as grosserias do pequeno soba apenas

existissem cotejadas ao proceder exterior. No lugar estranho iam surgir-nos relações novas - e era ingenuidade pretendermos conservar os nossos hábitos.

Correra o tempo, chegara a noite, em redor da mesa os preparativos longos escapavam-me, atos desconexos. Fixava-me num pormenor, noutro, ainda me sentia capaz de observar, mas sem continuidade. Não sei quando me chamaram. Vi-me ao pé da mesa, junto à valise aberta, mão a revolver-me os bolsos. Deixaram-me os cigarros, e isto me trouxe imenso alívio; durante o dia, no consumo lento das horas, a privação do fumo absorvera-me. Respirei, as algibeiras peçadas, a enorme provisão de tabaco e fósforo salva, de mistura com lenços e cuecas. Exigências insignificantes, formalidades. Pegaram no porta-níqueis, abriram-no e logo o devolveram, sem examinar o conteúdo. Não tiveram a idéia de mexer-me no cóis do pijama; o dinheiro lá guardado iria ser necessário: talvez a minha existência dependesse dele. Tomaram-me os lápis e o bloco de papel. Por muito que me esforçasse, não consegui mais tarde recompor as fisionomias das pessoas que realizaram essas operações. Naturalmente fizeram perguntas e dei respostas. Não me lembro de nada. Os meus companheiros de viagem deviam estar ali perto, mas

isto é suposição. Qual deles me cochichara o nome do anseçada e me avivara passagens do relatório de Chermont? Uma balbúrdia, pensamentos a debandar. Tentava expressar-me direito, não me custava fingir calma. Aspecto normal, a voz ordinária; convenciam-me de que nas minhas palavras não havia incongruências, e esta certeza me parecia insensata.

FINDA a vistoria achei-me no pátio, sobraçando a valise, a andar sob as árvores de grandes folhas invisíveis agora. Entramos num salão estreito e escuro. Pendiam lâmpadas do teto baixo, vidros fuscos, fios incandescentes, a espalhar uma luzinha frouxa e curta; a alguns metros delas os objetos mergulhavam na sombra. Distingui duas alas de mesas compridas; eram duas, se não me engano, ladeadas por bancos. Tombei num deles, cansado.

Reparando bem, notei que as mesas se formavam de tábuas soltas em cima de cavaletes. O ar estava nauseabundo e empestado, havia certamente nas proximidades um bicho morto a decompor-se. Juntei os cotovelos às pranchas, segurei a cabeça fatigada, comprimi as narinas com os polegares, fiquei um minuto a arfar, respirando pela boca. Um sujeito se avizinhou, manso, quase invisível na escuridão. Arriei os braços, ergui os olhos inúteis: impossível enxergar as feições do homem. O cheiro de carniça invadiu-me os gorgomilos, trouxe-me enjôo, lágrimas, embrulho no estômago. Outra vez levantei as mãos, apertei o nariz, receando vomitar, cerrei as pálpebras.

Tocaram-me num ombro. Sacudi o torpor, abri os olhos, vi um prato junto a mim.

- Obrigado.

Nos arredores vultos indecisos, provavelmente os meus vizinhos da lancha, do carro de segunda classe, do tintureiro, matavam a fome. Depois de tantos abalos, nordestinos e paranaenses tinham apetite naquela situação. Repugnava-me, inquiria mentalmente se o olfato deles se embotara ou se o fedor horrível era uma criação dos meus nervos excitados. Inclinei-me a supor isto. Difícil admitir a insensibilidade estranha em várias pessoas; o defeito estava em mim, um sentido me enganava. Tocaram-me de novo no ombro, da figura indistinta veio um conselho doce e lento:

- Coma.

Soltei a cabeça, aspirei um pouco de ar; estupidez negar as emanções torpes.

- Obrigado. Não posso.

- A comida está boa, foi preparada para os senhores. Acendi um cigarro, pus-me a fumar depressa, buscando vencer a infeliz sensação. No prato havia manchas escuras, talvez pedaços de carne.

- Faça um esforço. Amanhã o senhor não terá isso. A comida foi feita para os senhores. Experimente.

A fala branda era um murmúrio. Espantava-me da curiosa solicitude, queria desembaraçar-me dela:

- Agradecido. É impossível.

Apesar da recusa, a criatura afável, isenta de fisionomia, continuava a embalar-me com a oferta vagarosa, insistência mole, gorda e úmida. O rosto se escondia na máscara de trevas; a voz blandiciosa me escorregava nos ouvidos, causando-me um vago mal-estar; não a poderia esquecer. Nunca imaginara que um homem se dirigisse a outro daquele jeito: desvelo excessivo, uma ternura flácida e trêmula. Só me ocorriam as sílabas ásperas de agradecimento. De fato reconhecia a bondade esquisita, mas era preferível não a receber. Escapava-me a origem dela. A atenção espalhada, a fumar sem descanso, desejava retirar-me. E achava-me ingrato, fazia esforços por descobrir alguma coisa amável para juntar às frases curtas. Logo me distraía ouvindo o rumor das colheres. Defendia-me da repugnância envolto na fumaça do cigarro, e os indivíduos irreconhecíveis tornavam-se mais confusos. Terminaram a refeição, erguemo-nos, lancei uma despedida vaga e maquinal:

- Obrigado. Não, não. Era impossível. Adeus.

Sáímos e, em linha, fomos levados ao casarão baixo. A alguns metros da porta uma grade se descerrou, e a fileira pouco a pouco mergulhou nela. O tempo se desperdiçara nas idas e vindas, nas buscas, no refeitório sombrio. Quantas horas? A falta de um relógio me desorientava. Suponho haver-mo-nos retardado ali, de pé, meio indiferentes, avançando um passo, outro passo, como bichos miúdos a caminhar para uma goela de cobra; mas isto é reminiscência quase a apagar-se, neblina de sonho. Nessa paralisia da vontade os minutos se encolhem ou se alongam desesperadamente. Afinal fui engolido, achei-me num estreito vão, barras negras de ferro em frente e à retaguarda. A esquerda um sujeito de zebra indicou uma cadeira e entrou a desculpar-se: infelizmente era obrigado a tosquiar-me.

- Isso não tem importância, declarei sentando-me, a valise nas pernas.

E o barbeiro iniciou a tarefa, meteu-me nos cabelos uma pequena máquina cega. Verboso, prosseguia nas justificações, pensando causar-me dano; carrasco amável, queria harmonizar-se com a vítima. A loquacidade me aborrecia; era espantoso imaginarem-me capaz de guardar ali qualquer espécie de vaidade.

- Meu amigo, não se preocupe. Vai muito bem. Continue o seu trabalho.

- Está incomodando muito?

- De forma nenhuma. Vai muito bem.

O infame instrumento arrancava-me os pêlos, e isto me dava picadas horríveis no couro cabeludo. A operação findou, ergui-me, passei os dedos no crânio liso, arrepiado na

friagem da noite. Diabo. Estávamos no inverno, a cabeleira ia fazer-me falta. Um burburinho extenso anunciava multidão.

ALGUÉM me chamou, perto, avizinhei-me da grade interior, percebi no outro lado uma figura indistinta. Reconheci-a pela voz mansa, dormente. Depois, habituando os olhos à luz mortiça, divisei as feições de Vanderlino, o moço calmo, vagaroso, que no Pavilhão dos Primários gastara semanas destruindo um cabo de vassoura, talhando peças de xadrez a canivete. Parecia à vontade, como se estivesse em casa, e manifestava um prazer absurdo ao ver-me ali. Ficou um minuto a falar oferecendo qualquer coisa, mas não consegui entendê-lo: a minha atenção fixava-se no lugar sombrio onde ele se achava. Através das barras de ferro uma turba confusa me surgia de chofre, corpos indecisos a mexer-se, em pé, de cócoras, estendidos, espalhando o surdo rumor já notado enquanto me raspavam a cabeça. Nenhuma particularidade, som ou visão, se destacava nessa balbúrdia. Apenas o novelo animado a desdobrar-se no escuro e o burburinho a rolar. Um cheiro desagradável, complexo, indeterminado, provocava tosse.

Abriu-se a porta, avancei, num instante me vi mudado em partícula da massa heterogênea.

Achavam-se ali provavelmente os bichos curiosos expostos no relatório de Chermont.

Perdiam-se naquele fervilhar de cortiço a zumbir, e a minha curiosidade minguava no alvoroço. Capotes e redes indicaram-me os companheiros de viagem, num grupo. Havia entrado antes ou depois de mim? Vanderlino prosseguia na conversa. Levou-me para o centro do galpão, e só aí compreendi a oferta muitas vezes repetida: era-me possível dormir ali. Reuniu a esteira dele à do vizinho e conseguiu arranjar o espaço necessário a três indivíduos. Sentei-me na urdidura gasta de pipiri, fiz da valise travesseiro, pus-me a fumar, não distinguindo bem as palavras de Vanderlino.

Surgiram-me de relance caras já vistas, umas conhecidas, outras duvidosas. Cansava-me fazendo perguntas mudas: - "Onde terei visto esse tipo?" A dois passos alguns sujeitos nos examinavam fixos, indiscretos; julguei-os espiões, interessados em descobrir um movimento, ou olhar suspeito, avisar a polícia. Joguei fora a ponta do cigarro, os homens se lançaram sobre ela, empurrando-se. Levantaram-se. A ponta do cigarro tinha desaparecido. Com um estremecimento, recordei-me do aviso do soldado, no pátio; a inesperada vileza dizia claro o valor do fumo na prisão. Desejei distribuir cigarros aos infelizes;

acanchei-me, fingi distração, receando vexá-los. Continuaram perto, observando, a rondar.

Chamaram-me da porta; levantei-me, para lá me dirigir, estranhando que alguém já me soubesse o nome; andei lento, fazendo curvas e ziguezagues, entre as esteiras muito numerosas no chão sem ladrilho. Avizinhei-me da grade, vi além dos varões um rapaz magro, pavoneante na farda nova. Em criança, tinha-me conhecido: era filho de José Plácido. José Plácido? Tentei lembrar-me. Um sapateiro aleijado das pernas, compadre de meu pai.

- Sei. Morava na Rua do Gurganema. Ainda é vivo? Estava morto, presumo, e com isto a minha curiosidade terminou. Esse encontro não me deu nenhum contentamento. Plácido moço ficou um instante a encarar-me severo, exibindo superioridade; constrangi-me supondo nele o intuito de acabrunhar-me. Arredou-se, outro soldadinho veio substituí-lo, propondo-se, num cochicho, a servir de intermediário se eu precisasse qualquer coisa do exterior. Realizava-se muito cedo a promessa do sargento. Agradei. Haveria de precisar, com certeza. Não me comportava de maneira conveniente: a postura e a linguagem violavam as normas. Sem ambages, o anspeçada Aguiar encarregou-se de me explicar isso. Miúdo e teso, surgiu, olhou-me duro, resmungou:

- Cruza os braços, chefe.

Em mudo assombro, devo ter-me conservado longo tempo imóvel, a vista escura, as idéias em fuga, o coração a estalar de raiva e desespero; o ar frio da noite veio outra vez morder-me o couro cabeludo. Ter-me-iam largado aquela frase? Inclina-me a duvidar, tão inconcebível era, e esforçava-me por admiti-la, conjugá-la a farrapos de notícias, compreender a situação. Achava-me estúpido. Evidentemente as palavras tinham sido proferidas, necessário repetir isto. Surpreendiam-me nelas dois pormenores: o sujeito usava ironia, chamando-me chefe, e tuteava-me. Na surpresa, virei-me para os lados, procurando ver se a ordem singular não se dirigia a outra pessoa. Através da névoa distingui a pequena distância os óculos do velho Eusébio, capotes, redes, confusas lembranças da semana incômoda. Tolice querer enganar-me: aquela miserável insignificância falava comigo. Porque me espantava? Casos semelhantes me haviam sido várias vezes narrados, causando abalo rápido. Julgara-os, desatento, fatos possíveis, improváveis. Agora me atordoava, buscando aflito meios para resistir. Nada achei. Dentro de mim ódio impotente, enleio, a carne a inteiriçar-se, arrepios a subir-me o espinhaço, a torturar-me o crânio pelado; fora, trouxas, pacotes,

figuras nubladas, os óculos medrosos do velho Eusébio. Inútil pensar em defender-me. Certo a criatura nanica era débil, mas fortificava-se por detrás de barras de ferro, as armas do governo a protegiam, davam-lhe empáfia segura. No desarranjo momentâneo o que mais me impressionou foi sentir-me inteiramente só. Havia em torno um milheiro de homens, com certeza, mas a horrível sensação de isolamento empolgava-me.

Cruzei os braços, aniquilei-me. A vontade sumira-se, o meu corpo infeliz era um conjunto de trapos bambos. Vendo-me assim, vazio e inerte, o anspeçada Aguiar disse-me que as esteiras viriam no dia seguinte; aquela noite dormiríamos na terra nua.

Está bem.

Ia retirar-me, um guarda me deteve com esta decisão incompreensível:

- Na formatura reúna os seus homens lá no fundo.

- Os meus homens? gaguejei atarantado.

- Os seus companheiros. Mande que eles formem lá na porta.

Sucumbido, fui apontar aos recrutas o lugar onde nos alinharíamos. Isto me rebaixava mais que a

atitude humilde na presença do anspeçada. Um momento me anulara, incapaz da mínima reação, meio cadáver. Pretendiam agora infamar-me, transformar-me em vigia dos meus amigos. O terror me obrigaria a mantê-los na disciplina e, sendo preciso, denunciá-los. Um instrumento dos verdugos enxameantes além da grade. Cabo de turma, com horror senti-me cabo de turma. Chegaria a conseguir bastante vileza para desempenhar esse papel? Enquanto me dirigia ao grupo e indicava a extremidade obscura do galpão, atenazava-me a pergunta ansiosa; e a resposta se esboçava no rosto zombeteiro de João Rocha. O mulatinho parecia felicitar-me com um risinho encolhido e enviava-me espiadelas de soslaio, exibindo respeito burlesco. Patife. Os outros, glaciais, começavam talvez a desprezar-me. Tencionava amparar-me neles, e a dura reserva feria-me, pior que bofetada. Esses desentendimentos originam fundos rancores, ódios, e não nos surpreendemos se uma criatura hoje se inflama a cantar hinos revolucionários e amanhã cochicha pelos cantos, envia cartas à autoridade. Reunindo a custo indecisos fragmentos de energia, julguei-me incapaz de chegar a isso - e a desconfiança tácita flagelava-me. Novamente a solidão me envolveu, aqueles homens se distanciavam, como se ainda estivessem no Rio Grande, no Paraná, terras desconhecidas. Separei-me

deles, voltei ao meu pouso, sentei-me na valise; o esquisito abandono pouco a pouco se sumiu. Não valia a pena atormentar-me com a opinião alheia. Era enorme o alojamento, sem dúvida estava ali um milheiro de pessoas.

Vanderlino me interrompeu cálculos difíceis e apresentou uma delas, rapagão espadaúdo, simpático, o olho vivo, de gavião. Uma curiosa madeixa de cabelos brancos enfeitava-lhe a testa e o lábio superior se erguia, descobrindo os dentes, num sorriso sarcástico. Fisionomia aberta, ar decidido. Admirou-me a franqueza de Vanderlino ao dizer o nome e o ofício da personagem.

- Gaúcho, ladrão, arrombador.

Um insulto. Como se ofendia um homem daquele jeito, cara a cara, sem metáforas? Examinei os dois um instante, reconsiderarei. No Pavilhão dos Primários, Vanderlino era um sujeito de excessiva delicadeza; a voz calma não se alteava; nunca melindraria ninguém. E Gaúcho nem de longe parecia injuriar-se. Tinha a aparência de uma ave de rapina. Estendeu-me a garra larga, acocorou-se junto à esteira, pôs-se a conversar naturalmente. Apertando-lhe a mão, declarei ter muito prazer em conhecê-lo. Tinha. Não era apenas curiosidade. Finda a surpresa, confessei a mim mesmo que poderia tornar-me sem

esforço amigo do ladrão. A firmeza, a ausência de hipocrisia, a coragem de afirmar, tudo revelava um caráter. Lembrava-me dos modos esquivos dos meus companheiros, da malícia estulta de João Rocha. Bem. Cortavam-me várias amarras, vidas estranhas iam patentear-se no formigueiro em rebuliço. Dos rápidos minutos desse encontro apenas resta o bom efeito causado pelo tipo anormal. Gaúcho falava gíria, de quando em quando me obrigava a interrompê-lo:

- Que significa escrunchante?

Escrunchante? Ora essa! O lunfa que trabalha no escruncho, quer dizer, no arrombamento. Era a profissão dele. Súbito a palestra morreu.

- Formatura geral, gritou um negro lá da porta. Deslocaram-se com rumor os objetos espalhados no solo, uma nuvem de poeira toldou as luzes escassas, toda a gente se moveu, organizaram-se à pressa numerosas filas. A minha, ao fundo, era a mais curta e algum tempo ficou acéfala. De repente mandaram-me sair de forma e achei-me em frente aos dezesseis homens firmes, direitos, de braços cruzados. Cabo de turma, realizava-se a previsão funesta. Mas não me conservaria no miserável cargo: era-me impossível fiscalizar os outros; naquele instante cerrava as pálpebras, ignorava os acontecimentos em redor. Uma voz longínqua chegava-me aos ouvidos, a cantar

números, e nem me ocorria perguntar a mim mesmo a significação deles. Abrindo os olhos, convencia-me da existência de vultos indecisos a transitar para cima, para baixo, certamente fazendo a contagem. E desgostava-me enxergar a careta manhosa de João Rocha. Tirou-me desse enleio um forte barulho. Despertei, vi a dois passos um soldado cafuzo a sacudir violentamente o primeiro sujeito da fila vizinha. Muxicões terríveis. A mão esquerda, segura à roupa de zebra, arrastou o paciente desconchavado, o punho direito malhou-o com fúria na cara e no peito. A fisionomia do agressor estampava cólera bestial; não me lembro de focinho tão repulsivo, espuma nos beiços grossos, os bugalhos duas postas de sangue. Os músculos rijos cresciam no exercício, mostrando imenso vigor. Presa e inerte, a vítima era um boneco a desconjuntar-se: nenhuma defesa, nem sequer o gesto maquinal de proteger alguma parte mais sensível. Foi atirada ao chão, e o enorme bruto pôs-se a dar-lhe pontapés. Longo tempo as biqueiras dos sapatos golpearam rijo as costelas e o crânio pelado. Cansaram-se enfim desse jogo, o cafuzo parou, deu as costas pisando forte, soprando com ruído, a consumir uns restos de furor. O corpo estragado conservou-se imóvel. Estremeceu, devagar foi-se elevando, agüentou-se nas pernas bambas, mexeu-se a custo e

empertigou-se na fileira, os braços cruzados, impassíveis.

Todos em roda estavam assim, firmes, de braços cruzados, impassíveis. Nenhum sinal de protesto, ao menos de compaixão. Também me comportara com essa horrível indiferença, como se assistisse a uma cena comum. Éramos frangalhos; éramos fontes secas; éramos desgraçados egoísmos cheios de pavor. Tinham-nos reduzido a isso. Qual a razão daquela ferocidade? A cabeça fervia-me; as dores no pé da barriga tornavam difícil a posição vertical: debalde tentava aprumar-me, inclinava-me para a direita. Precisava descansar. Já nem me importava saber a causa da sevícia imprevista. Falta ligeira: algum descuido, gesto involuntário, cochicho a perturbar o silêncio. Estávamos reduzidos àquilo. Derreava-me tanto que julguei perder o equilíbrio, estender-me na terra. O cafuzo viria levantar-me com a biqueira do sapato. Estávamos reduzidos a isso.

Não sei quanto durou o suplício. Debandamos, houve uma lufa-lufa no arranjo das camas. Andei a capengar na multidão, em busca de Vanderlino. Alcancei a nesga de esteira, pude sentar-me, fumar. Os sucessos do longo dia misturavam-se, pesavam demais. Impossível dizer qualquer coisa. Estirei-me, caí num sono de pedra.

UM toque de corneta ergueu-me, e ouvi o grito da véspera:

- Formatura geral.

Ainda quase a dormir, vi-me arrastado pela multidão que fervilhava com rumor, dobrando cobertas, enrolando esteiras. Andei à toa, maquinal, ignorando o motivo da agitação; acordei, a memória funcionou, o grito adquiriu sentido Pela primeira vez me sucedia levantar-me durante o sono e despertar caminhando. Lá fora havia trevas. Porque nos vinham perturbar tão cedo, roubar-nos alguns minutos de repouso? Essa pergunta inexequível juntava-se a outra, formulada com certeza no meio da confusão: onde me deveria colocar? Os meus companheiros de viagem sumiam-se dispersos, eram fragmentos na balbúrdia.

Novamente cantaram números, uma longa tabuada. Na inconsciência e na atarantação, achei-me numa fila, não longe da porta. Felizmente ocupava o quarto ou quinto lugar, podia ocultar-me, não ver a tromba e os olhos vermelhos do soldado cafuzo que tanto me havia perturbado na véspera. Dois ou três

passos atrás de mim o velho Eusébio se aniquilava, e alguns capotes na vizinhança indicaram-me a dissolução do nosso grupo. Isto me sossegou, vi-me livre do humilhante dever imposto horas antes. Não me deixariam no cargo infame, decerto, mas surpreendeu-me notarem tão depressa a minha incapacidade. Bem. Ia tornar-me invisível, acabaria acostumando-me à vida no formigueiro.

- Já estão na bagunça! exclamou alguém com estridência arrepiada.

Virei-me, enxerguei um tipinho de farda branca, de gorro branco, a passear em frente às linhas estateladas. Era vesgo e tinha um braço menor que o outro, suponho. Não me seria possível afirmar, foi impressão momentânea. Um sujeito miúdo, estrábico e manco a compensar todas as deficiências com uma arenga enérgica, em termos que me arrisco a reproduzir, sem receio de enganar-me. Um bichinho aleijado e branco, de farda branca e gorro certinho, redondo. Parecia ter uma banda morta. O discurso, incisivo e rápido, com certeza se dirigia aos recém-chegados:

- Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão

ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer Embora não me restasse ilusão, a franqueza nua abalou-me: sem papas na língua, suprimiam-nos de chofre qualquer direito e anunciavam friamente o desígnio de matar-nos. Singular. Constituíamos uma sociedade numerosa, e não tínhamos nenhum direito, nem ao menos o direito de viver. Esquisita afirmação. Várias pessoas estavam ali sem processo, algumas deviam quebrar a cabeça a indagar porque as tratavam daquele jeito; não havia julgamento e expunham claro o desejo de assassiná-las. Não nos faziam ameaça vã, como notei depois. Atanazavam-me as palavras do caolho: todos iguais, nenhum direito, os soldados podiam jogar-nos impunemente no chão, rolar-nos a pontapés. E finar-nos-íamos devagar. Isso me trouxe ao pensamento a brandura dos nossos costumes, a índole pacífica nacional apregoada por sujeitos de má fé ou idiotas. Em vez de meter-nos em forno crematório, iam destruir-nos pouco a pouco. Certamente era absurdo responsabilizar o Brasil, quarenta milhões de habitantes, pela sentença do zanolho. Ali dentro haveria criaturas bem intencionadas, mas não nos valeriam muito na engrenagem que nos agarrava. Lembrei-me do sargento, da voz morna a gemer um conselho brando, no escuro. Não podia alimentar-me, e esses propósitos generosos deixavam firme a revelação dura: - "Vêm

morrer." Sem dúvida. Quando chegaria a minha morte? Embora a julgasse próxima, de nenhum modo me desgostava.

Amanhecia. Uma das paredes laterais do galpão fechava-se, inteiriça; havia na outra janelas altas, inatingíveis: Por uma larga porta víamos, através das barras, as cercas de arame. Abriu-se, as filas moveram-se, marcharam, entraram no curral, volveram à esquerda, transpuseram a cancela e, engatadas em linha extensa, ondularam no pátio, sob as árvores de grandes folhas amarelas, dirigindo-se ao refeitório. Andávamos lentos, em fundo silêncio, os braços cruzados. Invadimos a saleta estreita e longa, novamente me achei sentado num banco, as mãos a descansar em tábuas postas sobre cavaletes. Aos lados, em frente, pessoas estranhas; apenas reconheci a figura bamba do velho Eusébio. Importunado pelo cheiro desagradável, acendi um cigarro. A luz da manhã, as pranchas nuas eram horríveis. Em torno, caras macilentas. Chamaram-me a atenção forquilhas de numerosas pontas, arbustos secos feitos cabides, onde se penduravam canecos de lata, formando cachos barulhentos. Homens de zebra mexiam neles, distribuíam rápidos as vasilhas nas mesas. Atentei na minha, suja, enferrujada, a asa cheia de lama, quis mostrá-la ao sujeito que nos servia; moderei-me:

impossível reclamar, e todas eram mais ou menos assim. Um tipo de fisionomia repulsiva, manejando enorme bule de folha, vazou nelas uma beberagem turva. Baixei a cabeça, vi um pãozinho redondo sobre a tábua; no líquido frio boiavam cadáveres de moscas. Não percebendo em roda sinal de nojo, tentei vencer a repulsa, mastigar a comida insuficiente. Em vão busquei dividi-la: a massa obstinou-se, pegajosa, mole: tinha a brandura resistente de borracha. Soltei-a, fiquei algum tempo a olhar as moscas mortas. Enfim me decidi: retirei-as, bebi o caneco de água choca. Seria mate? Veio-me a idéia extravagante de que a miserável insipidez era uma infusão de capim seco. Nada me levava a supor isto, mas a idéia permaneceu. O rumor de centenas de corpos em movimento deu sinal de regresso. Ergui-me, saltei o banco, ia enfileirar-me quando um vizinho me bateu no ombro, indicou o pão elástico abandonado sobre a mesa:

- Vai deixar isso?

- Claro.

No rosto do homem havia espanto e censura: - Guarde. Vai precisar depois.

O enjôo me impedia aceitar o conselho prudente; murmurei a recusa maquinal jogada à noite

diante das manchas quase invisíveis num prato invisível:

- Obrigado. Não tenho fome.

O sujeito, rápido, meteu o pão no bolso. Entramos em forma, voltamos, cabisbaixos e de braços cruzados. Houve uma azáfama no alojamento: desfizeram as camas, espalha ram-se no curral, estenderam lençóis e esteiras ao sol. Deixei-me arrastar, sem perceber direito porque nos mexíamos, achei-me sentado junto a uma cerca de arame. Lembro-me de ter lançado esta pergunta várias vezes: quantos éramos? As respostas divergiam, mil, novecentos, e obstinava-me na indagação, como se tivesse grande interesse em fixar o número exato. Convenci-me enfim de que éramos novecentas pessoas; a curiosidade esfriou e derramou-se.

Na leve neblina da manhã uma sombra vermelha passou perto de mim; atentei nela, distingui nos ombros de um rapaz moreno o poncho revolucionário de Tamanduá. Nas idas e vindas, no interminável borbulhar de espuma, os objetos deslocavam-se, em trocas, em ofertas. Surpreendeu-me ver muitos indivíduos com as roupas pelo avesso, os bolsos para dentro. Era desnecessário explicarem-me a razão dessa cautela: a singular sociedade permitia o furto e resguardava-se, nem sequer fingia

dissimular os receios. Talvez o rapaz moreno houvesse abafado o poncho rubro.

Novecentos homens num curral de arame. Pensei na estridência, nos arrepios de Tamanduá: - "Bichos, vivíamos como bichos." A grade tinha ficado aberta. Além dela passavam criaturas meio nuas, varrendo a prisão. Que nome tinham as plantas esguias do monte próximo? Novo esclarecimento me chegou: piteiras. Bem. O guarda vesgo de roupa branca se excedera: ainda me restava o direito de informar-me. Estavam ali novecentas pessoas e as árvores finas se chamavam piteiras.

Vi organizarem-se as filas do trabalho e incorporei-me numa, ao acaso: mandar-me-iam com certeza carregar tijolos, pois me faltava habilidade para o serviço na horta ou na cozinha. No transporte de tijolos ocupava-se a maioria dos presos. Avizinhamo-nos pouco a pouco de um tenente de polícia, alto, de beijo rachado, que fazia a distribuição. O companheiro da retaguarda sussurrou-me a alcunha dessa figura: Bicicleta. Procurei o motivo do apelido curioso, nada vi semelhante ao objeto da comparação: um homem atento, grave, de rosto inexpressivo. Ao chegar a minha vez, examinou-me de relance e determinou conciso:

- Volte.

- Porquê? murmurei atrapalhado, esquecendo o lugar onde me achava.

- Está doente.

- Não. Estou bem, respondi à toa, vexado com a exclusão.

Seria uma preferência injustificável? Bicicleta passou-me o rabo do olho e insisti:

- Volte.

Saí da fila, dei as costas, de novo me sentei ao pé da cerca, apoiando-me numa estaca. A minha fraqueza era então visível, julgavam-me incapaz de resistir ao peso de três tijolos. Não me sentia tão combalido, apesar de mexer-me a custo, e afligia-me o pensamento de lesar Vanderlino, os homens do Paraná e do Rio Grande, enviados em turmas. A exceção me envergonhava: tinha aparência de favor, e isto era desagradável. Algumas palavras em conversa ligeira dissiparam-me os escrúpulos.

- Que idade tem o senhor? perguntou-me alguém. Veio-me o desejo de conhecer o meu aspecto:

- Calcule.

- Sessenta e cinco anos, disse o interlocutor sem vacilar.

- Por aí, pouco mais ou menos, concordei num abatimento profundo.

Sessenta e cinco anos. Andava em quarenta e três, quarenta e três e meses. Atribuíam-me sessenta e cinco. Essa carga de vinte e dois anos explicava a recusa do oficial: - "Está doente. Volte." Uma espiada de través e a decisão: - "Volte." A noite, o ansejada Aguiar, vendo-me curvo, a arrimar-me à parede, tinha-me oferecido uma cadeira. Percebia agora porque me haviam mandado reunir os novatos no fim do alojamento a velhice me permitia essa infeliz vantagem. Mas achava-me tão bambo, tão murcho, que me deixavam logo em sossego. Uma ruína, imprestável, nem servia para carregar tijolos. Para bem dizer, o estômago desaparecera; a dormência da perna alcançava o joelho; as ferroadas no pé da barriga não cessavam. As dores, o torpor e o vácuo não me pareciam contudo sintomas graves, e espantava-me sabê-los perceptíveis. Sessenta e cinco anos. Se pudesse ver-me num espelho, notaria medonhos estragos, devastação. O guarda manco e vesgo afirmara: - "Aqui não vêm corrigir-se. Vêm morrer." Certamente. Era assombroso, porém, aquilo realizar-se tão depressa. A morte se aproximava, surrupiava-me de chofre vinte e dois anos; o resto iria sumir-se, evaporar-se. Antes de saber isso, distraía-me

buscando articular frases e gestos, olhando os montes e as piteiras a emergir da luz e da bruma, o pátio claro, as árvores douradas. Num instante a curiosidade amortecia. O poncho vermelho de Tamanduá voejava perto, dava ao rapaz moreno uma vaga feição de ave provocadora, a bater as asas agourelas. Já não me interessava descobrir se ele estava ali por compra ou furto. As dores no ventre e o torpor na coxa avivaram-se. Incrível: tinham notado isso melhor que eu. Devia achar-me na verdade muito doente. A luz ruim dos cubículos do Pavilhão debilitara-me a vista: para ler, era-me preciso afastar o livro, esforçando-me por conter a dança caprichosa das letras. E havia também a estranha insensibilidade, o desaparecimento repentino dos desejos sexuais. Todos os sentidos esmoreciam. Velho. A decrepitude me agravaria as macacoas se a sentença do guarda não fosse realizar-se. Quando seria? Onde iriam enterrar-me? Dentro de uma semana, alta madrugada, os faxinas me levariam para um cemitério pequeno e lá me deixariam, anônimo. Depois, o silêncio. Uma semana de jejuar. O organismo achacado não resistiria mais. Sessenta e cinco anos. Na véspera, coxeando nas ladeiras, era-me impossível imaginar tal coisa. A gente mais ou menos válida tinha saído para o trabalho, e no curral se desmoronava o rebotalho da prisão, tipos sombrios, lentos, aquecendo-se ao sol, catando bichos miúdos.

Os males interiores refletiam-se nas caras lívidas, escaveiradas. E os externos expunham-se claros, feridas horríveis. Homens de calças arregaçadas exibiam as pernas cobertas de algodão negro, purulento. As mucuranas haviam causado esses destroços, e em vão queriam dar cabo delas.

Na imensa porcaria, os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga. Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim não nos enganavam. Estávamos ali para morrer.

RECOLHERAM-NOS, fecharam a grade, fomos arriar pelos cantos as nossas morrinhas. Tinham espalhado no galpão uma camada espessa de areia, e quando entramos, acabavam de jogar nela baldes de água. Supus nisso um desígnio perverso: obrigavam-nos a descansar no chão molhado. Reconsiderei: talvez quisessem apenas reduzir, pelo menos algumas horas, a poeira sufocante. Recebi uma esteira nova e curta. Estendi-a no chão, perto do lugar onde me havia estabelecido na véspera. Sentei-me, abri a valise, receoso de algum furto durante a ausência. Tudo em ordem, meias, cuecas, lenços, uma toalha miúda, a provisão de cigarros e fósforos. Ainda nenhum furto, mas era conveniente não separar-me dos troços: as roupas vestidas pelo avesso anulavam tristezas, davam-me desejo de rir e sugeriam-me cautela. Um grito e um aceno levantaram-me, aproximaram-me do negro que fizera a chamada e ordenara a organização das filas.

- O seu número é 35.35, anunciou.

Fiquei um momento absorto, pouco a pouco me inteirei da supressão do meu nome, substituído por quatro algarismos.

- 35.35, não se esqueça. - Está bem.

Nada mais ouvindo, afastei-me e colhi informações. Não sei porque o sujeito me impressionara. Chamava-se Cubano, tinha este apelido. Em geral se usavam pseudônimos naquele meio: Gaúcho, Paulista, Paraíba, Moleque Quatro. Cubano dispunha de autoridade enorme. Na falta dos guardas ou do anseçada Aguiar, mandava e desmandava; submetia-nos a disciplina rigorosa e uma denúncia dele trazia os castigos mais duros a qualquer um. Ao chegar a primeira leva, esse vasto poder se confiara a Moleque Quatro, mas a enérgica personagem, forte na capoeira e no samba, não dera conta do recado e em pouco tempo se degradava no transporte das vigas, um tormento. Cubano agüentava-se no papel de cão de fila. Era um sujeito de meia altura, encorpado, grave, de fala macia. O cocuruto principiava a desnudar-se, ia tomando feição de tonsura. Caminhando, movia-se todo, para um lado, para outro, como se as juntas não funcionassem bem. Essa maneira de andar, reumática, dava-lhe jeito de boneco e de longe o tornava reconhecível pelas costas. Naquela manhã apenas me disse e repetiu o número

do batismo: 35.35. Ou 33.35, não me lembro direito. Recordo-me dos algarismos, extinguiu-se a disposição deles. Extinguiu-se de chofre: ao deitar-me na esteira, já se baralhavam, apesar do aviso: - "Não se esqueça." Na chamada seguinte Cubano berrou o número muitas vezes, debalde; convenceu-se depois de que me era impossível tê-lo de cor e deixou de mencioná-lo.

- Formatura geral.

Agitação de carneiros, entrada ruidosa nas filas. Estive alguns minutos de pé, aguardando a causa do movimento. O cochicho de um guarda, e voltamos aos nossos lugares. Novamente a exigência de Cubano:

- Formatura geral.

E o tropel de bichos mansos na areia molhada. Ordem para debandar, regresso às esteiras, às camas, às tábuas juntas ao fundo. Terceiro chamado, quarto, quinto. Havia tábuas e camas, perto das paredes; não as notei a princípio, e na barafunda perdiam-se; mais tarde consegui atentar nelas. Os homens do trabalho foram chegando, sujos de pó vermelho, suarentos. Cerca de meio-dia saímos do galpão, outra vez nos dirigimos ao refeitório. Vi-me sentado entre as figuras vagamente percebidas pela manhã. A direita enxerguei o rapaz que havia metido o pão no bolso. Colheres e pratos de folhas tiniram, chocando-se na

distribuição, e logo veio a comida: feijão negro, farinha, um pedaço de carne. Uma insignificância, ninguém podia alimentar-se com tão pouco.

Mas o que me assombrava era o aspecto da bóia. Horrorizei-me, pensando em vômito, em lata de lixo. Afirmo a mim mesmo ser impossível um estômago suportar aquilo, observava o contrário, numerosas pessoas devorando sôfregas, insensíveis à porcaria e ao cheiro teimoso de podridão. O olfato, o paladar e a vista acomodavam-se às circunstâncias. E havia um clamor surdo. Evidentemente não se abalançariam a pedir qualquer coisa. Mas achavam-se esfomeados, novecentos indivíduos esfomeados a procurar migalhas nos pratos vazios. Gestos aflitos, desespero nos rostos, um sussurro a aumentar, queixa longa. Não os inquietava a qualidade: atormentava-os a insuficiência da refeição torpe. Em redor de mim tudo se consumira, e obstinava-me a chupar o cigarro, olhando a infame ração. Na farinha escura havia excremento de rato. Apesar da náusea, parecia-me necessário comer, retardar a previsão do guarda zanolho. Chegaria afinal a habituar-me, como os outros, conseguiria vencer o enorme enjôo, matar a sensibilidade. Fiz um tremendo esforço, meti na boca uma colher de feijão, engoli rápido. Um gosto horrível deu-me tremuras. Percebendo-me as contrações, um

vizinho me segredou que deitavam potassa no feijão para cozinhá-lo depressa. Atordado, recusei-me a aceitar a informação. Depois caí em desânimo profundo, continuei a fumar, os cotovelos na prancha, num desfalecimento, as pálpebras cerradas. Não havia meio de evitar o medonho vaticínio do zarolho.

Tocaram-me o ombro direito, saí da inércia, notei um pedido faminto na cara do homem que havia metido o pão no bolso. Compreendeu-me a renúncia muda, agarrou ávido o prato, deixou-o limpo num instante. A educação desaparecera completamente, sumiam-se os últimos resquícios de compostura, e os infelizes procediam como selvagens. Na verdade éramos selvagens. Esgotou-se o tempo, buscamos os nossos lugares, pusemo-nos em marcha; o zumbido lamentoso decresceu e findou na extensa linha resignada e lenta. A viagem curta esfalfou-me. Entrando no galpão, deitei-me e adormeci logo. O berro de Cubano despertou-me:

- Formatura geral.

Com certeza aquilo iria prolongar-se indefinidamente, não nos deixariam em sossego. Queriam apenas isto: mexer-nos, obrigar-nos à correria estúpida. Um sono pesado amortecia me as dores agravadas ultimamente, e à ordem, sempre renovada, movia-me como sonâmbulo, procurando

adivinhar se estava muito longe o toque de silêncio. A princípio molhávamos os sapatos; mas a terra secou e depois do almoço uma nuvem de poeira se erguia à contínua deslocação. Atenuava se um pouco, engrossava, e mergulhados nela respirávamos com dificuldade e tossíamos. Ergui-me trinta vezes e andei como barata, da fila para a esteira, da esteira para a fila. As idéias baralhavam-se em confusão doida, um torvelinho; diluíam-se pensamento e vontade, a consciência falhava. Tentando agarrar-me a qualquer coisa, absorvia-me na contagem mecânica dos exercícios inúteis.

- Formatura geral.

Trinta vezes. Em seguida perdi a conta. E os sucessos em roda esmoreceram, findaram. A tardinha me achei na sala comprida, em frente do jantar, mas ignoro, como cheguei, como saí. A repugnância havia desaparecido. Insensível. nem vi quando o vizinho me retirou o prato imundo. Sei que fez isso porque assim procedeu vários dias. Não me lembro. As vozes abafadas, o rumor das colheres, o cheiro nauseabundo, a comida nojenta, as pranchas negras apagavam-se. Julgo haver dormido. Novamente no galpão.

- Formatura geral.

A revista, a enfadonha cantilena dos números, os guardas examinando as fileiras imóveis, os olhos sangrentos e maus do cafuzo, a investigar culpas. Noite. Irradiava-se per to das lâmpadas uma luzinha baça, os cantos do galpão mergulhavam na sombra. Debandamos, cessaram as chamadas e o burburinho espalhou-se.

Estendi-me na esteira, a arquejar, descoberto, sem ânimo de abrir a valise, retirar alguns panos, envolver a cabeça nua, defendê-la do ar frio. A esquerda, Vanderlino tentou puxar conversa. Não respondi, seria preciso demasiado esforço para entendê-lo. E o solilóquio do vizinho morreu. A direita, um homem se acocorou. Distingui o riso irônico e a mancha de cabelos brancos de Gaúcho, o arrombador que me havia entretido na véspera. Seria bom conhecê-lo. Se não fosse a enorme fadiga, distrair-me-ia ouvindo o rapaz, buscaria sondar os pensamentos e os sentimentos de um ladrão, mas a curiosidade arrefecia, os músculos frouxos recusavam-se a gesticular, as pálpebras caíam e apenas me era possível enxergar a esquisita madeixa, o curioso ricto amável e sarcástico, nos membros e no peito marcas de tatuagens.

VEIO a ordem de silêncio e os corpos estenderam-se. Mas não ficaram em repouso e o silêncio era impossível. Findo o rumor tumultuário das conversas, formaturas, chamadas, combinações, rixas, avultava um ruído complexo feito de tosses, ofegos, arrotos, borborignos, ventosidades fraga rosas. O barulho dos ventres não me deixou descansar, estrondo cavo, ininterrupto. Ao cair na esteira, achava-me tão bambo que nem conseguia entender Vanderlino e Gaúcho. A fadiga permanecia, os olhos fechavam-se. Desejo imenso de dormir. Na véspera tombara no chão como pedra, e as coisas em redor tinham desaparecido num instante. Agora o sono vinha, fugia. As vezes me embrenhava em agoniada modorra, e logo um sobressalto me sacudia. - "Está doente." - "Que idade tem o senhor?" - "Calcule." - "Sessenta e cinco anos." Essas palavras me perseguiam. Na verdade o tenente Bicicleta devia ter razão. Um frio terrível, frio de maleita, a carne a eriçar-se, os dentes a ranger sem descontinuar. Haveria por ali um termômetro? Com certeza não era o contínuo rolar do ignóbil trovão que me causava a insônia. Durante o dia quase me imbecilizara na

agitação maquinal, os queixos desgovernavam-se em bocejos, a morrinha alquebrava-me e uma neblina me envolvera no refeitório. Desejava com desespero o esquecimento e a imobilidade. E na hora de aquietar-me lá vinham as pontas de alfinetes impedir-me o sossego. Julguei-me intoxicado pela colher de feijão engolida no almoço. Não era senão isso. Abreviara a sentença do guarda zarolho, querendo afastá-la. Marasmos curtos, estremecimentos. Os rancos medonhos das tripas enchiam a noite, secretas necessidades orgânicas a manifestar-se em público. Indignava-me o impudor coletivo, a ausência de respeito mútuo, e queria explicar esse comportamento sujo. Coitados. A miserável bóia lhes arrasara as entranhas, vencia melindres, anulava a educação.

As tremuras sacudiam-me, nos beijos queimados o cigarro colava-se. Não agüentei a posição horizontal, sentei-me, enojado, cuspiendo. Muitas criaturas velavam também, mexiam-se nas esteiras, gemiam, escarravam na areia, e ouviam-se vozes desconexas, divagações delirantes. Sem cessar vultos se erguiam, deitavam-se, gente se deslocava num vaivém contínuo, aglomerava-se no princípio do alojamento, à direita. A precisão de um mictório chegou-me forte, levantou-me, dirigiu-me àquele ponto. Já me havia achado ali, pela manhã, de volta do

curral, mas então o refúgio estava deserto. Agora havia ajuntamento, e o que percebi horrorizou-me. Estaquei indeciso à entrada, com desejo de recuar, mas a bexiga repleta obrigou-me a permanecer no lugar infame. Era uma sala quadrada, o chão de cimento. Pendiam do teto alguns chuveiros, quatro ou seis, e junto a uma parede se alinhava igual número de latrinas, sem vasos, buracos apenas, lavados por freqüentes descargas rumorosas. Em todas viam-se homens de cócoras, e diante deles estiravam-se filas, esperando a vez, cabisbaixas na humilhação, torcendo-se, a exhibir urgências refreadas a custo. Essa mostra indecorosa, a falta da mínima dignidade, encheu-me de vergonha e medo, tolheu-me a ação. Olhei com desespero em redor, procurando ver se não poderia urinar noutra parte. Não, evidentemente, era preciso aviltar-me incorporando-me num dos grupos. Absurdo. Uns restos de pudor fechavam-me os olhos, o quadro inverossímil sumia-se, isento de realidade, penosa visão de pesadelo. A tiritar, a arder, chegava a supor-me enganado pela febre, pedaços de sonho mau a torturar-me. O peso na bexiga impedia-me o regresso.

Encostei-me à ombreira da porta, os braços e as pernas a vacilar, braços e pernas de velho. - "Sessenta e cinco anos." A vista arruinada me iludia, e restava-

me uma consciência a minguar, consciência débil de sessenta e cinco anos. A necessidade intensa despertou-me. As linhas resignadas mexiam-se lentas. Abeirei-me de uma, entrei; a cena ignóbil dominou-me brutal, invadiu-me os sentidos. Esforçara-me por negá-la, ao menos atenuá-la; apesar da clareza, era um fato novo, inadmissível, qualquer coisa semelhante à aparição de um fantasma. Conseqüência da febre. Na porta, embalava-me nesta afirmação, a vista baça a espalhar-se no conjunto indeciso, evitando minúcias. Ingressando na fila, esse desgraçado recurso me fugia, o exame impunha-se. Caras macilentas, o suor a escorrer nas barbas crescidas; magrém e sujeira, chagas negras medonhas produzidas pela mucurana; fadiga, nudez mal disfarçada em trapos imundos; gestos de impaciência, inúteis pedidos silenciosos. As pessoas agachadas contorciam-se em longos tenesmos, retardavam-se arfando; limpavam-se em farrapos, lenços, fraldas de camisas, erguiam-se exaustas, e ao cabo de minutos várias iam de novo contrair-se numa cauda de fila. Passariam a noite a arrastar-se na viagem de alguns metros, nas horríveis estações. Os sucessivos jatos de água lavavam nádegas. Apesar disso, havia filetes de sangue às margens das latrinas, coágulos de sangue. Lembrei-me da informação cruel à hora do almoço. A potassa arruinava intestinos. Arriscara-me a ingerir uma

colher de feijão, e apavorava-me submeter àquela ignomínia. Já me submetera, não tinha meio de escapar, e ainda queria iludir-me. Era abjeto achar-me no desfile repugnante, obrigado a ver fisionomias decompostas em desmaio de cólicas.

Não sei que tempo estive a deslocar-me ronceiro. Passos curtos, paradas extensas, os olhos baixos, fingindo não perceber os dolorosos movimentos espasmódicos. Aguardava com dificuldade o momento de aliviar-me e sentia dores vivas na próstata. Afinal pude esvaziar a bexiga, livrar-me da exposição miserável, tornar ao galpão. Tinha sono, mas não consegui dormir. O frio espicaçava-me, os queixos batiam castanholas.

DE MANHÃ, no curral de arame, achei-me capaz de fixar a atenção, coisa que ainda não conseguira fazer. As minhas observações tinham sido fragmentárias e dispersas, as relações escapavam-me, havia sulcos na memória, fatos de pequena importância avultavam demais. Agora diminuía a perturbação. Tinha febre e uma tossezinha renitente me aperreava, mas as tremuras da noite já não me sacudiam.

Aquecendo-me ao sol, apoiado a uma estaca da cerca, distingui várias pessoas conhecidas: Aristóteles Moura; o português que no Pavilhão dos Primários cantava como galo; França, o padeirinho tuberculoso de riso franzido; Van der Linden, Mário Paiva, Manuel Leal, meus companheiros no porão do *Manaus*. Quando as turmas saíram para o trabalho e a gente inválida se recolheu, distraí-me a reparar na gaiola enorme. Da porta lateral do fundo corria uma linha de camas de ferro, juntas, as cabeceiras encostadas à parede; nenhum espaço entre elas; faziam ginástica para ocupá-las, galgando as extremidades. Ausência de colchões. Os forros eram esteiras presas com barbantes. Precaução

indispensável: se as deixassem soltas, desapareceriam. Esse exagero de cautela e as roupas vestidas pelo avesso não nos permitiam esquecer o meio onde nos achávamos. Era preciso vigiarmos sem descanso os nossos objetos; não me separava da valise. No muro oposto havia uma espécie de lavatório. Sempre as torneiras abertas, rumor contínuo de líquido nas pias, tilintar de canecos, chiar de escovas, lavagem de cuecas e lenços, a higiene precária dos tipos que voltavam das latrinas. Na água morna vinha areia, mas não tínhamos outra para beber.

A direita, perto da entrada, alojavam-se as criaturas mais doentes. Em cima de uma tábua um preto novo gemia grosso e arquejava, pedindo uma injeção de morfina. Perto da grade que dava para o curral um homem pálido e magro se consumia despejando hemoptises em duas bandas de lençol presas entre as coxas. Esses pedaços de pano agitavam-se como asas feridas; a criatura exangue suave, fechava os olhos e abria a boca, sem fôlego; a esteira da cama estava coberta de manchas vermelhas.

Atentando bem, reconheci o Neves, um sujeito visto meses atrás no Pavilhão dos Primários, cheio de mágoas recalçadas. Parecia um dos indivíduos postos à margem, sem que se perceba claramente a razão disto. Alarga-se e aprofunda-se uma vala em torno

deles. Tiveram responsabilidade num organismo revolucionário, mas sentiram-se de chofre envolvidos em desconfiança e amofinaram-se no desprestígio. Ignoram quem os acusa; os exames ponderados e as críticas se tornaram impossíveis nas mudanças repentinas de prisão. Alguns sujeitos se reúnem, discutem hoje, e amanhã se avistam de longe noutra lugar. Nem se conhecem direito. Surge uma dúvida sobre qualquer deles, reforça-se, não há meio de verificar se é justa ou injusta. Escasseiam as informações, truncam-se as notícias, e em vão nos esforçamos por evitar uma credulidade infantil, conseqüência do isolamento. Vemos um capitão de nariz bicudo a cochichar, supomos que está fazendo uma trança miserável nos cubículos. Notamos desagregação quando ele sai e afirmamos: - "É da polícia." Mas não temos plena certeza. E os fuxicos brotam, indicam-se numerosos indivíduos suspeitos, denunciados pelo capitão de nariz longo. Afinal já nem conseguimos distinguir amigos de inimigos: o nosso parceiro no xadrez, no *poker*, na literatura, no coletivo, pode ser um agente policial disfarçado em comunista. Fechamo-nos em reserva silenciosa, tudo em redor é inconsistente.

Neves, pelos modos, era uma dessas criaturas ressentidas. No Pavilhão vivia à parte. E agora se

desfazia, derramava os pulmões nos dois pedaços de lençol, na esteira amarrada a barbante. Nenhuma queixa. O suor corria nos sulcos da pele cor de enxofre, os bugalhos sumiam-se nas órbitas profundas e a caveira estava tão visível como se se expusesse num ossuário. A resignação entrevista meses atrás na fila da comida, à porta de um cubículo. Resignação ou indiferença. Dentro em pouco o Neves iria enterrar, se ao pé de um morro, a família o procuraria em vão - ninguém se lembraria da existência dele.

Van der Linden e Mário Paiva também cuspiam sangue. No porão do *Manaus* tinham perfeita saúde. Mário Paiva me bebera meia garrafa de aguardente e me chateara em demasia: - "Lobato tinha uma flauta. A flauta era do Lobato." Pobre do Van der Linden. Já nesse tempo se isolava, cercado por antipatias contagiosas, vagas censuras encobertas. A velha blusa de mangas curtas exibia os braços finos, as costelas, o peito débil. Outro passageiro do *Manaus*, o *chauffeur* Domício Fernandes, estava nas últimas: perdera a fala e certamente não regressaria ao nordeste.

No fim do galpão, sobre enormes tábuas, arrumavam-se muitas pessoas. Devia ser ali, distante dos guardas, que se faziam as reuniões clandestinas de que recebi notícia pouco depois. O exame do ambiente desviou-me as idéias negras, a certeza da

morte próxima. Via antigos companheiros finarem-se e apegava-me a insensatas esperanças: não me achava como eles. As misérias patentes - gemidos, queixas, vozes dúbias, escarros vermelhos, dispnéia - livravam-nos dos perigos incertos que em vão queríamos figurar. - "Vêm morrer." Experimentamos um choque. O pior é não saber a gente como vai morrer. Ali no canto da sala enorme, à direita, os nossos receios se limitavam: desapareceríamos daquele jeito, iguais ao Neves, a Domício Fernandes, ao negro ansioso que pedia uma injeção de morfina. Essa perspectiva de nenhum modo era desagradável; tínhamos imaginado torturas, a chama do maçarico devastando carnes, e o consumo lento, a inanição, quase nos surgia como favor. Provavelmente uso subterfúgios, justifico-me de não haver sentido compaixão excessiva diante dos cadáveres que ainda se mexiam. Os vivos preocupavam-me; ao desespero e ao desânimo sucedia uma intensa curiosidade. Já não me achava obtuso, conseguia refletir.

Esse dia foi menos agitado que o primeiro. A cantiga dos números e as formaturas espaçaram-se, às vezes ficávamos em paz uma hora, encaixando-nos pouco a pouco na rotina da prisão. Horrível era entrar no refeitório, sentar-me num banco, envolver-me na fumaça do cigarro, os cotovelos em cima da prancha,

os olhos fechados. O vizinho à direita comia sôfrego, num mastigar enervante, depois me arrebatava o prato imundo. Necessário tapar as narinas; impossível agüentar a vista e o cheiro da coisa sórdida. Novamente no galpão, a fumar, um embrulho no estômago. A curiosidade se extinguiu logo, sem dúvida.

RETIRARAM-NOS do galpão, conduziram-nos a uma sala onde seríamos fichados. O hábito nos enfileirou diante de uma banca, e o responsável por aquele serviço, rapaz de boa aparência, metódico e vagaroso, nos submeteu à praxe enfadonha das inquirições regulamentares. Recém-chegados, calouros, íamos afrontar um longo questionário a desdobrar-se na larga folha amarela, diferente das fichas até então conhecidas.

Vi de longe numerosas linhas de papel extenso, quesitos imprevisíveis que nos encheriam de espanto. Haviam-me citado num deles no Pavilhão dos Primários: - "Tem vícios secretos?" O funcionário cuidadoso ali presente, decompondo um dos meus amigos, traduzira a pergunta assim: - "É pederasta passivo?" Tinha-me falado nisso meses atrás, e parecera-me inacreditável que alguém tornasse mais cruel e mais grosseira a horrível injúria.

Nordestinos e paranaenses iam-se deslocando pouco a pouco, estacionavam junto à banca, zumbidos monótonos aliavam-se aos cochichos burocráticos. Estaria o moço a ultrajar Macedo e o velho Eusébio

daquele jeito? As vozes esmoreciam como num confissão, a pena chiava na folha amarela. Dois passos, uma demora comprida. Afinal percebi a fala engrolada de Zoppo, em frente a mim.

- Com dois *pp*? indagou o empregado metuculofo, aferrando-se a uma consoante.

- Com dois *pp*, afirmou Zoppo. - Italiano?

- Filho de italianos.

E as indiscrições da norma estenderam-se num sussurro; palavras soltas perdiam-se. Agucei o ouvido em busca do insulto. Nada ouvi. Findas as declarações, Zoppo desviou-se, foi juntar-se com outros, a um canto. Avizinhei-me. O funcionário passou-me a vista, rápido, e indagou:

- Apendicite?

O rapaz era médico, o hábito profissional se revelava no exame instantâneo.

- Não. Psoíte. Há uma eventração. - Deixe ver.

Abri a roupa, mostrei o pé da barriga. O homem palpou-me a cicatriz doída:

- Realmente. Se quiser, nós podemos operar isso.

- Aqui, doutor? gaguejei num sobressalto, metendo os pés pelas mãos. Obrigado. Não estou com desejo de suicidar-me.

Notei o escorrego na inconveniência, detive-me confuso. O moço ergueu os ombros, sorriu e principiou o interrogatório. Admirei-me de ver um tipo educado sujeitar-se àquele ofício e achei improvável que ele houvesse jogado a horrível ofensa a uma criatura indefesa. Os modos eram corretos, frios, mecânicos; as palavras incisivas, rápidas, indispensáveis. Lançava-me um olhar de través, lia as declarações prestadas, às vezes escrevia duas, três linhas sem fazer perguntas. Derreando-me capenga, distingi no papel a insolência imunda; a caneta andava muito depressa, num minuto ia alcançá-la. Estúpida exigência. Evidentemente não me seria possível dar nenhuma resposta: se um infeliz tem vícios secretos, não os vai confessar. Resolvi calar-me, embora isto me trouxesse conseqüências desagradáveis. Não queria admitir que alguém se atribuísse o direito de me falar daquele modo. Sentia-me num enxurro, nivelava-me a ladrões, vagabundos, malandros, escórias das favelas, reduzida a apanhar no chão pontas de cigarros, e, apesar de tudo, achava impossível dizerem-me tal coisa. Talvez dissessem, mas, se me conservasse mudo, provavelmente não

insistiriam: sem dificuldade haveriam de compreender que a frase torpe não fora redigida para mim.

A pena alcançou a injúria, suprimiu-a com um risco, desceu uma linha. Procurei os olhos do médico; estava de cabeça baixa e não parecia ter querido ser amável. A áspera delicadeza apenas significava a eliminação de um quesito inútil. Diabo. Não é difícil notar, depois de alguns minutos de conversa, que um indivíduo não é homossexual. E o médico, trabalhando no meio sórdido, conhecia essa gente, sem dúvida. Na linguagem crua, tencionava ser claro, sem rodeios. Julgava enxergar num rosto fugitivos indícios ambíguos e largava a expressão adequada; provavelmente isso não molestaria os indivíduos num lugar onde a inversão sexual era fato comum. O trabalho acabou e despedi-me em silêncio, evitando qualquer sinal de agradecimento: seria idiota agradecer não me haverem ofendido.

Regressando ao alojamento, esforçava-me por não julgar à pressa, investigar a razão de certos atos prejudiciais lá fora, mas talvez indispensáveis ali dentro. Inclina-me a justificar tudo. Esse exagero de compreensão pode ser funesto, levar-nos a aceitar iniquidades: examinamos as coisas, inertes, e somos incapazes de revolta. Uma impertinência começou a roer-me o espírito: se o médico me houvesse dirigido

a infame pergunta, achar-me-ia disposto a analisar-lhe o procedimento, buscar explicações? Retraí-me vexado. Eximira-me pouco antes de fazer um gesto de reconhecimento; agora desculpava o sujeito, e isto me aperreou. A condescendência de um agente policial, a cortesia desdenhosa, às vezes redundante em suborno. Precisamos ter os olhos muito abertos. Caímos numa excessiva desconfiança, somos injustos com pessoas bem intencionadas; não conseguimos divisar os elementos de corrupção que nos cercam. Depois de ter vacilado, a acusar e a defender o médico, a ação de um companheiro de viagem deu-me fúria de cachorro doido. Sumiram-se de chofre as ponderações. Não refleti, achei-me num instante inimigo do homem, irreconciliável. Tínhamos entrado no galpão. Um sujeito do Paraná falou-me risonho, tão risonho que ninguém lhe adivinharia qualquer sentimento ruim:

- Faz favor de me dar um cigarro?

Estendi-lhe o maço. O rapaz tirou um cigarro e deitou-me um níquel de cem réis na mão. Sem abarcar direito a mesquinharia estúpida, senti uma onda quente subir-me ao rosto. Logo o frio me envolveu. Súbita explosão e blocos de gelo a desmoronar-se. Revi o porão da lancha. O meu paletó se abria em cima das tábuas, e o fumo comprado em Mangaratiba estava ao alcance das figuras piongas, de cócoras. Não

se lembravam de pedir. serviam-se naturalmente. No Abrão viera-me o plano de contrabandear cinquenta maços obtidos numa bodega; ocultos em bolsos de capotes e dobras de redes, vários se tinham extraviado no caminho. Não me ocorrera a sovínice de contá-los; seria miserável ter dúvidas, naturalmente haviam caído; as explicações me atrapalhavam. O meu gesto deve ter sido instantâneo, não dei tempo ao sujeito de riscar um fósforo. Tomei-lhe o cigarro, sacudi-o no chão, com a moeda. O sorrisinho encolheu-se e findou nos beijos odiosos. Voltei as costas. E nunca mais pude olhar essa criatura.

GAÚCHO começou a procurar-me. A noite acocorava-se junto à minha esteira, ficava até a hora do silêncio a entreter-me com a narração das suas complicadas aventuras. Esforçava-me por entendê-lo, às vezes o interrompia buscando compreender alguma expressão de gíria. Vanderlino trocava-me em linguagem comum a prosa obscura, e na ausência dele a conversa arrastava-se, cheia de equívocos e repetições.

- Os homens, dizia Gaúcho, dividem-se em duas classes: malandros e otários, e os malandros nasceram para engrupir os otários.

Ria-me com a franqueza do meu esquisito amigo:

- Eu, naturalmente, devo figurar na categoria dos otários, não é verdade?

- Se vossa mercê não é malandro... Só há duas classes. Logo no segundo ou terceiro encontro o arrombador me fez esta observação curiosa:

- Vossa mercê usa panos mornos comigo, parece que tem receio de me ofender. Não precisa ter receio, não; diga tudo: eu sou ladrão.

- Sim, sim, retruquei vexado. Mas isso muda. Lá fora você pode achar ofício menos perigoso.

- Não senhor, nunca tive intenção de arranjar outro ofício, que não sei nada. Só sei roubar, muito mal: sou um ladrão porco.

Diversos profissionais corroboravam esse juízo severo, ostentavam desprezo à modesta criatura. Eram em geral vaidosos em excesso, fingiam possuir qualidades extraordinárias e técnica superior. Tentavam enganar-nos, talvez enganar-se, mentiam, queriam dar a impressão de realizar trabalho perfeito. Não se misturavam com os indivíduos comuns, e o natural expansivo do escrunchante exasperava-os. Obtive lápis, papel, comecei de novo a tomar notas, embora fosse quase certo jogá-las fora.

- Ó Gaúcho, perguntei, você sabe que eu tenho interesse em ouvir as suas histórias?

- Sei. Vossa mercê vai me botar num livro. - Quer que mude seu nome?

- Mudar? Porquê? Eu queria que saísse o meu retrato. Logo se esquivava, humilde, engrandecia os talentos de alguns companheiros:

- Mas vossa mercê está, perdendo o seu tempo comigo. Eu sou um vira-lata. O pouquinho que faço, aprendi com minha mulher, que é uma rata de valor: trinta e duas entradas na Casa de Detenção. Aqui vossa mercê encontra muitos homens sabidos. Conhece Paraíba? Paraíba tem cabeça, é um vigarista de respeito. E seu Nunes? Moço de qualidade. Procure Marcelle, o maior de todos, escroque internacional. Vossa mercê fala com ele numa língua estrangeira, que Marcelle não sabe português nem entende a nossa gíria.

Já me havia detido no exame desses tipos. Paraíba era um mulato pretensioso, cheio de lábias e sorrisos; gestos brandos, voz dulçurosa. Nunes, uma besta, vivia a mencionar a importância da família. Achava-se ali por engano, e qualquer dia os parentes, com influência no governo, mandariam buscá-lo. Um idiota. Não me disseram como se chamava o terceiro indivíduo. Tinha no peito o nome de Marcelle, em tatuagem magnífica, e daí lhe viera essa alcunha feminina. Só uma vez me aproximei dele. Vestia um calção de banho, tinha-se fatigado a carregar tijolos. Estendeu-se na areia, as mãos debaixo da cabeça, esteve alguns minutos olhando o teto. Virou-se, descobriu perto um grupo e indagou lento, carregado e gutural:

- Como é que se vai fugir daqui?

Fingiram não ouvi-lo, o homem renovou a pergunta usando as mesmas palavras, como se as tivesse de cor:

- Digam. Como é que se vai fugir daqui? -
Provocação, rosnou um sujeito.

E o grupo dissolveu-se.

- Covardes, grunhiu Marcelle.

Voltou-se, continuou de barriga para o ar, olhando o teto. Vivíamos entre delatores, um vagabundo estava ali de orelha à escuta e levaria a imprudência ao tenente Bicicleta. Provável. Também podíamos julgar Marcelle um espião: largara a frase para sentir o efeito dela e denunciar alguém. A prudência fechava as bocas. Nesse meio fecundo em ciladas a confiança de Gaúcho me sensibilizava.

- Seu Nunes me fez hoje uma proposta, e eu estou pensando em topar esse negócio quando sair daqui. São quarenta contos de jóias para dividir com seu Nunes: metade para cada um. Ele me dá a planta da casa e eu entro de olhos fechados. Que é que o senhor acha?

Não podia deixar de rir-me ouvindo semelhante consulta. Depois me interessava pelas transações do

meu novo amigo, temia um fracasso e arriscava-me a dar-lhe conselhos:

- Eu, no seu caso, não aceitava. Nunes é um imbecil. Porque é que você não trabalha só? Que precisão tem de sócios?

O escrunchante ponderou e, se não me engano, a oferta de Nunes foi recusada. A noite Gaúcho ficava uma hora de cócoras, junto à minha esteira, a divagar por numerosas aventuras. A posição incômoda não o fatigava. Queria instruir-me e ambicionava ler tudo aquilo impresso.

- Vou comprar esse livro. Quanto custa?

Erguia-se, tentava reanimar Paulista, criatura arrasada, um molambo:

- Se vire, homem, tenha coragem. Desse jeito você endoidece.

Paulista ouvia sem nenhuma reação, a cara inerte, os braços caídos, a agüentar-se mal nas pernas bambas, a boca entreaberta, quase sem fôlego, murcho, pálido como um defunto. França andava a empurrar idéias revolucionárias no espírito rombo desse infeliz, e a aprovação tácita, a passividade, a falta de resistência davam-lhe esperanças absurdas. A

teimosia cega do padeiro alarmava-me. Aquela gente estava perdida, sem esforço víamos isto

- Se vire, insistia o ladrão.

Voltava a agachar-se ao pé da esteira:

- Não sei como certas pessoas se metem nesta vida. Eu tive um aprendiz assim, não dava. Foi um pivete muito ordinário, e quando cresceu, chegou a descuidista, não passou a ventanista. E queria ser escrunchante. Eu dizia: - "Rapaz, deixa de novidade. Tu não tens nervos para lunfa." Mas o desgraçado teimava em me acompanhar: - "Me leve, Gaúcho." Eu cedia. Botava a caneta na fechadura, e o garoto começava a tremer. Um dia se estrepou. Arrumei um assalto, guardei na memória a casa toda e a vizinhança.

- Como é que vocês conseguem isso? interrompi.

- Bom. É preciso estudar o terreno, bancar vendedor ambulante, consertador de fogões, caixeiro de venda. Eu às vezes me emprego, faço o papel de criado uma semana, saio com as peças de cor, o lugar dos móveis: posso trabalhar no escuro. Já lhe disse que minha mulher é uma rata de valor? Junto dela, eu não valho nada. Não é do escruncho, faz o serviço às claras. Entra num botequim: - "Será que d. Esteia, a

moça do setenta e cinco, está doente?" Arranja a informação de um carregador: a moça do setenta e cinco não é d. Estela, é d. Zulmira. Sai, volta no outro dia, fica bebendo cerveja, espiando o setenta e cinco. Depois de algumas visitas, conhece os nomes das pessoas, os costumes da família, a hora da missa e do cinema. Enfim, achando o campo livre, dá o golpe: avança, empurra sem cerimônia o portão do jardim, aparece na cozinha: - "D. Zulmira, a roupa." D. Zulmira foi às compras, a cozinheira e a copeira não sabem onde a roupa está. Aí minha mulher se aborrece, fala com energia a uma empregada: - "Minha filha, tenha paciência, faça o favor de ir buscar a roupa. Moro longe e não posso gastar o meu tempo com viagens à toa. Ou então diga a d. Zulmira que não volto. Ela marcou para hoje. Vá buscar a roupa, faça o favor." O pessoal fica tonto, á lavadeira vai ao quarto, estira uma colcha em cima da cama e agadanha o que pode, leva até rádio. Volta com a trouxa na cabeça, naturalmente: - "Adeus. Já vou. Lembranças a d. Zulmira." Isso às vezes dá certo, outras vezes não dá. Se não dá, é preciso ter a retirada livre. A gente prepara a saída

para o caso de ser necessário pirar. Como eu ia dizendo, o meu ajudante não prestava para nada. A última vez que me acompanhou endoideceu e nunca

mais se levantou. Arrombei a porta, fomos à copa, achei um queijo, comemos uma banda; piquei o resto e despejei querosene em cima.

- Porquê?

- Por nada. Só para fazer miséria. Subimos uma escada. Na sala da frente estava dormindo um casal de velhos. No guarda-vestidos afanei uma carteira com grana e um bobo. Um bobo, sim senhor, um relógio. Andei na casa toda, que não é direito sair deixando gaveta fechada. No oratório havia muito santo, mas nessas coisas de religião eu não mexo. Enfim consegui muamba regular para o intrujão. No derradeiro quarto vimos uma lindeza com os peitos de fora. Aí o sujeito perdeu a ação, ficou besta, de olhos arregalados, como se estivesse diante de uma imagem do altar. Puxei a manga dele, chamei e tornei a chamar: - "Vamos embora." Nem ouvia. De repente subiu na cama e deu um beijo na boca da moça. Calcule. Foi encanado e escrachado, natural. Larguei-me escada abaixo, soltei a muamba, saí da casa, atravessei o jardim, pulei a grade. Felizmente salvei a carteira e o bobo.

A curiosidade me levava a pedir minúcias:

- Ó Gaúcho, como é que você consegue destrancar uma fechadura?

O paciente indivíduo não se espantava da minha ignorância, mencionava a caneta, usava expressões técnicas obscuras. Aproximava-me do rosto o indicador e o polegar, manejava delicadamente uma pinça imaginária, introduzia-a num buraco, segurava com ela a ponta de uma chave, ia movendo a mão - assim - para os lados, avançava depois os dedos para os meus olhos. Falava com abundância - e a palavra e o gesto davam-me idéia viva da operação: vencido o obstáculo, a chave, impelida para diante, caía.

- Mas isso faz barulho, Gaúcho.

- Não senhor. Eu estiro um número do *Jornal do Brasil* por baixo da porta. Puxo o jornal e trago a chave. Se ela não vier, meto a gazua na fechadura.

Explicava a maneira de cortar uma vidraça, com diamante. Dava um murro no vidro, que se deslocava, batia sem rumor em cima do *Jornal do Brasil*.

- Ó Gaúcho, informei-me estranhando a repetição, porque essa preferência? Outro jornal não serve?

O ladrão refletiu e esclareceu, muito grave:

- Vossa mercê compreende: o *Jornal do Brasil* tem mais páginas, é mais grosso.

Vanderlino, na esteira próxima, divertia-se. E Gaúcho, exposta essa utilidade nova da imprensa, estendia-se por um dos seus numerosos casos.

UM SUJEITINHO de olho agudo foi visitar-me; acomodou-se na esteira e apresentou-se fanhoso: Nascimento. - O companheiro necessita alguma coisa?

Essa pergunta já me era familiar. Antes de me fazerem qualquer pedido, lançavam generosos o oferecimento. Não, obrigado; pudor excessivo me impedira aceitar no Pavilhão dos Primários um maço de cigarros. Agora, em completa miséria, o Coletivo esbarrava em dificuldade imensa para levar a alguém o mais insignificante auxílio, e a oferta perdia o sentido, quase se mudava em fórmula de cortesia.

- Obrigado.

O sujeito de voz nasal não insistiu e pegou assunto diverso:

- Bem. Nós precisamos do companheiro. Trago-lhe uma tarefa: corrigir isto.

Deu-me um pedaço de lápis e duas ou três folhas de almaço. cobertas de letra miúda, sem claros. Passei a vista nas primeiras linhas. Relatório a um deputado, narração minuciosa da Colônia.

- Perfeitamente.

Pus a valise em cima das pernas cruzadas e nesta espécie de banca iniciei o trabalho. Logo no segundo período, além de pequenas modificações, substituí uma palavra.

- Não senhor, opôs-se Nascimento. Esse troço foi discutido e vai como está. Nós desejamos é que você bote as vírgulas e endireite os verbos.

Reli o trecho, infeliz, desanimei:

- É impossível, meu caro. Isso não tem sentido. A correção é indispensável.

O homem refletiu um instante:

- Bom. O que posso fazer é levar aos outros o seu palpite. Eles decidem.

Tomou os papéis, encaminhou-se ao fundo escuro do alojamento, onde, sobre tábuas, várias pessoas se reuniam às vezes, cochichavam, rabiscavam. Além do padeirinho França, juntavam-se ali algumas figuras negras, curiosas: Claudino, esgalgado, rijo, sério, de voz áspera; Francisco Chaves, gordo e baixo, sempre em luta com dificuldades imensas de expressão; Aleixo, estivador na Bahia, se não me engano, criatura amável em extremo, a fala mansa, um brilho de inteligência nos vidros dos óculos redondos. Provavelmente esses indivíduos não iriam achar imprescindível a mudança

de um adjetivo, dispensariam a minha cooperação. Ao cabo de meia hora Nascimento voltou:

- A sua proposta foi aceita. Pode continuar. Recomecei. Vendo-me cortar uma frase, redigi-la de novo, o medianeiro quis retomar-me as folhas. Segurei-as:

- Um instante.

Li a página até o fim:

- Meu amigo, se você for reunir a célula para examinar cada emenda, isto não acaba. É absurdo. A redação está cheia de erros, sou obrigado a riscar muito. Vamos ser pra ticos: eu faço as correções todas, vocês estudam isso depois, em bloco.

O sujeito considerou, ronronou:

- É. Talvez seja melhor. Vou falar aos companheiros. Afastou-se, foi segredar a consulta, a um canto, regres sou:

- Eles concordam. Meta a cara no serviço.

A empreitada me levou dois dias. Em época normal estaria pronta numa hora, mas achava-me confuso e dificilmente conseguia fixar a atenção na prosa obscura. Surgiam-me dúvidas, via-me forçado a recorrer- a Nascimento:

- Que significa isto?

Obtinha a explicação, manjava o lápis sem gosto. Preguiça e bocejos. Que lengalenga comprida! Fatigava-me, guardava os papéis na valise. Retomava-os, escrevia alguns minutos, interrompia-me. Encolhido na esteira, Nascimento conversava durante essas pausas, dizia a utilidade presumível de um burguês como eu:

- Vamos supor que a gente amanhã tenha uma pretensão qualquer num ministério. Nós não sabemos tratar com ministros. Você pode servir de intermediário.

Ria-me da esperança louca!

- Meu amigo, você está equivocado. Eu não sou burguês, não exploro ninguém. Se fosse burguês, não estaria aqui. Não pertenço a nenhuma classe, vivo numa camada vacilante, sem caráter. E nunca me entendi com ministros, ando muito longe dos ministros.

Aleixo também me aparecia. Com certeza vinha sondar-me, agente da máquina secreta que funcionava na prisão. Misturava à linguagem dos manifestos e dos comícios expressões ambíguas, tão difíceis como a gíria de Gaúcho. As alterações de forma e sentido chocavam-me; convencia-me lento de que *proleta* era

uma redução de proletário. Defesa de criaturas perseguidas; juntavam-se naquele meio o vocabulário dos malandros e o dos militantes de organismos políticos ilegais; pouco a pouco esse aglomerado caótico invadia a língua comum. Aleixo referia-me greves, peleja nos sindicatos, rebeldia na estiva; narrava essa matéria violenta com doçura, baixinho, completa mansidão nos bugalhos cor de leite; parecia-me compor madrigais à revolução, enternecia-se por ela.

- Formatura geral! gritava Cubano.

Interrompíamos a conversa, procurávamos os nossos lugares. A lufa-lufa desaparecera, achava-me agora tranqüilo e mecânico. Um dia o moleque largou o berro de comando e voltou para mim o seu andar curioso de boneco de molas: - Quando eu mandar a formatura, não é preciso o senhor se incomodar não. Sente-se numa daquelas camas, lá no fundo.

- Obrigado, Cubano.

Escoreguei para trás das filas, instalei-me perto das pias. Habituei-me desde então a passar ali horas escrevendo. O local era inconveniente: da grade o polícia me via entre tido no arranjo da literatura explosiva do relatório. Alheio ao perigo, não tomei nenhuma precaução, e esta imprudência ainda hoje me

espanta. Findei os remendos, restituí os papéis a Nascimento, embrenhei-me na composição das minhas notas. Uma tarde, esfalfando-me nelas, vi a pequena distância um vagabundo a estirar o pescoço, a lançar à escrita olhadelas furtivas.

- Que é que há? perguntei com mau modo.

- Eu não queria interromper, disse o tipo. Estava esperando que o senhor acabasse.

- Para quê?

- Eu sou lavador. Se o senhor tiver alguma roupa suja, não se esqueça de mim. Lavo barato.

- Sim. Está bem.

Certamente o indivíduo era espião, mas não achei que uma denúncia dele me fosse prejudicial. Naquele momento as folhas, recopiadas, andavam longe, sem dúvida, talvez já estivessem na câmara. Um soldado servira de portador. Havia diversos que se encarregavam disso. A direção do estabelecimento, de orelha em pé, esforçava-se por descobri-los.

AQUECENDO-ME ao sol da manhã pálida, vi um guarda além da cerca e dirigi-me a ele:

- O senhor me poderia fazer o obséquio de mandar trazer minha roupa? Estou com os pijamas sujos.

Não enxerguei no caso nenhuma ofensa ao regulamento, mas naquele estranho meio o mais insignificante pedido constituía infração; ninguém tinha o direito de reclamar. O sujeito lançou-me uma espiadela torva e rosnou algumas palavras de anuência contrafeita. Um rapaz, junto, ouviu o pequeno diálogo e teve a idéia infeliz de exigir qualquer coisa usando quase a minha linguagem. O funcionário arremeteu contra ele como um touro furioso, derramou impropérios em gritos, parecia querer derrubar a cerca.

Atordado, sem perceber o motivo da zanga súbita, responsabilizava-me de algum modo por ela; se não resolvesse imitar-me, o pobre moço não estaria a ouvir desaforos e despropósitos. Arrimado a uma estaca, pois a perna doente não consentia firmar-me direito, assisti com indignação impotente à cena

ignóbil. O tipo se descomedia num discurso trôpego e incoerente, avançava e recuava aos tombos, agitando os membros à toa. Num desses movimentos desordenados, avizinhou-se demais e senti no rosto uma baforada viva de álcool. Dependíamos, assim, de consciências turvas, já pela manhã, cedo, a extravagar. Qualquer ato nosso, qualquer gesto, provocaria doidas cóleras, e não havia meio de nos defendermos. Os restos de paciência do animal tinham-se esgotado comigo, a ira extravasava logo, atingia o primeiro indivíduo exposto.

Vinte e quatro horas depois, enquanto os homens se distribuía nas filas do trabalho, chamaram-nos para entregar os objetos deixados na secretaria, ao chegarmos. Alinhamo-nos, os braços cruzados, e o sujeito da véspera, novamente na embriaguez, começou a dizer números e a jogar pacotes por cima da cancela. De repente houve uma suspensão na tabuada e percebi o meu nome preso a um título: dr. Fulano de Tal. Aproximei-me, vi um saco de estopa negra, aberto, além do arame. Um embrulho arremessado caiu-me aos pés. Ergui-o, cheio de espanto: era uma trouxa úmida, escura, de causar nojo; pareceu-me que a tinham molhado, machucado, amassado, até dar-lhe a aparência de um bolo repugnante, seguro em cordões.

Voltamos à gaiola. Desatei os barbantes, desdobrei a coisa sórdida: a calça e o paletó surgiram, mudados em trapos de mendigo. Aí principiou a 'revelar-se a bondade estranha de Cubano, imperceptível quando ele cantava a lista da chamada e reunia o pessoal nas formaturas. O ar de tédio, gestos maquinais de fantoche; ninguém adivinharia aí um coração. Achei, contudo, que me ia tomar amigo daquele negro vagabundo, e não me iludi: a amizade até hoje resistiu. Era uma criatura esquisita, empenhada constantemente em nos prestar algum serviço, obrigando-nos às vezes a aceitá-lo à força. Nunca vi ninguém assim. Notando-me o apuro em descobrir lugar para a farpela enxovalhada, Cubano chegou-se, áspero e breve:

- Eu guardo a sua roupa.

- Será que você tem onde guardá-la, Cubano? hesitei, receando furto.

- Não se preocupe, disse o moleque decifrando-me o pensamento. Estando comigo, eles não mexem.

Tomou os panos, estendeu-os na cabeceira da cama, vizinha à porta. Fui acomodar-me na esteira, aborrecido com a exceção aberta para mim no curral de arame. Doutor, que estupidez! Essa ironia besta anunciava desgraça. Tinha-me esforçado por

esquivar-me, ser uma partícula invisível na turba, linha de quatro algarismos no catálogo de Cubano. Obrigavam-me a sair da massa anônima, personalizavam-me e, além de tudo, conferiam-me distinção perigosa. Aquilo era tão burlesco e tão lastimoso que me senti_ como um ator infeliz chamado à cena para receber vaia. Tive a impressão de me haverem posto um rabo de papel e orelhas de burro. O horrível escárnio levava-me ao desespero. Talvez não fosse escárnio: era possivelmente vaidade maluca, desejo de apontar no rebanho triste e submisso um animal diferente dos outros. Não me saía da cabeça o aviso do zarolho: - "Quem foi grande lá fora esqueça-se disto." Conselho supérfluo. Não me perseguia nenhuma recordação de grandeza: ocupava-me em ofícios miúdos e entregara-me à difícil manufatura de alguns livros pouco mais ou menos desconhecidos. Tinha razão para julgar-me um autor inédito. Curiosa deferência num lugar onde os homens se nivelavam, deitados na areia, nas esteiras podres. Revolvi os miolos, a buscar sentido no caso absurdo. Convenciam-se da existência de um doutor no meio ignóbil, a definhar na piolheira, o crânio devastado a máquina. A enorme queda e o imenso contraste deviam interessá-los. Era agradável ter ali uma importância extinta, lembrar isto, agravar a abjeção. - "Cruza os braços, chefe", ordenara-me no primeiro dia

um miserável pigmeu. Qualquer polícia bêbedo se esgoelaria dirigindo-me insultos, depois aludiria ao meu prestígio inexistente. A incoerência golpeava-me, e a chaga iria ser revolvida. O quesito infame exposto na ficha amarela vinha-me ao espírito, fixava-se: - "Tem vícios secretos?"

TORRANDO ao sol ardente, ficamos bem duas horas sentados no chão, esperando que o médico nos mandasse chamar para a consulta. Éramos uns vinte doentes, os mais arruinados, a tossir, a expor as horríveis chagas escuras, trabalho das mucuranas. Bocejando na demora longa, procurei distrair-me vendo o serviço na lavanderia próxima: à beira de um tanque, alguns indivíduos se atarefavam mexendo na água peças de roupa zebreada. A luz forte, o monte parecia avizinhar-se, e as pedras ferruginosas tinham cintilações ásperas. As piteiras se imobilizavam.

Entramos enfim, despimo-nos. E em fila, nus, passamos a um pequeno gabinete, segurando pijamas e cuecas. Sentado a uma banca, o moço que dias antes havia feito as nossas fichas iniciou o rápido exame inútil. Apesar da inutilidade, estivéramos duas horas ao sol para exhibir ali a magrem, a sujeira, a palidez. Mais tarde receberíamos alguns frascos de remédio, que seriam despejados na areia do alojamento. Não tínhamos confiança na beberagem. Que fazíamos então junto à mesa, despídos, a expor mazelas? O meu desejo era saber se me achava mal, se poderia resistir ainda algum tempo ou se me acabaria logo; buscava

adivinhar isso observando a cara e os movimentos do rapaz. Esperava também que não deixassem morrer de fome, na repugnância invencível à cenoura.

O doutor varejou-me a carcaça, deteve-se no pé da barriga, pela segunda vez exprimiu a idéia maluca de operar-me, atendeu à recusa e anotou os meus achaques. Afastei-me, vesti o pijama, estive uma hora a ver a linha avançar lenta para a formalidade burocrática. A pasmaceira me fatigava, queria recolher-me. fechar os ouvidos à tosse contínua, desviar-me das pernas cobertas de algodão negro, purulento. Quando nos retiramos, julguei impossível tornar àquela exibição desagradável.

Ao jantar, mandaram-me para a mesa dos doentes, num ângulo do refeitório; no prato de folha machucado serviram-me um caldo morno e ralo onde havia algumas rodela de b6ia s6rdida exposta sobre as t6buas negras dos cavaletes. Era uma insignific6ncia, mas n6o tinha o aspecto asqueroso da refei6o comum, e pude ingeri-la. Dois ou tr6s dias sentei-me entre as figuras macilentas, tomei a sopa desenxabida e escassa. De repente julgaram-me indigno da exce6o, talvez por n6o haver tornado ao consult6rio, devolveram-me ao lugar primitivo, e de novo me abati no banco negro, os cotovelos em cima das pranchas, os dedos m6dios comprimindo as

narinas, os polegares cerrando as orelhas, a boca aberta, os olhos fechados. O vizinho à direita engolia rápido, em seguida me retirava a bóia sórdida. Impossível comer. Agora o que me restava era o caneco de água choca, imitação de mate. Percebia a necessidade urgente de mastigar o pãozinho redondo e elástico; palpava-o com desânimo, a resistência viscosa trazia-me enjôo. Certa manhã, depois de beber o líquido sensabor, esqueci o ambiente, dirigi-me ao copeiro, distraído, como se estivesse num café:

- Quer fazer-me o obséquio de trazer mais? Compreendi logo o desconchavo, estremeci vexado com a perturbação do homem. Era um mulato claro, de fisionomia doce; vestia a zebra vergonhosa do estabelecimento. Ainda não me havia ferido a atenção, mas o singular procedimento que teve levou-me a examiná-lo rápido. Hesitante, dirigiu-se ao sujeito de cara repulsiva encostado à ombreira de uma porta, junto ao bule enorme e às forquilhas de pontas numerosas, cabides estranhos das vasilhas. Cochichou um momento, cabisbaixo, em grande embaraço. A criatura repelente descerrou os queixos num riso sinistro, jogou-me de través uma espiadela desdenhosa, soprou agastada:

- Quer mais, hem? Estamos num hotel, hem?

O mulato, confuso, aproximou-se do cavalete, murmurou sucumbido:

- Não pode ser. Desculpe. Eles não dão.

A voz suave num instante me revelou o moço. Já me havia impressionado; apenas de outra vez não estava assim trêmula. Era ele, sem dúvida. Acabou de falar, e as lágrimas correram-lhe no rosto pálido. Essa anormal sensibilidade me causou violento choque, e lamentei com desgosto a exigência imprudente que originara tal desarranjo no esquisito indivíduo. Era ele, recordava-me bem.

No encontro anterior não havia a tremura, a palidez, o choro; esquecer-me-ia dele se a voz dulçurosa não me escorregasse nos ouvidos, trazendo-me a cena meio apagada. Noite. Das lâmpadas mortijas espirrava uma luzinha curta, as sombras envolviam a sala estreita e longa, o ar se empestava com um cheiro de carniça. Entorpecia-me num banco, as mãos segurando a cabeça pesada. Em frente, em cima de tábuas vagas, manchas escuras num prato invisível. Perto, um vulto sem feições gemia um conselho frouxo: - "Coma. Faça um sacrifício. A comida está boa, foi preparada para os senhores. Experimente." - "Não. Obrigado. É impossível." Novamente a fala morna a embalar-me: - "Faça um esforço. Amanhã o senhor não terá isto. A comida está

boa. Experimente." Na sombra espessa os lineamentos perdiam-se; a amabilidade excessiva provocava-me uma sensação molesta, a náusea crescia; ignorando a significação daquilo, desejava afastar-me e esquecer a brandura pegajosa. Ao mesmo tempo achava-me ingrato.

Na claridade nevoenta da manhã, divisei os traços do homem, e a lividez, o pranto fácil, o tremor, a desculpa embrulhada revelaram-me a natureza dele. Era gordo, imberbe, os olhos mansos, um sorriso doloroso nos beiços flácidos. Embora visse ali um vivente a sofrer por minha causa, era-me impossível evitar a repulsa que sentira à noite da chegada, mas o nojo misturava-se à gratidão e ao pesar de haver estorvado o infeliz. Um infeliz, sem dúvida, firmava-me nesta convicção: tipo de sexo duvidoso, comum no ajuntamento da cadeia. A aparência equívoca e o procedimento invulgar causavam-me transtorno e a necessidade urgente de afastar-me e esquecer, embora dissesse a mim mesmo que a lembrança do caso iria perseguir-me. Nunca me vira na presença de um desses indivíduos assim cara a cara, sabendo-lhe as tendências. Pela primeira vez surgia-me um deles e facultava-me o exame imprevisto do corpo e da alma. Apesar de não me ser possível nenhuma comparação,

estava certo de não enganar-me. Era aquilo, sem dúvida.

A carranca feroz, a poucos metros, junto ao bule enorme e às forquilhas, enviava-me olhares assassinos. E o coitado permanecia de cabeça baixa, num constrangimento,

enxugando o rosto à manga da blusa. Imaginei ali um episódio sentimental: havia entre os dois possivelmente um drama, e o portador das forquilhas e do bule se enchia de ciúme e despeito vendo na frágil condescendência do amigo sinais de traição. Devia ser isso. A recusa brutal e o gesto provocador falavam claro. Essa idéia me trouxe horrível mal-estar, vergonha, como se me cumpliciasse a ignomínias; cresceu o desejo de levantar-me, regressar ao alojamento, cair na esteira, escrever as minhas notas, ouvir as greves narradas por Aleixo, os roubos de Gaúcho. Invadia-me, entretanto, uma indecisa mistura de sentimentos: chocavam-se a piedade, a tristeza, a admiração, o prazer de realizar uma descoberta. Não me ocorrera a existência de coração nessas anomalias; de longe, exclusivista e rígido, habituara-me a julgá-las sordidez apenas. As mulheres sempre exerceram sobre mim tirania excessiva, davam-me preocupações vizinhas da monomania, às vezes as imagens interiores mudavam-se quase em

visões, e isto era doloroso. Fantasias doidas impediam-me o trabalho. Pois, dedicando-me a elas inteiramente, nunca divisara em nenhuma a bondade manifesta ali próximo.

Na verdade era impossível transformar-me, vencer ó nojo que esses desvios me causavam. Era um nojo profundo, e em vão buscaria livrar-me dele. Mas uma evidência entrava

a impressionar-me: na torpeza nauseante havia alguma coisa muito pura.

NÃO VOLTEI ao refeitório. A presença do homem tímido e blandicioso era insuportável. Queria explicá-lo, justificá-lo; sentia-me cheio de agradecimento e asco. Nessa incompatibilidade, esforçava-me por esquecê-lo, mas a gordura fofa e a benevolência pegajosa estavam-me presas na lembrança, como esparadrapo. Contentava-me haver percebido um fato novo; ao mesmo tempo me aborrecia por ver que isso me perturbava idéias antigas, abalando valores assentes.

Busquei distrair-me compondo as notas infindáveis, confusas, em pedaços de papel arranjados nem sei como; provavelmente ninguém as leria: em momento de apuro seriam deixadas em qualquer canto, jogadas na água. A hora da comida esquivava-me para trás das filas, escondia-me ao pé do lavatório. O rebanho movia-se, transpunha a porta, conjugava-se numa extensa linha, atravessava o curral de arame, o pátio branco. E achava-me só, um livro na mão, espremendo os miolos inutilmente para entendê-lo. Pezunhava numa página, lia cinco, seis vezes, largava

a brochura, desanimado. A leitura se havia tornado impossível; contudo aventurava-me a escrever. Se aquelas folhas me aparecessem hoje, desconexas, medonhas, revelariam a minha perturbação, a fraqueza do espírito. As horas longas arrastavam-se, e era preciso enchê-las.

A escrita fatigava-me depressa, e arrojava-me teimoso a uma história simples apanhada na biblioteca do Coletivo. Era uma pequena coleção amarfanhada, triturada, suja, inteiramente de acordo com o lugar onde funcionava. Encontrei nela, inexplicavelmente, os três volumes que me acompanharam no dia da prisão e tentei decifrar no quartel do Recife e a bordo: lá estavam as dedicatórias de José Geraldo Vieira, Agrippino Grieco e Otávio de Faria. Essas artes tinham-me deixado o cubículo no Pavilhão dos Primários; agora, rasgados e sem capas serviam de pasto a ladrões, vagabundos e políticos. A forma de obtê-las harmonizava-se com o nosso meio.

Descobri alguns romances de José Lins, de Jorge Amado, meus. E, tanto quanto posso julgar, o mais lido era Jorge: apareciam-me com frequência, nas tábuas e nas esteiras, malandros, tipos das favelas, atentos no *Suor* e no *Jubiabá*. Porque estaria Jorge, só ele, a provocar o interesse dessa gente? Remexi a cabeça procurando uma resposta. Bem. José Lins é

memorialista, o grande mérito dele é haver exposto, nua e bárbara, a vida nos engenhos de açúcar; é uma enorme força que se esvai fora do seu ambiente. Dá-nos a impressão de ouvir o rumor do vento nos canaviais, sentir o cheiro do mel nas tachas; percebemos até, nos seus diálogos, o timbre da voz das personagens. Uma realidade flagrante. Essas coisas eram vistas com atenção por uma pequena minoria de sujeitos mais ou menos instruídos que buscavam nas obras de arte apenas o documento. O nosso público em geral afastava-se disso, queria sonho e fuga. Aqueles homens de tatuagens, anfíbios, ora no morro, ora na cadeia, entregam-se, por serem primitivos ou para esquecer asperezas, a divagações complicadas, e não sabemos quando nos expõem casos verídicos nem quando mentem. A imaginação de Jorge os encantava, imaginação viva, tão forte que ele supõe falar a verdade ao narrar-nos existências românticas nos saveiros, nos cais, nas fazendas de cacau. A respeito dos meus livros nada sei, pois nunca vi ninguém pegar um; lá ficaram intatos, suponho. Notando-me o jejum, Cubano quis levar-me ao refeitório.

- Tenha paciência, Cubano, protestei. Você me dispensou das formaturas.

- A hora da comida, não. É diferente. O senhor não pode passar sem comer.

- Obrigado. Não tenho fome.

O ótimo negro rosnou uns conselhos e deixou-me em paz. Ele tinha razão, era preciso enganar o estômago. Assim, mandei comprar um queijo pelo soldadinho que, à noite da chegada, se oferecera, por influência do sargento, para os negócios clandestinos. O rapaz trouxe-me a encomenda e recusou gorjeta. Se o queijo ficasse em meu poder, os ladrões o abafariam; por isso Vanderlino apossou-se dele, trancou-o na mala e durante algum tempo me submeteu a duas, três rações diárias, fatias quase transparentes, insignificâncias cortadas a gilete. Percebíamos em redor olhos famintos, pedidos silenciosos, novamente os dedos ágeis da pachorrenta criatura manejavam a lâmina, reduziam a escassa reserva, que logo se dissipou. Outra vez a abstinência. E respirei com alívio. Mastigar, remoer aqueles fragmentos, era na verdade uma obrigação imposta por Vanderlino. A pasta gordurosa causava-me forte enjôo. Realmente me achava, como no porão do *Manaus*, atacado pela sitiofobia; pensar em alimento me dava nojo.

Fumava sem interrupção; o médio, o polegar e o indicador da mão esquerda amarelaram e

enegreceram; os beijos queimaram-se e não era possível umedecê-los. Essa terrível necessidade ocasionava-me arrelias constantes. Havia sempre em torno de mim vários sujeitos a rondar, a matilha impudica dos caçadores de baganas. Quando vi pela primeira vez esses indivíduos baixarem-se para colher no chão uma ponta de cigarro, vexei-me em excesso, virei a cabeça, fingi não reparar no procedimento vil. Depois me indignei e enojei. Era uma canalha privada inteiramente de vergonha, não me deixava em sossego. Queria afastar-me dela, mas em qualquer parte do alojamento surgiam-me vagabundos ligeiros, de olhos compridos, a medir-me os gestos. Impacientavam-se, avizinhavam-se, num descaro revoltante. Uma praga. Risinhos safados, enorme sabujice nas caras lorpas. Examinavam-me atentos os bolsos da roupa vestida pelo avesso. Na cupidez e na rivalidade, avançavam mal se riscava o fósforo, pediam sem pejo o resto do cigarro apenas começado. A princípio, em horrível constrangimento, resignei-me a estender-lhes o maço. Distanciavam-se, ao cabo de minutos estavam na ronda, insaciáveis. Inquietei-me: era impossível sustentar tantos malandros. Na valise a provisão -de fumo se reduzia. Tentei reagir, pôr termo à infame investida:

- Assim também é demais Vão para o diabo.

Voltava as costas, cheio de raiva. Um patife me seguia, chegava-se de manso, arrancava-me da mão o cigarro e saía correndo. Enfim o sortimento se esvaiu e necessitei recorrer de novo ao soldadinho prestativo. Recebi um milheiro de cigarros. Cubano tomou esse contrabando, meteu-o numa sórdida mochila, que amarrou nos ferros da cama.

- Em meu poder estão em segurança. Fique descansado. Eles não mexem comigo.

No dia seguinte havia um buraco na mochila e a ausência de oito maços.

GRITARAM-ME o nome. Soltei o livro, saí da esteira, cheguei-me à porta, vi além da grade Alfeu, o cafuzo de olhar sangrento que, à noite da chegada, espancara e rolara a pontapés um homem, perto de mim. Agora não mostrava fúria. Esteve um minuto gargarejando sons incompreensíveis, a fazer pausas, em grande embaraço. Procurava as palavras, coçava a cabeça, num desesperado esforço para explicar o assunto difícil; espantava-me, examinando-lhe a cara torva, buscando perceber a causa de tantos circunlóquios e hesitações. Pouco a pouco as idéias dele se combinaram, afinal lhe conheci o intuito, mas o caso era estranho, e com um tremor violento recuei cheio de pavor. O soldado esperava de mim um obséquio. O diretor da prisão aniversariava no dia seguinte, o pessoal andava a preparar-lhe uma festa, e Alfeu tinha desejo de fazer um discurso, representando a polícia. Como não sabia trabalhar nessa matéria, pedia-me que redigisse uma saudação, curta, meia folha de papel somente. Um favor pequeno.

Atravessou-me o espírito, com medonha nitidez, a consequência de uma recusa: lembrei a cena

horrível e imaginei-me na situação do infeliz, a espojar-me na areia, contuso, amarfanhado, biqueiras de sapatos desarranjando-me as costelas. O aviso do zanolho misturou-se à desgraçada lembrança: - "Aqui não há direito, nenhum direito. Quem foi grande lá fora esqueça-se disto." Iria suceder-me aquilo, sem dúvida, se me negasse a contentar o enorme bruto. Sem dúvida. Mas não me ocorria uma negativa, nem sequer a possibilidade vaga de eximir-me. Escreveria o discurso; no primeiro instante supus que iria escrevê-lo; nenhum meio de evitar esta infâmia. Atento nas estrias vermelhas dos bugalhos duros, perguntava a mim mesmo onde iria esconder-me para fabricar elogios ao diretor da prisão. Vinte e quatro horas depois o cafuzo gaguejaria essa miséria, e eu me conservaria agachado na esteira, um molambo, sem ânimo de encarar Nascimento, Aleixo e Claudino. Achava-me indigno, interiormente sujo, e não conseguia evitar isto. As biqueiras dos sapatos não me saíam do pensamento, e era como se estivessem moendo-me a carne, desarticulando-me os ossos.

Um medo horrível, presumo que ninguém sentiu medo assim. Já me havia sucedido coisa semelhante, anos atrás. Em geral me atordôo, perco a noção do perigo, não ouço tiros num conflito; vem-me custosa, em pedaços, a conveniência de resguardar-me

atrás de uma árvore, num vão de uma porta. Em 1930 um piquete das forças revolucionárias de Agildo Barata agarrou-me no interior de Alagoas e fingiu querer fuzilar-me. No Pavilhão dos Primários Agildo ria escutando a narração dessa proeza besta. Eram dezesseis malucos. Esvaziaram-me os pneumáticos do carro, encheram-me de perguntas e ameaças. Atrapalhado em excesso, não respondi; tirei do bolso um papel e mastiguei-o. Preso, estirado na cama, o chapéu cobrindo-me o rosto, ouvi pancadas; sentei-me, vi perto um indivíduo a bater com a soleira do fuzil no chão, querendo assustar-me. - "Você dispara esse diabo e mata um companheiro. Com licença." Estirei o braço e virei a asa do registro de segurança. Achava-me bastante apreensivo, mas era receio comum. Alguns dias de reclusão, vários aborrecimentos. Mal sério não me fariam aqueles militares vagabundos, incapazes de pegar direito numa arma. Não, não era medo. Medo sentia agora, diante do cafuzo, pensando nos sapatos ferrados, na cólera doida. Medo igual ao que experimentara anos antes, uma noite de lua. Achava-me no quintal de uma criaturinha sem-vergonha, meio escondido junto a uma cerca de bambu. Eram duas horas da madrugada. A mulher não vinha, fazia-me perder tempo, e a demora me impacientava. Abriu-se de repente uma janela na vizinhança, um cachorro ladrou; julguei-me

descoberto peio marido pulha da sujeitinha, larguei a espera, atravessei o portão, e saí correndo à toa na rua deserta. Era uma carreira trêmula e bamba, os joelhos chocavam-se, pernas de velho; um soluço esmorecia-me na garganta e em mim tudo se resumia numa necessidade horrível de chorar. Queria deter-me, condenava severo a fuga ridícula, mas alguém me perseguia, esta idéia absurda atirava-me para a frente. Negava a existência da perseguição, considerava-me estúpido, mas era impossível refrear os movimentos desengonçados. Em completo abandono, vivente infeliz, sem nenhuma defesa. A brancura do luar desesperava-me. Habitava uma cidadezinha sertaneja, todos aí me conheciam. Negociante, figura mais ou menos razoável. Se um dos meus fregueses surgisse na rua, me apanhasse naquele estado? No meu último livro, em poder de José Olímpio, aventurara-me a fixar esse terror, essa covardia imensa. Ali ao pé da grade, via-me assim pela segunda vez.

Um trapo, os músculos frios, desmaio no coração, a vontade suspensa. Talvez, se abrissem a porta, me pusesse a correr desvairado, como naquela noite. Mas a precisão de fugir, alucinada e urgente, não podia realizar-se: quando muito, iria manquejando ao extremo do galpão, onde o cafuzo batera e espezinhara um desgraçado. Um rato a pretender

esquivar-se, inutilmente; os olhos ruins do gato imobilizavam-me. Tortura dupla: a visão clara de patadas rijas num corpo inerme, a ignominiosa composição de louvores ao diretor. Não havia alternativa, não me deixavam direito de escolha. - "Aqui não há direito, nenhum direito." Horrorizava-me ser atirado ao chão, pisarem-me, desarticularem-me, e a repulsiva tarefa vinha com jeito de ordem. Não estava nas minhas possibilidades furtar-me a ela, nem um momento pensei nisto; preocupava-me somente achar um canto para cumpri-la, ausente de Aleixo. Depois me tornaria inimigo do excelente negro; não suportaria o brilho dos óculos redondos, a fala mansa, as histórias de greves. Acharia razões para simular desprezá-lo, desprezando-me; servem para isto as pequenas inteligências malandras. Não as censuro, pois estive a ponto de acanhar-me e nenhuma resistência opus. Não refleti, não busquei vencer a dificuldade: um miserável traste. O desfecho desse caso foi imprevisto e ainda hoje me espanta: ignoro como veio.

- E quem lhe disse que eu sei fazer discursos? perguntei numa calma exterior de causar surpresa.

- Sabe, afirmou o soldado. Pois eu não vejo o senhor mexendo em papel o dia inteiro? Demais o senhor foi importante na sua terra.

- Nada disso. É engano.

Fechavam-me aquela saída. Imprudência dedicar-me ao relatório e às notas perto da grade. Nova objeção caiu, lenta e incisiva:

- Bem. Suponhamos que eu saiba fazer isso. Imagina que posso fazer? Não adivinho os seus sentimentos. Se eu escrevesse o discurso, toda a gente compreenderia logo que ele não era seu.

Devo ter falado assim, com pouca alteração. Pelo menos estou certo de não exibir nestas linhas coragem falsa. O medo me envolvera um infindável minuto, medo horroroso de agüentar coices na barriga e no peito, de me esconder para arrumar as letras miseráveis. Não hesitara um segundo: necessário compor o discurso. A resposta ao cafuzo revelou que eu havia preferido os golpes e a humilhação: ignoro como se deu a mudança interna, falta-me a consciência disto. Provavelmente foi a certeza de me ser impossível a infame redação.

- Use a sua linguagem, tornei. Não adianta dizer frases bonitas, alheias. Mostre com simplicidade o que tem dentro. É melhor, não é?

A tromba de Alfeu exprimia descontentamento, os bugalhos cruéis injetaram-se mais, o crânio miúdo balançava, afirmando, negando: o homem rude

buscava entender. Ao declarar-me, ao ter conhecimento da resolução involuntária, livrara-me do terror. As biqueiras dos sapatos deixaram de atormentar-me, eram desgraças inevitáveis. Paciência, estavam previstas. Bom deixar tudo claro:

- E depois não tenho motivo para ser amável com o diretor. Você tem, é natural. Mas eu, acha que posso ser amigo dele?

O cafuzo, perplexo, continuava a agitar a cabeça e arregalava os olhos.

- Diga. Acha que posso ser amigo dele? - Não, rosnou com mau modo.

- E então? Ponha-se no meu lugar. Se você estivesse aqui preso e soubesse escrever, fazia esse discurso?

- Não fazia, murmurou o soldado.

- Está aí. Você mesmo reconhece. É impossível. Agora o rosto de Alfeu manifestava confusão e desassossego. Tive pena do pobre selvagem que me inspirara tanto horror, precisei dizer ainda uma palavra, dissipar nuvens:

- Fica zangado comigo, Alfeu? Ergueu os olhos, quase doces:

- Não, não fico, o senhor tem razão.

- Peça uma coisa que não me prejudique. Peça outra coisa.

- Não. Obrigado.

Afastou-se abrupto. No dia seguinte pela manhã, penetrando no curral de arame. vi Alfeu encostado à ombreira do portão. A minha passagem, agarrou-me o braço e cochichou:

- Se o senhor tiver negócios lá fora, conte comigo. estou às suas ordens.

- Muito agradecido, Alfeu.

O POBRE Neves, de mal a pior, tossindo e sem fôlego foi acabar-se na enfermaria; nunca mais ouvimos falar nele. E Gaúcho se apossou da cama vizinha à porta lateral.

Levou para ali os seus picuás, estabeleceu-se e no dia seguinte me fez uma proposta curiosa:

- Vossa mercê quer comprar a minha cama?

A princípio não entendi; notei depois que se tratava de negócio regular naquele meio. O sujeito apodera-se de um objeto, declara-se dono e logo o transforma em dinheiro. Essas operações já não constituíam novidade para mim; surgiam-me com frequência indivíduos agachados pelos cantos, embromando-se em longos cochichos, ajustes infundáveis. As coisas miúdas circulavam, passavam de bolso a bolso, e as vítimas dos furtos, cheias de vergonha, sentiam desprezo nos olhos dos profissionais e guardavam silêncio. Nenhum espanto, consideravam-se legítimas essas transações. Gaúcho não me propunha essa mercadoria, uma das bagatelas que facilmente se ocultava em sacos, em dobras de roupa: oferecia um móvel. Estabelecera a posse e

transferia-me o direito de me deitar na cama. Hesitei, receoso de trapaça, afinal me decidi:

- Está bem. Quanto custa isso?

- Uma gâmbia. - Quanto?

- Cinco mangos.

- Fale direito, Gaúcho. - Cinco mil-réis. Já disse. Na segurança mesquinha os preços reduziam-se muito. - Está certo.

Passei a nota, o ladrão foi retirar os cacarecos e arranhou lugar numa tábua, no fim do alojamento. Pouco depois encontrei-o ocupado em despregar a esteira que forrava o lastro da cama. Protestei, indignado:

- Que é isso, Gaúcho?

- Estou descosendo a esteira. - Vai levá-la?

- Então?

- Você não me vendeu esses troços, homem?

- Vendi a cama. A esteira é outra coisa, resmungou o sujeito com descarada firmeza.

- Deixe disso, criatura. Eu vou dormir em cima do ferro?

- Não sei. A esteira é minha. Se vossa mercê precisa dela, eu vendo custa dois mangos.

- Está bem, está bem. Mas você vai pregá-la de novo. Se ficar solta, desaparece.

O escrunchante recebeu a moeda, afastou-se, voltou com uma agulha comprida e esmerou-se em corrigir o estrago. Findo o trabalho, seguiu-me; vendo-me pegar a valise, tomou-a, perfilou-se, numa atitude burlesca e de respeito que me arrancou uma gargalhada.

- Solte essa valise, Gaúcho. - Não senhor, faço questão.

Fui tomar posse da cama; Gaúcho atrás, segurando a pequena bagagem, muito sério, representava o papel de criado. Pus-me a rir, pela primeira vez me surgia ali motivo para riso. Sobre a esteira, dobrado, achei um cobertor. Admirei-me de ver Gaúcho ir-se embora, não se lembrar de extorquir-me dois ou três mil-réis por ele. Mas o espanto durou pouco: não se tratava de generosidade nem de esquecimento. Aquele traste fora abandonado porque estava aberto ao meio e tinha grandes manchas de sangue, as hemoptises do pobre Neves, certamente.

Com viva repugnância, larguei os dois pedaços de pano; em seguida resolvi embrulhar-me neles:

deitei-me, preendi-os entre as coxas, envolvi-me, encolhido. A valise continuava a servir-me de travesseiro. Enquanto vivi na Colônia, usei desse jeito as duas bandas de cobertor, e nem uma vez foram à lavanderia.

Surgiu-me de repente uma contrariedade. França, o padeiro tuberculoso, meu vizinho no Pavilhão dos Primários, veio censurar-me, e com tanta arrogância que o supus logo dirigente de qualquer coisa. Falava como se eu fosse criança, queria saber quem me havia dado licença para deitar-me na cama. Tinham preferência os companheiros doentes.

- Perfeitamente, França. Mande um, eu saio. Lembrei-me dos risinhos tímidos de França meses antes, quando, pela manhã, vinha pedir-me a garrafa de leite à porta do cubículo 35. Essa garrafa de leite não me fazia grande falta. Findara a inapetência da semana horrível passada no porão do *Manaus*, era-me possível entrar nas filas, receber o prato, duas vezes por dia, beber o caneco de café que tinha gosto de formiga. Não me custava privar-me do leite, vendo um sujeito precisar dele. Nenhum favor. As tremuras e os sorrisos do padeiro confundiam-me. Tipo demasiado sensível, julguei. Para não ouvir os

agradecimentos bambos, desfazia-me da garrafa, saía do cubículo, atravessava a plataforma, descia a escada. Vinha-me agora o pensamento infeliz de que o rapaz se humilhara ao receber aquela insignificância. Humilhara-se pagando com sorriso e tremura. Que miséria! E vingava-se chamando-me à ordem, severo em demasia. Apesar de me ver disposto a ceder o lugar a outro mais necessitado, prosseguia na arenga, violento como o diabo, repisando:

- Há companheiros doentes.

- Já sei, França. A cama está às ordens. Para que repetir isso?

- Você fala como se fosse dono dela. Quem lhe deu ordem?

Impacientei-me:

- Olhe, França, vamos deixar de conversa. Não tenho prazer nenhum em deitar-me nesta porcaria. Tome conta dela. Não há razão para barulho.

O sujeito não se convencia, impertinente, a remoer aquela ninharia, exibindo autoridade. Completa ausência de tino. Perdi os estribos:

- Vá para o inferno. Aqui feito um menino, a agüentar repreensões idiotas. Não quero ouvir mais nada, percebe?

Nada. Para o inferno. A cama é propriedade minha, dei sete mil-réis a Gaúcho por ela. Daqui não saio, entende? Sou um proprietário.

Diante dessa razão miserável, a arrogância do padeiro murchou e desapareceu. Fui acomodar-me, envolver uns restos de zanga nos trapos imundos. Certamente havia ali pessoas mais doentes que eu; Van der Linden e Mário Paiva mereciam sem dúvida aquele desgraçado conforto. Domício Fernandes estava moribundo, não voltaria ao Rio Grande do Norte. Se não fosse a bazófia de França, não me custaria despojar-me em benefício de qualquer deles. Na verdade me achava bem mal, embora não vivesse a queixar-me nem avaliasse os estragos, mas cada vez me arrasava mais. Só pensar no refeitório me causava náusea, as mucuranas e os mosquitos perseguiram-me, e agora, na esteira suja, enrolado em trapos vermelhos de vômitos sangrentos, pensava na invasão dos bacilos, no rápido extermínio do organismo indefeso.

TINHAM conseguido armar na cama vizinha um difícil mosquiteiro. Na manhã seguinte vi sentado nela um sujeito maduro, atraente, óculos grossos de míope, a roupa de casimira pelo avesso.

- Bom dia, atirou-me risonho e lento.

Estava com desejo de conversar e logo se apresentou: Mota. Escorregamos depressa numa camaradagem fácil, tive realmente muito prazer em conhecê-lo.

- O senhor tomou parte na Aliança Nacional Libertadora, seu Mota?

- Não senhor, respondeu a criatura amável. Tinha as minhas simpatias. Sou admirador de Prestes.

Vejam só. Porque simpatizava com a Aliança Nacional Libertadora - cadeia, braços cruzados, a roupa vestida pelo avesso, a cabeça baixa e sem cabelos. Pobre seu Mota. A situação dele era com certeza a de Manuel Leal, meu amigo velho arrancado às Alagoas, metido no cárcere dos sargentos no quartel do Recife, depois no porão do *Manaus* e agora ali a carregar tijolos. Mas Leal não tinha o sossego, a

conversa amável de seu Mota. Andava irritado, sombrio, num desespero mudo contínuo. Um dia essa mudez se quebrou e o infeliz, de volta do trabalho, suado, coberto de pó vermelho, dirigiu-se a mim, ríspido:

- Porque é que estou preso? Hem? Diga.

Estranhei, tive pena do homem a desabar em velhice rápida. Coitado. Não me parecia longe o tempo em que os tristes olhos hoje apagados no rosto murcho brilhavam muito vivos; os fartos anéis da cabeleira negra seduziam mulheres. Pobre de Leal. Provavelmente a decadência não era apenas física; o espírito devia estar em declínio também para ele me vir fazer tal pergunta.

- Que é que você quer que lhe diga? Sei lá! Nem sei porque estou preso.

O meu antigo camarada engasgou-se, esteve um minuto a examinar-me com espanto e censura. Tomou fôlego, e, de supetão:

- Você? Ora essa! Está preso porque é comunista. Sempre foi.

Declarou isso aos berros, sem ligar importância aos guardas e à polícia.

- Desde menino. Sempre foi. Ainda usava calças curtas e já lia essas coisas no balcão de seu pai. Mas eu? Que foi que eu fiz para estar aqui? Hem? Explique.

Cheio de piedade, não conseguia eximir-me ao desejo de rir ouvindo esse despropósito. Leal gritava a denúncia, provavelmente ignorando que ela me poderia ser funesta. Não

repliquei, temendo encolerizá-lo mais. Coitado. Não perceberia a exígua significação das brochuras que li na infância; continham veneno, supunha, estava nelas a causa da minha desgraça. Tinham sido justos comigo. Pois não passara a vida a procurar sarna para me coçar? Com ele havia injustiça. Porquê? Responsabilizava-me:

- Diga. Porque me mandaram para aqui? Diga ao menos que é comunismo. Não sei. Nunca me meti com vocês, nunca li nada disso. Explique.

A aflição tornava egoísta uma pessoa amorável. Desequilíbrio, certamente. Vinham-me à lembrança o riso aberto de Leal, as anedotas de caixeiro-viajante, sem graça, narradas muitos anos atrás, quando ele se hospedava em nossa casa do interior. Que horrível decadência! Via-me obrigado a fazer a comparação, e isto me dava imenso desgosto. Não me ocorreu uma

palavra generosa, capaz de minorar aquela angústia. Afastei-me em silêncio. Esquisito afligir-se um prisioneiro de tal modo, não achar sossego, alhear-se do meio, o pensamento fixo no exterior, em casos remotos. Esses viventes arredios ficam desagradáveis. Sentimos não poder auxiliá-los, distraí-los; receamos contagiar-nos, findar naqueles tormentos. Buscamos a companhia de sujeitos expansivos, esboçam-se camaradagens num instante desfeitas. As histórias de Gaúcho afugentavam-me o sono, ser-me-ia agradável escutá-lo muitas horas. Infelizmente quebravam-se: vinha o momento de recolher, éramos forçados á calar-nos e o resto da narrativa se adiava para a noite seguinte.

- Imagine vossa mercê. Peguei um dia uma roupa nova bacana, azul-marinho. Assentava no meu corpo e não foi para a muamba. Vesti-me nela e caí na rua. Pois veja que azar. Na Lapa um sujeito do meu tope começou a espiar demais para mim e não me deu tempo de pirar. Chegou-se e atacou: - "Moço, me desculpe. Onde foi que o senhor arranjou esse terno?" - "Pergunta muito bem, respondi eu. Comprei hoje por cem mil-réis a um adelo da Rua da Constituição, número tal." - "Pois, moço, juro que esse terno é meu. Foi roubado ontem." Aí eu me ofendi e propus: - "O senhor quer ir comigo falar com o adelo, agora

mesmo? É um negociante conhecido." O tipo afrouxou: - "Não, não, posso estar enganado. Mas ia garantir que não estou. É o feitio, é a cor, é o tamanho." Foi-se embora. E eu voei para casa. Um susto medonho, não sei como tive tanta calma. Tirei a roupa e disse à mulher: - "Leva este diabo ao intrujão, dá sumiço a isto." A gente não deve usar as coisas que rouba.

A conclusão vinha quase em forma de conselho: o ótimo ladrão parecia querer livrar-me de tais vexames. Também me agradava a figura tranqüila de seu Mota. Apesar de ser vítima de uma iniquidade, pois não se envolvera em política, mantinha na prisão excelente humor. - "Bom dia." Estava ali junto, emoldurado pelo mosquito entreaberto, os óculos a faiscar. A voz nunca se alterava, e a afável saudação nos transmitia serenidade. Realmente só vi seu Mota zangar-se uma vez. Fazia uma semana que nos conhecíamos, e ele me narrava os seus começos. Fora secretário da prefeitura em Corumbá, ou Cuiabá, não me lembro. De fato quem se responsabilizava pela administração era ele, que o prefeito, coronel e analfabeto, não entendia de verbas.

- Esse matuto viajou para o Rio e lá ficou três meses. Dirigi o pessoal na ausência do homem e fiz boa arrecadação. Quando ele chegou, havia em caixa

trinta contos, naquele tempo uma fortuna Arrumei o balancete e dei ao prefeito a chave do cofre. Não faltou um tostão.

O meu vizinho interrompeu-se, um minuto se conservou absorto, o olhar distante, mergulhado nas suas recordações. Súbito inquiriu:

- O senhor acredita? Acha que eu entreguei esse dinheiro?

- Sem dúvida, seu Mota. Ora essa!

O ex-secretário da prefeitura de Corumbá teve um longo suspiro:

- Entreguei. Foi uma doidice. Com trinta contos nas mãos, e passei a outro esse dinheiro todo. É o remorso que me persegue na vida.

Seu Mota concluiu, exaltando-se:

- Eu era muito novo. E muito burro.

CUBANO chegou-se a mim com uma proposta:

- Vou apresentar o senhor a Paraíba. Ele sabe muito. - Conheço de vista. Vamos lá.

Percorremos o galpão, encontramos ao fundo um mulato claro, de olho vivo, a conversar baixo com um sujeito arriado.

- Paraíba, disse o negro, aqui seu Fulano vai escrever uma história e vem pedir a você algumas informações. Diabo. A notícia do livro chegara a Cubano, talvez à polícia; não me deixariam salvar as notas guardadas na valise.

- Informações? estranhou Paraíba interrompendo os cochichos.

- Sim, coisas de vigarismo. Diga como é que você trabalha.

O tipo formalizou-se:

- Nós não devemos confessar a leigos os mistérios da nossa profissão.

Essa frase pulha enjoou-me. Pensei na linguagem simples de Gaúcho e fiquei ali de pé, sem

nenhum interesse. Cubano insistiu, e enfim o mulato acedeu, com um gesto de profissional que manda um consulente para a sala de espera.

- Bem. Demore um pouco. Estou ocupado em negócios. E voltou à conversa. Tinha na mão um cinto de malhas brancas e pretas, a imitar escamas. A outra personagem mostrava-lhe um porta-níqueis,

- Como você está vendo, o cinto é meu. Pele de lagarto. Compare. É meu.

Cubano afastou-se, e ali fiquei reparando na transação. Paraíba teve um risinho zombeteiro:

-- Seu?

- Sim. Lagarto, como a bolsinha. Não está vendo?

- Era seu, concordo. Mas agora foi comprado por mim. Dei por ele cinco mil-réis.

- Quem vendeu?

O vigarista melindrou-se e atentou no parceiro com ar de imenso desprezo:

- Você me acha capaz de fazer uma denúncia? Ora! Comprei a um dos nossos companheiros.

O outro se desmoralizava inteiramente, sucumbia, representando o infeliz papel de otário.

Paraíba iria zombar dele, exigindo o cinto, e desmanchava-se uma reputação. Otário. O desgraçado vergava o cachaço, a gaguejar; a minha presença aumentava-lhe o embaraço. Depois de gozar longo tempo aquele constrangimento, o vigarista fez um gesto macio de gato, ofereceu esta escapula ao podre rato:

- Não se incomode. Eu lhe cedo, sem lucro, o cinto. Custou cinco mil-réis.

Esse descaramento incrível e a humilde postura da vítima aguçavam-me a curiosidade.

- Muito caro, gemeu uma voz sumida.

- Então, nada feito. Você não vai exigir que eu tenha prejuízo

Afinal concedeu:

- Como se trata de um camarada, eu perco dois mil réis. Leve o cinto por três, e o caso morre aqui entre nós. Além do furto, chantagem. Afrouxou mais cinco tostões. Com um suspiro, a criatura arrasada largou-lhe dois mil e quinhentos, retirou-se afivelando o cinto.

E Paraíba atendeu-me: - As suas ordens.

Referi-me à frase dele: não desejar confessar os mistérios da profissão. E resolvi metê-lo em brios dizendo não acreditar nos mistérios:

- Tudo isso é velho e já foi contado milhares de vezes pelos jornais. Vocês não têm originalidade.

- O senhor se engana, protestou o velhaco. Nós jogamos com armas psicológicas.

O vigarista falava bonito e pretendia, julguei, não revelar as suas destrezas, mas fazer uma conferência literária. Continuei a duvidar:

- Pouco provável. As armas psicológicas de vocês são como as dos caixeiros-viajantes: sempre as mesmas lábias. Ausência de imaginação.

- Como é que o senhor sabe?

- Pela repetição dos truques. E pela natureza das vítimas, pobres matutos que andam pelas ruas de boca aberta. A psicologia de vocês dá para conhecer essa gente. É fácil. Não se aplica a outros indivíduos.

Paraíba me olhava com um sorriso de mofa. Insisti, querendo arrancar-lhe as astúcias apenas mencionadas:

- Certamente encontrei lá fora centenas de colegas seus. Nunca nenhum se chegou a mim. Porquê? Teriam notado pelo meu jeito que eu não

tinha dinheiro? Seja franco. Você me ofereceria o paco? Você me acha com cara de lhe comprar um bilhete premiado?

- Não, concedeu Paraíba. Com o senhor eu uso o golpe da velha.

- Como é lá isso? Paraíba se decidiu:

- Eu me aproximo do senhor, com uma carta na mão: -- "Cavalheiro, por obséquio, sabe onde fica esta rua?" O senhor me dá a informação e eu respondo aflito: - "Ah! Não acerto. Cheguei ontem do interior, não consigo orientar-me." Puxo conversa, falo numa tia doente, provoco a sua piedade. - "Se o senhor quisesse ir comigo a este endereço . " Dou a entender que um favor tão pequeno salve talvez uma vida. O senhor vai.

- Supõe que essa lengalenga me desvia das minhas ocupações?

- Sem dúvida. Nós somos atores. O senhor vai. Quando chegamos ao destino, sai da casa um sujeito com uma pasta debaixo do braço. É o esparro. Eu me dirijo a ele: - "Seu doutor, um momento." E passo-lhe a carta. O esparro finge ler e me responde: - "Meu caro, essa letra se vence o mês vindouro." - "Mas só faltam quinze dias, seu doutor." Tiro do bolso um papel selado e represento uma cena triste. O senhor

vai compreendendo a história aos pedaços. O sujeito deve dez contos a minha tia, e ela está de cama, para morrer; gastou as reservas com a farmácia e o médico. Tento por todos os meios tocar o seu coração, e pelos modos nem dou pela sua presença ali. Procuro entender-me com o outro: - "Veja, seu doutor, a pobre da velha está nas últimas. Tinha aquele sítio que lhe vendeu. Vim tratar disso, cheguei ontem. Se não houvesse muita precisão, eu não tinha arriscado esta viagem antes do vencimento. Não está legal?" - Mostro o papel: - "Só faltam quinze dias " O homem confessa a dívida, mas não quer pagar adiantadamente. Aí eu proponho dez por cento de redução: - "Liquide isto hoje por nove contos, seu doutor. Ganhe um conto de réis e faça uma obra de caridade." O devedor recusa, e eu ofereço vinte por cento: - "Oito contos, recebo oito contos, que o aperto é grande." Impossível. O esparro mostra impaciência, olha o relógio e vai embora. Caio num desânimo enorme: - "Que é que eu faço?" Como vê, desperto no senhor dois sentimentos: a piedade e a cobiça. Não vou assustá-lo com ofertas vantajosas, lidas em notícias de jornais. A minha habilidade consiste em levá-lo pouco a pouco a admitir que a proposta feita ao esparro lhe foi apresentada. O senhor não desconfia de um matuto infeliz e ignorante: emprego o vocabulário e a pronúncia da roça. Os dois

sentimentos vencem a prudência; observo o seu rosto, mostro-lhe o papel. O senhor examina a data, a assinatura, os selos. Tudo em ordem. Arranjo um pretexto para acabar-lhe a resistência. Entramos na casa, subimos o elevador, vemos lá em cima um escritório com esta placa na porta: Fulano de Tal. advogado. É o nome que está no documento. O senhor não vai perguntar se o homem da pasta é o dono do consultório. Vê os móveis, a instalação; o proprietário é rico. Descemos. Entro em cheio no assunto. Não lhe peço os oito contos de que falei ao esparro: desejo apenas um conto ou dois, e ofereço a letra como garantia. Afianço voltar no vencimento, procurá-lo, receber o dinheiro e dar-lhe o duplo da quantia que recebi. Um lucro excessivo, mas a velha está moribunda e isto ainda pode ser considerado favor. Sou um roceiro ingênuo: trago-lhe ocasião de liquidar a letra na minha ausência e guardar tudo. O senhor afasta essa idéia ruim, ela aparece de novo. Percebo na sua cara a luta dos dois sentimentos. A sua inteligência baixou, as suspeitas adormeceram: tenho probabilidade forte de arrancar-lhe o cobre. Estive um minuto em silêncio, olhando o vigarista com algum respeito. Na verdade o ofício dele não era tão simples como eu supunha. Um técnico, evidentemente; linguagem de pessoa educada. Manifestei-me:

- Paraíba, há um erro fundamental na sua exposição. Você é um artista, reconheço, mas a sua psicologia agora falhou. Não me seria possível acompanhá-lo ao escritório do bacharel. Vivo sempre ocupado, e as ocupações dos outros não me interessam. Nada me desviaria do meu caminho para resolver as dificuldades de um transeunte. Se alguém me pedir uma informação, respondo, e não saio do lugar onde estou. Além disso os dois sentimentos a que você se referiu são fracos em mim, não chegam a perturbar o juízo. Cobiça, para bem dizer, não tenho: a sua letra de dez contos me deixaria em completa indiferença. E as velhas doentes não me inspiram compaixão muito grande. O fim das velhas doentes é a morte; não tenho meio de evitar isso. Há desgraças em toda a parte. É absurdo condoer-me de uma criatura invisível que um desconhecido menciona.

DOMÍCIO FERNANDES, o *chauffeur* que viajara comigo no porão do *Manaus*, morreu à noite. De manhã, quando se varria o alojamento e os presos arejavam no curral de arame, o cadáver foi retirado, em cima de uma tábua. Vi de longe o embrulho fúnebre; não se percebia nenhuma parte do corpo; fora envolto provavelmente no cobertor ou na rede. Iam enterrá-lo assim.

Virei-me. afastei-me daquilo. Apesar de viver numa espécie de anestesia, abalei-me, senti a morte avizinhar-se de mim. As dores no pé da barriga cresceram, a tosse me deu a certeza de que os pulmões se decompunham. Iriam levar-me qualquer dia enrolado no lençol tinto, vermelho de hemoptises. Era coisa prevista, imaginada sempre, mas o jeito de fazer o enterro, a mudança de uma criatura humana em pacote jogado fora sem quebra da rotina, expôs-me com horrível clareza a insignificância das nossas vidas. Não se indagava a causa da súbita desvalorização: bastava a nossa presença ali para justificar o lento assassinio. Lembrei-me de Leal, desesperado, em busca de razões desnecessárias; talvez estivesse próximo o fim dos tormentos dele.

Uma apresentação desviou-me um instante as idéias negras; em seguida concorreu para fortalecê-las. Um companheiro, a caminho das filas do trabalho, parou junto de mim, acompanhado por um sujeito moreno.

- Você achou impossível o caso de Tiago, não acreditou. Pois Tiago é este, ele pode confirmar.

E contou de novo a história, que me deixara incrédulo meses antes, no Pavilhão dos Primários. Tiago servia na marinha inglesa, muitos anos viajara em linhas do Pacífico. Um dia tivera o pensamento infeliz de se dirigir à América e saltara no Brasil, depois de longa ausência. Levado pelo amor, encaminhara-se ao Mangue. De volta, chamara um táxi. E ao saltar no cais do porto, ouvira a escorchante exigência da patifaria nacional: cem mil-réis pela corrida, um furto. - "Você está maluco, protestava Tiago. Pensa que sou gringo? Nasci no Rio, tenho isto de cor. Tome vinte mil réis, que é muito, e guarde o troco." Berros do *chauffeur*: - "Ladrão, comunista" Apitos, rolo, gritos, homens de farda, Tiago no embrulho. O chão molhado, a esteira, pulgas, percevejos, afinal o interrogatório. - "Que anda fazendo aqui? perguntara um delegado. Qual é a sua missão?" Tiago não tinha missão nenhuma: era marinheiro na Inglaterra e conhecia Java e Singapura. Brasileiro, tivera saudade, revira a pátria e fora ao

Mangue. Apenas. Queria regressar ao navio, falar inglês, viajar novamente no Pacífico. - "Está bem, está bem, resolvera o delegado. Você fica. Não é bom que esse negócio seja contado lá fora. Você fica." - "Doutor, afirmara Tiago, prometo não dizer uma palavra, esquecer-me do Brasil. Se me aparecer numa rua a nossa bandeira ou estiverem tocando ali o Hino Nacional, torço caminho, volto, passo longe. E deixo de falar português." Essa promessa de nada servira. Tiago virara comunista, perdera o lugar no pacote - e, de cabeça rapada, vestindo zebra, carregava tijolos na Colônia Correcional.

Grave, a testa enrugada, escutava a narração e movia a cabeça aprovando em silêncio. Era aquilo. Se a bóia nojenta, os piolhos, os mosquitos, decidissem matá-lo, Tiago sairia do galpão como Domício Fernandes, em cima de uma tábua, envolto num lençol.

A história incrível me importunou o dia inteiro. De regresso ao alojamento, pus-me a remoê-la contra vontade; meses atrás parecera-me invencionice, e este juízo ainda persistia, apesar da confirmação do protagonista: recusava-me a admitir que ele não houvesse omitido qualquer coisa. É horrível estarmos a remexer um fato incompreensível. A minha prisão era justa, na opinião de Leal. Pois não passara a vida

inteira a encher-me de letras radicais, a procurar sarna para me coçar? Refletindo, achei a situação dele explicável também. A dele e a do beata José Inácio, que a bordo se zangara comigo, rosnara exibindo o rosário de contas brancas e azuis no peito veloso: - "Quando nós fizermos a nossa revolução, ateus como o senhor serão fuzilados." Certamente era ridículo perseguir essas criaturas. Mas podíamos conjecturar vinganças, denúncias de inimigos ocultos, a canalhice de um chefe empenhado em suprimir eleitores da oposição. Tiago não tinha inimigos no Brasil, não votava, ninguém lhe ambicionava o emprego ordinário na frota mercante inglesa. A absurda acusação de um patife burlado fora suficiente para inutilizá-lo. Era inacreditável. Não me fazia mossa o ato injusto; afligia-me ser impossível imaginar uma razão para ele. Disparate. Convencia-me disto - e continuava a esforçar-me para achar qualquer vantagem na imensa estupidez. Uma apenas me ocorreu, já muito repetida. O governo se corrompera em demasia; para agüentar-se precisava simular conjuras, grandes perigos, salvar o país enchendo as cadeias. Mas as criaturas suspeitas, e os homens comprometidos na Escola de Aviação, no 3.º Regimento, na revolução de Natal eram escassos, não davam para justificar medidas de exceção e arrocho, o temor público necessário à ditadura. Assim, prendia-

se um viajante alheio aos sucessos do Brasil. Os jornais aplaudiam. Na publicidade rumorosa, Tiago reunia-se aos outros, vago conspirador anônimo.

Os tipos juntos ali com esse intuito safado não tinham sossego, viviam numa indignação permanente, e alguns ainda esperavam reabilitar-se na polícia; declaravam-se vítimas de engano. O espanto do velho Eusébio, os sustos, as tremuras, permaneciam; na cara arrepiada estampavam-se o sorriso inquieto e mofino; a voz esmorecia a gemer desculpas: - "An!" Respeito imenso à propriedade e aos evangelhos. Pessoa de consideração: - "An!" Esse encolhimento e essas evasivas contrastavam com a energia de Claudino, de Aleixo, de Francisco Chaves, os três negros ocupados sempre em conciliábulos no fim do galpão. Admirava-me a serenidade, a frieza de Aristóteles Moura, conhecido meses antes no Pavilhão dos Primários. Nunca lhe notei uma queixa, um gesto áspero. Nenhuma ferida nos melindres de pequeno-burguês aviltado na piolheira social. Não se aproximava nem se afastava dos vagabundos; mantinha-se mais ou menos distante, nada o contagiava. Subia pelos pés de uma das camas unidas que formavam longo estrado junto à parede, recolhia-se, tomava um livro. Se alguém lhe falava, interrompia a leitura, respondia calmo, paciente, em poucas palavras, a voz monótona,

e findava: - "É só." Depois abria o livro. Também me surpreendia o comportamento de Álvaro Ventura, meu parceiro de *poker* no cubículo 35 do Pavilhão. Naquele tempo não revelava de nenhum modo se perdia ou se ganhava; nunca vi tanta serenidade no jogo. Enquanto Sebastião Hora, um médico, se excedia, golpeava a mala que nos servia de mesa, Ventura, simples estivador, largava as fichas tranqüilo, indiferente. Agora, de volta do trabalho, suado, coberto de pó vermelho, parecia ainda estar sentado na cama, em frente a mim, exibindo as cartas, despojando-se das fichas de papelão. Viera na primeira leva, demorava-se muito, e era como se não se ressentisse do tratamento. Vinha-me a impressão de que ele se julgava metido numa espécie de jogo e aceitava os riscos sem se alterar: as perdas estavam previstas. Alguns indivíduos tinham maneiras insensatas, davam mostra de querer prejudicar-se. Uma noite, na revista, dois rapazes da marinha entraram a discutir, azedos, acabaram atracando-se.

- Desgraçados! exclamou Cubano intervindo e aplicando aos contendores meia dúzia de safanões. Vocês estão doidos? - Que foi? gritou da porta o guarda.

- Nada não, respondeu Cubano.

Ficou um minuto a resmungar conselhos enérgicos, afastou-se. Os marinheiros voltaram à discussão e pegaram-se de novo. Aí o guarda aproximou-se e levou-os. A chave tilintou na fechadura, a grade se abriu, desapareceram.

- Veja o senhor, disse-me Cubano mais tarde. Fiz o que pude para salvar aqueles infelizes. Não me ouviram, estão na cela.

Iam dormir no chão, descobertos, e o alimento seria reduzido. Perdia-se a estranha benevolência de Cubano, expressa em murros. Pior talvez que a cela foi o castigo humilhante aplicado a Baptista, o português hábil no canto de galo, conhecedor de algumas frases mil vezes berradas para chatear-nos: - "Por causa de uma aventura galante..." Já não podia expandir-se desse jeito: o período irritante e o cocorocó tinham desaparecido. Um dia o obrigaram a ficar muitas horas de pé num canto, os braços cruzados, o rosto junto ao muro. Na sujeição ridícula, a natureza do homem se revelava em patadas leves, o protesto de menino teimoso.

Um curioso monólogo afastou-me dali certa manhã, levou-me de chofre ao sertão do nordeste. Achava-me deitado numa esteira. Súbito uma voz sobressaiu no zumbido confuso da multidão, e espantei-me de reconhecer a personagem que falava,

poucas vezes percebida na semana de pesadelo gramada no porão do *Manaus*. Lembrei-me do nome e do tipo: era João Francisco Gregório, caboclo robusto, desconfiado, o sujeito mais inocente do mundo, na aparência. A fala cantada e lenta sussurrava perto; não me era possível distinguir a figura, mas vinha-me desejo de rir ao encontrar de novo, na pachorra e no tom, a ingenuidade manhosa da minha gente.

- Moço, dizia João Francisco, eu não entendo isso que o senhor está dizendo não. Sou da família e da igreja, devoto de São Francisco, não quero saber de barulho. Nem penso em revolução, Deus me livre. Quando me soltarem, caio no trabalho e nas orações; foi nisto que me criei.

Calou-se. O intruso se havia afastado. Ergui-me, vi a criatura mordendo um sorriso astuto.

- Nas orações, hem, seu João Francisco? murmurei. O vigoroso caboclo examinou os arredores:

- Tinha graça, na minha idade, eu me abrir com esse provocador. É a terceira vez que me vem com histórias, sem me conhecer. Sei lá donde ele saiu? E não gosto de conversas.

Guardou silêncio um minuto, olhou-me de soslaio, continuou:

- Preciso agüentar-me aqui. Tão cedo não me largam, fico de molho, sem dúvida. Um dia volto para a minha terra e entro num bando, vou matar soldado na guerrilha. É o que interessa, as discussões não servem para nada. Estamos no meio de espiões; fecho a boca e me livro deles. O senhor não resiste um mês: com certeza morre de fome. Eu posso viver aqui alguns anos, estou acostumado a passar miséria. Depois eles me botam na rua. Aqui eu não dou armas à polícia. Lá fora, quando chegar o momento de pegar no pau furado, entro na dança.

Agradei interiormente esse desabafo, estranho em pessoa que pouco antes se mostrara simulada e cautelosa. A paciência enorme, a saúde firme de mandacaru em tempo de seca e o plano realizável em futuro remoto fizeram-me esquecer um instante as chagas medonhas envoltas em algodão negro, a tosse dos tuberculosos, o ferrão dos piolhos e dos mosquitos, o embrulho fúnebre saído para o cemitério, numa tábua. João Francisco não teria o fim do pobre Domício Fernandes. Queria viver e matar soldados.

O PADRE de Mangaratiba, numa longa visita, procurou salvar as nossas almas.

- Formatura geral.

Era de manhã, o frio cortante nos arrepiava as cabeças peladas, estávamos no curral de arame. Organizaram-se as filas, o reverendo surgiu com o tenente Bicicleta, o oficial de beijo rachado, passeou algum tempo a examinar-nos, depois de colocar-se junto à grade, risonho, esfregando as mãos, um brilho de contentamento nos olhos. Sem dúvida nos julgava animais perigosos enjaulados. Entrava na jaula, mas sentia-se defendido, livre das nossas garras, e esfregava as mãos, satisfeito. Indisfarçável aquele ar de triunfo e segurança. Ficou alguns minutos em silêncio, o sorriso a espalhar-se em todo o rosto, em seguida iniciou a catequese num discurso mastigado, cheio de erros pavorosos. Nunca ouvi tanta besteira. Logo no princípio engasgou-se e recorreu atarantado a uma poesia do Conde Afonso Celso. "Seria enorme crime não amar aqui a Deus." Atrapalhou-se muitas vezes, e sempre que isto acontecia largava a citação maluca; se havia no mundo lugar onde o amor a Deus

estava naturalmente excluído, era aquele. Felizmente o orador não me via a cara. Achava-me no segundo lugar da fila, atrás de um repórter volumoso bastante para esconder-me, e fazia em voz baixa comentários ao sermão e à literatura do conde. Naquele dia tivemos uma surpresa. Estávamos de braços cruzados, como de ordinário; mas no decorrer da evangelização os guardas se azafamaram de um lado para outro, a mandar-nos que os descruzássemos. De fato não mandavam: pediam em cochichos, tinham-se de chofre amaciado. Obedecíamos. Ao cabo de um minuto voltávamos à posição humilhante: impossível ficar de outro jeito. Havia nas linhas um contínuo movimento de braços a estirar-se ao longo dos corpos, a retomar a postura maquinal. Em alguns presos esse comportamento era ostensivo, percebia-se neles prazer em desgostar os nossos verdugos. A covardia dos funcionários causava-me espanto. Confessavam daquele modo as violências e os abusos, esforçavam-se por ocultá-los e supunham estupidamente que os auxiliaríamos. Isso me fez pensar em coisa vista pouco depois da minha chegada. Não me isentara do imundo refeitório e via-me na obrigação de sentar-me nos bancos negros, fumando para atenuar o fedor horrível. Certo dia correu um boato: alguns jornalistas iam visitar-nos. A hora do almoço notei modificação na sala estreita e longa: nas tábuas dos cavaletes a

pavorosa bóia se disfarçava debaixo de folhas de alface. O medo à reportagem nos explicava o uso das máscaras verdes, inúteis, pois a visita não se realizou. Agora, na presença da religião, os nossos carcereiros fingiam brandura, e esta falsidade nos revoltaria se a lengalenga do padre não nos divertisse.

Não havia meio de achar a peroração. Avançava, recuava, dava por paus e por pedras, como se tivesse o desígnio de nos afastar do céu, a meter sempre no aranzel a cunha poética: - "Seria enorme crime não amar aqui a Deus." Encolhia-me para não ser visto e alargava-me em elogios graves sussurrados na orelha do vizinho da frente. Larguei um disparate cabeludo, o moço perdeu os estribos e pôs-se a rir. O pregador interrompeu-se, o oficial de beijo rachado fez um gesto, o rapaz saiu da fileira, avizinhou-se da grade e foi submetido a um ligeiro interrogatório. Voltou e segredou-me:

- Veja só. Quando este idiota for embora, tenho de me apresentar a Bicicleta. É o diabo Com certeza vai mandar-me para a cela.

Estremeci. Por minha causa o pobre ia ficar às escuras, receber um pires de feijão por dia, sem conseguir estirar-se no cubículo molhado e exíguo, de um metro e pouco. Acharia-me na obrigação de responsabilizar-me, dizer ao homem de beijo rachado

que a culpa era minha: sem as pilhérias bestas, não teria havido o riso. Ao mesmo tempo uma idéia cautelosa insinuava-se, malandra: a honradez excessiva não serviria para nada; o mais certo era meterem os dois na cela; querendo salvar o companheiro, ia prejudicá-lo, tomar-lhe o espaço reduzido. - "Seria enorme crime não amar aqui a Deus." O estribilho deixava-me indiferente, impossível achar graça nele. Desejei ouvi-lo estirar-se, adiar o encontro do rapaz com o tenente. Não havia jeito de me resolver. Iria denunciar-me? Ou deixaria outro ser punido em meu lugar? Na verdade a minha falta não era grande: apenas me distraíra a lançar observações a respeito da eloquência do padre e da literatura da citação, usada sem propósito. O infeliz tivera o desplante de zombar disso claramente, às barbas da autoridade. Pior para ele. Assim falava no íntimo, e ainda me conservava indeciso, a condenar-me, a inocentar-me. O rapaz fora leviano por me haver escutado. Evidente. A culpa era minha. Teria coragem de revelar-me, tentar eximi-lo? Uma idéia fúnebre me ocorreu: na desgraçada situação em que me achava encerrar-me por gosto na ratoeira medonha era um suicídio. O meu companheiro, homem robusto, poderia agüentar-se ali uma semana; depois recobriria as forças. Não me seria possível resistir. A perna entanguida, as dores no pé da barriga,

o torpor no estômago vazio, a tosse, arrepios de febre tornavam irrealizável a honestidade. É estranho um indivíduo perceber que não tem meio de ser digno. Mas relutava em convencer-me disto, não via a exigência de comportamentos diversos em condições diversas. Com efeito, lá dentro os melindres de consciência embotam-se, alteram-se os valores morais - e o nosso dever principal é existir. Por isso os atos de solidariedade avultam em demasia, não os esquecemos. - "Seria enorme crime não amar aqui a Deus." Imbecil. Na ânsia de fixar-me numa decisão, e o pensamento a desviar-se para a frase idiota. Enfim talvez o rapaz não estivesse ameaçado como julgava, e era doidice arriscar-me antes de saber a resolução do tenente. O caso findaria numa leve censura e não valia a pena expor-me. Deixaria para manifestar-me se houvesse perigo. A solução me pareceu razoável e de algum modo me tranqüilizou. Contudo ainda me restavam dúvidas. Iria realmente condenar-me, se fosse preciso? A pergunta me afligiu um instante, inclinei-me em seguida a afirmar que sim.

O padre tornou a referir-se ao enorme crime e pôs fim à declamação, fatigado e vermelho na manhã fria. A arrumação das palavras dera-lhe trabalho e suor. Esteve algum tempo a observar-nos, o largo contentamento expresso na cara. Atravessou a cancela

e desapareceu. Deixamos as filas. O meu vizinho chegou-se ao tenente do beijo rachado e teve uma conversa rápida com ele. Estava calmo, risonho; evidentemente não provocava nem uma ligeira admoestação. Despediu-se como se nada houvesse acontecido. Fui procurá-lo: - Então, não vai para a cela?

- Não. Expliquei ao tenente que tinha rido porque a poesia do conde me dava prazer. Bicicleta aceitou a explicação e deixou-me em paz. Com certeza admira o conde.

AS TURMAS haviam saído para o trabalho e no galpão restavam apenas os doentes. Sentado na cama, esforçava-me por entender um livro, relendo páginas; rumor de tosses, gemidos, casavam-se à leitura, especialmente os uivos de um malandro cafuzo, que pedia uma injeção de morfina. Um grito levantou-me a cabeça:

- Gaúcho!

Perto da grade, Alfeu chamava o arrombador, que saía do banheiro, despido, enxugando-se numa toalha de rosto, e, sem se voltar, respondeu áspero:

- Já vou.

Outro berro, e o ladrão se afastou com vagar irritante, a esfregar-se. Tinha na coxa um monstruoso falo tatuado; a glândula ficava abaixo do joelho.

- Gaúcho!

- Estou nu. Vou-me vestir.

E dirigiu-se às tábuas do fundo. Alfeu marchou atrás dele, furioso, alcançou-o no fim do alojamento, deu-lhe uma bofetada, lançou-o por terra. O

escrunchante ergueu-se, tirou com a toalha a areia pegada no corpo úmido, aproximou-se da roupa, vestiu a cueca, recebeu novo golpe caiu, levantou-se rápido, abotoando-se. Terceira queda, e vestiu uma das mangas da camisa, a outra ficou para depois da quarta. Assim conseguiu enfiar as calças. As vezes resistia às pancadas; cambaleava, endireitava-se, prosseguia na custosa operação, atento. Não esboçou um gesto de defesa, nem sequer tentou cobrir o rosto. O soldado batia sem pressa, dando-lhe o tempo necessário para arrumar-se nos intervalos da surra. Isso durou uns cinco minutos. Afinal o desgraçado afivelou o cinto, meteu nas casas todos os botões e disse tranqüilo: - Bem. Agora podemos ir.

E acompanhou o soldado. A noite, quando me apareceu na visita ordinária, revelei o meu espanto:

- Ó Gaúcho, você podia ter evitado aquela desgraça. Porque não atendeu logo ao chamado?

- Vossa mercê não entende, respondeu o escrunchante. Ele fez o que eu desejava, não houve desgraça nenhuma. Aquilo é treinamento do sistema nervoso, é ginástica. Sem exercício, eu enferrujo aqui dentro; quando sair, não posso arrombar direito uma casa, volto ao serviço com as juntas perras.

Guardou silêncio um instante, depois resvalou numa confissão temerária:

- Eu tenho um plano: vou fugir. Foi por isso que lhe vendi a cama, não precisava dela. Antes de um mês estou no Rio.

- Difícil

- Não senhor. Já fugi de Fernando de Noronha. Isto sim, foi difícil. Pirar daqui é brincadeira de menino. Basta arranjar um saco, um pedaço de pau, um cordão e uma caixa de fósforos.

Estranhei. Para que diabo serviam coisas tão diferentes? - Eu lhe digo. Sabe qual vai ser a consequência da minha brutalidade com Alfeu? A sova foi apenas o começo; qualquer dia mandam-me para as vigas.

Estremeci

- Que horror, Gaúcho! Não pense nisso.

Era um castigo medonho, pior que a cela, e apenas se infligia a homens robustos e perigosos. Estavam separados de nós. As vezes, pela manhã, durante o curto banho de sol, víamos essas criaturas em fila, conduzindo troncos pesados. Vagarosos, passavam a pequena distância, a vacilar, trôpegos, vergando ao peso da carga. As pontas dos madeiros

apoiavam-se nas cabeças, nos ombros, e os infelizes arrastavam-se, dois

a dois, jungidos pela horrível canga. Se um traquejava, tombava, o companheiro via-se coagido a serviço duplo, no cocuruto uma rodilha, a trave em cima, equilibrando-se mal, as extremidades a subir, a descer. Aquilo formava uma gari, gorra sinistra, o espigão em marcha ronceira, titubeante. Avanços, recuos, tombos, quase impossível a geringonça manter-se em posição horizontal. Se se desconchavava, o sujeito era obrigado a arrastá-la. Polícias, com sabres desembainhados e açoites, não concediam trégua no duro esforço.

- É terrível, Gaúcho

- Não senhor. A gente nas vigas tem algumas vantagens. Há comida. Ruim, mas há. Aqui nós morremos de fome. É de lá que eu vou fugir.

Olhou em roda, baixou a voz, desenvolveu o projeto: - Arranjo o saco, o pau, o cordão, meto isso debaixo da camisa e, na hora do trabalho, guardo tudo no mato, longe das vistas. Escondo nos bolsos o que pegar na cozinha, restos de pão, carne, qualquer bóia, e, no corte de madeira, arrumo no saco esses mantimentos. É preciso ter paciência, não há pressa.

- E o cordão, Gaúcho? E o cacete?

- Bem. O cordão serve para amarrar a boca do saco, por causa das formigas. O cacete o senhor vai ver depois. Um dia, no transporte das vigas, corto o pé com um caco de vidro e vou-me atrasando, manquejando. Sapecam-me o lombo, querem obrigar-me a andar como os outros, mas estão vendo muito sangue, sabem que me estrepei e largam-me. Não posso acompanhar a turma, dão-me um carregado leve; continuo remanchando e depois de algumas horas estou na ponta da fila. Numa volta do caminho, quando não me avistam, jogo fora a madeira, corro à moita onde escondi os troços, agarro tudo e caio na mata. Aí não me acham. Descobrem a fuga tarde: estou longe, ninguém adivinha que rumo tomei. A ilha é grande. Está no bolso a caixa de fósforos, porque à noite preciso uma fogueira para me defender das cobras. Tenho de viver nas brenhas muitos dias, até que a vigilância afrouxe. Na primeira semana há um corre-corre dos diabos, e não faço a doidice de me aproximar da costa. Fico na serra, entocado, como bicho. Se a bóia acabar, assalto a casa de um desses caipiras. É aí que entra o cacete. Chego-me devagar, espio, descubro uma velha junto do fogo, preparando a gororoba. Estudo a ocasião, vou-me abeirando por detrás da mulher, dou-lhe uma cacetada na cabeça e levo a panela. Isto é ruim e só se usa em caso de aperto, porque a notícia se espalha e a guarda percebe

que ainda não me escapuli. O meu interesse é que ela esteja na dúvida. Agüento-me quinze dias, um mês, afinal se esquecem de mim, volta o sossego. Vou-me aproximando e observo isso com muito cuidado. Aproveito uma noite de escuro ou de chuva, desço ao porto, desatraco uma canoa, meto-me nela e toco para Mangaratiba. Mas desembarco fora do povoado, fujo das casas e não viajo em trem, é claro. Entro no Rio a pé, acompanhando a estrada de ferro.

Calou-se, e apresentei-lhe esta objeção:

- Você fala com uma certeza esquisita. Pode ser que as coisas não se passem como você imagina.

- Ora essa! Falo porque tenho prática, não é a primeira vez que me desenrasco. É assim que se faz.

Em seguida referiu-me a evasão de Fernando de Noronha, mas havia nela sérias dificuldades, e não me seria possível hoje reproduzi-la. Esqueci quase tudo. Essa história não me despertou muita curiosidade, talvez por encerrar um lance romanesco, façanha incompatível, parece-me, com a natureza do meu amigo. Supus que a fantasia dele houvesse forjado o caso, pelo menos grande parte do caso estranho. Em geral aqueles homens devaneavam, enxertavam pedaços de sonho na realidade. Afasto o juízo temerário, concebo alguma verdade na proeza de

Gaúcho. Enfim as narrações dele articulavam-se com rigor. Dessa, na verdade singular, perdeu-se o começo. O arrombador escapara da prisão, arranjava um bote e fizera-se ao largo. Não tinha velejado muito e recebia uma descarga: alguns perseguidores navegavam para ele. Deitara-se, livrara-se das balas. Depois, manejando vela e remo, conseguira distanciar-se um pouco. Ainda longe do continente, naufragara a embarcação dos caçadores. O fugitivo recuara, avizinhou-se deles e, com esforço, recolhera todos, meio mortos. Prosseguiu e ao cabo de horas alcançava uma praia deserta. Pusera em terra quatro soldados exaustos, sem armas, e embrenhou-se no Rio Grande do Norte, sempre caminhando para o sul.

- E como foi que você viveu nesse tempo? informei-me. - Roubando, fazendo miséria.

- Diabo! exclamei atônito. Você perdeu uma boa oportunidade. Era fácil reabilitar-se.

- Não senhor. Nunca pensei nisso. Não aprendi nada. Só dou para roubar, é o que sei.

Essa franqueza levou-me naquele momento a aceitar sem exame o heroísmo do sujeito absurdo. Incongruente. Mas quem não é incongruente? Não havia em Gaúcho sinal de mentira; as palavras saíam-lhe naturais, vivas, um pequeno silvo a terminar os

períodos; o olho de gavião fixava-se em mim com energia, nunca se desviava. Enfim o indivíduo singular não dava mostra de haver praticado ação notável. Sentado à beira da cama, em cueca, nu da cintura para cima, exibia os músculos rijos, os bíceps enormes. Bem. Aquela força visível podia ter realmente salvo os quatro soldados. Observando o corpo vigoroso, baixei o olhar às pernas, ri-me: lá estava numa delas o remate da figura obscena.

- Ó Gaúcho, inquiri, você não acha um horror essa tatuagem? Porque não mandou pintar coisa menos indecente? - Isto é o meu cartão de visita, respondeu o escrunchante. Quando entro na cadeia, os veteranos vão-se chegando, e sei perfeitamente as intenções deles. Se não tivesse a marca do ofício, estava perdido, era uma pessoa enrabada. Os tipos se assanham e eu tiro a roupa devagar. Eles vêem a tatuagem e baixam o fogo: compreendem que sou lunfa e mereço respeito.

CUBANO bateu palmas à hora do almoço e os homens se alinharam. Desviei-me, como sempre fazia, esgueirei-me para as camas vizinhas ao lavatório; ouvi gritarem-me o nome:

- Seu Fulano, entre em forma. Voltei-me:

- Obrigado, não quero almoçar.

O negro estava diante de mim, decidido, sem nenhum vestígio das amabilidades ordinárias:

- Não estou perguntando se o senhor quer, estou mandando. Entre na fila.

- Tolice, Cubano, respondi com mau modo. Você não me dispensou das formaturas?

Essa réplica foi inútil: o moleque aproximou-se, cochichou-me ao ouvido, a voz trêmula:

- Perdoe-me. Eu não posso deixar o senhor morrer de fome. Vai à força.

E agarrou-se comigo, em luta desigual, absurda. Achava-me num espanto imenso, cheio de fúria e vergonha. E parecia-me sobretudo ridículo envolver-me em briga daquele gênero com um vagabundo, na

presença de novecentos homens em linhas pasmas, os braços cruzados. Minutos antes,

folheando papéis, sentado na cama, tal ocorrência não me atravessaria o espírito. Demência. Apesar de ter vivido muitos anos no sertão, convivendo com gente meio bárbara, nunca me viera precisão de recorrer ao músculo. De fato os pobres músculos se haviam atrofiado; impossível extrair deles o vigor necessário. Dias gastos numa repartição, no exame de processos, noites consumidas no lento arranjo de frases, o espinhaço curvo, estragam definitivamente um organismo. Ao chegar ali, firmava-me com dificuldade, a arrastar a perna trôpega. E agora, ausente da mesa onde me davam, em prato de folha, um caldo insípido e ralo, com três rodela de cenoura, sentia-me arrasado. Uma semana de jejum completo, mais de uma semana, conjecturo. Nessa infeliz situação, bambo, atracar-me a um bicho forte, habituado aos rolos das favelas, era estúpido.

Movia-me em desespero, atacava, defendia-me à toa; com certeza os meus golpes não tinham nenhum efeito. O moleque, rijo, nem se ocupava em revidá-los: todo o esforço dele consistia em procurar segurar-me os braços. Um murro me lançaria ao chão. Tive consciência disso, percebi que o estranho adversário me poupava e limitei-me a fugir às mãos ásperas, aos

dedos de ferro. A enorme cólera juntou-se uma gratidão insensata. Perseguia-me a escusa estapafúrdia, no meio daquele desconchavo: - "Não posso deixar o senhor morrer de fome. Perdoe." Excelente propósito, sem dúvida, mas o jeito de realizá-lo indignava-me. Muitas vezes o rapaz me oferecera conselho: - "O senhor fuma demais. E não come. Isso é ruim. Veja se pode engolir qualquer coisa." - "Não. Obrigado. É impossível." Nunca me passara a idéia de que ele fosse capaz de levar-me a semelhante apuro. Amável, serviçal, procurava tornar-nos a vida menos dura no lugar infame. De repente, a inopinada agressão. Gente singular, meio esquisito: até para revelar sentimentos generosos, era indispensável a brutalidade. Na desordem, mexendo-me ao acaso, via-me forçado a achar razoável o disparate: o homem recorria à violência com o intuito de prestar-me favor, e admiti que não podia comportar-se de outro modo. Tinha um coração humano, sem dúvida, mas adquirira hábitos de animal. Enfim todos nos animalizávamos depressa. O rumor dos ventres à noite, a horrível imundície, as cenas ignóbeis na latrina já não nos faziam mossa. Rixas de quando em quando, sem motivo aparente; soldados ébrios a desmandar-se em coações e injúrias. Essas coisas a princípio me abalavam; tornaram-se depois

quase naturais. E via-me agora embrulhado num pugilato.

A zanga e o reconhecimento ferviam-me no interior. Súbito uma confusa piedade engrossou-me o coração. Tive pena do infeliz amigo, que se aventurava a medidas extremas, julgando salvar-me a vida. A irritação esmoreceu: provavelmente ele devia sofrer. Continuava a defender-me; na confusão, tínhamos andado vários metros, pouco a pouco nos chegávamos à porta, onde a guarda assistia ao fuzuê. A indisciplina me ocasionaria provavelmente a cela, estreita e escura. Não pensei nisso. o perigo imediato, sucumbir, entrar na fila, marchar de cabeça baixa, sentar-me no refeitório nauseabundo, eliminava riscos afastados. Empenhava-me na resistência, que se ia tornando bem difícil: a minha estulta compaixão associava-se aos movimentos de Cubano; sem dúvida ele iria subjugar-me.

Um berro medonho nos interrompeu. Virei-me, enxerguei por cima do ombro o malandro cafuzo que, dias e dias, uivava junto à grade pedindo uma injeção de morfina. Rolara de uma tábua e espojava-se na areia do alojamento, em gritos, a barriga nua exposta a uma nuvem de moscas. De relance notei uma ferida aberta, um jorro de sangue preto derramando-se nas virilhas, nos pêlos do ventre, nas pernas, formando

uma poça no chão. Sacudi-me, liberei-me das garras fortes do vagabundo:

- Vá para o inferno, Cubano. Eu posso comer vendo uma desgraça desta?

A criatura desviou-se, e ao cabo de um minuto as linhas moveram-se, entraram no curral de arame, articularam-se no pátio branco. Ficamos sós no galpão, o doente caído na terra vermelha, eu de pé, atordado, inútil. Aproximei-me dele, perguntando a mim mesmo se era possível fazer qualquer coisa. Evidentemente não, mas resistia em conformar-me com isso.

Fui à porta, olhei pelas barras de ferro, procurei um soldado, um funcionário, chamei. Ninguém. Nenhuma assistência ao infeliz. Voltei para junto dele, fiquei algum tempo a ver o líquido escuro esguichar do buraco, sob o vôo

das moscas. Faltavam desinfetantes. Aquilo arruinara, apodrecera ao abandono, e o sujeito, com os intestinos avariados, manifestava a dor e o medo em queixas estertorosas. Lembrei-me das palavras do médico ao examinar-me a eventração: - "Apendicite?" - "Psoíte." - "Vamos operar isso. É fácil." Estremeci com horror desconhecido naquele tempo. Se me houvesse entregue às facas dos magarefes, acabar-me-

ia assim, decompondo-me sem tratamento, devorado pelas mucuranas. A horrível chaga era pouco mais ou menos à altura da minha cicatriz, abaixo das últimas costelas direitas. O homem provavelmente ouvira oferta igual àquela, baixara a um hospital miserável, fora cortado à pressa numa sala isenta de assepsia. A voz era um' grunhido rouco:

- Uma injeção de morfina, pelo amor de Deus.

O pedido insistente no deserto arrasava-me os nervos. Arredei-me, fui sentar-me à cama, abri o livro, repisei coisas da índia. Não sei como obtive esse volume encadernado, com ilustrações. Enquanto ali vivi, tornou-se em mim um hábito folheá-lo, mas nunca entendi um período: sabia apenas que se tratava de coisas da índia. Irritava-me a demora dos companheiros, o almoço interminável. Se estivessem ali, talvez algum achasse meio de socorrer o pobre. Dizia isso a mim mesmo, embalando-me numa esperança indecisa e hipócrita. Nenhum auxílio, evidentemente. O -meu desejo era que o galpão se enchesse e o rumor das tosses, o zunzum das conversas, palavras ásperas, contendas amalgamadas num burburinho constante, abafassem o ronco lastimoso. Pensava em distanciar-me, dirigir-me às tábuas do fundo, e continuei ali, contando os longos minutos. Com freqüência levantava a cabeça, via, a

seis ou oito passos, a barriga preta, onde o sangue estancara. Os gemidos caíam monótonos, e parecia-me que a ele se juntava o surdo zumbir das moscas. Ilu são: àquela distância não se ouvia o débil som, mas distinguia-se bem o esvoaçar dos bichos em cima da carne rasgada. Naquele momento a perna direita me incomodava em excesso. Difícil arrastar-me: talvez por isso não me haja decidido a refugiar-me nas tábuas do fundo, longe do queixume ininterrupto. A briga física havia-me exaurido. Burrice. Enrolara-me em coisa semelhante no curso primário, e desde então as encencas se aplainavam sem muita grosseria. Julgava-me um tipo mais ou menos civilizado. Agora isso desaparecia.

Um bruto, evidentemente. Um bruto cansado, a vista a espalhar-se, turva, nas paredes sujas, detendo-se num ventre aberto, num orifício glutinoso, no vôo de insetos vorazes. O cafuzo ia morrer, sem dúvida.

- Uma injeção de morfina.

A súplica desmaiava, era um rumor abafado, arquejante. Se a não tivesse ouvido muitas vezes, não me seria possível entendê-la. As palavras sumiam-se, desarticulavam-se, como a enregelar-se num torpor de morte. Descerrou-se a grade, as filas entraram no alojamento, desfizeram-se; as vozes espalharam-se, fundiram-se no rumor coletivo. Erguendo a cabeça,

não percebi o corpo exangue na areia vermelha. Bem. Agora estava sobre a tábua donde resvalara, junto à porta. Findo o almoço, decidiram acomodá-lo. Ia enfim aquietar-se; pelo menos a agitação nos escaparia. E à tarde, com o regresso das turmas do trabalho, poderíamos distrair-nos passeando entre as esteiras, ouvindo, aqui, ali, uma história, uma anedota.

Cubano falou-me, solícito, camarada: a luta da manhã não lhe deixara vestígio no espírito. Busquei lembrar-me dela. O pensamento desviava-se, os olhos prendiam-se com insistência na figura imóvel junto aos varões de ferro.

A noite, a visita de Gaúcho não me deu prazer: achava-me desatento, murcho. E depois do silêncio, estirado, a mala servindo-me de travesseiro, presas entre as coxas as duas bandas do lençol tinto de hemoptises, não consegui dormir direito. O sono vinha, fugia. Modorras desagradáveis partiam-se, e nesses intervalos abalavam-me os sentidos meio dormentes os ruídos noturnos: papaguear desconexo e delirante, revoluções de tripas, gemidos, tosses. Avultavam nisso os arquejos do malandro. Eram na verdade quase imperceptíveis, mas feriam-me como pregos. Fazia muitas horas que tinham cessado; capacitara-me disto. Ressurgiam, prolongavam-se,

estertor de moribundo teimoso. Porque não morria logo aquela criatura?

- Uma injeção de morfina, pelo amor de Deus.

Era apenas um sussurro, quase indistinto. O pedido esmorecia, inútil. Pela madrugada enxerguei vultos em redor da tábua, curvados, em cochichos. Teriam vindo enfermeiros? Estariam abreviando e entorpecendo a agonia do homem? Retiraram-se. Os lamentos enfraqueceram ainda, espaçados, sumiram-se.

Ao levantar-me, vi o cafuzo imóvel e sereno. Afastei-me, com este horror aos mortos, de que não me livro. Fomos aquecer-nos ao sol, no curral; as turmas saíram para o trabalho. Quando voltei ao alojamento, o cadáver tinha desaparecido. Saíra provavelmente enrolado num cobertor, como Domício Fernandes.

CERTA manhã os paranaenses foram chamados à secretaria e voltaram num ruidoso contentamento: no dia seguinte, com dois rapazes do nordeste e alguns ladrões e vagabundos, deixariam a Colônia. Essa notícia me causou viva inquietação. O nosso grupo se desconjuntava, segundo o hábito que me parecia regra na cadeia. Uma parte ficava ali; outra se juntava a pessoas desconhecidas, ia formar em lugares diferentes novos aglomerados instáveis. No Pavilhão dos Primários qualquer boato a respeito de mudança nos tirava o apetite. Agora aqueles homens estavam alegres em excesso: provavelmente não seriam soltos, mas a transferência devia ter para eles quase o valor de uma libertação.

Felicitei-os, procurando sentir prazer com o afastamento incompreensível. Achava-me na verdade cheio de inveja e despeito. Resolução estúpida. Van der Linden e Mário Paiva, meus companheiros no porão do *Manaus*, cuspiam sangue, coitados, precisavam realmente sair. Mas Zoppo, Cabezon, Petrosky, homens fortes, podiam resistir mais alguns dias. Petrosky era um gigante. Ao vê-lo arrumar a bagagem, vagaroso, pesado, com jeito de boi, achava-

me em completo desânimo. Impossível agüentar-me. A agonia do malandro cafuzo importunava-me. A chegada, arrastava-me a custo; olhando-me a cara, o tenente Bicicleta me dispensara do trabalho. O meu fim estava próximo, com certeza. E abandonavam-me naquele inferno.

Passei o dia remoendo idéias lúgubres. Iam enterrar-me ali. Um pacote leve, alguns ossos envoltos nas duas bandas de lençol tintas de vômitos sangrentos. Embrulho imundo, anônimo, em cima de uma tábua. Enfim não pretendiam corrigir-nos: queriam apenas matar-nos, dissera o guarda vesgo na primeira noite, procurando esconder o braço pequeno, atrofiado. - "Quem tem protetor fica lá fora. Os que chegam aqui vêm morrer. Todos iguais." Sem dúvida. O malandro cafuzo, Domício Fernandes, revolucionário de Natal, assassinados, iguais, sem dúvida. Todos iguais. Ia acabar-me assim. Natural. Se pudesse entrar na fila, sentar-me no refeitório ignóbil, ingerir pedaços da bóia infame, talvez couse guisse estender um pouco a vida hesitante. Impossível. Cubano voltaria a agarrar-se comigo, em luta física, para obrigar-me a comer. Os bons propósitos dele se perderiam.

Esses pensamentos desagradáveis foram interrompidos à tarde. Chamaram-me à grade,

mandaram que me apresentasse ao diretor. Que diabo seria? Essa gente nunca me falara. Vesti a roupa de casimira por cima do pijama e, sem gravata, julguei-me decente para falar à autoridade. Abriu-se a porta, saí em companhia da força, atravessei o pátio, fui levado à casa onde me haviam espoliado antes de me rasparem a cabeça.

Entrei numa saleta, vi sentado a uma banca um homem de rosto fino, duro, silhueta recortada em lâmina de faca. Logo reconheci o médico, o diretor suplente que viajara conosco na lancha, entre senhoras acomodadas em cadeiras de vime. Avancei, detive-me a pequena distância da mesa. O sujeito de fisionomia cortante, em silêncio, estendeu-me um papel. Li. Era um telegrama chamando-me com urgência ao Rio.

- Está bem. Quando viajo? - Amanhã, com os outros. - Está bem.

Ia retirar-me, atordoado: não esperava tal coisa. Porque não me haviam juntado aos outros? Decisão de última hora, certamente. Dirigi-me à porta, uma lembrança deteve-me: recuei, murmurei à toa, sem escolher palavras:

- Ó doutor, quer fazer-me o obséquio de mandar procurar uma carteira que me furtaram aí na secretaria?

O sujeito olhou-me severo e respondeu firme: - Aqui não se furta.

- Santo Deus! tornei. Aqui não se faz outra coisa. Todos nós somos ladrões. Porque é que estamos na Colônia Correccional? Porque somos ladrões, naturalmente. Pelo menos é esta a opinião do governo. O senhor ignora que lá dentro usamos os casacos pelo avesso, para os nossos amigos não nos meterem as mãos nos bolsos?

Larguei isso com um sorrisinho mau, impertinente, repisando frases. O objeto perdido não me faria grande falta, nem uma vez pensara em reavê-lo. Mas, feita a reclamação, pegava-me a ela, por ver que estava causando aborrecimento ao funcionário antipático. Insisti, ele mandou chamar o rapaz da secretaria.

- É isto, expliquei. Uma carteira que os senhores me furtaram no dia da chegada. Estão aqui o porta-níqueis e o cinto, com monogramas. Há na carteira um monograma igual. - O senhor tem recibo? perguntou o sem-vergonha.

- Não, homem. Você já viu ladrão dar recibo do que furta?

- Ah! Não fui eu.

- Então foi um colega seu. Vocês todos se entendem. O sujeito negava a pés juntos. Insisti na reclamação por teimosia, só para chatear o médico. Certamente não me iriam atender: limitava-me a acusar sem provas, e era impossível identificar o culpado na multidão confusa. No caso dele, meter-me-ia nas encolhas, evidentemente; qualquer indivíduo sensato faria o mesmo. Não me passava a idéia de que ele fosse denunciar-me. E continuava a segurar-me a um direito vago, indemonstrável, enquanto a frase do guarda zarolho me feria a lembrança: - "Aqui não há direito." O homem de cara metálica esgotava a paciência, com certeza; necessário decidir-me a largar o caso enfadonho, que nenhuma vantagem me podia trazer. Depois de viver naquela miséria, sem alimentos, sem banho, encurralado como bicho, sugado por mosquitos e piolhos, resguardando-me com trapos sujos de hemoptises, ocupar-me assim de um prejuízo insignificante era absurdo. Ao entrar na Casa de Detenção, agarrara-me a um frasco de iodo quase vazio que me queriam tomar, defendera-o com vigor, mostrando uma unha já cicatrizada; conseguira salvá-lo e jogara-o no lixo, pois não me servia para nada. Qual seria o motivo dessa obstinação, agora repetida? Julgo que o meu intuito, embora indeciso, era reaver uma personalidade que se diluíra em meio abeto. Exigindo o frasco inútil, esforçava-me por

eliminar do espírito vestígios do horrível porão, onde supus enlouquecer. As esteiras imundas, o refeitório ignóbil, pessoas transformadas em animais selvagens, morrendo à toa, justificavam segunda impertinência. Não se tratava só de molestar uma figura desagradável. Junto à mesa, olhando o telegrama, aparecia-me a avidez de reentrar enfim na humanidade. Lembro-me de, naquele instante, me haver considerado trapaceiro e mesquinho. Prevalencia-me da situação para dizer palavras insensatas na véspera, e isto de algum modo significava um procedimento covarde. Senti que aquela gente - soldados e guardas ébrios, insensíveis, obtusos - já não me causaria mal: o telegrama tinha pouco mais ou menos o valor de uma carta de alforria. Havia nessa reflexão força bastante para fechar-me a boca. Não me calei. E o moço da secretaria, negando sempre, começou a perturbar-se. De repente saiu. Dispunha-me a sair também, avizinhava-me da porta, quando ele entrou de novo ,e me estendeu a carteira:

- É esta?

Recebi-a, tirei do bolso o porta-níqueis, desafivelei o cinto, fui colocar tudo sobre a mesa, conferi os monogramas: - Está aí, doutor. O ladrão veio trazê-la. E o doutor a dizer que aqui não se furta. Engraçado.

Recolhi os três objetos, rindo alto. Mordia os beijos para reprimir a manifestação ruidosa, e não me continha: - Aqui não se furta. Adeus, doutor. Muito obrigado. O médico levantou-se, acompanhou-me até a cancela do curral. Pela primeira vez achava-me vigiado por um sujeito de importância, mas isto de nenhum modo atenuou as humilhações anteriores. Naquele momento, com a viagem fixa para o dia seguinte, inclinava-me a dispensar a cortesia inopinada. O homem tencionava provavelmente, julguei, abrandar-me o conceito motivado pela cena desairosa à administração. Ao sair, espantava-me de ele não haver dito uma palavra de censura. E mais me surpreendia o desazado comportamento do velhaco: repelira a acusação frágil, depois se embrulhara, perdera os estribos e condenara-se estupidamente. Isso corroborava o meu juízo a respeito dos ladrões: gente vaidosa e potoqueira. Mas aquele na verdade era inferior aos outros. Descuidista, imaginei.

No pátio branco, as árvores enfileiradas, marciais, despojavam-se das folhas amarelas, que voavam lentas na aragem branda. Havia no céu um desperdício de tintas. O negrume ferruginoso dos montes próximos ganhava tons dourados. E a distância, verdes e finas, as piteiras imergiam num banho luminoso. Seriam talvez seis horas.

- Que beleza, doutor! Que maravilha!

Chegávamos à cancela. E experimentei de chofre a necessidade imperiosa de expandir-me numa clara ameaça. A desarrazoada tentação era tão forte que naquele instante não me ocorreu nenhuma idéia de perigo.

- Levo recordações excelentes, doutor. E hei de pagar um dia a hospitalidade que os senhores me deram.

- Pagar como? exclamou a personagem.

- Contando lá fora o que existe na ilha Grande. -
Contando?

- Sim, doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel. O diretor suplente recuou, esbugalhou os olhos e inquiriu carrancudo:

- O senhor é jornalista?

- Não senhor. Faço livros. Vou fazer um sobre a Colônia Correccional. Duzentas páginas ou mais. Os senhores me deram assunto magnífico. Uma história curiosa, sem dúvida.

O médico enterrou-me os olhos duros, o rosto cortante cheio de sombras. Deu-me as costas e saiu resmungando: - A culpa é desses cavalos que mandam para aqui gente que sabe escrever.

QUASE não precisava arranjar-me para a viagem. Despi-me, abri a valise, procurei. algum pano limpo, sabendo perfeitamente que não iria encontrá-lo. Camisas, cuecas, meias, lenços, os dois pijamas, talvez não estivessem muito sujos, mas com certeza haviam sido lavados sem sabão: tinham cor suspeita de mofo e cardina, a ignóbil aparência dos molambos comuns na prisão.

Vesti-me. esfreguei com o lençol coberto de hemoptises os sapatos secos e empoeirados, calcei-me, amarrei a gravata, que se enrolava como corda. Impossível disfarçar as manchas e vincos da roupa externa. Arranhava-me os dedos a aspereza da barba, nunca raspada naquele infame lugar.

Cubano ordenou a formatura, e pela última vez fui alinhar-me, observando atento a bagagem deixada sobre a cama, junto ao chapéu de palha. Desnecessária cautela: os indivíduos capazes de furtá-la achavam-se nas filas, de braços cruzados. Tinha-me, porém, habituado à vigia e maquinalmente procurava esses objetos. Os guardas fizeram a contagem, dispersamos, as esteiras se desenrolaram chiando na areia. Circulei

entre elas, avizinhand-me das pessoas conhecidas, a despedir-me. Entretive-me nisso, apesar de faltarem muitas horas para a saída. Ao retirar-me, estariam dormindo. O excelente Macedo abriu generoso uma lata de goiabada; aceitei um grande pedaço, comi-o, reprimi com esforço o desejo de pedir mais. Voltava de repente a fome, fome de açúcar. Vi um dos garotos estigmatizados por Nazir, um monstro recolhido ao manicômio, à Casa de Correção, não me lembro. Já me aparecera um desses infelizes. O demente violara-os e deixara-lhes no corpo o ferrete indelével: nunca mais as vítimas se livrariam do horrível domínio, seriam durante a vida como reses marcadas a fogo por um vaqueiro.

- Levanta a manga.

A criatura miserável obedeceu, languenta e passiva: com certeza era incapaz da mínima resistência. Lá estava no antebraço descarnado a ignominiosa tatuagem: o nome de Nazir debaixo de um coração flamante. Fiquei um momento a espiar as letras azuis mal desenhadas na pele morena. - Que significa isso?

- Amor de mãe, sussurrou uma vozinha débil, inexpressiva, cantilena sem dúvida repetida.

Era a segunda vez que me diziam aquilo. Examinei a carinha murcha, os olhos baços, o peito frágil. Pálido e sem músculos. Uma criança, parecia não ter mais de quinze anos.

- Como é que você imagina que Nazir seja sua mãe? O aborto não respondeu. Baixou a manga e afastou-se. Concluí as despedidas, voltei à cama.

Um rapaz alto e magro chegou-se a mim, segredou-me um recado para Ivan Ribeiro. Não o compreendi e quis eximir-me dizendo ser improvável avistar-me com o tenente, no Pavilhão dos Primários. O outro insistiu, e, embora tentasse decorar-lhe as palavras, não consegui entendê-lo. Para vencer a dificuldade, abri a valise, rasguei uma folha de papel, escrevi a lápis duas ou três linhas numa tira de cinco centímetros, enrolei-a, meti-a no bolso, misturada aos cigarros. Estava em segurança, confundia-se com eles.

O moço retirou-se. O que não estava em segurança eram as notas guardadas entre meias e lenços, doidice pretender levá-las. Novo trabalho perdido. Peguei-as, contei-as: umas quarenta páginas inúteis. Rebentei o cordão que prendia a esteira ao forro da cama, abri um esconderijo, meti-as ali. Quando as achassem, haveria um fuzuê dos diabos. Gaúcho e Cubano fizeram-me a derradeira visita, conversaram alguns minutos. Abracei-os ao separar-

nos, afirmei que sentiria muito prazer se nos encontrássemos na rua. Parecia-me entretanto difícil rever-nos, e isto me afligia. Nascimento, amável e fanhoso, veio trazer-me a penosa oferta já exposta no dia do nosso encontro inicial:

- O companheiro necessita alguma coisa?

Não, decerto. Em geral não me agradava 'receber, e no imundo barracão um fósforo podia adquirir valor inconcebível. Ainda me pesava na consciência a fatia de goiabada que me tentara pouco antes. Devia ter-me absterido.

- Não, obrigado. Fora daqui, em qualquer parte me agüento.

O avesso da generosidade estapafúrdia logo se manifestou num doce ronrom:

- É possível deixar alguma contribuição?

Exibi a escassa pecúnia: cédulas miúdas, níqueis - vinte ou trinta mil-réis. O meu dinheiro, guardado no cóis do pijama, se queimara, virara fumaça, convertido em cigarros.

Vagabundos e malandros, em continua ronda, não me deixavam fumar em paz, e a despesa crescia.

- Só? perguntou Nascimento.

- É o que tenho. Está às ordens.

- Não, recusou o homem. Você não sabe para onde vai. Guardei aqueles restos chinfrins. Realmente não tinha nenhuma idéia a respeito do meu destino. Desejaria regressar ao Pavilhão dos Primários, assistir às conferências de Rodolfo Ghioldi, rir com as brincadeiras de Apporelly, acompanhar o jogo difícil de Pompeu Accioly, campeão de xadrez. Essas figuras, desbotadas, ressurgiam, ganhavam nitidez. Ao mesmo tempo ia-se apagando a gente anônima e esquiva que me povoara o extenso pesadelo e vinha, com pisadas leves, muda e invisível, arrancar-me da mão o cigarro. Não me seria possível reconstituir no futuro a massa informe, imponderável. Os papéis abandonados entre os ferros da cama e a esteira iam fazer-me falta. Essa perda me inquietava, desviava-me das opiniões roufenhas de Nascimento, as últimas que ouvi na piolheira da Colônia.

Achei-me enfim só, diante da valise aberta. Fechei-a, meti a chave no porta-níqueis, pesquisei o galpão, tentando fixar no espírito aquele momento: cochichos, palestras, negócios, rumor de intestinos, brigas, a diluir-se no zunzum de feira; criaturas erguendo-se, escorregando furtivas nos corredores abertos entre corpos estirados; exigências ansiosas à porta da latrina, idas e vindas, contínuo zumbir de

asas no buraco de um cortiço. Na friagem da noite, aqui e ali, divisavam-se os capotes dos paranaenses agachados na arrumação de pacotes e trouxas. Os óculos medrosos do velho Eusébio faiscavam perto. - "An! Pessoa de consideração", resmungaria lento e asmático embrulhando os picuás. O amor à propriedade e versículos da Bíblia ganhavam consistência na alma dele, com certeza. Vivia sempre a falar nisso, evitava encrencas e esperava salvar-se. Iam livrá-lo do refeitório, do carrego dos tijolos, do chão molhado. - "An! Pessoa de consideração." As redes nordestinas alargavam-se, enchiam-se de miudezas, dobravam-se, convertiam-se em malas. Distanciando-se dali, Van der Linden e Mário Paiva recuperariam talvez a saúde.

Entre os vagabundos que nos acompanhavam, distingi o vulto sinistro de Raimundo Campobelo. (Ou Campos Belo; nunca lhe pude saber direito o nome.) Esse negro imenso devia ter tido prodigiosa robustez. Agora o tremendo arcabouço pendia, os ombros curvos, as costelas salientes; e no carão chupado os bugalhos eram duas postas de sangue. Com os pulmões a decompor-se, arquejando na dispnéia, vivia em zanga permanente, rosnando solilóquios roucos nos intervalos da tosse, a alma bárbara, solitária, longe da turba. Afeiçoara-se meses

atrás a um padeirinho sambista. Um dia esse moço lhe contava uma história:

- Eu vinha do trabalho...

O enorme bruto fixara nele os olhos duros, sanguinolentos. Supunha-o malandro e admirava-se:

- Tu trabaia?

- Sim, trabalho. Sou padeiro.

- Fala mais comigo não, grunhira Raimundo Campobelo dando-lhe as costas.

Daí em diante ignorara a existência do outro. Hora de silêncio. Deitei-me, suspendi a gola, defendendo o pescoço, pus as mãos entre as coxas. Na cama exposta, vizinha à grade, o vento me alfinetava as orelhas. Mas um nojo desconhecido me impedia usar os molambos sujos de hemoptises. Adormeci descoberto.

ESTIVE algumas horas a embalar-me em leves modorras, perturbadas muitas vezes: o frio intenso e a preocupação da viagem davam-me sobressaltos contínuos. Perseguia-me a idéia de que os outros iam retirar-se e esquecer-me ali. Qualquer movimento me acordava.

Afinal a chave rangeu na fechadura da porta, vultos deslizaram sem rumor, os capotes grossos dos paranaenses juntaram-se à entrada. Ergui-me, peguei a valise e o chapéu, acerquei-me do grupo. Um guarda veio com uma lista, cantou os nossos nomes. Feita a conferência, descerrou-se a grade, saímos. Até que enfim. Parei um instante, a examinar o cubículo estreito onde um barbeiro canhestro se desculpara ao raspar-me a cabeça, arrancando pêlos. Cheguei ao pátio; dois polícias me ladearam, segundo o costume; esgueirei-me na sombra vagamente quebrada por luzes capiongas. As árvores tinham perdido a forma, a cor, o alinhamento: escondiam-se, manchas quase invisíveis. Andei alguns metros. Até que enfim. Deviam ser três horas; chuviscos finos batiam-me na cara.

- Alto.

Parei. Não havia razão para considerar-me livre daquilo: desabafara antes do tempo, ao deixar a grade, a pequena barbearia. Numa elevação de meio metro, a pessoa que me detivera surgia indistinta, à luz fraca de uma sala miúda. - Alto.

A repetição era desnecessária, pois me achava imóvel, entre dois soldados, à espera de ordens.

- Entre.

Subi a calçada, encaminhei-me à saleta e reconheci na figura indecisa o tenente Bicicleta

- O papel que o senhor leva aí?

- Qual é o papel? inquiri sem perturbar-me.

Num instante abarqueei a situação. Era a tarefa exigida por Nascimento, as folhas de almaço que me esforçara por emendar a lápis retardando-me em explicações, mal-entendidos. Um sujeito se chegara de manso e, estirando o pescoço, tentara lambe a escrita com os olhos gulosos. Lembrei-me da pergunta azeda: - "Que é que você quer?" O sem-vergonha, mordendo um sorrisinho malandro, se oferecera para lavar roupa. Trabalhava barato. Espião, como eu havia suposto. Aliás a denúncia era inútil. Sem nenhuma cautela, ocupara-me em redigir as notas agora

abandonadas entre os ferros da cama e a esteira. Soldados e funcionários podiam tê-las apreendido se quisessem. Desabotoei o casaco. Meteram-me as mãos nos bolsos, apenas descobriram a carteira, o porta-níqueis, um lenço, um pente desnecessário, pois me achava pelado, cigarros, fósforos. Abri a valise, Bicicleta remexeu cuecas e pijamas.

-- Não há papel. Os papéis que eu trouxe os senhores me tomaram quando cheguei.

- Não se faça de ingênuo, respondeu o tenente. O senhor entende. Com certeza não ia ser portador do que escreveu, hem?

Nada afirmei. Também era tolice negar coisa sabida.

- Sei lá! O que tenho é isso. Veja.

Recordei-me da imprudência largada na véspera ao diretor: - "Vou fazer um livro de duzentas páginas contando o que existe aqui. Digo tudo, sem dúvida."

- Veja, convidei tranqüilo, revolvendo os panos sujos, encardidos, cheirando a mofo. É o que tenho.

Bicicleta não revelava interesse naquela formalidade: até parecia indiferente. Examinou tudo, machucou algibeiras e dobras, monologou:

- São ativos, já mandaram.

- Não sei, respondi. Posso ir? Então adeus.

Tranquei a valise, agarrei-a, saí, desci a calçada, mergulhei na treva, flanqueado pelos dois homens que tinham ficado à porta enquanto se realizava a busca. Os chuviscos engrossavam, tornaram-se pingos fortes. Três horas, pouco mais ou menos. Os meus guardas afastavam-se, aproximavam-se, às vezes me deixavam só algum tempo. A vigilância afrouxava, inútil. O desejo de abandonar a ilha fazia-me esquecer por instantes a dormência da coxa, as picadas no pé da barriga, lançava-me para frente. Com certeza os companheiros deviam estar longe. Esta idéia me alarmava; perseguia-me um receio absurdo: iam chegar ao Abrão logo, embarcar sem mim. Rumor de passos, alguns vultos na escuridão, traziam-me sossego. Pouco a pouco a marcha penosa esmoreceu, arrastei-me com dificuldade imensa. As gotas amiudaram-se, uma chuva furiosa caiu de chofre, enregelando-me os desgraçados músculos, fustigando-me a cara, amolecendo as abas do chapéu de palha. O enxurro desceu dos montes, engrossou no caminho, cobriu-me os sapatos, chegou-me às pernas. Baixei-me, arregacei as calças. As pancadas de água cegavam-me. Para onde me dirigia? A tiritar e a tossir, procurei alguém que me orientasse. A escolta se dispersara, julguei. Nisso percebi uma voz fraca,

abafada pela zanga da ventania: - O senhor não pode andar. Está doente?

Passei as mãos no rosto, esfreguei os olhos e, por um rasgão do véu líquido, enxerguei um cavaleiro perto.

- Estou. E com este aguaceiro medonho piorei.

- Faz tempo que ficou aí parado, acrescentou a figura indistinta apeando. Monte.

Recusei:

- Obrigado. Não vou privá-lo da condução. Muito agradecido.

- O senhor não anda, insistiu o homem generoso. Monte.

- É inútil. Não quero.

A criatura retomou a sela e, depois de um momento: - Bem. O cavalo vai servir para nós dois. Segure-se aqui na maçaneta.

Inclinou-se de lado, firmando-se num estribo, deixou-me espaço, mas, embora me esforçasse, as tentativas para agarrar-me foram baldas: sentia-me exausto, os dedos hirtos e insensíveis resvalavam no couro molhado. O sujeito amparou-me com um braço; em posição incômoda e torcida, levou-me a reboque,

agüentando parte do meu peso. Mexi-me vagaroso no rego lamacento, diligencieei aprumar-me, reduzir o auxílio do ótimo desconhecido. Afligia-me importuná-lo, e isto deve ter concorrido para vigorar-me um pouco. A chuva amansou, desapareceu; alcançamos terreno plano e a enxurrada escoou-se; findo o barulho tempestuoso, chegou-me aos ouvidos o som de passos confusos, intermitentes, chiando na areia mole, empapada. A luz da manhã tingiu de leve as árvores, cresceu, revelou-me traços do indivíduo que me arrastava em silêncio. Moreno, grave, não manifestava pressa, e era como se executasse um exercício da rotina. Examinei-o a furto, interrompi a observação notando em mim horríveis estragos. Apesar de ter erguido as calças até os joelhos, não me preservara: toda a roupa se cobria de lama vermelha. Os sapatos deformavam-se, chatos, enormes, sob camadas grossas de barro, e uma vasa pegajosa entrara neles; senti os pés imundos, supus distinguir na caminhada um gluglu desagradável. As meias pretas, ligadas às canelas, sumiam-se, vermelhas. Tudo se avermelhava, era como se eu tivesse lavado as pernas em gelatina sangrenta. Avancei alguns metros com vergonha e nojo; um frio intenso picou-me, frio interior, provavelmente. Difícil continuar. Parei, busquei no meu condutor uma divisa, sinal de comando. Nenhuma. Soldado raso apenas.

- Meu amigo, esta viagem me arrasa. Não posso caminhar. Vamos bater à porta de uma bodega, beber um copo de aguardente.

- É proibido, o senhor sabe, respondeu o homem tranqüilo. Só se o cabo der licença.

- Mas, filho de Deus, retorqui, eu sei lá onde está esse cabo?

Ao fim de meia hora alcançamos os outros viajantes, que haviam estacionado, à espera dos retardatários. Devíamos ser os últimos, pois à nossa chegada a marcha continuou. Renovei o pedido, e um rapaz de fita no braço afirmou que o sargento era quem resolvia. Dirigi-me a essa autoridade, expus a exigência importuna, certo de não ser atendido.

- Pois sim, concordou o homem. Quando chegarmos ao Abrão, o senhor bebe.

- Mas é exatamente para chegarmos lá que preciso beber. Estou morto de frio.

- Tenha paciência. Daqui a pouco, já prometi. Difícil convencê-lo: tinha conseguido mover-me debaixo do temporal; com o sol a avançar, dia claro, um princípio de calor a enxugar-me a veste imunda, não me esfalfaria. Escorando-me ainda à maçaneta, já não causava estorvo ao soldado: capenga e trêmulo, as ferroadas na barriga a atormentar-me, lá me ia

deslocando, vagaroso. Um casebre fechado. Seria venda? Porque não batíamos? A necessidade urgente de álcool aperreava-me.

- Tenha paciência, dizia o comandante. Espere. Outras casas; caipiras feios, de pernas tortas; mulheres obesas, amarelas; crianças opiladas. Enfim, cerca de nove horas, desembocamos na povoação. Atravessamos a rua sórdida, entramos num botequim próximo ao embarcadouro. Arriei no tamborete, arfando, a vista escura, um suor frio a correr-me no peito. A mesa pequena, sentaram-se comigo dois paranaenses e o soldado que me transportara. Serviram-nos. Recusei o pão e o café:

- Não quero isso. Traga um copo de aguardente. Com um sopro de mofa, o botequineiro deu-me as costas, erguendo os ombros. Tinha graça. O sargento chamou-o, falou baixo, e o tipo foi à prateleira, pegou uma garrafa. Cheguei-me ao balcão:

- Ouça. Para não quebrar a disciplina ponha a aguardente numa xícara. É como se fosse café.

Voltei à mesa, recebi uma xícara enorme, cheia, bebi sôfrego. Pedi a segunda, a terceira, a quarta. Apesar de ter o estômago vazio, senti apenas uma ligeira turvação. Alegre, distanciei-me da Colônia, desejei conversar e de novo me surpreendeu a

esquisita sintaxe dos paranaenses: - "Nós disseram." Essa estranha maneira de falar tinha-se esvaído no burburinho do galpão. Van der Linden e Mário Paiva tossiam. A carranca medonha de Raimundo Campobelo estava cavada; nas órbitas fundas os olhos eram manchas cor de sangue; a respiração penosa descerrava os beiços grossos, exibindo os dentes fortes de selvagem. Iam mais dois malandros: o idiota do Nunes, a palrar da família, cheio de fumaças, e um mulato de cara impudente e risonha. Terminada a refeição, engoli o resto da aguardente, fiz um sinal ao dono do botequim, abri a carteira; o soldado moreno adiantou-se, estendeu uma cédula.

- Isso não, protestei. A despesa é minha.

- O senhor nos julga bem miseráveis, disse o rapaz melindrado.

- Está sendo injusto, meu amigo, atalhei. Eu é que seria miserável se esquecesse um favor tão depressa. Tenho boa memória e não sou ingrato. Mas o caso é este: eu sozinho gastei mais que os senhores três juntos, bebi quase uma garrafa de aguardente. É razoável eu pagar.

O moço concordou: a nuvem desfez-se e privei-me de alguns mil-réis. Saímos, passados minutos

chegamos ao porto, vimos uma lancha atracada.
Subimos ao tablado flutuante e embarcamos.

IGNORO se nos retardamos no botequim à espera da barca ou se ela chegou antes de nós. Também não sei se conduzia presos para a Colônia e se a nossa escolta foi substituída. As quatro xícaras de aguardente me impediam talvez observar direito. Lembro-me de haver caminhado nas pranchas do embarcadouro, saltado na lancha, descido ao porão. Acomodei-me entre as figuras que se animavam na sombra, riam, entregues a uma parolagem otimista, cambiando notícias absurdas a respeito do nosso destino. Os paranaenses regressariam logo a Curitiba. Van der Linden e Mário Paiva seriam enviados ao nordeste. Só Raimundo Campobelo se isolava a um canto, arfando, a sacudir-se, na dispnéia e na tosse. O arcabouço enorme dobrava-se; na sufocação, os dedos magros desabotoavam a camisa, exibiam as costelas, o esterno. Chegando-nos a ele, poderíamos contar-lhe os ossos, mas a repulsiva criatura evitava aproximação. A fala de Nunes se esganiçava numa pergunta imbecil: iria achar os parentes na estação quando chegássemos ao Rio? Com certeza, se lhes dessem aviso na polícia. Gente graúda, poderosa, contratara sem dúvida os melhores advogados para

tirá-lo da prisão. Iam soltá-lo, em poucos dias se desmanchava o engano. O mulato de cara impudente e risonha puxou conversa comigo, narrou coisas da sua vida. Não lhe dei ouvidos nesse encontro inicial, apenas lhe guardei o nome: José. Sentado no chão, ocupava-me em reduzir os estragos causados pela chuva: esfregava as manchas da roupa, as meias, as pernas sujas de lama a secar; um pó vermelho me tingia as mãos, espalhava-se nas tábuas. No atropelo da viagem nem me ocorrera fumar. Vasculhei os bolsos, joguei fora uma pasta negra, úmida, nojenta, os cigarros decompostos no aguaceiro. Encontrei na valise dois ou três maços e algumas caixas de fósforos, guardei tudo nos bolsos.

Fingia interessar-me pela história de José, mas, embora me esforçasse, não a compreendia: a atenção se fixava no chapéu de palha deformado e lasso, as abas a cobrir-me os olhos e as orelhas. Examinei aborrecido o traste ridículo; não tornaria a pô-lo na cabeça. Quis desfazer-me dele. ergui-me, segurei a valise, aproximei-me da escada, subi vários degraus. O calor principiava a incomodar-me. Avancei, atingi o fim da escada, enxerguei lá embaixo pessoas envoltas em neblina. Evaporação, julguei. Conseqüência provável do álcool. Foi também efeito dele, suponho, a inconveniência dos meus atos depois daquele

momento. Pisei na coberta, avizinhei-me da borda, atirei na água o chapéu acanalhado.

Voltei, permaneci junto ao buraco sombrio do porão, sem me decidir a mergulhar nele. Arriscava-me a ser repreendido, coagido a enfurnar-me ali, mas não pensei nisto. Uma segurança inexplicável surgia, detinha-me. Não me forçariam a descer. As dores na barriga e o torpor na coxa tinham desaparecido. Na posição desagradável, em pé, olhando grupos de soldados, ondas revoltas, a praia distante, devo ter-me arrimado a qualquer coisa para resistir aos balanços fortes da lancha: encosto de cadeira, uma balaustrada, coluna, amparo assim. Realmente me sentia firme na oscilação. Hoje presumo que a aguardente suprimiu a Colônia, Alfeu e Aguiar, fomes, disenterias, quatro ou seis chuveiros para novecentos homens. Quantos chuveiros? Nem sei. Suponho que me lavei uma vez. Sentia-me cheio de porcarias, a desejar uma torneira aberta. Ia banhar-me, enfim banhar-me, e isto me dava consistência. Depois do banho, considerar-me-ia um sujeito normal. Escorado no futuro, conservei-me ali, estendendo-me por terra e mar, a bagagem leve debaixo do braço.

As fisionomias dos soldados estavam baças, confusas. Inclina-me a falar com essa gente, sondar o interior dela.

Procurei o rapaz moreno que me havia conduzido, o cabo, o sargento, figuras reconhecíveis. Não os distingui: haviam tornado à Colônia, provavelmente. A pequena distância, divisei um homem atarracado, sardento e ruivo. O resto se perdia numa grande névoa. Seria embriaguez? Não era, suponho. Desordem visual depois de semanas de jejum. As idéias estavam lúcidas, as pernas se agüentavam bem nas tábuas que se inclinavam para um lado, para outro. A anormalidade se revelava na ausência de receio, no desejo de conversar com o sujeito ruivo, que me inspirava estranha confiança. Dirigi-me a ele e, sem escolher palavras, encetei uma arenga bastante venenosa contra o governo e o capital. Sou incapaz de revelar-me em público; não chego a expor meia dúzia de períodos a meia dúzia de ouvintes; em tais apertos fuge-me a expressão e deixo de pensar. Não tencionei, pois, fazer discurso: o meu intuito foi explicar-me a um sujeito inclinado na aparência a ouvir as minhas opiniões relativas à ordem. Não era difícil. Ataquei diversas instituições favoráveis aos ricos: o congresso, a justiça, a imprensa, o exército, a Colônia Correccional. Passados minutos, porém, notei que as figuras a princípio nevoentas estavam próximas, nítidas, tinham ganho fisionomias e escutavam a diatribe. Achava-me assim, a declamar horrores num comício improvisado.

Embora corresse perigo e afirmasse isto no interior, não moderei a linguagem. Iria circular a notícia daquilo e uma semana depois me devolveriam à bondade áspera de Cubano e às aventuras esquisitas de Gaúcho. Abarquei a situação com perfeita lucidez. Não me embriagara, disse a mim mesmo. Nenhum vestígio da leve tontura; o juízo e os sentidos funcionavam bem. As frases saíam arrumadas em sintaxe razoável e o exame do auditório se realizava, claro. Admirei-me de não perceber em redor sinal de hostilidade; aqueles indivíduos se mostravam curiosos, enchiam-se com certeza de espanto, e ninguém se lembrou de reduzir-me ao silêncio, como esperei, fazer-me regressar ao porão. Em geral não aplaudiam nem desaprovavam: tinham jeito esquivo, desentendido. Alguns manifestavam franco apoio. Surgiam apartes em voz baixa. O homem ruivo e sardento, com um sorriso, muitas vezes me interrompeu o aranzel:

- Exatamente o que eu digo. Isso mesmo. Estão ouvindo?

Terminei o desconchavo na vizinhança de Mangaratiba. O povoado surgiu e cresceu. Fui reunir-me aos companheiros, que saíam do porão como ratos em tocas e logo se mudaram em carneiros. Os acontecimentos da manhã avivaram-me o conselho do

sargento gordo ao saltarmos no Abrão: - "Tem dinheiro? Esconda. Mostre cinco mil-réis e guarde o resto. Vai precisar." Temerário, arriscara-me a confessar onde se ocultavam as notas. - "Irão descobri-las?" - "Não. A busca é formalidade." Descobrira-me à toa a um desconhecido, e agora se renovava a imprudência.

Estávamos no porto. Em linha, marchamos para terra. Vi-me pouco depois num carro de segunda classe, entre dois tipos mal-encarados. Uma pergunta me enleava: que me induzira a confiar no sargento gordo e no soldado ruivo, presumíveis inimigos? Talvez possuíssemos a faculdade misteriosa de penetrar de golpe o íntimo das pessoas, encontrar lá sentimentos indefinidos na superfície. Ou não seriam indefinidos. O hábito de pesquisar, necessário nalgumas profissões, tornava-se instintivo e dele se originavam as simpatias e antipatias rápidas. Mas ali não havia pesquisa, no tempo minguado, era como se as almas saltassem para fora dos corpos. Um salto, provavelmente. Qualquer coisa as fizera saltar. Observação repentina e involuntária, supus. Não me abalancharia a interrogar os dois vizinhos acomodados no banco estreito, os fuzis entre as pernas. Enxergara-os de relance e desviava-me deles, voltado para a janela, agüentando os solavancos do trem. Não me

dariam nenhuma indicação, convencia-me sem precisar vê-los. Nessa altura reconheci-me incongruente. Arrojara-me a lançar conceitos rigorosos, denegrir a autoridade na presença de funcionários dela e decerto era impossível decifrar de supetão aquelas figuras nebulosas. Reconsiderei. Não tentara adivinhá-las. Nem me importava convencê-las. O meu intuito, no começo pelo menos, fora entender-me com o ruivo sardento, e a cavaqueira agreste apenas continuara o monólogo endereçado a ele. Percebendo outros ouvintes, não me calara, e isto significava bazófia, medo, julguei, de recuar, parecer covarde. O temor às vezes nos leva a temeridades, empresta às nossas ações aparência falsa de coragem. De qualquer modo, refleti, a cadeia nos exibia a fraqueza da reação. Lá fora, roncavam forte, como se pisassem terreno firme. Paradas, ameaças, afirmações categóricas, censura, deputados e senadores feitos bonecos, os jornais prostituídos a semear calúnias. Firmeza, um edifício inabalável desafiando séculos. Propaganda somente: havia nele caruncho e ferrugem, água a infiltrar-se nos alicerces. Vivíamos de fato, nos cubículos pequenos ou no grande alojamento, cercados de gente duvidosa, e as suspeitas nos induziam a cometer injustiças. Um desconhecido cheio de reservas soprava-nos a advertência gasta: - "Cuidado com Fulano: é espião da polícia." Embora

quiséssemos afastar a denúncia infundada, ela permanecia, ocasionando esta pergunta desagradável: - "Qual dos dois será o espião? Ambos. Ou nenhum." Se não fossem aqueles, seriam outros. O capitão de nariz comprido semeara desavenças no Pavilhão dos Primários e sumira-se. O busto de Miranda surgia-me na lembrança, exposto com vaidade e pimponice, a exhibir insignificantes escalavraduras. Pensei na tatuagem obscena vista na coxa de Gaúcho - "É o meu cartão de visita. Quando me vêem nu, sabem que sou lunfa e deixam-me em paz." No peito de Miranda havia também uma espécie de cartão de visita. Percebiam marcas de sevícias nas escoriações chinfrins e tomavam-no como revolucionário. Obtida essa vantagem fácil, a criatura leviana expandia-se, resvalava na mentira, dizia tolices, inconveniências, diante dos guardas, e nos interrogatórios falava em demasia, largando informações a respeito de pessoas não mencionadas no inquérito. Sena apenas desatino? A carência de provas nos impedia escorregar em juízos temerários quando nos referíamos a semelhantes indivíduos. Ficávamos nas reticências, e isto nos aborrecia como nuvem de insetos importunos. Alguns desses tipos ambíguos tinham grande influência lá dentro. Porquê? De passagem, alguém nos cochichava uma desgraçada explicação. - "Já fizeram muitas denúncias e é bom tratá-los bem:

podem denunciar o resto." Repeliávamos a frase venenosa; sem querer, íamos desenterrá-la mais tarde, associá-la a um gesto, um sorriso, uma pergunta largada com modos inofensivos. Não conseguíamos identificar os traidores. Sabíamos, porém, que eles estavam conosco, aperuando o jogo de xadrez, ouvindo as conversas, inimigos ferozes do burguês, intransigentes, radicais, sempre dispostos a oferecer-nos avisos cautelosos: -"Abra o olho com Fulano: é um espião." O conselho se desprestigiara enfim, mas continuava a -circular, papagueado por fanáticos de cérebro escasso, ingênuos demais. Os autores dessas desavenças metiam-se nas encolhas, sem dúvida.

Impossível distingui-los. Em compensação havia na polícia agentes infiéis, e ela não tinha meio de conhecê-los. Desempenhavam-se, mecânicos, pontuais, dóceis ao regulamento. Quando menos esperávamos, em hora de aperto, sugeriam-nos conduta irregular Ou, se estávamos em maré de conversa, recebiam sem reserva os nossos propósitos subversivos. Naquele dia arriscara-me a algumas infrações apoiando-me na conivência imprevista dos soldados O trem rolava no meio de laranjais; por instantes as árvores enfezadas me prendiam a atenção. Porque seriam tão miúdas? Consequência do enxerto, imaginei. Surgiam pela primeira vez; na outra viagem,

apesar de numerosas, tinham-se conservado inteiramente invisíveis. - "Trabalho de cupim." Estas palavras andavam-me no pensamento, desviavam as laranjeiras, que fugiam numa corrida louca. Trabalho de cupim, com certeza. Na miséria do galpão enorme, tencionavam matar-nos, diziam isto com sinceridade crua. Mas os instrumentos necessários à infeliz tarefa bandeavam-se, queriam deixar-nos viver. Um cochicho os revelava. Bem. Impossível transformar em assassinos pessoas normais, que não tinham razão para odiar-nos. Decerto havia criaturas insensíveis e regimentais, surdas a súplicas, gemidos, estertores. Os dois sujeitos próximos, armados e silenciosos, tinham focinhos duros, agressivos; uma vista de olhos indicava não serem capazes de prestar-me nenhum favor. Isso não me admirava. Espantoso era achar naquela gente escolhida para torturar-nos homens dispostos, em noite de temporal, a descer de um cavalo, oferecer-nos a sela cômoda, viajar num rego lamacento. Em carro igual àquele, outro soldado benévolo me dera notícias da Colônia e informara-se a respeito da minha situação. Era-me impossível entendê-lo, o moço renovara uma pergunta: - "Preso político?" E acrescentara: - "Porque ladrão não é." Pasmava-me aquela certeza em quem me via pela primeira vez, rapidamente, à luz escassa da madrugada. No escuro da noite chuvosa, o cavaleiro

não me distinguiria de Raimundo Campobelo, que também se arrastava por aqueles ermos, a ofegar e a tossir. Nenhum meio de saber se eu era ladrão. O comportamento generoso alcançava todos nós. Esses pensamentos encurtavam a viagem.

Chegamos à estação final. Desenrosquei-me vagaroso, aos últimos sacolejos do trem, ergui-me, deixei o vagão, pisei na plataforma, lá fui coxeando entre os dois fuzis. As dores eram fortes, até ali não me supusera tão combalido; mexia-me zozzo, sem ver as coisas, as pessoas, o lugar. Os companheiros se distanciavam. Achei-me na rua, levaram-me a uma calçada, parei: difícil subir ao meio-fio. Um dos soldados mostrava impaciência:

- Caminhe.

- Um instante.

Procurei forças, dei um passo custoso, sacudi-me com esforço desesperado, atravessei um portão de ferro. Atarantado e bambo, a arfar e a suar, reconheci as cotias do Campo

de Santana. Escapou-me a vegetação, mas as grades e os bichinhos saltitantes revelaram-me a praça enorme. Lembrei-me de haver entrado ali vinte anos antes, em companhia de uma sirigaita.

- Mas porque e que o senhor não anda? tornou o soldado impaciente.

Diligencie! contentá-lo, avançar um pouco a marcha capenga:

- É inútil. Não vê que não posso andar mais depressa? Afastei a exigência refugiando-me no passado. Vinte anos. Corrigi: vinte e um, vinte e um e meses. Havia umas furnas. A mocinha me conduziu a elas e estivera algum tempo a cantar. Desassossegavam-me o dinheiro minguido, o trabalho de foca na revisão de um jornal, e o canto não me impressionara. Onde estariam as furnas? Não as enxerguei, talvez as tivessem desmanchado. Pensei no romance entregue meses antes ao editor. A menina sapeca figurava nesse livro como neta de uma dona de pensão. Deixamos a praça, descemos á rua. O condutor se aperreava, queria lançar-me para a frente, fazia o gesto de ferir com agulhão uma rês cansada.

- Ainda estamos longe? informei-me.

Não me deram resposta, e avancei no desânimo, parando a cada instante. Os companheiros tinham-se sumido. Aonde me levariam? Nenhum esclarecimento, e não me ocorreu orientar-me olhando as placas nas esquinas. Afinal estacamos. Retesei a desgraçada carne, galguei três pequenos degraus.

OS OUTROS refugos da Colônia estavam reunidos e submetiam-se a qualquer vaga exigência burocrática. Cheguei-me a eles e, perturbado ainda, não reparei no lugar onde nos achávamos. Ignoro se me fizeram perguntas. As minhas primeiras recordações posteriores à chegada referem-se a um longo corredor sombrio. Meteram-nos nele, abriram no fim uma grade, mergulhamos numa peça de muros invisíveis, tamanho incerto. Ouvi ranger a chave na fechadura e arrisquei alguns passos, meio cego. Devia ser quase noite, embora na rua a confusão e as dores não me houvessem permitido calcular, as horas. Derreei-me a um canto, estendi com alívio a perna doída, encostei-me à parede. Abafava e sentia calor.

- Onde estamos?

- Na Polícia Central, responderam-me.

A sombra se atenuava, era-me possível distinguir as figuras abatidas sobre capotes e redes. Tentei descobrir a pessoa que me dera a informação, reconheci perto o vagabundo José, o mulato de cara viciosa. Mostrava simpatizar comigo, avizinhou-se, e a resposta lhe servia para reatar a conversa

interrompida na lancha. Era vadio e ladrão; no começo da vida a repulsa da mãe e as sovas do padraсто haviam-lhe fechado os caminhos direitos. Fugia de casa, voltava morto de fome, agüentava surras, tornava a fugir. Nem escola nem trabalho. Com o intuito de prolongar as ausências, obtivera ganhos miúdos pondo em prática as habilidades fáceis de pivete e descuidista. Não sei como José iniciou a história, e causa-me espanto haver-me escolhido para confidente. As palavras ditas no porão da lancha tinham-se esvaído por inteiro; reproduziam-se agora, e esforçava-me por entendê-las, exigindo repetições.

- Bem. Continue.

Éramos cerca de vinte pessoas, algumas ruidosas e alegres, funcionando bem, as idéias ligadas a parentes razoáveis. O idiota do Nunes esganiçava-se:

- Será que eles sabem a minha chegada? Hem? Será que sabem?

Buscava em roda interesse para o caso importante:

- Se souberem, vão trazer-me hoje dinheiro e comida. Não se esquecem, os senhores hão de ver.

Fechavam-lhe ouvidos, o imbecil continuava a monologar:

- Trazem, com certeza.

Porque José, malandro também, não se entendia com ele? Os paranaenses, graves, metódicos, arrumavam-se para descansar da melhor maneira, examinavam lentos a sala acanhada, permutando cochichos. Lembrei-me de um caboclo da minha terra, impelido ao sul finda a ilusão da borracha. De regresso, com chapéu de abas largas, roupa de casimira e relógio, esse tipo me dissera: - "Vossa mercê não imagina. Em São Paulo há um bando de línguas. Língua Bahia, língua Mato Grosso, língua Paraná. São diferentes da nossa, mas o senhor entende. O que ninguém entende é a língua Japão: essa é uma língua filha da puta." Na verdade a do Paraná, como afirmava o tabaréu, compreendia-se bem; contudo o diabo do pronome, arrastado pelo velho Eusébio, chocava-me. A narrativa de José não apresentava essas cachoeiras: fluía simples e horizontal.

Veio luz, os homens avultaram, a cela se reduziu e nos apertou, no chão molhado. A frente, à esquerda, a latrina suja e exposta. O vagabundo falava manso e baixo, como num confessionário, e a precisão de responsabilizar a família, justificar-se a um desconhecido, trazia-me ao espírito uma dúvida. Haveria alguma semelhança entre nós? Na verdade a

minha infância não devia ter sido muito melhor que a dele. Meu pai fora um violento padrasto, minha mãe parecia odiar-me, e a lembrança deles me instigava a fazer um livro a respeito da bárbara educação nordestina. Conservaríamos no exterior sinais de penas excessivas ou injustas, asperezas, dores inúteis, indícios reveláveis a uma criatura que se houvesse visto em situação igual? Essa idéia esquisita, nociva à minha gente, induzia-me a desculpar o miserável. Não era isso. Faltava-me o direito de absolver alguém. Restringia-me à comparação. Débil, submisso à regra, à censura e ao castigo, acomodara-me a profissões consideradas honestas. Sem essas fracas virtudes, livre de alfabeto, nascido noutra classe, talvez me houvesse rebelado como José. Não me conformava com tal espécie de rebeldia. Contudo, apesar de nos dedicarmos a ofícios inconciliáveis, a autoridade não nos diferenciava.

- Está bem. Continue.

O homem rude flagelava o garoto e criava pássaros. Um dia, certa de conseguir realizar furtos de pouca monta, a vítima lhe suprimira esses dois passatempos: abrira todas as gaiolas e ausentara-se de vez. Ao cabo de vários anos, narrando a proeza, o mulato sorria enlevado. O verdugo achara com certeza

outros canários, mas já não tinha uma criança para açoitar.

Mulheres se esganiçavam no cárcere vizinho. Uma se enfurecia; depois, alegre, divagava em parolagem confusa, largava fragmentos de obscenidades; com certeza estava bêbeda. Vozes masculinas, no corredor, tentavam sossegá-la com pilhérias amáveis. Suponho que nos trouxeram comida; não conservo disto nenhuma lembrança. A conversa de José me entretinha, embora com freqüência me desviasse dela. Escaparam as minúcias de uma viagem difícil de São Paulo ao Rio, a pé: fadigas, largos rodeios nas cercanias dos lugares povoados, o roubo de um porco.

Alguém me chamou de fora. Levantei-me; além dos varões de ferro um guarda me repetiu o nome, espalhando os olhos indecisos, pelo sórdido magote:

- Fulano, toma.

Abriu a porta, arrastou para o meio da cela um estrado baixo, saiu trancando-nos de novo.

- Obrigado, murmurei com assombro, cheio de vergonha.

Era a segunda vez que me tuteavam. Na Colônia, o anspeçada Aguiar me ordenara ríspido: - "Cruza os braços, chefe." Mordendo os beiços, com

surpresa e raiva impotente, resignara-me a obedecer: cruzara os braços diante da torpe insignificância. Agora se renovava o tratamento injurioso. Apenas, em vez de repreender-me, queriam prestar-me obséquio; no vexame e no desespero, via-me coagido a agradecer.

Voltei a sentar-me, com a impressão de ter levado um murro forte na cabeça. Porque diabo, entre quinze pessoas, fora o sujeito escolher-me para a indigna benevolência? A horrível distinção magoava-me em excesso, era talvez mais dolorosa que a familiaridade revoltante. Nada me faria aceitar o miserável presente; o móvel ficaria ali no abandono, a pejar a saleta. Olhei-o, rancoroso. Um traste ignóbil, sujo; tinha um palmo de altura, pouco mais ou menos. Procurei sinais de malícia nos rostos; alguém me considerava possivelmente um bicho quieto em demasia, submisso à ordem, pronto a receber favores daquela espécie. Examinava-me por dentro, ansioso, via próximo a figura arriada e mofina do velho Eusébio, estabelecia uma infeliz comparação e achava-me vítima de grande injustiça. Era razoável terem premiado as tendências pacíficas do velho Eusébio, amigo da religião e da propriedade. Escolhiam-me, e isto me deixava perplexo. Inútil buscar motivos.

Um grunhido rouco aliviou-me a apoquentação: Raimundo Campobelo resmungava a pequena distância. Parecia zangado e pregava em mim os bugalhos sangrentos. Esforcei-me por distinguir-lhe as palavras, mas o negro para bem dizer não tinha voz articulada. Grunhiu alguns minutos, em seguida entrou a bodejar um, protesto, sem se dirigir a ninguém. A firmeza dos olhos maus revelou-me que ele estava furioso comigo. Tentei decifrar a linguagem dura e revolta, conseguir adivinhar pedaços dela:

- Peste! A gente aqui vomitando os pulmões! Peste! Outros sons perdiam-se no embrulho espumoso. Contudo as poucas sílabas inteligíveis foram bastantes para esclarecer a zanga despropositada:

- A gente aqui vomitando os pulmões! Peste! E dão cama a uma peste que não está doente.

Esperei vê-lo acalmar-sé. Enfim o miserável troço ia ser útil e já não havia razão para acabrunhar-me. Surgia uma escapatória, respirei tranqüilo. Não achando resistência, a cólera do vagabundo subiu. Espantava-me ver alguém excitar-se daquele modo. Um longo braço estirou-se para mim, da algaravia atrapalhada veio a ameaça clara:

- Peste!

Fingi desconhecer a ofensa; provavelmente o infeliz bruto ia sossegar. Deu-se o contrário. Mexeu-se rastejando, chegou-se a mim, disposto a briga:

- Peste!

Ergui-me impaciente:

- Meu amigo, vamos deixar de valentia. Você hoje é incapaz de fazer medo a uma criança. Está arrasado, não agüenta um empurrão. Para que barulho? Pensa que vou dormir nessa porcaria? Tome conta dela. Há mais dois companheiros com os pulmões estragados. Arrumem-se vocês três, que necessitam.

Van der Linden e Mário Paiva ensaiaram recusa, depois abriram as redes, tiraram lençóis, foram acomodar-se nas tábuas. Raimundo Campobelo deitou-se à beira, de costas viradas para os vizinhos. A arfar e a tossir, não mudou de posição. Nenhum gesto ao receber-me a proposta. Calara-se, a tromba feroz de repente murcha: de fato seria loucura, no estado lastimoso, arregar-se à luta. Mas não dava mostra de haver recebido qualquer coisa. Era como se estivesse inteiramente só. Nem os dois malandros, Nunes e José, lhe mereciam atenção, Herculano, o estudante pálido, estirou no chão o capote largo e ofereceu-me lugar. Sempre me faziam esses convites nas horas

difíceis. Estendi-me no colchão improvisado, junto ao muro. Por cima da cabeça de Herculano, eram visíveis alguns vultos caídos também na terra úmida, e, vinte centímetros acima deles, Van der Linden, Mário Paiva, os ombros curvos de Raimundo Campobelo.

NO DIA seguinte, depois do café, vieram buscar-nos e ainda uma vez nos catalogaram. Novas fotografias, novas impressões digitais em fichas. Estupidez. Imaginariam que as nossas caras eram outras. que os nossos dedos se transformavam, deixavam no papel marcas diferentes das primeiras? Voltamos à cela. E aí Nunes entrou a cochichar aos guardas, fingindo importância, esganiçando-se em risinhos. Chegando-me à grade para encomendar um maço de cigarros, vi-o mexer em dinheiro: com certeza pedia qualquer coisa. A hora do almoço, trouxeram-lhe comida superior à que nos deram em marmitas de folha. O idiota agarrou o prato, começou a exibi-lo a toda a gente com excessiva alegria, a voz estridente oferecendo explicações:

- Eu não disse? Eles souberam que eu tinha vindo. Afastei-me do tipo desagradável: a parolagem aguda e o alimento causavam-me desgosto e enjôo. Mas Nunes queria forçar-me a admirar um pedaço de carne e rodelas de batata:

- Como foi que eles souberam tão depressa? Naturalmente os amigos deram aviso. Temos amigos

na polícia. Está vendo? Bóia fina, de hotel. Só estou pensando no advogado. Será que ele chega hoje?

Nem me ocupava em simular atenção: virava o rosto, ia sentar-me longe do tagarela estúpido; sem se ofender, ele me seguia, o prato na mão. Fui encostar-me aos varões de ferro, voltado para o exterior. O cheiro de gordura e o tinir das colheres repugnavam-me.

Terminou a refeição. No começo da tarde procurávamos embalar-nos em conjeturas quando a porta se abriu e nos anunciaram transferência. Ficavam no cárcere os três vagabundos. Num instante arrumaram-se os troços. Olhei pela derradeira vez a figura sinistra de Raimundo Campobelo, despedi-me de José, saí com os outros.

Deixamos o corredor sombrio, volvemos à direita, pisamos a rua, subimos a um carro, fomos trancados e rodamos. Veículo semelhante ao que nos levava à estação, na mudança para a Colônia Correccional: as paredes estavam cheias de furos pequenos; corriam por eles réstias escassas, e nessa luz intermitente olhávamos pelo crivo e era impossível orientar-nos. Sacolejos, corpos invisíveis caindo-nos em cima das pernas. O dia lá fora iluminava e informava os passageiros dos ônibus, dos bondes; ali dentro uma noite rápida nos envolvera.

Chegamos, a prisão móvel se destapou, descemos e achamo-nos em frente às grades altas da Casa de Detenção. Alegrou-me a esperança de voltar ao Pavilhão dos Primários,

rever pessoas amáveis, distrair-me jogando xadrez, escutar as conferências de Rodolfo Ghioldi. Entramos. Novamente percorri as aléias de árvores chinfrins, ainda silenciosas; dentro em pouco todos os ramos se animariam na algazarra dos pardais. Ao virar uma esquina, avistei a cara ríspida e os cabelos grisalhos do chefe dos guardas. Reprimi o desejo de cumprimentá-lo, inquirir sobre o nosso regresso aos cubículos familiares. Seguimos noutra direção, fomos conduzidos a uma sala vasta, como a que tínhamos ocupado uma semana, antes de nos enviarem à Colônia. Os muros estavam pintados de fresco, e as tintas me produziram náusea e dor de cabeça. Ao chegarmos, alguns sujeitos abandonaram as esteiras e fizeram-nos a recepção convencional, ruidosa, cheia de lugares-comuns e patriotismo. Embora repetida em excesso, a cordialidade vazia me impressionava. Um moço pálido e franzino, gingando, trauteou uma canção insípida e maluca.

*Passo a passo, camarada
Fracasso não é derrota.*

Aludia ao malogro da insurreição, evidente; não queria admiti-lo e afirmava um disparate: fracasso não é derrota. Ainda as cantigas sem pé nem cabeça, enervantes; iam reproduzir-se as mesmas tolices ouvidas meses atrás. Herculano empoleirou-se no vão de uma janela, berrou com desespero, tentando comunicação. Gritos responderam, longe. E o *Hino do Brasileiro Pobre* nos chegou, desmaiado e incompleto:

*Do norte, das florestas amazônicas,
Ao sul, onde a coxilha a vista encanta.*

Bem. Os nossos amigos do Pavilhão. Era como se, no rumor confuso, me chegassem distintas as vozes deles. Benjamin Snaider largava o tabuleiro de xadrez, saía à plataforma, enviava-nos enérgico as boas-vindas, ritmadas, sonoras. A bocarra de Lacerdão se escancarava, o peito se alargava como um fole, imenso gorgolejo sobressaía no canto. Rodolfo Ghioldi não tinha parte na ruidosa manifestação: arredo e silencioso, preparava o esquema de uma palestra difícil. Valdemar Birinyi estudava a coleção de selos ou buscava entender-se com Sérgio num alemão desordenado.

Entre os indivíduos existentes no salão, um não se mexera ao entrarmos: permanecia a distância, a cara inerte, a vista fixa num livro. Examinei-o,

curioso. Em meia hora não virou a folha. Quem era? Um lituano, informaram-me. Vivia assim mudo, o volume nas garras, e ninguém sabia como se chamava. Um conspirador, imaginei propenso a justificar-lhe a prudência: isolava-se por necessário orgulho, receio de comprometer-se no meio estranho e mímica de assunto: os homens ocupados em cantigas não o entenderiam. Muitos anos atrás, um vendedor ambulante, da Ucrânia, me explicara a revolução de 1905 e deixara-me a idéia esquisita de que todos os eslavos eram inteligentes. A literatura russa e as conversas de Sérgio fortaleciam a generalização. Cheguei-me à criatura impassível, ensaiei camaradagem, impertinente. Ergueu os olhos baços, rosnou alguns monossílabos indistintos e mergulhou de novo na leitura, arrepiado. Grosseiro, pensei com azedume espiando, familiar e indiscreto, a cartonagem miúda. Era um método inglês, resumo bem vagabundo. A cara do gringo se imobilizava sobre um vocabulário de cinco ou seis palavras. Arredei-me, fui sentar-me a uma esteira. O moço pálido continuava a bambolear-se, percorrendo a quadra de um muro a outro, e sorria incitando-nos a acompanhá-lo:

*Passo a passo, camarada
Fracasso não é derrota.*

Como não? O desconchavo repetido bulia-me os nervos. Claro que fracasso era derrota. Reprimi o desejo de afirmar isso ao rapaz, indagar se ele compusera o verso e exigir modificação.

Nordestinos e paranaenses, livres do abafamento no galpão infame, ressurgiam. Os bofes avariados de Van der Linden e Mário Paiva iriam cicatrizar. Anedotas obscenas espalharam-se, as mesmas ouvidas anteriormente, mas agora não provocavam hilaridade fria, convencional. Quem estaria a contá-las? Cabezon, provavelmente. Observei os arredores, aguicei o ouvido: - "Numa sacristia, o padre novo"... Gargalhadas enormes no fim da história, a mesma já escutada. O remate era previsto - e ríamos apesar de tudo. Um Cabezon novo, isento de carrego de tijolos - homem. Homem a voltar à superfície. A fala engrolada de Zoppo tornou a embalar-me; os óculos do velho Eusébio já não revelavam a fraqueza angustiante; vagaroso, Petrosky andava procurando lugar; trepado na janela, aos gritos, Herculano era como um papagaio na gaiola. Abri a valise, inventariei panos sujos, não me decidi a usá-los: ficaria vestido na roupa de casimira, onde placas secas de lama se desfaziam, desbotavam. Animal sórdido. Tirei a gravata, afrouxei o colarinho; levantei as calças: os sapatos e as meias repugnavam-

me. Sórdido. Agarrei um pijama, levantei-me, dirigi-me ao lavatório. Sórdido. Não pensara nisso, mas agora sentia perfeitamente, sabia perfeitamente que estava sórdido. Alguns metros à retaguarda, o rapaz débil gania, passo a passo:

*Abaixo o integralismo,
O vômito do fascismo...*

Bem. Vômito do fascismo - ótimo. Ruim era o homem dizer *intregalismo*. Achei um pedaço de sabão, enchi a pia, esfreguei a roupa com força, procurando tirar dela o mofo e a cardina. Distraí-me nesse trabalho cerca de uma hora. Esfrega inútil; dedos se inteiriçavam na barrela e a imundície permanecia nas dobras do pano. Achava-me felizmente de costas para os outros e não assisti ao jantar.

O chilro dos pardais anunciava lá fora a noite. Vieram luzes. Deixei a tarefa, regressei às anedotas de Cabezon, ao ronrom do velho Eusébio, à conversa lenta de Zoppo.

Nova curiosidade levou-me para junto do lituano, observei o livro aberto. A criatura não volvera a página, continuava na mesma lição, emperrado no vocabulário exíguo. Os faxinas entraram, conduzindo uma grande caixa. Lá estava a lembrança dos nossos

vizinhos dos Primários, as reservas guardadas semanas e semanas para os famintos da Colônia Correccional.

Experimentei a exigência forte de açúcar, como na antevéspera. Insuportável a comida regular, mas o açúcar dava-me gana esquisita: fome canina de açúcar. De mistura com laranjas murchas e abacates, havia uma lata de goiabada. Imaginei o Pavilhão. Durante meses, quando nos comunicavam a existência de uma leva exausta, corríamos à plataforma, jogávamos para baixo as nossas economias. Sérgio devorava uma parte dos abacates levados por Emile nas visitas das sextas-feiras; guardava o resto para os homens doentes, meio mortos. Solidariedade realmente suicida. Os frutos verdes expostos no caixão deviam ser oferta dele. O frasco de geléia fora enviado por Adolfo Barbosa, homem rico, neto de senador e quase dono de um cubículo cheio de troços luxuosos. Até mesa e cadeiras.

Abri a lata de goiabada, comi um pedaço vorazmente. Quem a teria mandado? Súbita bulímia, coisa semelhante ao que, anos atrás, depois de longa inapetência, me agredira no hospital, mas agora apenas o açúcar me apagava as brasas da boca. Necessário escrever, narrar a mesa de operação; a cama dura, horríveis delírios, um tubo de borracha

furando-me as entranhas como punhal. As cenas próximas já não me interessavam. Bobagem renovar as anedotas de Cabezon, as histórias de Zoppo, o andar vagaroso de Petrosky, a fraqueza do velho Eusébio. Se me decidisse a reproduzir essas coisas, mais tarde seria forçado a jogá-las na água, metê-las num buraco. E já me aborreciam, vistas em excesso. As dores no pé da barriga e a dormência -da coxa traziam-me ao espírito enfermeiros e serventes, cheiro de petróleo, a figura evangélica de padre José Leite, rumor de ferros na autoclave, as mãos ágeis de Clemente Silveira, sonhos, visões. Necessário fixar isso, achava-me na verdade perto disso.

Tomei a escova de dentes, encaminhei-me ao lavatório. Finda a higiene rápida, fui estender o pijama nos varões da grade. Tirei os sapatos, caí na esteira, adormeci.

QUARTA PARTE

CASA DE CORREÇÃO

FIQUEI ali apenas vinte e quatro horas. - Seu Fulano, transferência.

A roupa lavada na véspera ainda não estava seca. Embrulhei-a num jornal, meti-a na valise, abracei os companheiros, exceto o lituano, embrenhado no exercício penoso e um rapaz que na Colônia me ofendera querendo comprar-me um cigarro. Essa mesquinhez, apesar de velha, ressentia-me: a lembrança do homem sonso e risonho, de braço estirado, um níquel entre os dedos, não se apagava. Em minutos achei-me pronto:

- Vamos lá.

Para onde? Calei a pergunta, como de outras vezes; se a lançasse, não me dariam resposta. Imaginei regressar ao Pavilhão dos Primários. Engano, conduziram-me noutro sentido. Os renques de árvores pequenas, mansas a tesoura, não me forneciam orientação. Dobramos esquinas, saímos do edifício. Procurei em redor um daqueles temerosos carros, os tintureiros, marcados com um dístico, eufemismo extravagante: *assistência policial*. Jogam-nos ali, esmagam-nos, indiferentes à capacidade, e

batem a porta; viajamos na treva e no calor, como bichos, atormentados pela desagradável assistência.

- Vamos, convidou um dos soldados.

Nenhum veículo. Diabo. Mexia-me a custo, e iam obrigar-me a nova marcha. De fato lamentei a ausência do automóvel fechado e escuro. Partimos, lá fui claudicando até a Casa de Correção, a pequena distância, entramos. Surpreso e inquieto, perguntei a mim mesmo porque me enviavam àquela prisão. Deviam estar ali, supus, as criaturas forçadas a cumprir sentença, e ainda não me haviam dito uma palavra a respeito dos meus possíveis crimes. Tinham-me obrigado longos meses a rolar para cima e para baixo; aplicavam-me agora uma condenação enigmática. Desapareceriam talvez as mudanças, as relações instáveis com vagabundos e malandros; estabelecer-me-iam num dos cárceres habitados por assassinos e ladrões perigosos. Chegamos à secretaria; um tipo de farda recebeu o ofício que ordenava a minha permanência ali e os condutores se retiraram.

- O diretor está à sua espera, declarou a nova personagem levando-me a um gabinete à esquerda.

Espantei-me. Antes do médico, na Colônia, o homem áspero que me exibira o telegrama e defendera os gatunos, nenhum diretor me havia posto

os olhos em cima. Um que ria ver-me. Ia interrogar-me, sem dúvida, arranjar outra ficha complicada. Ingressamos na saleta. Debruçado a uma banca, um velhinho escrevia. Ergueu-se, tomou do funcionário o envelope, correu a vista rápido na folha de papel, estendeu-me risonho a mão:

- Está bem. Muito bem. Chegou ontem, não?

- Sim, ontem. Ou anteontem, nem me lembro, respondi atarantado.

O tempo deixara de existir.

- Sua mulher esteve aqui hoje. Vai bem. Eu o esperava desde ontem. Houve atraso. Vou telefonar a ela marcando uma visita para amanhã. Vai bem. Toda a família vai bem. José Leite . e Amália vão bem. Sabe que padre José Leite esteve aqui, procurando visitá-lo nos Primários? Não conseguiu a visita. Vai bem.

- É. Percebi a letra dele num pacote de frutas. Mas como é que o senhor conhece essa gente?

- Ah! Sou de Alagoas, nasci em Pilar. Vamos. Pegou-me o braço, levou-me à porta. Essa incrível familiaridade perturbava-me. Difícil admitir que um instrumento da polícia, só por ter nascido na minha terra e conhecer parentes de minha mulher, procedesse de tal jeito. Inclina-me a descobrir na

linguagem simples do homenzinho idéias de corrupção. Mas corrupção porque, Deus do céu? Que diabo esperavam de mim? Estúpido imaginar terem posto ali uma pessoa do nordeste para engabelar-me. Receava comprometer-me e receava ser bruto com um vivente amável. Ao passarmos a secretaria, o velho ordenou:

- Deixe a maleta aí, com a chave. Há uma formalidade. Pus a valise em cima de uma banca, retirei-me em companhia do homem. No pátio, onde se erguiam edifícios altos, atravessamos vários portões de ferro; chegamos a um prédio velho de dois pavimentos. Grades abertas, sem vigias, surpreenderam-me. Além de um pequeno vão escuso, onde vi, direita, uma sala, provavelmente a casa da ordem, chegamos a um canto de terreiro, subimos uma escada. Lá em cima um guarda, que nos acompanhava, entregou-me a valise. Desembocamos numa espécie de antecâmara; vi na parede um espelho, avizinhei-me dele. Não contive uma exclamação de espanto:

- Que vagabundo monstruoso!

Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados. Demorei-me um pouco diante do espelho. Não podia

ver-me na Colônia, de nenhum modo avaliava os estragos, a medonha devastação.

- Que vagabundo monstruoso!

Horível. Entramos num salão muito comprido, onde se alinhavam camas e janelas numerosas rasgavam as duas paredes externas. Havia ali umas cem pessoas. Ao pisar no soalho gasto, oscilante, reconheci alguns dos meus companheiros do Pavilhão. Vários se aproximaram, uma voz metálica soou perto:

- Você está morto, rapaz. Quantos dias faz que não come?

Voltei-me. Era José Brasil. - Nem sei, muitos dias.

José Brasil saiu precipitado; ouvi-o descer degraus com forte rumor de tamancos. O professor Castro Rebelo trouxe-me biscoitos, Maurício Lacerda ofereceu-me duas maçãs.

- Tem pijama? inquiriu um homem atarracado e moreno, que logo me apresentaram: Rosendo, juiz de direito em Niterói.

Com certeza se arriscava a respeitar o *habeas-corpus* - e estava conosco

- Tenho. Imundo, uma porcaria.

O juiz afastou-se, minutos depois entregou-me um largo pijama Nenhum desejo me aparecia de comer as maçãs e os biscoitos, esquecidos numa grande mesa à entrada, tábuas nuas, soltas, em cima de cavaletes. Dirigi-me a um canto do salão, e só aí notei que havia luzes Provavelmente a noite baixara antes da chegada, mas, na confusão da mudança, escapavam-me as horas. Apaguei uma lâmpada vizinha, despi-me, vesti-me. Em seguida, encaminhei-me à porta, segurando a valise: não havia perdido o hábito de fiscalizá-la. Voltei, joguei-a sobre o paletó e a calça amarrotados no chão.

Fui sentar-me num banco, junto à mesa. O diretor conversava animado, risonho e familiar. Tratavam-no por major e pareciam gostar dele. Nesse ponto José Brasil entrou com dois faxinas, que puseram diante de mim bules de café, leite e chá, um tabuleiro cheio de fatias de pão. Surgiu-me de repente a fome: bebi sôfrego um caneco de leite e comecei a devorar. Espantava-me o horrível apetite, depois da longa inapetência, e desgostava-me não conseguir moderá-lo. Portava-me como selvagem, mastigava sem descontinuar e envergonhava-me de estar causando impressão deplorável. Minutos antes as maçãs e os biscoitos provocavam-me repugnância. A esquisita avidez viera de golpe. Esforçava-me por

adivinhar a causa dela, e isto era o único sinal de inteligência que ainda havia em mim. Bicho faminto, surdo, mudo. Não me achava inteiramente cego: via em redor médicos, engenheiros, advogados, jornalistas, oficiais do exército, gente que, meses atrás, lia e jogava xadrez no Pavilhão. A ausência de operários deu-me uma indicação: provavelmente estávamos na Sala da Capela, destinada a burgueses e intelectuais. Mas porque não estavam ali Rodolfo Ghioldi, Sérgio, Valério Konder, os Campos da Paz? Consumi todo o pão e esvaziei o bule de café. Aí choveram perguntas, mas, cansado, zozzo, senti preguiça de falar, catar lembranças.

A Colônia ia-se distanciando; a cama, a esteira, o lençol ensangüentado, a tatuagem de Gaúcho e os olhos ferozes de Alfeu confundiam-se. Teriam existido? Afligi-me reconhecer lacunas em tão pouco tempo, vacilações na memória. Não me seria possível reconstituir o galpão, o refeitório, a generosidade estranha de Cubano, o estertor do vagabundo na imensa noite. A perda irremediável das folhas de papel mexia-me os nervos. Afugentei essas coisas, firmei-me na realidade próxima.

Estávamos na Sala da Capela? Disseram-me que sim e obstinaram-se em pedir notícias da ilha Grande. Mencionei as pedras escuras, os morros, as

piteiras brilhantes no crepúsculo. O diretor, baixo, gordinho, atirando passos curtos nas pranchas desconchavadas, ofereceu-nos um trocadilho de caserna, pilhéria de sal grosso. Um sujeito se referira à ilha e às plantas: - "É a terra onde a pita abunda." Percebendo a cacofonia, emendara: - "É a terra onde abunda a pita." Uma hilaridade cortês e chocha acolheu a anedota.

Alheio às conversas, detinha-me na observação do ambiente e passava os dedos nos pêlos ásperos do rosto. Além de Castro Rebelo, divisei os outros dois professores da universidade: Hermes Lima e Leônidas de Resende. Também avistei Gikovate e Karacik, os médicos judeus, Francisco Mangabeira, Agildo, Moreira Lima, Sisson, Apporelly, Cascardo. Várias personagens, vistas anteriormente, formavam grupos na sala vasta e só mais tarde as reconheci.

- Preciso que me arranjem navalha, pincel, sabão, um pano para enxugar-me Estou horroroso, não posso dormir assim.

Trouxeram-me os objetos pedidos. Fui à saleta, descobri um lavatório, abri a torneira, lavei-me e esfreguei-me vagaroso. Chegando-me ao espelho para barbear-me, repeti com desânimo:

- Que vagabundo sórdido!

Como se transformava uma pessoa tão depressa? Escanhoei-me e alterou-se um pouco a figura semelhante aos ladrões, meus companheiros na Colônia Correcional. Mas a magreza, as órbitas fundas, as rugas, ainda me espantavam; não havia jeito de habituar-me àquele horror.

Voltei ao salão, procurei o indivíduo que me havia emprestado as miudezas e dei de cara com Walter Pompeu. Entraram faxinas, uma cama se armou. Fui recostar-me nela, morto de fadiga, a custo desamarrei os sapatos. Os olhos fechavam-se. Morto de cansaço. Não entendia nada. As perguntas que me fizeram ficaram sem resposta. O homem gordo e baixo deu mais alguns passos curtos no pavimento bambo e retirou-se. Apagaram-se as lâmpadas. Sobre a mesa, à entrada, uma ficou acesa; alguém pôs sobre ela uma pantalha de jornal; criaturas vagas se acercaram, abriram volumes em roda. Sono, fadiga. Apesar disso, não me foi possível repousar direito. Adormecia, acordava. Sonhos atrapalhados, visões da Colônia, misturavam-se a figuras imóveis, sombras, guaritas altas, em cima de muros, apitos de sentinelas. O colchão e o travesseiro incomodavam-me, o lençol e a manta pareciam-me sujos de hemoptises.

LEVANTEI-ME de madrugada e fui sentar-me no banco, junto à mesa; esperei que as figuras em redor se mexessem. Na saleta, à porta, um guarda cochilava. Sombras lá fora, massas indistintas, prédios, árvores, rumores vagos, apitos. Fiquei debruçado na tábua cerca de uma hora, até que a luz da lâmpada esmoreceu e lá embaixo se espalhou a gritaria dos pardais. Estirando os olhos pelas janelas, distingi o terraço da Casa de Detenção e, longe, à esquerda, o vulto pedregoso da Favela, com uma igreja no cocuruto, fina e simpática.

O dia entrava no dormitório, as camas rangiam, alguns homens se levantavam e passos duros no pavimento desconchavado impediam o sono dos dorminhocos. Uma voz áspera indicou-me a presença de Moésia Rolim. Abandonei as ladeiras da Favela, examinei o interior, vi a distância, no fim da sala, as barbas de Apporelly, o roupão vermelho de Cascardo, Moreira Lima a ajeitar a funda, vagaroso. Um faxina apareceu na saleta; dirigi-me a ele e encomendei um par de tamancos.

- Agora, se for possível. Número quarenta, pouco mais ou menos.

O sujeito saiu, tornou pouco depois, entregou-me os pedaços de pau cobertos de lona, duas tiras grossas. Descalcei-me, experimentei-os:

- Bem.

Fui juntar à bagagem os sapatos enlameados. Ao abrir o porta-níqueis para fazer a paga, demorei-me a contar as últimas cédulas, e uma sensação de inferioridade me empolgou. Senti-me fraco e desarmado. E necessitava banho. Vendo alguns indivíduos afastaram-se com toalhas, acompanhei-os, descí a escada. Lá embaixo, como na véspera, achei as grades abertas e sem vigilância. Entramos no pátio, dobramos esquinas. Os banheiros eram longe, ao pé do muro interno que nos separava da Detenção. Lavei-me com demora e fui secar-me ao sol: não me atrevera a usar a toalha pequena guardada na valise.

De volta, dirigimo-nos ao refeitório, no pavimento inferior. A primeira vista aquilo não diferia da Colônia. Tábuas nuas em cima de cavaletes, ladeadas por bancos estreitos e escuros. Mas o aspecto agradável da comida nos tabuleiros cheios, bules de metal areado, pratos e xícaras limpos desfizeram logo a abjeta comparação. Embora a manteiga estivesse

rançosa, mastiguei o pão e bebi o café com prazer. Certamente influíram nisso as criaturas civilizadas que se sentavam próximo e devagar iam ressurgindo no meu espírito. As mesas se despovoaram e, finda a refeição, demorei-me um pouco ali, a fumar. O rapaz que me servira, gordo, baixo, inquieto, aproximou-se, disse-me que se chamava Aleixo e não era homossexual.

- Quem lhe perguntou isso? exclamei erguendo-me. A sua vida não me interessa.

- É que o senhor vai ouvir dizer que sou pederasta. E não sou. Juro que não sou, nunca fui.

- Está bem. Adeus.

Saí, galguei a escada. Lá em cima encontrei Walter Pompeu, que se sentara junto a mim no banco escuro.

- Ó Walter, quem é o tipo que nos serviu, o Aleixo? É doido, não?

Walter Pompeu narrou-me o caso de Aleixo. Não era doido. Marinheiro, longe da terra, vivera muitos anos amigado com um oficial. No mar essas coisas são naturais -

falta de mulher. Por acaso, resolvera mudar de vida e casar. Achara fêmea num porto, quisera fixar-se nela, abandonar

o navio, ser tipo decente, macho. - "Não quero saber mais disso." O oficial tinha direito sobre ele, tentara forçá-lo. - "Seu tenente, larguei isso e vou casar. Deixe-me em paz." O outro insistira, exigente. Aleixo matara-o. E condenado no júri, com larga pena, longe da noiva, tornara à vida anterior. O sentimento de culpa exteriorizava-se a cada instante - e esforçava-se por evitá-lo afirmando a toda a gente que não era invertido.

Um guarda moço, de olho vivo, apareceu, largou sobre a mesa um grande maço de jornais. Tirou do bolso uma caderneta e começou a arrolar encomendas. Cheguei-me a ele, pedi lápis e um bloco de papel. Na saleta alguns presos tinham arranjado uma pequena marcenaria. Aquela hora já serravam, aplainavam, manejavam com barulho, desajeitados, o escopro e o martelo. Especializavam-se na fabricação de cadeiras, talvez por termos vivido meses a sentir a falta delas. Havia ali diversas, outras se concluíam, móveis originais` discrepantes na forma e no tamanho. Uma idéia me levou a esquisita oficina. Obtive um pedaço de madeira. E com ele e barbante compus uma espécie de cabide, onde estirei a calça e

o paletó amarrotado. Alguém me emprestou uma escova. Esfreguei os panos devagar, pendurei-os a um prego. Mande lavar a roupa branca. E dediquei-me a limpar os sapatos, dar-lhes aparência razoável.

Em redor, nas camas, os presos liam, conversavam, discutiam a guerra civil da Espanha. Ao fundo, Apporeliy arrumava cartas sobre uma pequena mesa redonda, entranhado numa infundável paciência. Avizinhei-me dele, pedi notícias do livro que me anunciara meses antes: a biografia do Barão de Itararé. Como ia esse ilustre fidalgo? A narrativa ainda não começara, as glórias do senhor barão conservavam-se espalhadas no jornal. Ficariam assim, com certeza: o panegirista não se decidia a pôr em ordem os feitos da notável personagem. Lamentei aquele desperdício de tempo, embora também me achasse inútil, ocioso: quase um ano a jogar *poker* e xadrez, matar percevejos, ouvir hinos e discursos. Agora, depois do jejum prolongado, não me sentia disposto a recommençar o trabalho. Enfim todos nós procurávamos atordoar-nos. Renovavam-se histórias narradas no Pavilhão e tinha-se como certa a vitória dos republicanos em Madrid e na Catalunha. Éramos crédulos em excesso e repeliávamos zangados os telegramas favoráveis a Franco. Aliava-se a essa ingenuidade uma irritação nova. Certos indivíduos, anteriormente calmos,

propendiam a bulha; sossegavam, mas uma palavra largada à toa os enraivecia. A demorada reclusão mudava os caracteres. A princípio um homem apenas me surgiu tranqüilo, usando os modos e a linguagem usuais lá fora, na cátedra: Hermes Lima. Embrenhava-se no estudo do alemão, compondo exercícios num caderno que se avolumava. Nenhum livro. E, na falta disso, Gikovate era gramática e era dicionário. Se Gikovate não estava à mão, Hermes recorria a um dos irmãos Cunha, os Cunhões, dois gêmeos perfeitamente iguais. Tenentes do exército, sul-riograndenses, falavam bem as duas línguas, podiam ser úteis a Hermes em caso de necessidade.

- Almoço, gritaram da porta.

Erguemo-nos, houve no tabuado um barulho de tamancos, descemos a escada gasta, carunchosa. Lá embaixo, no refeitório comprido, sentei-me no lugar ocupado pela manhã, à hora do café. Walter Pompeu estava junto de mim, e Aleixo, o desgraçado, nos servia. A comida era boa.

- As pontas da vanguarda... anunciou Rollemberg impingindo-nos uma série de triunfos imaginários.

Esse otimismo provocava riso. Estava ali parte da vanguarda, esparsa nos bancos estreitos e escuros,

roída pelas dissidências, e outras partes se desfaziam nos cubículos da De tenção, na piolheira da Colônia. Chegou-me de novo a fome experimentada na véspera, durante algum tempo não escutei as reflexões de Walter a respeito de Aleixo, bambo e lânguido.

Voltamos, apareceram-me dores vagas nas pernas, deitei-me, fixei a vista na escharpa vermelha de um monte próximo. Barracos miseráveis, transeuntes raros a subir e a descer, um burro e uma cabra imóveis. Meia hora de observação fatigou-me. Baixei os olhos, uma guarita surgiu-me a poucos metros, cavalcando o muro alto. A tarde chamaram-me: - Visita.

Bem. A promessa do diretor se realizava. Ergui-me, calcei os sapatos, enverguei a roupa única sobre o pijama de Rosendo, saí acompanhado por um guarda. Portões abriram-se e fecharam-se no caminho percorrido no dia anterior, chegamos à secretaria. Minha mulher, à porta, recebeu-me com espanto:

- Como está magro! Porque raspou a cabeça?

- Pois sim! resmunguei. Isso dependia de mim. Devia estar gordo e cabeludo. Quanta inocência!

Afastei as explicações e fomos sentar-nos. Aí a criatura me forneceu novidades, esforçando-se por desviar coisas desagradáveis. O intuito era visível.

Inteirando-se da minha viagem para a Colônia, ficara satisfeita: ao menos lá, supunha, não me seria difícil encontrar mulheres.

- Encontrar mulheres? exclamei assombrado.

- Sim. Julguei. Uma dessas matutinhas da lavoura. No campo é fácil.

- Que estupidez!

Ciumenta em excesso, minha companheira achava natural que, depois de longa abstinência, me encostasse a fêmeas ordinárias. Essas não lhe faziam moossa. Tinha horror às

senhoras educadas e inteligentes. O ciúme dela não era, por assim dizer, físico: era mental. Abandonou o assunto maluco e entregou-me cem mil-réis que recebera de uma revista argentina. A publicação do conto enviado a Benjamin Garay rendera vinte e cinco pesos.

- Diabo! A minha cotação lá é baixa. Em todo o caso isso veio em boa hora: estou sem dinheiro. Basta metade. Guardei cinquenta mil-réis, devolvi o resto.

- Como vai o livro?

Estava na composição, em provas. - Que demora! Já devia ter saído.

O diretor apareceu, esteve algum tempo a recordar a sua mocidade, em Alagoas. Quando saía de lá, a mãe da visitante era criança. Aí fiquei sabendo que o homem, oficial reformado, se chamava Nunes. A interrupção delicada, presumi, indicava o momento de retirar-me. Aquilo era encontro de exceção, explicou major Nunes, marcando a visita regular para sexta-feira, ao meio-dia. O velho me tratara por você, como se houvesse conhecido a minha família, inexistente, esfarelada no interior. Essa intimidade não me humilhava. Notei depois que ele se dirigia assim a toda gente: era como se os presos fossem seus filhos. Agradei, despedi-me, regressei à Sala da Capela. E não consegui jantar. No fim da tarde o burro e a cabra desapareceram no morro, os transeuntes sumiram-se. Vozes furavam-me os ouvidos. Quanta gente! Hora do chá. Não me foi possível descer. Luzes. A guarita, em cima do muro, estava quase imperceptível. As dores cresciam. Não dormi direito. Gemi toda a noite.

MOREMA, o guarda moço de olho vivo, trouxe-me de manhã os lápis e o papel encomendados. Para que servia aquilo? As dores nas pernas anunciavam doença grave.

Iam do tornozelo ao joelho, era como se os ossos se estivessem desfazendo. Com o dia tinha diminuído um pouco, talvez por haver agora algum calor, mas a horrível impressão me chegava de que a parte inferior do esqueleto não agüentava o peso do corpo. Ossos a esfarelar-se. Polinevrite, beribéri - misturei esses nomes e desejei consultar Flávio Poppe, visto de relance, Gikovate, Karacik, um dos médicos presos. Falta de comida. Lembrava-me de ter passado pelo menos uma quinzena em jejum. Devia ser isso. Dificuldade em mexer-me até o banheiro, lavar-me, voltar, beber o café, subir a escada. As pernas não tinham consistência. Movia-me com medo. A qualquer momento as canelas iam desmanchar-se, mudar-se em algodão. Tíbias de algodão. Estranho aparecer-me aquilo exatamente ao chegar à Sala da Capela, onde não havia penúria. Alimentara-me - e as pernas negavam a sustentar-me. Já viera, com certeza, meio morto. A visagem medonha, percebida no

espelho, atenazou-me de novo. - "Que vagabundo monstruoso!" Não. Por fora já não estava assim. Raspado e ensaboado, metido em panos limpos, melhorara um pouco o exterior. Mas era uma desgraça por dentro. Convencia-me disso e receava mover-me: a carcaça miserável não me suportaria. Vagaroso, fui guardar na valise a encomenda inútil. E arriei na cama.

O vizinho da direita, Castro Rebelo, cerimonioso, tratava-me por senhor, para marcar distância. E eu, naturalmente, provinciano mesquinho, dava-lhe o título de professor e falava pouco. Nessa manhã Castro me fez uma consulta estapafúrdia: queria saber quando tinha sido publicado não sei que livro. Refleti, consultei a minha profunda ignorância, aventurei que, salvo erro, a obra tinha saído ali por volta do século XVI.

- Ora no século XVI! Eu queria saber o ano.

Isso me esfriou a espinha, reduziu mais a consistência do arcabouço frágil. Necessário mudar de lugar. Que seria de mim se o erudito, minucioso, me perguntasse o mês, o dia, a hora, o minuto? Naquela manhã Castro se achava de mau humor. Referindo-se à política nacional, atirou uma observação absurda.

- Não compreendo, atalhei. Como se explica isso? - Não se explica, volveu o professor.

E largou um palavrão.

- Quando, na história do Brasil, lhe aparecer um fato inexplicável, procure a razão dele entre as coxas de mulher. Não se engana.

Aludiu à experiência de 1935, furioso e estridente.

- Parece que há algum exagero, aparteei. Não é tanto assim.

- Exagero? Então o senhor não sabe onde vive? O senhor está no meio dos maiores canalhas deste país.

O desaforo saiu com arrepio e gritos. Gikovate avizinhou-se:

- Professor, acalme-se.

- Vá para a puta que o pariu. Você também é um filho da puta, como os outros.

- Puxa! Que ferocidade! segredei ao médico. E afastei-me com ele.

- A culpa foi minha, que o contrariei.

- Fiz mal em meter-me na vida alheia, murmurou o judeu pálido e encabulado. Não esperava aquela zanga. Está doente do ovário, sem dúvida.

Castro Rebelo excitava-se com rapidez incrível e não tinha papas na língua: expandia-se em fortes desconchavos, indiferente ao lugar, sem receio de atrair inimigos. Não atraía: os companheiros suportavam as cóleras maciças, que findavam logo.

Andei à toa de um lado para outro, folheei jornais. Ao cabo de meia hora encontrei-o razoável e normal, em palestra com Luís Lins de Barros, como se nada houvesse acontecido. Admirei a palavra sossegada, lenta. E ainda mais a mudança que percebi no interlocutor. Meses atrás esse moço me causara impressão lastimosa. Modos sornas, o olhar baixo, mordida um sorriso insignificante e expressava-se em voz bamba e vazia. Qualquer pergunta o deixava perplexo. Arrastava-se nos cubículos do Pavilhão como sombra, mosca-morta isenta de querer e pensar. Agora apresentava idéias, questionava. A fala era mofina e branda, mas num instante o homem suprimia um juízo firmado em observação longa. Retirou-se - e confessei o meu espanto:

- É estranho. Julguei até hoje esse rapaz um imbecil. Castro deu uma gargalhada, chamou:

- Luís, chegue cá, ouça isto. E quando o outro voltou:

- Aqui o nosso amigo supunha que você era imbecil. - Mas ele está certo, respondeu Luís de Barros, mole e vago. Sou realmente um imbecil.

- Para que finge? perguntei quase com raiva. Essa constante simulação deve fatigar.

- Não é simulação, tornou baixinho o original personagem. Acredite, sou um imbecil.

- Para o diabo.

Afastei-me. Que precisão tinha o homem de induzir a gente em erro? Se tinha receio de comprometer-se, evitaria sem esforço os cochichos revolucionários isolando-se, como Sérgio, comunista a princípio, depois trotskista, indeciso afinal, propenso a confusos estudos sobre feitiços do Egito. Aquele engenho de ator, faculdade horrível de mascarar-se, despersonalizar-se, aterrava-me. Procurei desanuviar-me na companhia de indivíduos regulares. Ao centro, uma longa mesa, havia sempre alguns tabuleiros de xadrez. Pompeu Accioly apoderava-se de um, resolvia problemas difíceis, explicava a embasbacados pexotes os lances de partidas célebres. Perto, uma vitrola moía discos. Vergílio Benvenuto, o pijama aberto a exhibir o peito cabeludo, saracoteava, balançava a enorme

gordura, amolecido com os sambas de Carmen Miranda.

- É deliciosa, murmurava de olho aceso, como se visse a cantora.

No Pavilhão retraía-se, fugia às conversas, e durante semanas foi apenas o advogado de Agildo. Ambientava-se na Sala da Capela. Manifestava rara perícia no jogo de *crapaude* referia-se a um penoso exílio na Europa, efeito da bagunça de São Paulo em 1932. Imitava a pronúncia lisboeta com perfeição. Vivia atenazado por imagens femininas. Sabendo-me de Alagoas, perguntou-me se conhecia uma sigiraita rica, amiga de aventuras fáceis.

- Sim, de vista. É medonha, um estrepe.

- É deliciosa, protestou Vergílio mordendo os beijos. Distraí-me ouvindo coisas desse gênero. Mas precisava sentar-me: as pernas moviam-se com dificuldade nas tábuas movediças. Refugiei-me no extremo da sala, onde alguns metros de mosaico me davam sensação de firmeza. Apporelly, embrenhado na paciência, arrumava cartas na mesinha redonda; Moreira Lima, à esquerda, tossia, pigarreava, dizia a alguém pedaços de sua extensa viagem pelo interior, na Coluna Prestes; à direita, Maurício Lacerda riscava uma página de livro, riscava em demasia. Para que

riscar tanto? Mais tarde acharia quase todas as linhas com riscos, e não descobriria nelas nenhum interesse.

A narrativa de Moreira Lima chegava-me incompleta e rouca. Depois de falar a um chefe de tribo nu e emplumado, o intérprete velho, meio selvagem, dissera a Prestes: - "Generá, tuxaua quer que você dê a ele fumo, cachaça e dinheiro. Cachaça e fumo pode dar, mas dinheiro dá para mim: caboclo brabo não tem que fazer com dinheiro." Bororo estragado pela civilização.

Na cama de Maurício Lacerda havia uma colcha de seda rósea, escandalizando os nossos lençóis ásperos, as mantas de lã grosseira. Um tabique ao fundo. Cheguei-me a ele, descerrei uma portinhola, vi um altar, velas queimadas, santos a esconder-se na igreja mudada em prisão. Fechei a porta, voltei a aperuar o xadrez, a entreter-me com as músicas da vitrola. Embora a fome canina tivesse desaparecido, almocei e jantei. Mas à hora do chá as pernas se negaram a descer a escada. Arriei na cama, a gemer, não consegui dormir.

Apagaram-se as luzes. Os gemidos subiram, e assaltou-me a recordação viva do hospital. Era assim que me comportava naqueles dias pavorosos, a barriga aberta, um pedaço de borracha a furar-me as entranhas. Impossível calar-me. Os gritos renovavam

as torturas do hospital. Não havia meio de contê-los. Castro Rebelo, Cascardo, Moura Carneiro e Orlando Melo, deitados nas camas próximas, ficariam a noite acordados por minha causa. A certeza disso me destruía. Forçavam-me a perturbar o sono dos outros. Suponho que essa miserável idéia aumentava as dores. Ergui-me, capenguei até a saleta, caí numa espreguiçadeira. Um guarda amparou-me:

- Que é?

Conhecendo-me os sofrimentos, andou algum tempo a sair e a entrar. Envolveu-me as pernas, colocou-as em cima de um tamborete, puxou uma cadeira, sentou-se junto a mim.

Estava de vigilância, à porta, mas afastou-se dali dois metros para fazer-me companhia. E entrou a conversar, lento, grave e enrugado. Pouco a pouco serenei, pude atentar nas palavras do homem. Resvalamos no diálogo. Era português, chamava-se Marques, tinha trinta anos de serviço. Levantava-se de quando em quando, trazia-me uma xícara de café. - Obrigado, seu Marques. Não se incomode.

- Ora essa! Beba. Não me custa. Os senhores não são presos, são hóspedes. Janelas sem grades. Então? As grades são lá embaixo. Cá em cima não há grades. Hóspedes. E nós estamos aqui para servi-los.

Esse disparate fez-me rir e afugentou a lembrança do hospital:

- Hóspedes à força. Bonito.

- Ah! Isso é outra coisa. Não sei da vida dos senhores lá fora. Nem quero saber. Aqui são hóspedes.

Major Nunes apareceu, estranhou ver-me desperto à meia-noite, as pernas entapadas:

- Doente?

- É. Deve ser falta de nutrição. Uns quinze dias sem comer.

- Pois não há motivo para uma pessoa morrer de fome; disse o velho. A comida chega para todos. Eu ainda não recebi verba para alimentar vocês. Os presos políticos estão sendo sustentados com a bóia dos presos comuns. E o que temos dá de sobra.

- Onze mil-réis por dia para a manutenção de um homem. Ouvi dizer. Na Colônia Correcional não gastamos a décima parte disso. E éramos novecentos. Bom negócio a nossa morte.

O diretor saiu, demorou-se um pouco no exame do longo dormitório. Achou as coisas em ordem. Voltou, correu a vista pelos instrumentos da marcenaria improvisada e retirou-se. Nunca vi

funcionário compenetrar-se tanto dos seus deveres, sempre disposto a infringi-los. Parece que o regulamento lhe servia para fazer tudo pelo avesso. Como um pai de família bonachão e confiante, deixava ao alcance dos nossos instintos formões, goivas, escopros e martelos. Não se conservaria no cargo, disse comigo. Na Detenção haviam-nos tomado até cordas.

Fugia-me o sono, mas provavelmente não me achava tão mal como supunha no isolamento e no escuro, a rolar no colchão e a gritar. Podia ficar imóvel, ouvir as histórias do guarda, a vida de criminosos exaltados muitos anos antes na crônica policial. Curvado nas pranchas dos cavaletes, Nemo Canabarro Lucas se embebia num grosso volume, à luz curta da lâmpada envolta na pantalha de jornal. Com certeza se enchia de matemática. Barulho de passos: Amadeu Amaral Júnior andava inquieto, surgia à porta como um grande fantasma, desaparecia na sombra. Dormira o dia inteiro, nem tinha descido para as refeições; homem de imprensa, habituara-se a viver à noite. Alguém exigia silêncio. Amadeu Amaral Júnior não fazia caso disso. Sentava-se afinal perto de Nemo, escrevia rápido, como se estivesse numa redação. Levantava-se, ia procurar assunto no ruidoso passeio, novamente abancava, o grosso punho

movia-se no papel. Marques narrava-me a existência dos presidiários e concluía:

- Antigamente eles não tinham essa liberdade que têm hoje. Fumam na presença de um guarda, parecem donos disto.

Ia buscar uma xícara de café, ajeitava-me nas pernas a manta, volvia à idéia suspensa.

- Existia disciplina. Acabou-se a disciplina. Fumam na presença de um guarda. Está errado.

Pretendi convencê-lo de que estava certo; Marques não admitia razões.

- Quantos crimes se davam aqui por mês naquele tempo?

- Alguns

- E atualmente?

- Ora! Não se trata disso. Já não há crimes, é verdade, mas precisamos disciplina.

O ótimo sujeito ganhara cabelos brancos e rugas no ofício desagradável, e para agüentar-se nele julgava necessário exhibir aspereza. Estendendo-me a xícara de café, perguntava com voz dura:

- Está melhor?

Essa incongruência manteve-me acordado várias horas. Amorteciam-se as dores; as lembranças do hospital atenuavam-se. Adormeci pela madrugada.

A LEMBRANÇA, do hospital se agravava quando me abatia preguiçoso no colchão, de barriga para cima, a olhar os casebres do monte, os indivíduos que subiam e desciam a ladeira vermelha. E o desejo me chegou de narrar sonhos, doidice, rumor de ferros na autoclave, os gritos horríveis de uma criança, um rosto sem olhos percebido na enfermaria dos indigentes e as ronceiras pancadas de um relógio invisível. Já me surgira a idéia de escrever isto. Voltava agora com insistência. Naquele tempo, no delírio, julgava-me dois. A parte direita não tinha nada comigo e se chamava Paulo. Estava podre. Clemente Silveira poderia facilmente separá-la de mim, serrar-me pelo meio, deixar o lado ruim no mármore do necrotério, deixar o outro viver. Essa estupidez, que me assaltara na Colônia, regressava com força grande, impunha-se. Homem sem olhos, pavorosa máscara de esparadrapo, horas a pingar fanhosas num relógio invisível; o pensamento louco de conseguir desdobrar-me, enviar ao cemitério a banda estragada. Porcaria. Enfim a necessidade urgente de escrever dois contos: pegar de qualquer jeito o relógio do hospital e Paulo. Seriam contos?

Não sei fazer contos: precisava livrar-me daquilo, afastar o hospital e dormir. Dormir, não ver o morro que me perseguia, barracos ocultos em folhagem, o burro e a cabra imóveis, transeuntes a descer, a subir. Desenrosquei-me, desci da cama, tirei da valise os petrechos fornecidos por Moreira, o guarda moço de olho vivo, fui sentar-me bambo a mesa do centro, junto a baralhos sujos e tabuleiros de xadrez.

- Uma partida de *crapaud*, Jorge, convidavam na vizinhança.

Jorge El-Jaick, um árabe esgrouviado, concordava sempre

- Sim, podemos.

Nunca lhe ouvi outras palavras depois do convite. Nascido no Brasil, perfeitamente nacional, já nem sabia que era filho de mouros. Perto dele, de Pompeu Accioly, entrei a mexer no relógio do hospital, vagaroso. Vagarosos, eu e o relógio. O tique-taque se arrastava com preguiça, e a composição também rolava assim. Duas, três linhas, suspensão e bocejos. Desviava-me da folha, distraía-me ouvindo os comentários de Pompeu Accioly ao jogo famoso de Capablanca. Imergia depois no trabalho, jogava com esforço no papel o homem sem olhos, máscara de esparadrapo vista na enfermaria dos indigentes, a

agonia da criança, os ferros na autoclave, delírios, a impertinência do mecanismo roufeno e desconchado. Francisco Mangabéira, Chiquinho Égalité, como dizia Gikovate, mudava os discos da vitrola. Os irmãos Cunha respondiam a consultas de Hermes Lima. O professor Leônidas Resende, inerte e silencioso, escondia-se debaixo do lençol e do sorriso cortês e frio. Amadeu Amaral Júnior, descoberto e quase nu, ressonava. A composição me trazia enorme cansaço, deve ter rolado bem uma semana. De quando em quando emperrava. Certa manhã, depois do café, esbaforia-me nela enquanto em roda se espalhava uma desordenada mistura de conversas. Com a mão a pesar-me no ombro, Agildo Barata seguia a escrita.

- Isto é contra mim? disse alguém.

Suspendi a tarefa, divisei a figurinha do major Nunes junto à mesa.

- Não, não vale a pena. De repente chegam as transferências e perco a minha literatura sobre cadeias. Já me aconteceu isso duas vezes. Estou arrumando coisas inocentes.

- Esteve aqui um sujeito. Fulano. Conhece? Filho da puta. Em poucos meses conseguiu liberdade e atacou-me num livro. Esses jornalistas são uns filhos das putas.

- O homem andou com acerto, respondi. É o que vou fazer quando estiver solto. Não há lá fora o risco de nos tomarem os originais.

O velho riu grosso. E, falando sério:

- Como é que você pode escrever no meio deste barulho, o Agildo pendurado num ombro?

Saiu, voltou, chamou-me à saleta, abriu uma porta vizinha a escada, introduziu-me numa oficina de encadernação. Todas as mesas estavam ocupadas, máquinas e operários moviam-se ruidosos.

- O serviço acaba às três horas, explicou major Nunes. Traga para cá os seus troços à tarde. Chame um faxina, mande fazer café no maçarico, tranque-se. Ninguém o incomoda. Fica em sossego até a noite.

Agradei. Boa idéia. Mas despedi-me inquieto. E a inquietação muitas vezes reapareceu no futuro. Ser-me-ia possível, recebendo o favor e os sorrisos, ver com imparcialidade aquela personagem? Se tentasse descrevê-la, talvez propendesse a exagerar-lhe a benevolência. Parecia-me injusta a acusação do jornalista, embora não a tivesse lido. Isso me perturbava, levava-me a buscar refúgio em pensamento oposto, dizer a mim mesmo que um funcionário da polícia nenhum obséquio nos fazia em ser lhano e com certeza se mos trava generoso para

amolecer-nos, comprar-nos. Inclina-me então a escusar a dureza do jornalista. Se exibíssemos ao público as amabilidades imprevistas, acabaríamos por tornar a cadeia um lugar desejável, mostraríamos convivência infeliz com os nossos opressores. Da vaga narrativa que me flutuava no espírito resolvia-me a afastar uma bondade suspeita. Reconsiderei- a falta de sinceridade estragaria sem dúvida a história. Afinal o bom trato que me concediam ressaltava os dias intermináveis de jejum, o sono curto no chão molhado, a ficha amarela, as grosserias de selvagens bêbedos. Impossível esquecer o porão do *Manaus* e a Colônia Correccional. Achava-me doente, arrasado, vivia com uma teimosa resistência. O guarda zarolho confessara abertamente o desejo de matar-nos. A oferta do major, as xícaras de café e a paciência do velho Marques não eliminavam esse desígnio sinistro. Nem atenuavam sérias amolações que ali existiam, apesar de estarmos agora em ambiente civilizado. Era penosa a convivência inevitável com pessoas diferentes de mim; certas opiniões afligiam-me; a voz áspera de Amadeu Amaral Júnior intensificava-me as dores. E atenazava-me o receio de voltar à Colônia, viajar outra vez no porão do *Manaus*.

Duas semanas, ausentes os encadernadores, ia isolar-me na sala atravancada, apossava-me de uma

banca pulverosa e embrenhava-me a custo em sofrimentos velhos. Findei o "Relógio do Hospital" e o desvario que me desdobrara. Iniciei o terceiro conto. Mas esse era lastimoso e pingava com extrema dificuldade. Realmente a composição marchava sem dar-me interesse; absorvia-me nela para livrar-me das conversas tumultuosas, de confidências e planos insensatos Desânimo. Pouco provável quererem os jornais brasileiros aceitar-me a colaboração. Restava-me passar os contos a minha mulher, pedir-lhe que os datilografasse e enviasse a uma revista argentina. Pagar-me-iam setenta e cinco pesos por eles.

AS VISITAS se realizavam às sextas-feiras, no Cassino, pavimento superior de uma casa vizinha à nossa prisão. Embaixo, uma sapataria, de rendimento escasso. Perto, a alfaiataria, dirigida pelo Sousa, um tipo digno em excesso. Metido na roupa ignominiosa, onde as listras, muito lavadas com ácido cítrico, desmaiavam, tinha a grave compostura de um negociante próspero; e exibia um desinteresse na verdade estranho naquele meio. Os faxinas me pareciam gananciosos, estavam sempre a receber pequenas gorjetas. Com vergonha de apresentar no Cassino a roupa machucada, suja, um rasgão considerável no forro do paletó, pedi ao alfaiate que a endireitasse. O homem fez o trabalho e recusou o pagamento.

- Ora essa! teimei surpreso e um pouco humilhado. Faça o favor de dizer quanto devo.

E estendi-lhe uma nota. Sousa nem a olhou: deu-me as costas, a apresentar zanga. Sexta-feira, logo depois do café, iniciávamos os arranjos. Largavam-se os trapos ordinários, amarravam-se gravatas, o barulho dos tamancos se reduzia, na saleta indivíduos

se barbeavam com exagerada pressa. Melhorávamos o exterior e íamos debruçar-nos às janelas, examinar o pátio, esperando que algum parente ou amigo conseguisse avistar-nos antes da hora. Os casais separados viviam a imaginar encontros de exceção, forjavam-se pretextos engenhosos para obtê-los. O diretor se deixava engabelar às vezes: -- Qual é a mentira de hoje? Festa de aniversário, viagem, profissão?

A companheira de um oficial ia ao extremo nesses embustes.

- Eu alcanço tudo, confessou em voz baixa na secretaria. O major é uma banana.

Alguém escutou a frase, e o cochicho infeliz chegou aos ouvidos do major, que desabafou mais tarde:

- Que é que vem pedir? Qual é a mentira? Você me chamou banana.

A criatura empalideceu e tremeu.

- Pois eu lhe vou provar... tornou o velho furioso. Preste atenção. Vou provar... que sou uma banana mesmo. Que é que você quer?

Ao meio-dia escancaravam-se os portões, e de longe percebíamos saias em quantidade e uma

algazarra alegre. Poucos homens. Descíamos rápidos, em alvoroço, passávamos grades de ferro, subíamos uma escada, entrávamos no Cassino. E os pare! se formavam nas filas de cadeiras juntas aos muros longos. Esquecíamos o ambiente e resvalávamos nos casos pessoais; era como se não estivéssemos em público. Expansões íntimas, beijos, segredos a rolar num burburinho. Era enervante o ruidoso prazer minguido. Uma linda rapariga se altruçava a um tenente. Pobrezinha. Casara no mês anterior à desordem, e só podia ver o marido naquela situação precária. Suspiros, soluços estrangulados, espasmos lentos.

A pequena distância dos amores incompletos zumbiam conversas ponderadas, arrastavam-se negócios, projetos realizáveis num futuro cheio de incertezas. Numa dessas reuniões, a primeira ou segunda em que figurei, minha mulher apresentou-me alguns livros e uma revista literária. Abri um volume, *Usina*, de José Lins, vi uma imprudência: dedicatória a mim. Além disso o escritor me remetia um desconchavo a lápis na capa da revista. Bobagem. Rasguei a página, meti-a no bolso, joguei um conselho:

- Diga a José Lins que deixe de ser burro. Dedicar-me o romance quando eu estava na Colônia

foi temeridade, não valia a pena arriscar-se. E enviar bilhetes é doidice. Se ele quisesse falar comigo, mande um recado por seu intermédio. Coisa verbal, nada de escrita. Pedacinhos de papel como este, caindo em certas mãos, trazem uma pessoa para cá. E não nos interessa a companhia de José Lins.

Estive a folhear os outros volumes: novelas estrangeiras oferecidas por José Olímpio, *Mar Morto*, de Jorge Amado, a *Luz no Subsolo*, de Lúcio Cardoso. Pensei nos meus originais encalhados na tipografia, pedi notícias:

- E essa droga não vai para diante?

Ainda em provas. Diabo. As amostras de ficção nacional pesavam-me nos joelhos e me traziam desassossego. Estaria o editor com receio de comprometer-se, perder a tiragem?

A infeliz idéia me frustrava o desejo de emendar os contos: não seriam publicados. E a preguiça tinha desculpa. Retirei-me num desânimo estúpido. Aquela hora Vergílio Benvenuto arrimava-se a uma janela, estendia os olhos às visitantes que regressavam, desapareciam no lusco-fusco além dos portões. Ficava ali de pijama, a chatear-se, pôr discos na vitrola, remoer lembranças. Via saias distantes e expandia a irritação numa aspereza segredada:

- Malucos. Excitam-se, excitam as mulheres à toa e vêm deitar-se. Elas saem para a rua num fogo dos diabos. Precisam corneá-los, está visto. De quem é a culpa? Deles.

Abandonei o conto chinfrim, meti-me alguns dias na leitura dos romances. Estranhei ver José Lins afastar-se da bagaceira e do canavial, tratados com segurança e vigor em obras anteriores, discorrer agora sobre Fernando de Noronha, onde nunca esteve. Um crítico absurdo o julgara simples memorialista, e o homem se decidia a expor imaginação envolvendo-se em matéria desconhecida. Pessoa de tanta experiência, de tanto exame, largar fatos observados, aventurar-se a narrar coisas de uma prisão distante. O indivíduo livre não entende a nossa vida além das grades, as oscilações do caráter e da inteligência, desespero sem causa aparente, a covardia substituída por atos de coragem doida. Somos animais desequilibrados, fizeram-nos assim, deram-nos almas incompatíveis. Sentimos em demasia, e o pensamento já não existe: funciona e pára. Querem reduzir-nos a máquinas. Máquinas perras e sem azeite. Avançamos, recuamos - nem sabemos para onde nos levam. Zanguei-me com José Lins. Porque se havia lançado àquilo? O admirável romancista precisava dormir no chão, passar fome, perder as unhas nas sindicâncias. A

cadeia não é um brinquedo literário. Obtemos informações lá fora, lemos em excesso, mas os autores que nos guiam não-jejua ram, não sufocaram numa tábua suja, meio doidos. Raciocinam bem, tudo certo. Que adianta? Impossível conceber o sofrimento alheio se não sofremos. O começo do livro de José Lins torturava-me. Quase desejei ver o meu amigo preso. Recusei a afirmação de que a presença dele não nos interessava. Se ele estivesse conosco, jogaria no papel com firmeza as nossas almas aflitas, a morte a pingar, dias, meses, em porções, em cárceres úmidos. Lembrei-me das palavras de Medina, alguns dias antes da minha viagem à Colônia. Seria bom eu viver lá, observar aquilo. Engano. Arrasara-me, o espelho me exibira um vagabundo monstruoso - e as notas arrumadas com lentidão estavam debaixo da esteira, na cama suja de hemoptises. Esforço perdido. Não me seria possível reconstituir Gaúcho, Paraíba, seu Mota, guardas ébrios, o diretor magro, Alfeu a dar pontapés num molambo de gente. Isso era trabalho para José Lins, retratista de almas, capaz de movimentar uma sociedade. Senhores de engenho, trabalhadores do eito, sinhás-moças, negras velhas mais ou menos escravas, mexiam-se à vontade na obra séria do romancista excelente. Bueiros, caminhos, árvores e rios, canaviais. E pessoas vivas. Tudo vivo. A tia medonha, as primas, estavam vivas. E os lugares

também viviam. Agora, comprometido e célebre, dava-nos coisas mortas. Para que, Deus do céu? A exigência do leitor ou do crítico não deveria levá-lo a desonestidade. Afastei a palavra dura. Não era bem isso. Ingenuidade, sim, ingenuidade. Esperávamos dele a experiência. Surpreendi-me a dizer coisas tolas:

- Somos sapateiros. Devemos fazer sapatos, bons sapatos. Para que fabricar pulseiras e brincos? Sapateiros, bons sapatos.

Os meus sapatos ainda apresentavam nódoas de lama vermelha. Necessário engraxá-los. Essa mistura me desagradava. Finda a leitura, mandei encadernar o volume, com a idéia de recolher autógrafos nele. Perdidas as notas, essas letras me avivariam recordações mais tarde. Sem dúvida muitos caracteres se diluiriam no tempo, casos miúdos se esfumariam sem deixar vestígio, mas talvez resistissem as personalidades fortes, ações firmes, um diálogo, um gesto inesperado. E iniciei a colheita por Walter Pompeu. Walter agarrou a pena, encheu uma página de frases amáveis. Folheio agora o livro, e reaparecem-me, logo no começo, Agildo Barata, Castro Rebelo, Gikovate, Cascardo, Moura Carneiro, Maurício Lacerda,

Karacik. As assinaturas vão até a folha 257. Algumas são curiosas. A de Moreira Lima hesita e

ondula, quase ilegível; a de Apporelly encerra-se numa oval; a de Francisco Mangabeira está feita em duas linhas. Consegui mandar o romance ao Pavilhão dos Primários, e recebi os nomes dos companheiros de lá, Benjamin Snaider, Rodolfo Ghioldi, Sérgio, Valério Konder, os dois Campos da Paz, Lacerdão. Realmente numerosas criaturas desbotam hoje no papel e dentro de mim. Outras surgem com relevo. A folha 249, Agrícola Baptista, o Tamanduá, aparece-me de volta da Colônia, meio nu, sujo, magro, barbudo, o crânio liso. Um sujeito causou-me surpresa.

- Deixe aqui o seu jamegão, Luís.

Luís de Barros pegou o livro, esteve alguns minutos a percorrê-lo, minucioso, e perguntou com voz dormente: - Para quê?

- Ora essa! Quero guardar uma lembrança de vocês. O homem recusou-se:

- Não topo. Não caio em provocação. Ressenti-me:

- Qual é a provocação? Maluqueira.

- Sou prudente, não sei para que é que isso vai servir. - Está bem. Não insisto.

Luís de Barros continuou a eximir-se, afetando excessivo receio. O fingimento, dias antes percebido, me enjoava.

- Não devemos confiar em ninguém. É preciso termos prudência.

Ficou dez minutos a explicar-se, mordendo um sorriso, mastigando as palavras. Em seguida escreveu o nome com muita clareza na folha 25.

AMADEU AMARAL Júnior anunciou-me ruidoso uma novela. Era nisso que trabalhava à noite. Durante o dia roncava, branco e nu, mordido pelos percevejos. Erguia-se, arrelia-se à toa, dizia algumas inconveniências, tornava a deitar-se. Depois das onze mexia-se para um lado e para outro, os pés enormes batendo os tamancos sujos com grande barulho. Não dormia nem deixava os vizinhos dormirem. Nunca vi pessoa tão egoísta. Abeirava-se da mesa, sentava-se num banco, mastigava fatias de salame, escrevia junto a Nemo Canabarro Lucas, uma estátua curvada sobre o compêndio.

Novela. Resignei-me a escutar a novela; realmente com má vontade, lembrando-me do conto lido meses atrás no Pavilhão. Naquele tempo grassava na cadeia uma epidemia literária. Os militares abandonavam a tática e a estratégia, pendiam para a ficção; Agildo Barata e Álvaro de Sousa tinham feito romances, na verdade relatórios sobre a luta no 3.º Regimento. O de Agildo não era muito ruim, tinha pelo menos um capítulo razoável. A história de Amadeu Amaral Júnior deixou-me enervado e besta. Não estava mal escrita - nem bem escrita. Não havia

nela um chavão - nem uma idéia. Pronomes no lugar direito, o pequeno vocabulário em ordem, nada mais. Uma dessas coisas que nos dão azia e contrações no diafragma. Que diabo queria Amadeu Amaral Júnior dizer com aquilo?

Finda a leitura, fiquei em silêncio, de cabeça baixa, procurando um elogio em vão, estúpido. Nunca me comporto assim. No desagradável papel de juiz em casos de literatura incipiente, reduzo os defeitos e exagero as coisas boas que porventura existam. Arrisco alguns conselhos, depois me desdigo posso estar enganado. Os principiantes não devem confiar nas minhas fracas luzes obtidas com vagar no interior e na solidão. Posso estar em erro. Enfim não sou franco. E é bom não sermos francos, suponho. Ignoramos as possibilidades da criatura que nos exhibe um trabalho ordinário. Hoje é trôpega e amanhã dá um salto. Desenvolvemo-nos em saltos imprevisíveis. Aliás os autores novos querem apenas enganar-se quando nos exigem sinceridade: valorizam a aprovação infalível, não têm força para andar e buscam arrimar-se numa autoridade imaginária. Se fôssemos honestos, zangar-se-iam. Fizera obra excelente e desejam que afirmemos isto. A novela de Amadeu Amaral Júnior deixou-me em horrível constrangimento. Vazia e de vacuidade contagiosa. A

minha frieza levou o rapaz à cólera. Já se havia comportado assim no Pavilhão, ao mostrar-me o conto. Era um escritor, e as opiniões dos outros não tinham para ele nenhuma importância. Era um escritor. Causava-me desgosto a repetição burlesca e estridente; não me aparecia o mínimo desejo de oferecer ao moço uma generosa mentira. A vaidade inconcebível mantinha-me em reserva hostil. Uma dúvida me chegou: seria a composição que me desagradava ou o homem? A voz áspera me arranhava os ouvidos como lixa, era-me impossível ouvi-la sem irritar-me, e isto me prejudicava o julgamento. Considerava-me injusto. A novela não prestava, mas talvez não fosse tão má como eu supunha. Apesar disso, a impressão ruim permaneceu e afastou-me da criatura que se gabava. Um escritor. A pimponice ridícula me aborrecia. Perfeito exemplar da raça nórdica, superior. Olhos azuis, músculos rijos, pés enormes nos tamancos sujos, barulhentos. E era aquilo: nem me dava a oportunidade comum de largar, condescendente, alguns adjetivos malucos.

Fui refugiar-me no fim da sala, na firmeza do mosaico, perto do altar. O soalho instável fazia-me pensar no porão do *Manaus*. E as palavras de Amadeu Amaral Júnior agravavam-me as dores, feriam-me, entravam-me nos ossos como pregos. Os meus ossos

decompunham-se; esta miserável impressão continuava a perseguir-me; ia mudar-me numa trouxa bamba, sem esqueleto. Agora já não era preciso mexer-me em pranchas movediças; pisando terreno firme, consolidava-me um pouco. Maurício Lacerda riscava sem descanso as páginas da brochura. Sentado à mesinha redonda, Apporelly arrumava cartas. Homem capaz, não se resolvia a parir o excelente livro que tinha na cabeça, desperdiçava as longas horas consultando o baralho. Ainda uma vez considerei-me injusto, desarrazoado. Como julgar boa a obra de Apporelly, ainda não escrita? Devia ser boa. Possibilidade, probabilidade. A de Amaral era horrível, não porque estivesse mal escrita, mas porque não tinha nada no interior. Havia-me sujeitado a ouvi-la sem atenção, predisposto a julgá-la ruim. E inclinava-me a supor que a obra de Apporelly fosse magnífica, obra ainda vagamente planeada. Pensamentos anteriores, dois, três anos anteriores às tábuas carunchosas, davam-me a certeza de que ele faria, se quisesse, coisa séria. Surpreendi-me a comparar essa coisa séria, nebulosa, com outra realizada, a história chinfrim de Amadeu Amaral Júnior, ouvida com desgosto. Achava-me a comparar trabalhos inexistentes, alargava-me em opiniões sobre eles. Como estabelecer a comparação? E enraivecia-me ver Apporelly gastar precioso tempo no exame de

cartões pintados e Amadeu consumir noites em cima dos cavaletes, enchendo papel com tolices, mordendo fatias de salame e aperreando Nemo Canabarro Lucas, embrenhado na matemática.

WALTER POMPEU cortou-me o almoço e o jantar. Sentava-se à minha direita, na primeira mesa. E, percebendo o horror que me inspira o homossexualismo, iniciou um jogo desonesto no refeitório. O horror se atenuava naquele meio; a relatividade moral se impunha, era absurdo pretender que indivíduos sujeitos anos e anos ao regime carcerário procedessem como pessoas livres. Necessário justificá-los. Mas isso ficava em explicação, e afastava-me dos corpos imundos com excessivo nojo. Esforçava-me por vencer a repugnância. Poderia dizer onde estava o normal, o anormal? Certo dia, barbeando-me na saleta, vi no espelho o mulato Pernambuco, faxina, em namoro com um rapazola penteado e lânguido. Pernambuco acendia os olhos, cofiava os bigodes, um sorriso largo a espalhar-se em toda a cara; o outro, encostado a uma janela, cruzava as mãos no peito, inclinava a cabeça, afetando maneiras pudicas e virginais. O safadinho percebeu que estava sendo observado e entrou a fazer sinais ao amigo, apontando-me. Nessa altura Moreira entrou, viu a manobra e desatinou:

- Cachorro, sem-vergonha.

O casal escapuliu-se, desceu a escada.

- Ora essa! intervim. Para que esses excessos? Não há motivo.

- É um sem-vergonha, insistiu o guarda. Tentei defender o rapaz.

- Não é ele só. Qual é a proporção dos pederastas aqui?

- Nem sei. Uns noventa por cento, mais ou menos. - Então? Quase tudo.

- Mas esse é um porco. - Tudo é porcaria.

- Não senhor. A porcaria desse é pior que as outras. A severidade me surpreendeu. Moreira admitia o principal e recusava a minúcia. Afinal o procedimento daqueles indivíduos explicava-se pela necessidade, mas seria preciso imaginar que também os atos do garoto, julgados porcos sem nenhuma explicação, deviam constituir uma necessidade para ele. Comentei isso com vários companheiros, esforçando-me por desculpar os infelizes e sem poder ocultar uma profunda aversão. Gikovate admirava-se. Não estava provado que Pernambuco e os outros fossem infelizes. E o nojo violento era absurdo: eu dava a impressão de inocentá-los e condená-los. Distanciando-me deles, o normal seria conservar-me indiferente. Walter Pompeu tirou vantagem das

minhas disposições contraditórias. Abancava a meu lado e, antes de iniciarmos a refeição, indicava o moço que nos servia:

- Olhe a cara do Aleixo. Coitado, é um infeliz. Você tem razão.

Ficava um instante a comiserar-se, hipócrita. E, em seguida:

- Você tem coragem de comer isso? Vou jurar que os talheres estão sujos de esperma.

Rosnando impropérios, desviava-me do. prato, nauseado: - Canalha. Filho de uma puta.

Walter ria como um doido. Consumia voraz a ração, depois se apoderava da minha. Tentei localizar-me noutra mesa, Walter ameaçou acompanhar-me. E a mudança não valia nada, explicou: todos os copeiros eram como Aleixo. Essa brincadeira se fazia uma, duas vezes por semana. Erguia-me zangado, voltava à sala; a zanga desaparecia logo: ao cabo de meia hora a pirraça de caserna me causava riso. Atraía-me na verdade aquele espírito alegre, de uma alegria ruidosa e inconveniente, amigo de provocações ingênuas e engraçadas. De ordinário só se aproximava de mim para dizer qualquer coisa desagradável. Expandia-se, azuretado e sonso - Aqui você está bem. Amigos, gente da sua classe, muitos literatos: Leônidas, Castro

Rebelo, Hermes, Gikovate, Apporelly, está bem. Mas não demora. Com certeza vão mandá-lo de novo para a Colônia. Isto é uma suspensão. Vai ganhar força para morrer devagar. A comida é boa. Indignava-me:

- Tenha vergonha. Como fala em comida, se me toma o prato e me deixa de estômago vazio? Preciso alimentar-me, Walter, estou arrasado.

Walter fingia condoer-se:

- É o diabo. Afinal você engordou. Não come porque tem nojo do Aleixo. Mas está bem. As conversas do Castro, seu vizinho, são magníficas, aprendemos com elas. Sabe

o que ele me disse? Aqui todos têm derrapagens sexuais. A sua. ..

- Qual é a minha, Walter, na opinião de Castro Rebelo? Sou homossexual?

- Não. Ele acha que você é um depravado com mulheres. Admite excessos horríveis.

Atirava palavrões cabeludos: - Foi o que ele me disse

- Espere, Walter, interrompi quando o oficial me falou assim pela primeira vez. Vou tirar isso a limpo.

E avizinhei-me de Castro Rebelo. Nas pausas das minhas dores, entretivera-me a falar com ele a respeito das anomalias existentes na cadeia. Os atos me pareciam anômalos por exercer-se entre indivíduos do mesmo sexo, mas se se realizassem entre pessoas de sexo diferente, não seriam anômalos. Castro concordara. E não buscamos razões para isso. Dias depois, num grupo, havíamos tocado o mesmo assunto. Eu sustentara a idéia, contra a opinião geral. Castro me apoiara: - "Sem dúvida. Num dos casos existe desvio de sentimento; no outro surge um sentimento novo." Não era o que eu pensava: esquecia-me dos sentimentos. Apenas o contato de homem me produzia enjôo. O hábito nacional de nos abraçarmos de leve é o simples aperto de mão me davam desgosto. Ao sentir nos dedos um ombro suado, retraía-me cheio de asco: precisava lavá-los. Contudo o suor da mulher me excitava e envolvia. Recordava-me da nossa palestra, chegando-me a Castro Rebelo.

- Muito obrigado. O Walter me transmitiu agora a sua classificação. Disse onde o professor me colocou. Podia ser pior.

Castro Rebelo fechou a cara:

- Isso é mentira de Walter. Não falei no seu nome. Walter é um potoqueiro.

E, noutro tom:

- Aliás o senhor não nega. Afastei-me rindo.

- Vão mandá-lo para a Colônia, insistia Walter Pompeu. Esteja certo. Quando melhorar, embarca para a ilha Grande. Ou para Fernando de Noronha, num porão.

- Bobagem. Não tenho processo.

- Com processo, havia a esperança de ser absolvido. Como está, não há jeito: vai para a ilha Grande. Punha-me a refletir:

- É. Talvez seja o nosso fim.

- Nosso uma ova. O seu, o dos outros paisanos. Eu sou oficial do exército. Comigo não mexem.

- Nessa pilhéria há realmente uma convicção, um engano. Vocês, milicos, são incorrigíveis. Guardam a prosápia que tinham na caserna.

Essas fumaças iam dissipar-se em breve, mas por enquanto os militares ainda não se julgavam demitidos. Vestiam fardas, e nas assinaturas deixadas no romance, dias atrás, muitos haviam conservado os postos: capitão Moésia Rolim; José Gay da Cunha, segundo-tenente de aviação; Álvaro Francisco de Sousa, capitão do Terceiro Regimento, na Praia Vermelha; capitão José Leite Brasil; Joaquim Santos,

segundo-tenente do Exército Popular Nacional Revolucionário. Certamente alguns esperavam tornar ao serviço. A chegada de Sócrates Gonçalves esfriou-os um pouco. Sócrates nos apareceu magro e sujo, com os punhos feridos: viajara muitos dias em caminhão, os braços amarrados. Contou-me a sua pequena aventura chinfrim. Conseguiu passar a fronteira e fora agarrado no Paraguai. Recebendo ordem para varrer a prisão, recusara-se, digno. Tinha graça um oficial do exército brasileiro servir de faxina à polícia de um país vagabundo. Suportara uma chuva de pancadas e resolvera abandonar a resistência, pegar a vassoura.

- Eu andava cheio de preconceitos idiotas, explicou-me sério. Julgava-me capitão. Deixei essa fantasia e varri.

Estávamos na calçada estreita do refeitório, à sombra de uma árvore, olhando o pátio exíguo, onde uns vinte rapazes faziam ginástica. A direita, o muro alto; à esquerda, nas celas, um fervilhar de cortiço. As grades não se fechavam durante o dia, e gente se movimentava sem cessar, dos cubículos para a Sala da Capela. A escada velha se abalava com forte rumor, só à noite repousava. Concluída a narrativa, Sócrates examinou o muro, atento, como se o quisesse medir; deteve-se um instante nos cubículos, na porta que nos

separava da Casa da Ordem; voltou a correr o muro com a vista; mergulhou os dedos na barba ruiva, muito crescida:

- Precisamos arranjar meio de sair daqui.

A barba o disfarçara algum tempo, era uma espécie de máscara. Mas não servira: Sócrates estava preso e varrera uma prisão no Paraguai.

- Ah! Preciso fugir. Não fico, não me submeto. Preciso fugir de qualquer modo. Já pensou nisso?

- Fugir? Não. Como? Não pensei. Fugir como? Pretende escalar este muro?

- Não pretendo coisa nenhuma. Não. Mas de qualquer modo tenho de sair. Você tem processo?

- Não. Sou um pobre-diabo.

- Por isso fala assim. Mas eu vou agüentar pena dura. Preciso fugir. Qual é o meio?

- Sei lá. Nunca pensei na fuga. E lá fora as coisas estão piores que aqui. Na opinião dos nossos companheiros, o único lugar onde existe um pouco de liberdade é a cadeia.

Viver uma pessoa a esconder-se, com medo, sem achar trabalho, é horrível.

Sócrates não se convenceu.

- Tenho de sair de qualquer jeito.

Era uma idéia fixa: durante semanas voltou a ela várias vezes. Uma sexta-feira entrou no Cassino, mudado, quase irreconhecível: trajava à paisana e tinha raspado a cara.

Esteve a conversar com a mulher. A hora de se despedirem, deu-lhe o braço e retirou-se como um dos outros visitantes. Passou diversos portões. A marosca se evidenciou na secretaria, e Sócrates foi encafuar-se no cubículo. Mas esse desastre não lhe matou os planos de evasão.

DURANTE o dia achava-me quase bem, chegava a esquecer as dores, mas a friagem da noite me aluía, renovava o pensamento infeliz de que os ossos se decompunham. O receio de incomodar os vizinhos arrastava-me à saleta, jogava-me à espreguiçadeira. O velho Marques, áspero e enrugado, não perdia a paciência.

- Vai ficar bom, afirmava enrolando-me as pernas, oferecendo-me a xícara de café.

Aproximava a cadeira, repetia a vida de criminosos importantes e a disciplina antiga.

- Não vá julgar, disse-me, que estou aqui ajeitando as suas pernas porque tenho bom coração. É engano. Faço isto por interesse.

- Que interesse tem o senhor? perguntei surpreso. Não tenho nada para lhe dar.

- Hoje não tem. Mas eu sei lá se o mês vindouro o senhor vai ser ministro?

Esse disparate fazia-me rir e esquecer o sofrimento: - Que idéia foi essa?

- Tenho trinta anos de serviço e vi muita coisa. Dr. Fulano e dr. Sicrano, figurões no governo, foram nossos hóspedes. Amanhã rebenta uma revolução e o Ministério sai daqui. Se o senhor for ministro...

- Isso é um absurdo, seu Marques. Sou pequeno demais e nenhuma revolução me eleva.

- Não sei. O Ministério pode sair daqui.

- Mas eu estarei longe dele, homem de Deus. Olhe que dormi nas esteiras da Colônia Correcional, entre vagabundos e malandros. Jogaram-me na Sala da Capela por acaso.

- Não sei. Ignoro a sua vida, e é bom não me falar nela, que não lhe faço perguntas. Se chegar a ministro... A teimosia causava-me hilaridade.

- Perfeitamente, insistia o funcionário grave. Se chegar, hei de ter precisão de um favor seu. E o senhor se lembra desta conversa e diz: - "O velho Marques, quando eu estava doente na Sala da Capela, me dava algumas xícaras de café. Não é mau sujeito." Já vê que tenho interesse. Uma reflexão desalentou-me o riso. O guarda realmente desconhecia as minhas possibilidades, mas enxergava ali uma loteria e era amável com todos nós, esperando acertar num bilhete premiado. Tinha razão. Numa reviravolta política Hermes Lima, Castro Rebelo e Cascardo recuperariam

talvez a importância, poderiam ser úteis a Marques. A excelente criatura ignorava isso e era amável com todos: - "Se o senhor chegar a ministro..." Expandia-se:

- Não sei nem quero saber da sua vida. E não lhe vou fazer perguntas, que não mereço confiança, é claro: sou da polícia. Não me diga nada. Se eu souber qualquer coisa, sou obrigado a falar. Aceite o conselho de um homem da polícia. Feche-se, esconda-se. Se tem alguma culpa, não deixe escapar uma palavra. Desconfie de todos. De mim, dos outros guardas, dos faxinas. O senhor está cercado de espiões. Mas desconfie principalmente dos seus companheiros. Todos os dias sai daqui um relatório dizendo o que os senhores fazem. Um relatório, compreende? Eu sou o portador. Hoje pela manhã, ali na mesa dos jornais (indicou as tábuas onde Nemo Canabarro Lucas estudava matemática e Amadeu Amaral Júnior comia salame e redigia a novela chinfrim), o senhor levantou o braço e fechou o punho aos homens do banho de sol, na Casa de Detenção. Lembra-se?

Lembrava-me. Depois do café, interrompendo a leitura dos jornais, entretivera-me a olhar o terraço familiar, a ginástica, esforçando-me por distinguir rostos conhecidos: Surgira a batina de um padre.

Diabo. Tinham levado para ali até padres. Que estupidez! A reação estava-se prejudicando. Vozes confusas. Cem metros, duzentos metros. Impossível determinar a distância. Percebiam-se as figuras, pedaços de figuras que se misturavam. Campos da Paz Filho evidenciava-se por causa da gordura do vulto enorme; o resto era massa indistinta. Um sujeito, por detrás do eclesiástico, entregava-se a uma pantomima, fazendo cruces no ar e batendo nos peitos. Homens gritavam erguendo os punhos. Da mesa dos jornais alguns responderam com o mesmo gesto.

- Lembra-se?

- Mais ou menos. Devo ter levantado o braço.

- Pois isso foi contado no relatório de hoje, disse Marques. Eu não estava de serviço àquela hora e não podia adivinhar que o senhor tinha feito sinais à gente do Pavilhão.

Soube à tarde, quando li os papéis. Não lhe disse que sou o portador? Já vê que tenho motivo para lhe dar conselho. Esteve um minuto em silêncio, depois acrescentou:

- E se eu lhe dissesse quem manda esses relatórios, o senhor nem acreditava. Nenhuma suspeita. É isto. O senhor se abre com um amigo, e o que diz vai direitinho à polícia.

Realmente não me abria: era-me impossível qualquer revelação, pois me faltavam segredos. E em geral as conversas me chateavam. Sucedia darem às minhas palavras sentido estranho, responsabilizavam-me com frequência por idéias absurdas. Se tentava explicar-me, envolvia-me num cipoal de equívocos. Além disso não havia jeito de habituar-me à gíria dos rapazes que ainda viviam com um pé na caserna e juntavam peças de roupas civis e fardamentos. Referindo-se a *cérebro*, falavam em *crânio*. E tiravam daí um verbo estapafúrdio, *craniar*, equivalente a *estudar*. Apareciam-me em grupos, atentos, rabiscando pedaços de papel, *craniando* assuntos obscuros em debates cochichados. As vezes se elevava do burburinho uma aprovação enérgica: - "*Batatal. Craniou batatalmente*". Essa linguagem feria-me os ouvidos e afastava-me dos militares. A erudição de Castro Rebelo me causava medo, e talvez se haja associado às minhas dores para retirar-me da cama, jogar-me à saleta.

No meio heterogêneo, cheio de expressões técnicas e frases obscenas, raros indivíduos me prendiam a atenção. Agradava-me escutar os gracejos de Apporelly, fragmentos das viagens longas do bacharel feroz, projetos literários de Hermes Lima. Também me dava prazer a fala engrolada, rápida,

baixa, de Gikovate. O judeu passava os dias a ler, os óculos de míope juntos à página. Preso às idéias gerais, esforçava-se por não deformar um pensamento. A exatidão rigorosa era motivo para ele de longos rodeios: não queria enganar-se. A minha ignorância revoltava-o. Abria um livro, rolava um português áspero, gutural, abundante em *rr*.

- Leia em francês, Gikovate. Para que esse esforço? Leia como está no papel.

Gikovate não ligava importância ao conselho e traduzia. Se lhe faltava a expressão, largava pedaços na língua estranha, sem se deter, e prosseguia num português avariado, misturando polaco, alemão, francês, inglês, o diabo. A fala pegajosa ligava-se às minhas orelhas, fazia-me cócegas. Finda a exposição multilingüe, o homem se estendia em comentários minuciosos. A palestra do judeu proporcionou-me censuras; notei em redor frieza e hostilidade, enfim percebi que me consideravam trotskista. Esse juízo era idiota e não lhe prestei nenhuma atenção. A vaidade imensa de Trotski me enjoava; o terceiro volume da autobiografia dele me deixara impressão lastimosa. Pimponice, egocentrismo, desonestidade. Mas isso não era razão para inimizar-me com pessoas que enxergavam qualidades boas no político malandro. A opinião delas, nesse ponto, não me

interessava. Nunca tentei coagir-me, transigir. Desviava-me da personagem desagradável, impertinente, buscava matéria que não me irritasse.

Expressava-me em voz alta, não era preciso ocultar-me; os bons desejos do velho Marques perdiam-se. O autor do relatório me examinaria sem proveito. A curiosidade me verrumava. Quem seria o autor do relatório? Não sou curioso. E durante meses certos indícios me traziam quase a certeza de achar-me entre espiões. Agora não havia indício: ofereciam-me coisa concreta, e um sujeito me dizia: - "Olhe que eu sou o portador." Sem dúvida. Quem teria escrito o relatório? Era bom não saber, mas a pergunta me espicaçava. Quem se teria sujado naquela infâmia? Com certeza um dos tipos que escorregavam como sombras, paravam junto às camas, sornas e bestas na aparência, o ouvido à escuta. As histórias simples de Moreira Lima, as brincadeiras de Apporelly, os planos literários de Hermes, as divagações de Gikovate não lhe haviam fornecido nenhuma indicação. Mas o movimento feito pela manhã junto à mesa dos jornais mencionava-se à tarde. Castro Rebelo me dissera: - "O senhor está entre os maiores filhos das putas deste país." A generalização era absurda. Entretanto havia alguns. Havia pelo menos um. Quem seria? A

pergunta voltava, embora me esforçasse por arredá-la.
De fato seria um desgosto conhecer aquele miserável.

VOU ARRANJAR-LHE um bom lugar para escrever em sossego, disse-me o diretor uma noite. Aqui você não melhora. É necessário tratar-se.

No dia seguinte, depois do café, levaram-me à enfermaria, recinto acanhado, onde cubículos formavam círculo em torno do banheiro, ordinariamente sem água, como notei de pois. Demorei-me numa saleta, chamaram-me ao consultório médico e um rapaz taciturno examinou-me, prescreveu injeções de vitamina e estricnina. Mas não havia essas drogas na farmácia: era preciso que eu mandasse comprá-las. Essa exigência indignou-me. A encrenca nas pernas tinha-me aparecido em consequência do jejum na Colônia; não me achava preso por gosto e julgava descaramento forçarem-me a gastar dinheiro com remédio. Aperreei-me, aludi a isso por meias palavras. O moço não quis entender: a farmácia estava desprovida. Resignei-me, furioso: encomendaria sexta-feira à tarde as malditas ampolas a minha mulher.

Saí, desemboquei na praça redonda, fui observar uma segunda entrada, oposta à saleta, duas

grades a limitai um pequeno vão. No futuro aquele exagero de segurança espantou-me. Descerrava-se a grade externa, fechava-se, abria-se a interna, de novo se trancava, e o guarda surgia tilintando

chaves. Precaução idiota num asilo de enfermos incapazes de fuga. Na Sala da Capela homens válidos, desejosos de escapar-se, iam e vinham à vontade. Encaminharam-me ao cubículo, o sétimo, se não me engano. Uma cama de ferro, uma banca, um tamborete; ao fundo o lavatório e a latrina. Enfim, depois de tantos meses atribulados, senti o prazer de achar-me só; já não me pulverizava, misturado a outras pessoas. As celas vizinhas estavam fechadas e silenciosas. A distância, além do banheiro, no semicírculo feito entre as duas passagens fronteiras, soavam gemidos, palavrões, tosse rouca. Estive horas a reler, a emendar os contos. Os primeiros, observações do hospital, não eram muito ruins. O terceiro, a minha cólera impotente de testemunha num processo, ao ser interrogado por um bacharel malandro, ainda não estava concluído. História péssima. Em dez linhas terminei-a.

- Almoço, gritaram perto.

Onde? No refeitório comum, a sala estreita e longa, bancos sujos ladeando cavaletes. Para lá me

dirigi claudicando, fui sentar-me ao pé de Walter, risonho e provocador:

- Não tem nojo de pegar nesse talher sujo de esperma? Sumiu-se o apetite. Miserável. Arrastara-me, transpusera diversos portões - e, ao sentar-me diante das pranchas nuas, lá vinha a lembrança torpe: louça imunda. Aleixo não lavava as mãos. Sempre aquilo. Mas antes o meu esforço era pequeno: descer, subir uma escada. Agora andava duzentos metros, capenga, sentava-me, repelia a comida cheio de náusea. O estômago vazio revoltava-se. Com os ossos a desfazer-se, precisava alimentar-me - e o vizinho me desviava do prato, devorava faminto a minha ração. Nunca a luta pela vida me pareceu tão feia e tão dura. Risonho, a pilheriar, Walter matava-me. E era impossível zangar-me com ele, estabanado, alegre, de uma alegria insensata porque andava a anunciar-nos desgraças. Referia-se vaidoso a um livro que fizera: *Ceará Moleque*.

- As pontas da vanguarda... gritava Rollemberg na mesa próxima.

Cochichos de trostkistas pouco adiante, repulsa ao otimismo do capitão. *Ceará Moleque*, título esquisito. Repugnância e fastio. Vida porca. Movera-me uns duzentos metros. Para que andar tanto?

Recordação dos caminhos enlameados nos montes negros da ilha Grande.

As pernas arrastavam-se a custo. Novamente no cubículo da enfermaria. A porta era uma chapa de ferro e tinha uma abertura a metro e meio do solo, vigia de vinte centímetros, pouco mais ou menos. Por aí me podiam fiscalizar de fora. A despesa exigida pelo médico ia desequilibrar-me o orçamento. Sangria razoável, na infeliz situação em que me achava. Necessário publicar os contos. Afirmava isto num desânimo completo, estirado na cama, as pernas frias envoltas na manta de lã grossa, olhando com desgosto os papéis abandonados em cima da mesa. Não me decidia a retomá-los, continuar as emendas iniciadas pela manhã. Numa transferência, ver-me-ia coagido a atirá-los na água, escondê-los debaixo de uma esteira. Julgava-me imprevidente, mas os braços estavam pesados e a cabeça deserta. A míngua de recursos atenazava-me e não me dava nenhum estímulo. Via-me reduzido a oferecer ao Coletivo dez tostões por semana, a décima parte da contribuição dos primeiros meses. O receio de que se pusesse o fundilho da calça torturava-me. E deixara de comprar cigarros: resolvera-me a adquirir mortalhas e pacotes de fumo barato na vendinha estabelecida por um preso comum junto à Casa da Ordem.

Tentei dissipar a morrinha, ergui-me com dificuldade, peguei o tamborete, fui acomodar-me à porta. A dois ou três passos, um sujeito moreno, pálido e magro se abatia, sentado no chão, as costas arrimadas à parede. Puxei conversa, para matar tempo. O homem limitou-se a dar resposta às minhas perguntas, a voz baixa, vagarosa, entrecortada por acessos roucos de tosse. Respirava mal e parecia economizar força; espalhava em torno olhares vagos, indiferentes; sem dúvida tinha preguiça de falar. Chamava-se Vitorino. Levantou-se, foi a um cubículo afastado, ao cabo de minutos exibiu-me vários objetos de chifre: pulseiras, botões, caixas, enfeites miúdos.

- Não quer comprar?

- Sim, vou ficar com uma lembrança de vocês. É trabalho seu?

Vitorino fez um gesto de afirmação triste. Escolhi uma espátula grosseira e romba.

- Quanto custa? - Dois mil-réis.

Fui deitar a lâmina entre as páginas de um volume, abri o porta-níqueis. Vitorino recebeu a moeda, rosnou um agradecimento e retirou-se com as bugigangas. A tarde um velho

robusto, de farda a esgarçar, com remendos, a cabeleira magnífica, uma bela pasta de algodão,

anunciou-me o jantar. E vendo-me em desalento, a encolher-me, insistiu amável e risonho.

- Obrigado. Não tenho fome.

Impossível andar duzentos metros. O guarda velho afastou-se, as horas correram. Um rapaz vermelho passou a pequena distância, assobiando forte, seguro aos varais de um carrinho de mão. Ignoro por onde entrou, por onde saiu. O frio aumentou, as minhas desgraçadas canelas se entorpeceram, a sombra caiu dissolvendo-me os ossos. Consegui mexer-me, sair dali, estender-me no colchão, bambo, invertebrado. Enrolei-me na manta escura de lã; os dentes chocavam-se, batendo castanholas. Hora do chá.

- Não. Muito agradecido.

Rumor lá fora, vozes femininas. O guarda velho veio trancar-me, disse que duas mulheres tinham chegado. Nem procurei saber os nomes delas. A chapa de ferro obstruiu-me a sepultura e a escuridão me envolveu, quebrada apenas pela estreita faixa de luz procedente da vigia. Exaustão. Um sono doloroso agarrava-me, partia-se e nos intervalos freqüentes dele chegavam-me gemidos, queixas, um coro forte de tosses.

DESPERTARAM-ME os chilros dos pardais, assobios e o rumor forte de rodas em solo pedregoso. Esses ruídos vinham do exterior; no pequeno recinto circular havia silêncio. Com certeza o rapaz que na véspera assobiava e impelia o carrinho de mão já começara o trabalho. Os pássaros se esgoelavam num barulho dos diabos.

Ergui-me, avizinhei-me da pia. A fraqueza e o desânimo tinham diminuído um pouco. Ao findar a escovação e a lavagem, ouvi passos, tinir de chaves, lingüetas a ranger nos encaixes. A chapa de ferro se descerrou, e achei-me fora, arriado no tamborete, as canelas nuas expostas ao sol minguado, uma folha de papel sobre a mesinha onde a tinta branca rachava e descascava. Escrevi algumas palavras.

Um homem de zebra chegou-se com um tabuleiro, esperou que eu bebesse um caneco de leite, o café enjoativo e adocicado, retirou a louça e foi servir outros doentes. Aparecera-me um esboço de conto, mas não havia jeito de se fixarem as idéias, a atenção desviava-se da tarefa no ambiente novo, os dedos emperravam na segunda linha. A certeza de

haver feito uma história chinfrim me perseguia e desencorajava; nenhum desejo de realizar outra. Apesar disso, obstinava-me em desenferrujar os miolos resistentes. Necessário mandar qualquer coisa aos jornais. Quereriam aceitar-me a literatura chocha?

O último cubículo, junto à porta do fundo, se abriu; Nise da Silveira e Eneida, minhas conhecidas da sala quatro, saíram. Um minuto depois, abancados à mesa, resvalávamos em camaradagem a narrar os nossos achaques. Eneida estava com os intestinos em cacos, o alimento ruim na Casa de Detenção arrasara-a. Nise tinha um desarranjo nervoso, consequência provável dos interrogatórios longos. A timidez agravava-se, fugia-lhe às vezes a palavra e um desassossego verdadeiro transparecia no rosto pálido, os grandes olhos moviam-se tristes. Recordei-me do nosso encontro meses antes. Ao chegar ao Pavilhão, vira-me em atitude burlesca diante de Nise, trepado a uma janela, agarrando-me a varões de ferro. Dois metros abaixo, além de uma grade, ela me pedia notícias de Alagoas. O assunto se esgotara logo e um constrangimento horrível nos prendera. Estávamos agora à vontade. A barba crescida, os tamancos e o pijama curto já não me vexavam; habituara-me ao desleixo, só me lembrava de raspar a cara uma vez por semana, às sextas-feiras. Vendo o lápis e o papel, as

moças quiseram retirar-se. Declarei-me estúpido em excesso e pedi-lhes que ficassem, contente por achar motivo para esquivar-me ao dever maçador. O guarda naquele dia era um português moreno, de feição obtusa; passava com frequência perto de nós, vagaroso, e parecia muito ocupado em fiscalizar-nos. Exigimos banho. O sujeito deu uma ordem, os faxinas vieram carregados de latas.

As minhas visitantes foram buscar toalhas e dirigiram-se ao banheiro. Só, ainda tentei arrumar vagos pensamentos rebeldes. Nada conseguindo, fui jogar sobre a cama o lápis e a folha inúteis; achava-me na verdade uma besta, invejava Hermes Lima e Gikovate, capazes de estudar, escrever horas e horas na prisão, surdos ao rumor das controvérsias numerosas. O diretor apareceu, escanchou-se num tamborete e disse:

- Cometi uma irregularidade ontem. - O senhor comete muitas, gracieji.

- É rigorosamente proibido juntar homens com mulheres. E eu pus essas duas moças aqui. Tive confiança em você. - Muito obrigado.

- Vai-me fazer uma promessa.

E largou dois palavrões obscenos. Dei uma gargalhada. Em linguagem correta, ele desejava que

as minhas companheiras não inspirassem nenhum desejo.

- Isso é um disparate, major. Prometo não realizar o ato. Mas não sentir desejo? O senhor é bem exigente.

O velho sacudia-se num largo riso, os olhinhos vivos brilhavam com ingênua malícia.

- Está bem, está bem.

Esperou a volta das mulheres, esteve alguns minutos a conversar com elas e despediu-se:

- Cuidado com a promessa. - Não se preocupe.

Fui lavar-me. Ausência de chuveiro. Apenas uma bacia de água morna e um caneco. Ao sair, encontrei Nise sentada à mesa com dois baralhos.

- Você sabe jogar *crapaud*? Eu não sabia.

- Então vai aprender.

E deu-me as primeiras lições do jogo que me iria desviar das letras nacionais. Arranjando as cartas, fornecia-me as regras com paciência, às vezes falava a um preso comum atento à partida, negro pequeno, de focinho impudente, inclinado a familiarizar-se. Embirrei com esse tipo, abomino liberdades, mas Nise estava sempre a desenvolver-lhe a partida e a fazer-

lhe perguntas. Pai João apresentou-se e referiu-se, vaidoso, às suas habilidades: fora salteador e operara nas matas de Piraí.

- Trabalhava só, Pai João?

- Só, com Deus. Precisava um revólver, mais nada. A alguns metros de nós, Vitorino se arrimava à parede como no dia anterior. O guarda apareceu e foi repreendê-lo, a exagerar uma acusação, insistente e áspero. Vitorino defendeu-se: não incorrera em nenhuma falta. De cabeça baixa, exprimia-se em voz dormiente, como num solilóquio; fingia respeito, mas não se calava. O outro, em zanga rija, invocou o regulamento.

- É o diabo, zumbiu Vitorino. Esse regulamento foi feito para mim. Para mais ninguém.

A réplica enfureceu o português. Vitorino calmo, a vista no chão, continuava a repelir as censuras de manso. Nunca vi uma pessoa justificar-se daquele modo. Acabou fatigando o adversário. Quando este saiu, Pai João, que se havia afastado, veio de novo aperuar o jogo, abelhudo e risonho. Não busquei dissimular a antipatia; as amabilidades de Nise ao negro chateavam-me. A minha aversão estaria hoje provavelmente esquecida se tempo depois não

me causasse um ligeiro transtorno, bom para esclarecer várias coisas ali.

O almoço pôs fim à primeira lição. Vieram bandejas, a professora recolheu-se e marchei para o refeitório, capenga e faminto. Consegui resistir às pilhérias de Walter, agora o apetite fechava-me os ouvidos.

Regressei, passamos a tarde em cavaqueira animada: o *crapaud* nos desatara as línguas. Eneida não se expandia, um sofrimento vivo no rosto descorado. Sentava-se, dizia meia dúzia de palavras, erguia-se inquieta, fechava-se no cubículo; reaparecia, tornava a sentar-se, rugas na testa, os beiços contraídos num sorriso difícil. Animava-se de leve, não queria exhibir-nos a dor e o desassossego. Nise palavra como se nos conhecêssemos de velha data; nenhum sinal do acanhamento que nos tolhera à minha entrada no Pavilhão. Tinham-me dito dela, anos atrás: mulher de grande inteligência e grande caráter. Renovei a frase, mencionando o autor.

- Lamento isso, murmurou Nise com ar arrepiado. - Porquê?

- Porque tenho dessa criatura uma opinião muito diferente. Não acho nenhum caráter nela.

A doença e a modéstia esgarçaram-se, num instante a severa disposição alterou a fisionomia suave.

- Puxa! Não a imaginava capaz de tanta aspereza.

- Que hei de fazer? Era preferível eu desconhecer o elogio. Enfim esses juízos fáceis não podem transformar-me. Onde fui achar inteligência? Mas realmente a fraqueza de caráter é horrível.

Examinei a figurinha combalida, magra; o desejo de afastar o louvor importuno sufocava-a; os dedos finos tremiam.

A CONFIANÇA do major Nunes, exposta com obscenidades naquele dia, não se depositou em mim apenas: novos doentes surgiram e em pouco tempo a enfermaria se avivou. Certamente ouviram também palavrões cabeludos e afirmaram proceder bem com as mulheres. Sisson, meu vizinho à esquerda, transformou a sala em biblioteca: pôs na vigia um pedaço de cartão, para fugir aos olhos indiscretos do guarda, e entrou a ler, a traçar planos irrealizáveis num conforto escandaloso. Mais longe foram viver Alcedo Cavalcante e Sussekind de Mendonça, professores gordos, risonhos, serenos, o primeiro militar, o segundo paisano. Sussekind tinha uma úlcera duvidosa no estômago, e cultivava essa probabilidade com alegria e requintes, esforçando-se por acreditarmos nela. Os faxinas de línguas penas, não sabendo pronunciar-lhe o nome, deram-lhe uma alcunha: Dr. Úlcera. No arco à direita do meu cubículo vieram alojar-se o tenente Pais Barreto e Henrique Dantas, alto funcionário de um banco, homem triste, silencioso e resignado. Dantas nunca se queixava, apesar de ter os pulmões decompostos. Arfando na dispnéia, friorento, passava horas ao sol, a

consumir-se devagar, sem nenhuma esperança. Animava-se um pouco e, em voz lenta e baixa, gastava os restos de vida em dissertações lacunosas sobre economia política. Gikovate e Amadeu Amaral Júnior estiveram conosco alguns dias. Os hóspedes do lado oposto se isolavam de nós pelo banheiro e pela condição: eram homens de zebra, arredios e tristes. Raro transpunham a linha divisória estabelecida entre as duas portas. Também não andávamos por lá. Discutíamos política, jogávamos *crapaud*, tentávamos perceber nos jornais alguma notícia animadora. A guerra da Espanha nos excitava, e no mais simples avanço dos republicanos queríamos ver a próxima derrota do fascismo. Certo dia, lendo uma folha argentina, tive a idéia de recorrer às luzes de Alcedo Cavalcante:

- Venha trocar isto em miúdos, Alcedo. Não entendemos de marchas nem de cercos. Você, major e professor, pode traduzir-nos este negócio de estratégia em língua de cristão.

Formamos roda em torno da mesinha do jogo, afastamos os baralhos, Sisson foi buscar um mapa e iniciamos a leitura, interrompida pelas demoradas explicações do major. Uma crítica otimista em demasia. O triunfo era certo; mouros, italianos e alemães estavam sendo varridos da península; dentro

em pouco os traidores seriam fuzilados. De repente o homem recusou um telegrama de Burgos.

- Adiante, adiante. Isso não vale nada.

- Ora essa! estranhou Eneida. Nós desejamos um comentário imparcial. Se você só se ocupa de uma das partes, estamos a perder tempo.

- Não, teimou Alcedo, ranzinza. Nem as mentiras de Burgos nem as bobagens desse pau-d'água de Sevilha. Tudo isso é balela. Só examino o que vem da Catalunha e de Madrid.

O nosso interesse esfriou. Esperávamos, ouvir o homem reduzir as vitórias de Franco, aumentar as da república, e a observação unilateral nos causava surpresa e desânimo. Provavelmente ele receava privar-se de uma certeza, ou antes de uma crença. Desenvolviam-se e fixavam-se ali convicções na verdade singulares. Ociosos e ausentes do mundo, precisávamos fazer esforços para não nos deixarmos vencer por doidos pensamentos. Causavam-me espanto os devaneios dos outros, às vezes me sentia resvalar numa credulidade quase infantil, e era doloroso notar os escorregos do espírito. Nise ficava uma hora a matutar nos programas de cinema, exigia a minha opinião, grave. Entrávamos a escolher fitas, enfim nos decidíamos:

- Vamos ao Metro.

Esse exercício estava sempre a repetir-se, e nem sei se era apenas brincadeira, se não chegávamos a admitir a possibilidade maluca de atravessar paredes e grades, sair à rua, tomar o ônibus, entrar nas lojas, nos cafés, nas livrarias e nos cinemas. Sisson me comunicou um projeto de admirável insensatez. Era manhã, achava-me à porta do cubículo, bebendo café. O vizinho descerrou a chapa de ferro e veio sentar-se junto de mim. Não dormira, passara a noite a imaginar uma organização que se dedicaria a estudos sociológicos e se estenderia por todas as bibocas do Brasil, a esmerilhar cartórios e igrejas. Comissões distritais esmiuçariam a papelada antiga que lhes caísse nas unhas e enviariam o material selecionado a comissões municipais; estas se subordinariam a outras mais complexas, estaduais; e afinal, a dirigir tudo, o organismo central, com sede no Rio, ali na Casa de Correção. Alarimei-me:

- Aqui? Você está falando sério?

- É. Nós é que vamos fazer o trabalho definitivo. - Mas quem nos traz esses documentos, Sisson? - As nossas mulheres, nos dias de visitas.

- Coitadinhas. Vão suportar uma carga enorme, toneladas de velharias.

- Não é tanto assim. Haverá lá fora um expurgo severo. Nós só receberemos coisas definitivas.

- E você acha que nos cafundós do Amazonas e de Mato Grosso há gente capaz dessa tarefa?

- Para as comissões de primeiro grau bastam pessoas dispostas a copiar o que forem descobrindo. A depuração começa nas cidades e acaba nas capitais.

Vencidas as minhas réplicas, o estranho homem recolheu-se e, num entusiasmo vivo, entrou a redigir o seu plano, desenvolveu-o num calhamaço cheio de minúcias, que foi exposto ao Coletivo. Ninguém quis reparar no imenso absurdo; tomaram-no em consideração; eu e Gikovate recebemos a incumbência de estudá-lo. Esquivei-me, negligente, mas o judeu meticoloso embrenhou-se na leitura, rabiscando notas, arrazoando, como se se tratasse de caso muito importante. Logo embirrou com o título da sociedade, propôs a eliminação de um adjetivo: *popular*.

- No entender da polícia, *comunista* e *popular* têm a mesma significação.

Sisson emperrou, obstinou-se na defesa da palavra e, encontrando resistência no médico, tentou convencer-me. Indolente e vago, suponho que findei por dar razão mais ou menos aos dois. Reunimo-nos à

tarde, oito ou dez sujeitos, numa das celas próximas ao refeitório. A vasta composição foi desenvolvida com segura energia pelo autor. Em seguida Gikovate engrolou o relatório na sua língua morna, carregada de *rr* duros. Pontos essenciais foram sapecados, minudências se estiraram e o nome da associação provocou intenso debate. O criador dela agarrou-se com vigor ao seu rótulo, como se o corte do infeliz apêndice lhe inutilizasse todos os pensamentos. Vários indivíduos se manifestaram, a contenda generalizou-se, e a vantagem ou desvantagem de três miseráveis sílabas deixou na sombra a análise do projeto. Ninguém se lembrou de perguntar se era exeqüível. Submeteram a julgamento o pobre adjetivo, e nós o condenamos por unanimidade. O meu voto arrancou de Sisson um berro furioso.

- Você também? exclamou erguendo-se, um brilho de indignação nos olhos.

Balancei a cabeça: - Também.

O homem largou uma expressão torpe e concluiu: - De duas uma: ou eu sou muito burro ou você é doido. Hoje de manhã concordava comigo.

- É engano. Eu estava com preguiça de argumentar. Saímos. E não tornamos a falar no assunto. A Sociedade Popular nasceu morta.

A porta do cubículo, tomei o caneco de leite e mastiguei pedaços de pão com manteiga rançosa. Depois bebi o café nauseante, adocicado. Nise abriu a porta, chegou-se vagarosa e pálida, sentou-se à mesinha. O faxina trouxe-lhe a refeição da manhã.

- Que põem neste café, Nise? É ruim.

- Deve ser brometo, respondeu a moça. Anafrodisíaco. - Diabo! exclamei afastando o caneco. Isto é permanente, Nise?

- Não, é transitório. Suspenda o café.

- Claro. Não torno a olhar esta porcaria.

O copeiro voltou para recolher as bandejas, e pedi-lhe que nunca mais me trouxesse aquela infâmia.

- Que brincadeira besta!

Lembrei-me do conselho de outro faxina, à minha chegada ao Pavilhão dos Primários: - "Se o senhor soubesse o que há nisso, não bebia tanto." Um abrandamento geral me envolvera, mas não me viera a idéia de relacionar isso com a bebida. A observação do homem de zebra me escorregara no espírito

desatento. E não me abstivera. Um grande torpor amarrara-me durante meses, desaparecera na Colônia Correcional, mas isto passara quase despercebido, pois as mulheres estavam longe, e nem havia tempo de pensar nelas. Agora não me achava entanguido. E davam-me de novo a beberagem adocicada.

- Faça o favor de não me trazer isto. Vamos jogar *crapaud*, Nise?

Pouco a pouco sosseguei. O frio na carne e a imobilidade tinham-se esvaído. Imagens lascivas surgiam-me às vezes; com a supressão do café, iriam crescer. Esforçava-me por desviá-las, pensando nos rapazes que, mergulhados num erotismo doloroso, viam figuras de atrizes nuas em revistas. Os médicos da Sala da Capela tentavam livrá-los da obsessão. Podiam livrar-se: o ato julgado vício considerava-se higiene em determinadas circunstâncias. O mal não estava na coisa física, mas nos distúrbios que os desejos insatisfeitos causavam. A maior parte dos militares ria desse conselho, aplicava nomes indecentes nos doutores bem intencionados. E continuava a admirar no papel seios, nádegas, pernas nuas. O exame disso me desgostava. Agora, vindo a explicação de Nise, quase me convencia de que a beberagem anafrodisíaca tinha efeito misericordioso.

As visitas na enfermaria davam-nos torturas verdadeiras. Os casais se juntavam na saleta próxima ao consultório médico, passavam horas num constrangimento horrível, cochichando, medindo gestos, procurando migalhas de expansões difíceis, os olhos nas portas. Se o português moreno estava de serviço, esses encontros eram muito desagradáveis: o canalha, perturbador, ia e vinha, multiplicava-se na fiscalização, chamava os presos comuns para auxiliá-lo. Duas criaturas necessitadas amolavam-se, de nenhum modo conseguiam ficar à vontade. Havia espionagem constante. Aquelas horas, desejadas, sonhadas uma semana, perdiam-se, neutras e insípidas, em conversas moles. O português moreno fiscalizava com os olhos numerosos.

A primeira visita de minha mulher foi um desastre. Avizinhá-vamos as cadeiras, tínhamos depois precisão de afastá-las, buscávamos assuntos que desviassem a forte necessidade: a linguagem violenta da imprensa reacionária, a credulidade e a indiferença do público. Éramos uns monstros e o governo, isolando-nos, salvava o país. Abandonávamos essa matéria, entrávamos em negócios particulares. O dinheiro sumia-se. Falávamos nele indiretamente, receando com certeza a desapareição completa. O romance enganchado na composição roubava-nos

alguns minutos. Não acabariam de rever as malditas provas? Impacientava-me a demora, e logo me chegava um contentamento provisório por não se exhibir aquela porcaria. Contudo isso era necessário, porque os restos da pecúnia se evaporavam. O naufrágio literário me daria alguma tranqüilidade: ser-me-ia possível obter cuecas, um pijama e lenços; estavam-me faltando esses troços; muitas coisas perdiam-se nas mudanças, a valise se esvaziava. E havia a caixa de injeções exigida pelo médico. Desaforo. Isso me tornava incapaz de comprar cigarros, obrigava-me a usar pacotes de fumo ordinário. E o diabo do livro não saía, emperrava desgraçadamente. De fato não haveria naufrágio: ninguém ligara importância à minha literatura, achava-me ali mais ou menos inédito. Novo malogro não me pesaria muito. Um pobre-diabo sem dinheiro, nulo, forçado a comprar injeções, a fazer cigarros de fumo ruim com mortalhas que se rasgavam. Os tamancos endureciam-me os pés crescidos. Ali na sala pequena, os sapatos calçados uma vez por semana reduziam-se, magoavam-me, faziam-me calos. A publicação da história chinfrim atenazava-me. Prendia-me a esse último recurso com desespero. Durante alguns minutos o guarda interrompia a fiscalização - e as preocupações de ordem econômica debandavam. Esquecíamos o livro, juntávamos as

cadeiras. Mas era uma trégua insignificante. Na calçada, a dois ou três metros, um homem de roupa zebrada passeava lento, as mãos atrás das costas. Ia e vinha. Passava diante de nós com regularidade exasperadora, retardava a caminhada e pregava-nos os olhos suspeitosos. Éramos observados pela frente e pela retaguarda.

Assim decorreram algumas visitas. Um dia, porém, achava-me fraco em excesso, não pude ir à saleta, e minha mulher teve licença para avistar-se comigo à porta do cubículo.

O português moreno estava ausente, o guarda do serviço era o velho Bragança, o amorável sujeito de cabelos de algodão, risonho e paciente, o grande amigo de Nise. Afeiçoara-se a ela de supetão e uma vez lhe dissera triste:

- Doutora, senti muita alegria ontem. Vi na rua uma senhora que era o seu tipo, disse comigo: "A doutora saiu." Mas o engano durou pouco.

Naquela tarde quente eu e minha mulher conversávamos numa nesga de sombra, encostados ao muro. Os outros doentes recolheram-se discretos. O velho apareceu, dirigiu-se a mim, puxou conversa:

- Preciso aposentar-me. Não agüento mais o trabalho. - Cansado, seu Bragança?

- Setenta anos. E quase cego. O senhor está aí falando, e eu não enxergo nada, só vejo uma nuvem. Nem sei se a porta está aberta.

Deu uma risadinha e afastou-se. - Obrigado, seu Bragança.

Um instante depois eu e minha mulher pela primeira vez nos sentíamos sós. Entramos no cubículo, cerramos a chapa de ferro.

ESTEVE conosco na enfermaria um belo sírio moço, desempenado, alto, simpático, olhos vivos e francos. Substituíra o nome estranho por um de pronúncia mais fácil: Paulo Antônio. Mas na cadeia haviam modificado a tradução: era simplesmente Paulo Turco. Ignoro o crime dele, coisa grave, sem dúvida, pois estava condenado a mais de vinte anos. Na vestimenta branca, muito limpa, onde as riscas ignominiosas esmoreciam, quase invisíveis, tinha a aparência grave de um funcionário. As sextas-feiras iam visitá-lo duas mulatinhas novas, escuras, pálidas e feias. Assisti a um desses encontros. As meninas usavam roupinhas de tecido ordinário e calçavam sapatos de tênis. O rapaz examinou-as descontente, fechou a cara, repreendeu-as enérgico:

- Vocês não têm sapatos? Não me apareçam com isso outra vez. Indecência.

Entregou-lhes dinheiro, esteve algum tempo a desenvolver recomendações minuciosas a uma pessoa ausente. As meninas olhavam de cabeça baixa os sapatos de pano, as meias grosseiras, e ouviam atentas, e envergonhadas, as ordens rijas do pai

severo. Comportavam-se exatamente como filhas, mas com certeza não havia ali parentesco. Cinzentas, desbotadas e nacionais, muito diferiam do oriental, semita puro. Porque razão o grande nariz adunco se aproximava das ventinhas chatas?

Mais tarde explicaram-me a relação curiosa. Paulo Turco tinha uma pequena indústria, como outros, e o bom procedimento fazia que o empregassem às vezes em serviços externos. As autoridades economizam com esses trabalhos, e os presos vêem neles um prêmio, sentem-se quase livres durante algum tempo. Num dos periódicos regressos à vida, o sírio pintava portas ou caiava muros quando uma preta velha se chegara a ele e pedira esmola. O homem dera-lhe cinco mil-réis: era o que tinha. No dia seguinte a mendiga voltara acompanhada por duas netas, uma de três, outra de quatro anos. Fizera nova colheita, habituara-se. E, finda a caiação ou pintura, as pobrezinhas tinham ido avistar-se com o protetor na Casa de Correção. Depois disso Paulo Turco possuía uma família, família distante que o via uma vez por semana, às sextas-feiras, mas esse ligeiro contato lhe bastava para dedicar-se inteiramente a ela. Fazia vários anos que aquilo rolava, oito ou dez: as garotas haviam terminado o curso primário. Iam estudar coisa

mais séria a expensas e sob a fiscalização rigorosa de uma criatura ausente do mundo.

Esse caso me preocupou em demasia. Sempre me parecera que os criminosos não se diferenciavam muito da gente comum, mas ali me surgia um deles superior aos outros homens. Paulo Turco era, se não me engano, assassino e ladrão. Contudo inspirava respeito. E aquele procedimento levava-me a admirá-lo. A extraordinária antinomia me assombrou: um vivente nocivo, capaz de matar, roubar, sacrificava-se para manter e educar pessoas encontradas por acaso, muito diferentes dele. E perguntei a mim mesmo se a virtude singular não compensava as faltas anteriores. Uma dúvida me torturava: se Paulo Turco se libertasse, praticaria novos crimes ou buscaria ofício honesto para sustentar as pobres? Na reclusão, as despesas deviam pesar-lhe em demasia, nem sei como se agüentava. Fazia gaiolas, como depois notei, mas certamente não amparava três vidas com o produto dessa exígua indústria. Possuía outras habilidades, sem dúvida. Aqueles homens adquirem talento para explorar negócios que não imaginamos cá fora. Jogam e como isto é proibido, realizam transações absurdas, perfeitos disparates. Um guarda vai atravessar um portão. Dois sujeitos apostam: um acha que ele passa com a perna esquerda, outro escolhe a direita. Valores

miúdos circulam sem descontinuar. Pai João era contrabandista de álcool. Tinha ocupação no exterior, saía com regularidade, voltava com frascos de aguardente nos bolsos; necessitava algumas viagens para encher uma garrafa, que vendia com lucro de cento por cento. Assim, os habitantes da Sala da Capela tinham meio de infringir o regulamento. Como as exigências ali são reduzidas, essas miudezas se acumulam, e os presos econômicos chegam a constituir modestos pecúlios. O que mais me surpreendia no caso de Paulo Turco era ele obter recursos para realizar gastos, anos a fio, num ambiente diverso, onde as nossas migalhas de pecúnia se desvalorizavam. O esquisito devotamento e as possibilidades imprevistas alarmavam-me. Ignoramos o que somos, até onde podemos ir. Cercados, confinados, precisamos ver qualquer coisa além das grades. A imaginação vai longe; coisas externas crescem, desenvolvem-se; um barraco erguido na favela toma cores vivas, e duas mulatinhas pestanejam em cima de livros, na véspera de exame, à luz do querosene; na cozinha de tábua e lata uma negra velha cochila. Vive para resguardar essas três insignificâncias, entrega-se a elas inteiramente, fabricando gaiolas, um homem duro, mãos tintas de sangue, dedos hábeis no manejo de instrumentos ilegais.

Afinal a virtude me escapava. Quem me provava que os indivíduos supressos pelo sítio faziam falta num mundo cheio de excrescências? Talvez não fizessem. E era-me indiferente estar a propriedade aqui ou ali. Não aprovei as aventuras de Gaúcho, meu amigo na Colônia Correccional; não as aprovei por serem perigosas. Gaúcho não produzia riqueza. Muitos não a produzem, e contudo acham maneira de apropriar-se dela sem arriscar-se. Gaúcho e Paulo Turco haviam pelo menos revelado coragem. E em situação difícil achavam maneira de praticar ações generosas, incompreensíveis.

ENFIM o romance encencado veio a lume, brochura feia de capa azul. A tiragem, de dois milheiros, rendia-me um conto e quatrocentos e esta ninharia ainda significava para mim grande vantagem. Minha mulher apareceu com alguns volumes. Guardei um e distribuí o resto na enfermaria e na Sala da Capela, mas logo me arrependi desses oferecimentos. A leitura me revelou coisas medonhas pontuação errada, lacunas, trocas horríveis de palavras. A datilógrafa, o linotipista e o revisor tinham feito no livro sérios estragos. Onde eu escrevera *opinião pública* havia *polícia*; *remorsos* em vez de *rumores*. Um desastre. E nem me restava a esperança de corrigir a miséria noutra edição, pois aquilo não se reeditaria. Eu próprio dissera ao editor que ele não venderia cem exemplares. Contudo alguns leitores fizeram vista grossa aos defeitos e me condenaram firmes o pessimismo. Nise interrompia o *crapaud*, esforçava-se por mostrar na minha narração capenga belezas que eu nem de longe percebia. Certa manhã Eneida saiu do cubículo e avizinhou-se de mim, pálida, os olhos fundos:

- Li o teu romance de cabo a rabo, e não dormi um instante, apanhei uma insônia dos diabos. Pavoroso!

Essas manifestações me surpreenderam, mas a princípio julguei-as amabilidades. Pouco a pouco moderei o juízo severo e cheguei a supor que a obra, apesar de tudo, causava interesse e roubava o sono às pessoas. As palavras de Nise, repetidas, levavam-me a considerar bons alguns capítulos. Um deles me custara vinte e oito dias de trabalho rijo, fora depois recomposto e emendado. Tratava-se de um crime difícil, meio inconcebível, e, se não me precatasse, ter-me-ia afundado na literatura de folhetim. Essa longa passagem não estava muito mal arranjada. Assaltavam-me depois cóleras fortes à lembrança dos disparates mais graúdos expostos nas folhas escuras de papel ordinário. As falhas eventuais reforçavam outras, essenciais, e achava-me em desânimo completo.

Por alguns dias afastei-me da Sala da Capela, receando comentários, certamente agradáveis e falsos. Não vamos dizer cara a cara a um sujeito o que achamos de uma produção dele. Atenuamos as fraquezas, pomos em evidência as paginas menos ruins; se os autores não forem burros, compreenderão bem a nossa hipocrisia. Atenazava-me a idéia de ver

Castro Rebelo, catedrático exigente, folhear a brochura, erguer os ombros, fungar um risinho de escárnio. Quando as nossas camas eram próximas, no velho salão de tábuas vacilantes, eu lhe fizera um pedido: - "Professor, tem por acaso aí o seu *Mauá*? Ainda não o li." Castro Rebelo abrira a mala, dera busca entre panos e me estendera o volume. Tomara-o em seguida, percorrera-o e, com uma gilete, raspara meticuloso uma vírgula. Que diria o homem rigoroso das minhas vírgulas, deslocadas na tipografia e na revisão, a separar sujeito de verbos, estupidamente?

Vi nos jornais cinco ou seis colunas a respeito do caso triste, em geral favoráveis. Não diziam grande coisa. Limitavam-se a jogar louvores fáceis, pareciam temer ferir-me apontando os erros, como se fosse um estreante, e desviavam-se da matéria. Arriscara-me a fixar a decadência da família rural, a ruína da burguesia, a imprensa corrupta, a malandragem política, e atrevera-me a estudar a loucura e o crime. Ninguém tratava disso, referiam-se a um drama sentimental e besta em cidade pequena. Admirou-me depois o excessivo número de críticas à minha história sombria, e espantei-me de vê-la bem aceita e reproduzida, mas ali na cadeia apenas me surgiu a meia dúzia de artigos. Um era insensato. Dedicava-me alguns elogios sem pé nem cabeça, punha-me de lado

e atacava furioso um escritor que nenhuma relação tinha comigo. Outro me declarava autor de um formoso romance. Ao ler isso, escondi a folha debaixo do colchão e deitei-me, a estalar de raiva.

- Que é que você tem? perguntou-me da porta a ótima Nise. Piorou?

- Não. Estou bem.

Nise ficou um instante a olhar-me séria, de repente deu uma risada:

- Já sei. Foi o artigo de Fulano. Ergui-me:

- Ele tem razão. É o que é realmente aquela porcaria. Um formoso romance.

A excelente amiga saiu, trouxe os baralhos, arrastou-me para a mesinha e desviou-me do espírito o desagradável sucesso. Estava sempre a comentar com exagero, mencionando autoridades, a minha personagem criminosa e meio doida. Eu lhe esfriava o entusiasmo, brincava com ela citando a frase de um advogado que lhe pedira o exame de um cliente: - "A senhora, grande psicopata..."

- Ele está certo, Nise. Você se julga psiquiatra. Mas é engano. Você é maluca.

Nise ria. Considerava-me um dos seus doentes mais preciosos.

TOMEI o copo de leite, fui ao consultório, onde o médico me aplicou a injeção de vitamina. Ao regressar, notei que haviam recolhido a mesinha do *crapaud* deixada à porta.

- Vá tomar banho e mudar a roupa, disse-me Eneida. Você não vai receber sua mulher assim vestido em pijama. O diretor me anunciara na véspera uma visita para aquela manhã. Achava-me com bastante preguiça:

- Minha mulher não é de cerimônia. Já me viu deste jeito muitas vezes.

- Não senhor. Mude a roupa - Que impertinência! Vá lá.

Agora conseguia mexer-me, já não precisava amolar os faxinas pedindo as latas de água morna. Com duas ou três semanas de tratamento, as pernas pareciam consolidar-se, mas as picadas renitentes no pé da barriga ainda continuavam a importunar-me.

- Está bem.

Peguei a toalha, saí da enfermaria, encaminhei-me aos banheiros distantes, arrimado ao muro que nos

separava da Casa de Detenção. Viagem longa e desagradável: havia no caminho vários portões, alguns fechados, e era-me necessário esperar que os guardas os viessem abrir. Lavei-me, fiquei minutos a conversar em gritos com os homens do Pavilhão dos Primários, debruçados lá em cima, no terraço. Chegando à enfermaria, encontrei a minha cela transformada. A cama, pouco antes em desordem, estava refeita; desaparecera a confusão de jornais velhos, papéis e livros deixados pelos cantos; e a mesinha se enfeitava com vasos de flores.

- Que presepada é esta?

Compreendi porque Eneida teimara em afastar-me. A minha surpresa aumentou quando me deram esclarecimento: ia haver uma espécie de festa em honra do livro infeliz. Tinha sido uma lembrança do major, afirmou Nise.

- História, resmunguei contendo o mau humor. É uma pilhéria de vocês duas. Não dou para essas coisas.

Os preparativos deixaram-me sombrio.

- Ó Nise, será que têm a intenção de fazer discursos? Se fizerem, vou ficar numa atrapalhão medonha: sou incapaz de juntar meia dúzia de palavras em público.

A moça tentou desvanecer o perigo, mas realmente só consegui destoldar-me um pouco ouvindo a promessa clara de Sussekind e Sisson: ninguém falaria. Não se dissiparam todas as nuvens. Sisson, criatura verbosa, iria pregar-me talvez uma peça. Vesti-me apreensivo, condenando a manifestação doida: com certeza a maior parte das pessoas associadas a ela me desconhecia a literatura. No traje civilizado, limpo, cosido pelo Sousa na alfaiataria, achei-me em condição de receber visita. Ao sair da cela, encontrei minha mulher, que me ofereceu um pacote cilíndrico e pesado. Tirei os barbantes, o invólucro de papel escuro, uma delgada pasta de algodão, e descobri uma garrafa de aguardente.

- Como é que você pôde meter isto aqui, filha de Deus? Natural. Na secretaria, um empregado se informara, e ela estendera o embrulho com ingênua impudência: - "Algodão." O homem se contentara com a resposta. Lembrei-me de uma cena, meses antes, no Pavilhão dos Primários. A notícia infeliz me surgira de chofre, numa esquina: - "Revista." Escondera-me por detrás de Euclides de Oliveira e, sem nenhuma precaução, metera debaixo da camisa um envelope que Agildo Barata me confiara. A dez passos, minha mulher tinha percebido o movimento, e

um minuto depois me perguntava: - "Que é da carta?" Mas a polícia não se preocupava com tais minúcias. Tocava-nos de leve os bolsos,

buscava rápida armas impossíveis. Se eu não fosse um maluco, teria salvo as folhas escritas na Colônia, deixadas estupidamente debaixo da esteira, na cama suja de hemoptises. Bastava uni-las à barriga, sob a cueca, prendê-las com o cinto; aí não me viriam fazer investigações. Vivíamos a criar fantasmas. Por isso as notas se haviam perdido.

Traziam-me agora o líquido valioso e proibido. Arranjei meio de espatifar a rolha, enchi um caneco, fui pródigo. Doentes e abstêmios, os companheiros se recusaram. Pais Barreto, porém, avizinhou-se de mim numa calorosa amizade, não expressa antes nem depois disso. Num instante bebemos quase meia garrafa, e tive de ocultar o resto, fechar a porta. O tenente não se deu por achado: entrou a rondar o cubículo, esperando o momento de insinuar-se nele, indiferente às conversas literárias que fervilhavam em redor. Também me distraía. Fossem para o diabo as letras nacionais: o meu intuito era defender a garrafa. Essa propriedade fugia-me: às vezes a exigência do moço explodia, e era-me preciso descerrar a chapa de ferro, deitar nos canecos duas doses escassas, medidas:

- É necessário fazer economia.

Tolice. A sede forte de Pais Barreto obrigava-me a encharcar-me, para que ele não bebesse tudo; assim, à hora do almoço, sentia-me vago e toldado, superior aos acontecimentos, sem saber direito porque haviam juntado as mesas, numa refeição extraordinária. Melhorara-se a bóia. Tinham encomendado vinho a Pai João. Enfim um banquete, o banquete possível. Não houve discursos, mas a ausência deles nem foi notada: não me lembrava de que os oradores me causavam receio pela manhã. O álcool me dispunha a soltar a língua, atacar alguma coisa, a literatura reacionária, por exemplo. Na meia liberdade provisória que nos concediam, terminamos o almoço e, quase alegres, ficamos a papaguear nos tamboretas brancos, em algumas espreguiçadeiras, feitas certamente na pequena oficina estabelecida na saleta do café. Os meus olhos fechavam-se, abriam-se; as idéias avivavam-se, morriam. A conversa animada escorregava-me no espírito obtuso. Que dizia aquela gente? Chegavam-me pedaços dela, envoltos em bruma, vozes confusas. Interessava apenas os manejos de Pais Barreto: andava a rondar o cubículo, o pensamento numa garrafa escondida sob o colchão. Erguia-me

com pena dele e pena de mim mesmo. Nessas viagens a garrafa se esvaziou.

As horas passavam rápidas, a sombra se alargava na calçada estreita. Recolhi-me tonto, minha mulher acompanhou-me, esteve uns dez minutos deitada. Era um sacrifício, pois abominava o álcool; em tempo normal vivia a despropositar comigo por causa disso. Voltamos ao grupo. Ela pintou os beijos e retirou-se.

Chegaram as luzes. Passou o momento de se fecharem os cubículos, e surpreendeu-me ver o guarda imóvel, a espiar-nos de longe. Alguém trouxe um rádio. Envolto nas grossas mantas, a defender-nos da friagem, ali nos conservamos longamente, ouvindo uma ópera que se representava no Municipal e a sábia crítica de Sussekind à música de Wagner. Cerca de meia-noite as chaves tilintaram e a pequena sociedade pouco a pouco se dissolveu.

ANDAVAM na enfermaria alguns tipos curiosos. Nestor, faxina, era um mulato cor de cinza, magro, banguelo, um sorriso impudente fixo nos beiços grossos. Comportava-se

bem e esperava conseguir livramento condicional utilizando o saber de Leônidas Resende. Sumiu-se um anel caro na Sala da Capela, suspeitaram dele, mas os outros faxinas o julgaram incapaz de tocar em objeto alheio. Contudo estava a cumprir sentença por arrombamento.

- Veja o senhor, disse-me um dia. Trabalhei quinze anos só, aqui e em Niterói; nunca ninguém desconfiou de mim. Quando tomei um ajudante, o miserável me denunciou.

As vezes o sorriso permanente franzia-lhe o rosto, uma sombra de amargura o envolvia.

- Está ali quem sabe tirar cadeia, murmurava apontando a gata Malandrinha, mascote da prisão, achada na rua, vinda num carro de lixo.

O animal vagabundo acostumara-se logo à vida sedentária e nenhum desejo tinha de recuperar a

liberdade. Ronronava ao sol, obeso, desenroscava-se em bocejos enormes, preguiça enorme. Reconhecia-se importante, sem dúvida, e esta convicção lhe dava o ar de saciedade, os movimentos vagarosos. Nestor largava um suspiro, invejando o sossego do bicho:

- É como a gente devia ser.

Júlio, figura sinistra, vinha trazer-me a bandeja pela manhã. Bebendo o leite, mastigando o pão, tentei falar com ele. Respondia breve, iludindo as perguntas, os olhos baixos, constrangido. Nunca se referia ao crime que o inutilizara, desejava provavelmente esquecê-lo. Á reserva excessiva trazia-me ao espírito Gaúcho, Paraíba, Pai João, alguns ladrões menores, dispostos a revelar-se com franqueza e gabolice. Um deles, de boca imensa, a cara estúpida, vangloriava-se contando a Eneida mentiras palmares. Enganando-nos e enganando-se com aventuras e riscos, esses homens chegavam a descobrir mérito no seu ofício. Júlio não era um profissional. Matara a mulher em ciúme furioso, e não podia livrar-se da horrível dúvida: fora justo? Fora injusto? De pé, junto à bandeja, tinha no chão os olhos enevoados. Fora justo? Fora injusto? Baixo, atarracado, lívido. Impossível avizinhar-se dos companheiros. Homem solitário, preso ao passado, a inocentar-se, a arrepender-se. Nunca me surgira oportunidade, ali ou fora dali, de perceber vestígio de

remorso em ninguém. Remorso era apenas um assunto literário. Os indivíduos capazes de matar, roubar, incendiar, violar, achavam razão para isso. Júlio não conseguia justificar-se - e vivia abatido e mecânico, a transportar a bandeja para aqui, para ali, surdo e cego.

Muito diferia dele Barbadinho, o rapaz que andava a rodar a carroça nas pedras com assobios estridentes. Era o meu despertador. As cinco horas o assobio forte e o barulho de rodas nas pedras, casados ates chilros dos pardais, levantavam-me. As aves e o rapaz abreviavam-me o sono. Escovar os dentes, lavar o rosto. Descerrava-se a chapa de ferro. Na frescura da manhã, arriado no tamborete, os cotovelos sobre a mesinha, em vão me esforçava por arrancar de uma figura sombria qualquer coisa. Hábito velho de observação, inútil agora. Júlio era uma estátua dolorosa; só recobrava o movimento quando se esvaziava o caneco de leite. Perto, um rapaz, quase criança, passava agarrado aos varais de uma carrocinha. O assobio não desanimava. Porque tinham levado para ali aquele garoto? No ambiente sujo, o menino queria viver, a alegria se espalhava na cara aberta, peluda, escura. A abundância de cabelos motivara a alcunha. Os olhos fuzilavam, o corpo agitava-se, rápido, como se estivesse a nadar. Barbadinho ausentava-se do meio, estava numa aurora

permanente. O assobio agudo feria-me os ouvidos. A criatura viva, moça, forte, mergulhava no trabalho como peixe na água. Infelizmente o trabalho era aquilo: rodar uma carroça o dia inteiro. Pobre menino. Quando se libertasse, não acharia lá fora nem o miserável exercício que lhe facultava o rumor excessivo, o riso franco, o estouvamento. Regressaria, acabar-se-ia em desânimo, obeso e nulo, como a gata Malandrinha, amando uma réstia de sol e a imobilidade.

Tipo esquisito era o sujeito que nos lavava a roupa. Fornido, branco, de gestos ondulantes, olhares equívocos, desagradáveis, sujos. Tinham-lhe dado a alcunha de Maria Gorda. Certo dia o acharam metido em veste feminina, a saracotear-se, a requebrar-se. Lavador, amava a profissão, gostava de mexer em panos. Ao trazer-nos cuecas, lenços, pijamas, estendia-os na cama, retardava-se a acariciá-los com os dedos grossos, nojentos. Um companheiro brigara com ele, e vendo-o chorar, covarde e bambo, invectivara-o: - "Que é isso? Homem não chora." E o desgraçado respondera, no longo pranto: - "Você não sabe que eu não sou homem?"

UM DIA, à hora de nos destrancarem, Sisson me apareceu encabulado e sombrio:

- Sou um idiota. Não devia ter feito aquilo. Perdi os estribos, e nem sei o que disse.

Atentei no homem com espanto: - Que foi?

- Não ouviu?

- Quê? Não ouvi nada.

Sisson recusou durante algum tempo a minha declaração: - Um barulho tão grande!

- Não percebi nenhum barulho, Sisson. Estava dormindo. Ignoro o que você quer dizer.

Enfim, depois de muita fala inútil, o arestoso amigo se explicou. Tivera na véspera, fechado o cubículo, arenga feia com um preso comum que servia na farmácia. Era estranho haver rixa entre indivíduos tão diversos, um oficial de marinha, homem culto, burguês, e um ladrão vagabundo. Através da chapa de ferro, pelo buraco de vinte centímetros, em geral oculto por um pedaço de papelão, tinham cambiado

grossos desaforos: - "Cachorro, sem-vergonha." - "Marinheiro safado."

- Oh, Sisson! murmurei. Você cair nisso! Discutir com um tipo assim!

- Não refleti. Foi burrice.

No mesmo dia Sisson voltava à Sala da Capela. Como de ordinário, não lhe expuseram motivos. Somente ordem para arrumar a bagagem. Os mapas e os abundantes papéis sumiram-se; o meu vizinho da esquerda, antes de curar-se, afastou de nós as suas idéias complicadas e numerosas. A queixa de um malandro ocasionara a transferência. Outros companheiros haviam saído.

As minhas pernas se arrastavam no ócio, do consultório médico para a cela. Agora estavam menos trôpegas e insensíveis; já não era preciso estirá-las ao sol de manhã, envolvê-las à tarde na manta pesada e escura. Não se lavava aquela manta, acho que não se lavou enquanto vivi na Casa de Correção. Por ser quase negra, ocultava a sujeira, e permanecia na cama estreita semanas longas, como os dois trapos que, meses atrás, me enrolavam numa esteira. Apenas a imundície da Colônia Correccional era visível, muito vermelha. As conversas boas de Nise afugentavam-me

a lembrança ruim. A pobre moça esquecia os próprios males e ocupava-se dos meus.

- Vamos ao cinema hoje?

- Vamos, Nise. Por enquanto vamos ao *crapaud*. Quer?

Íamos ao *crapaud*. As partidas lentas davam-me remorso. O terceiro conto, mau e incompleto, escondia-se na valise, sob cuecas e meias. Seria preciso concluí-lo e endireitar os outros, mas a literatura desgraçada me causava engulhos. Assaltava-me com freqüência um desânimo profundo.

- Porque é que indivíduos como eu escrevem? Para quê? perguntava a mim mesmo.

Quando esmoreciam as dores, procurava defender-me estabelecendo comparações frágeis:

- Afinal o Brasil é uma tristeza. Estas misérias são iguais a várias que por aí circulam. Escrevemos à toa, e ainda achamos quem nos elogie.

Decidia-me com esforço a desenterrar as miseráveis folhas, rabiscava algumas linhas chochas. Para quê? Lá fora gente como eu estaria fazendo coisa semelhante. E refugiava-me nas cartas. Infelizmente Nise começou a dizer que eu furtava no jogo. Professora incapaz, utilizava esse recurso desonesto se

perdia, e alargava-se em comentários injustos com Pai João. Atenazavam-me as brincadeiras dela, expostas ao negrinho descarado, horrivelmente feio. Uma espécie de macaco, e às vezes me espantava de que o mostrengo pudesse falar. A cabeça era uma insignificância, os dedos curtos e nodosos mexiam-se como se estivessem a manejar o revólver nas matas de Piraí. Um bicho. E, dos ladrões observados naquele tempo, o mais antipático. Fora-me possível admitir Gaúcho, Paraíba, Cubano, e via-me forçado a admirar Paulo Turco. A figura simiesca irritava-me. Nise dirigia-se a ela, apontando no baralho, a rir, os meus furtos inexistentes. Zangava-me, cochichava:

- Como diabo se interessa você por um tipo como esse? Nise continuava a rir, a atacar-me. E Pai João andava em roda, aos pulinhos, rombo e torpe, a grunhir, repetindo as palavras dela:

- Furtou, furtou.

Uma vez não me contive:

- Sabe que não gosto dessas intimidades?

- Hem? fungou o animal desfranzindo o riso parvo. - Não gosto disso. É bom vivermos separados.

O focinho de Pai João tomou pouco a pouco uma dureza fria, a boca apertou-se com ódio, os olhos miúdos fuzilaram. O negro deu-me as costas em

silêncio, e nunca mais o vi. A tarde me vieram anunciar mudança. Peguei os troços, despedi-me da gente que andava no pátio circular, e um guarda acompanhou-me à Sala da Capela. Na viagem recordei a zanga do velho Marques ao ver-me estender o maço de cigarros a um faxina. Aqueles homens eram nossos criados. Ri-me atravessando os portões de ferro. Criados bem singulares. Executavam serviços rudes e recebiam gorjetas, mas eram em grande número, ambientavam-se em anos de pena, e nós, cem ou duzentas pessoas, estávamos ali de passagem, e infringíamos sem querer as regras. Pela denúncia de um deles, vinham-nos dificuldades: cautelosa, a administração receava desgostar os moradores velhos da casa.

NA SALA da Capela havia agora três fileiras de camas separadas por estreitas passagens de meio metro. Deram-me a última do centro, metade, mais ou menos, das laterais. Lugar incômodo. O espaço minguava; só no fim do salão, junto às mesas de leitura e jogo, podíamos andar livremente. Depois do jantar, arriei os ossos no colchão, tentei repousar, debalde: o rumor dos tamancos e o zumbir das conversas agitavam-me, e abriam-me os olhos e os ouvidos. Inclinando-me para a direita, via as criaturas que pisavam rijo, abalando o soalho. A pequena distância, indivíduos atentos, curvados sobre tabuleiros, moviam símbolos de madeira: - "Xeque."

Os cotovelos fixos na armação bamba dos cavaletes, figuras indistintas mexiam papéis. A vitrola remoia discos. Virava-me para o outro lado, e percebia ao fundo, perto do altar, alguns doentes, Apporelly dispondo as cartas na paciência interminável, Moreira Lima a ajustar a funda complicada. Enfim as luzes se apagaram e consegui dormir. Levantei-me cedo e vi na cama vizinha um rapaz de rosto para cima, um frasco na mão, esforçando-se por umedecer os olhos inflamados e

vermelhos. Desistiu da operação custosa: o líquido se derramava nas pálpebras roxas e opadas.

- Quer fazer-me o favor de me deitar aqui um pouco de colírio? pediu-me

Enchi o conta-gotas. Mas, diante dos bugalhos sangrentos, uma névoa de lágrimas toldou-me a vista, os dedos tremeram-me:

- Não posso. Um instante.

Fui chamar Gikovate, que fez o curativo e afastou-se. O desconhecido, loquaz, antes de poder enxergar-me, entrou a papaguear e resvalou em assunto perigoso. Quis saber a causa da minha prisão. Desgostoso com a resposta vaga atirou-me de chofre:

- O nosso chefe é um gênio. O senhor não acha?
- Como?

- Prestes é um gênio.

Mais tarde compreendi que o sujeito não era espião: era apenas meio doido. Naquele momento, porém, julguei-o instrumento da polícia, embora se mostrasse de inabilidade incrível.

- Qual é a sua opinião?

- Nenhuma. Li dele dois ou três manifestos, ali por 1931. Somente.

O homem passou o lenço na cara molhada, dirigiu-me as postas rubras:

- Então, se o senhor não considera Prestes um gênio, que faz aqui? O senhor não é do Partido Comunista? Não esteve na Aliança Nacional?

- Não estive em nada.

O tipo começou a borboletear. E, de repente: - Apporelly é um gênio, o senhor não acha?

Na manhã fria o ruído começava: sons duros de tamancos abafando as vozes dos pardais. O café, o banho. Apporelly, no fim do alojamento, mudava a roupa devagar.

- Apporelly é um gênio. Que é que o senhor acha? Cautela exagerada levava-me a precaver-me contra o indivíduo inofensivo:

- O senhor gosta de gênios. Talvez sejamos todos *gênios*. Gênios em cueca, jogando o xadrez e a paciência. Pus-me a rir; o tipo se desviou, macambúzio. E nunca mais se entendeu comigo. Na manhã seguinte pegou o remédio e dirigiu-se, meio cego, a alguém que lhe deitasse pingos nos olhos arruinados.

Passaram-se dias, semanas. As minhas pernas andavam quase sem dor no soalho, na escada estreita,

no pátio onde os militares faziam ginástica. Percebi que várias pessoas começavam a esquivar-se de mim. Com certeza, imaginei, se ressentiam por eximir-me de realizar tarefas desagradáveis. Pediam-me conferências, artigos sobre romances novos, e não justificavam a minha incapacidade. Feria-me a incompreensão. Era-me realmente impossível fazer qualquer trabalho. E admiravam-me a pertinácia e a firmeza de alguns homens que pareciam não descansar. Agildo Barata me dava a impressão de uma aranha diligente, a fabricar dia e noite, meses e meses, a teia difícil. As visitas, às sextas-feiras, levavam para o exterior os fios de uma vasta composição que se alargava pela cidade, pelo país. Criaturas dessa natureza não me desculpariam facilmente a inércia. Devia estar aí a causa do afastamento. Enganei-me. Um companheiro veio contar-me que alguém afirmara ter-me ouvido, em zanga indiscreta, dizer de Prestes cobras e lagartos. O informante queria saber se aquilo era verdade. Rejeitei o miserável assunto:

- Não dou explicação. Isso é uma estupidez, não perco tempo com mexericos idiotas.

As minhas palavras foram tomadas como evasivas, presumo, pois continuaram arredios, a exhibir carrancas. Estava claro: o sem-vergonha da oftalmia semeara intriga, e meia dúzia de malucos admitia que

eu fosse bastante leviano para confiar nele. A credulidade me irritava. Para o diabo. Não me fazia falta a convivência daqueles ingênuos. Uma tarde quente peguei a toalha e encaminhei-me aos banheiros. Fechados. De regresso, avistei uma torneira e resolvi utilizá-la. Acabava de lavar-me, enxugar-me, quando alguns militares passaram e fingiram não ver-me. Euclides de Oliveira deixou o grupo, chegou-se a mim:

- Então esses moços não falam com você? -
Que se há de fazer, meu caro?

- Qual é a razão disso?

- Não sei, nem procuro saber. Acreditaram, suponho, em burrices, em safadezas. Deixá-los.

Vesti-me, saímos juntos.

- Isso é uma peste! exclamou o oficial.

A indignação dele compensou todos os desentendimentos. Pensei na minha briga com Euclides no primeiro dia em que o vi. Reconhecendo-se injusto, logo confessara o erro, desculpara-se firme, sem nenhum constrangimento, num instante me aniquilara a fúria besta. De novo se patenteava a alma nobre. Euclides não aceitaria sem exame as balelas de um desconhecido.

VAGOU uma cama perto do altar, e, receando vizinhança desagradável, Apporelly me pediu que me transferisse para lá.

- Venha logo, antes que chegue um intruso.

Os bugalhos do provocador já não eram vermelhos; recobrada a vista, o sujeito mexia-se com pés de gato, cochichando pelos cantos, a semear discórdia, sem dúvida. Bom livrar-me dele. Aceitei o convite, fui alojar-me a um passo de Apporelly, nos cinco metros de mosaico. Só ali tínhamos sensação de estabilidade; o soalho, batido pelos tamancos, balançava como um navio. Aos pés da cama, no aperto, o humorista colocara uma pequena mesa redonda e passava os dias debruçado nela, arrumando as cartas na paciência longa. A esquerda, magro, a cor terrosa, a cabeça ainda raspada, acomodava-se Aristóteles Moura, de quem me despedira, meses atrás, na Colônia Correcional. Um pouco distantes, Moésia Rolim, Maurício Lacerda e Moreira Lima. Ia-se renovar o Coletivo, e as opiniões se dividiram, empenhadas em forte cabala. Uma intensa propaganda exaltava os espíritos como se se tratasse de escolher o

governo da república. No dia da eleição procurei Agildo, perguntei os nomes dos candidatos, e ele me respondeu que os dois grupos tinham chegado a um acordo. A hora ao chá, Ivan me falou à porta do refeitório:

- Você com certeza vota conosco.

- Espere, homem, não estou compreendendo. Agildo me disse que já não há dissidência.

Ivan ignorava o ajuste e insistiu no pedido. - Pois sim. Que é da chapa?

O moço não tinha chapas naquele momento. Lá em cima informei-me. Existia unanimidade, repetiram-me. Nem me lembrei de comparar as cédulas; estava certo de que eram iguais. Recebi uma, guardei-a sem examiná-la; a escolha não tinha para mim nenhum interesse. Reunimo-nos em torno da mesa onde se jogava *crapaud*, recolheram-se os pedaços de papel, em meio de forte vozeria. A apuração revelou discrepância: três nomes alcançaram todos os sufrágios, mas para os dois cargos restantes eles se dispersaram entre quatro pessoas.

- Oh, diabo! exclamei. Há divergência.

- Não sabia? chasqueou um sujeito à cabeça da mesa. - Não. Garantiram-me que tinham feito

combinação. - Quanta ingenuidade! murmurou o tipo fechando a cara.

Irritei-me:

- Eu não sou forçado a entusiasmar-me com insignificâncias.

Mais um inimigo, supus. E não me enganei. No dia seguinte Ivan chegou-se a mim no pátio:

- Você ontem me prometeu votar conosco. E votou contra.

- Eu mesmo não tenho a certeza disso: nem li a chapa. Tomei uma ao acaso, pode ter sido a sua. Findas as desavenças, não se justificavam compromissos. Eu as julgava findas, como lhe disse.

- Não, replicou o tenente. Você prometeu.

- E eu fui testemunha, asseverou um companheiro ao lado.

O aparte me assombrou: a nossa conversa fora rápida, em voz baixa, e aquele homem não estava presente. A zanga de Ivan compreendia-se, de nenhum modo o julguei desleal.

Imaginei um equívoco, não nos tínhamos explicado bem. Mas a declaração da testemunha impediu-me a fala, deixou-me tonto.

- Estarei doido? perguntei a mim mesmo. Terei perdido a memória?

Restabeleci-me a custo, respirei. A memória funcionava direito: a afirmação do indivíduo era falsa.

- As nossas relações estão cortadas, bradou o oficial. Aprovei com um movimento de cabeça.

- E também as nossas, ajuntou o comparsa.

- Elas nunca existiram, resmunguei afastando-me. Recolhi-me aperreado. Bate-bocas idiotas por uma eleição do Coletivo, sem importância. Não era isso, refleti. Havia ali pretexto para luta: uma chapa vermelha, outra rósea, com duas figuras anódinas. Porque não tinham sido francos? Eu votaria na chapa do Partido, é claro. E deixavam-me na ignorância quando buscava orientar-me. Em consequência, vinham inimizades. Ivan tentou reaproximar-se de mim ao cabo de alguns dias: com certeza havia reconsiderado, visto que um caso tão simples não merecia rancor. Isso me pareceu honesto. Achava-me, por desgraça, cheio de ressentimento e desviei-me com meia dúzia de palavras chochas. Aborrecia-me a folhear um livro ruim e desejava matar o autor daquilo. Ivan chegou, sentou-se na cama à direita, entrou a conversar com Apporelly. Receando ser indiscreto, larguei a brochura, ergui-me. O tenente

pediu-me que ficasse. Tornei a sentar-me, reabri o volume, um romance pavoroso, continuei a ler por hábito, indiferente à prosa escrita e à falada. A indiferença não era completa: chegavam-me os períodos longos do rapaz e voltava-me a impressão recebida meses antes: - "É o militar que sabe sintaxe." Depois de consultar Apporelly, o moço quis ouvir a minha opinião. Escusei-me frio, alegando não conhecer bem o assunto. E não nos tornamos a falar enquanto ali vivi.

Excessivo melindre me levava quase ao isolamento, apesar de saber que Ivan Ramos Ribeiro procedera com decência. Afinal era absurdo zangar-me por alguns rapazes me evitarem, desconfiados. Realmente não conheciam o sujeito dos olhos purulentos; também não me conheciam. Naquele meio fecundo em ratoeiras uma palavra bastava para nos fecharmos arrepiados. A pergunta do oftálmico dera-me a certeza de me achar d?ante de um espião; a denúncia dele atirara sobre mim várias suspeitas. Só entre os comunistas havia confiança, mas ainda aí surgiam às vezes surpresas. O dirigente de importância se chegava a polícia. Miranda me parecera, não sei porque, um tipo duvidoso. Observação involuntária. A pimponice, a mentira, a exposição vaidosa de ferimentos leves deixavam-me

com a pulga atrás da orelha. Uma ligeira conversa - e separação definitiva. Tempo depois o miserável andava a elogiar Hitler, a dizer que o verdadeiro comunismo se realizava em Berlim. Certas pessoas ali esperavam de mim comportamento igual, e isto me aborrecia, não por me considerar uma perfeita dignidade, mas por me faltar vocação para traidor. E se pudesse resolver-me a trair, que diabo iria contar? Encolhido, ignorava tudo. Toquei vagamente nisso a Aristóteles Moura:

- Uma peste!

- Você não tem serenidade para julgar, respondeu Moura. Não temos serenidade.

A segunda afirmação do homem tranqüilo, de juízo claro, quase me fazia rir.

- O Partido não está aqui. Lá fora você acha coisa muito diversa. Há entre nós verdadeiros comunistas, e é preciso não confundi-los com simpatizantes cheios de intransigência.

Essa opinião otimista de um homem que tinha, recentes, no corpo magro vestígios da Colônia me restituía o sossego. O horror daquele inferno, daquela ignomínia, não o desviara da linha reta; impossíveis discrepâncias funestas.

- Vivemos numa desgraçada fase de confusão, e é natural que todos se previnam.

Concordei: havia asseverado isso com freqüência, e fortalecia-me a corroboração do meu pensamento. Indispensável um apoio exterior. A esquerda, essa firmeza resistente às misérias da Colônia. A direita, o meu pobre amigo Apporelly, a sofrer, amável e risonho, lançando trocadilhos em atitude profissional. Doía-me a paciência triste dele, aparentemente alegre. Não passava mal o dia, mas á noite, apagadas as luzes, entrava a aperrear-se, em forte agitação. De repente erguia-se num tremor convulso, batendo os dentes, a arquejar. Isso me dava um sono incompleto. Abandonava o travesseiro, agarrava o doente até que ele se acalmasse. Atormentava-me. Iria Apporelly morrer-me nos braços? Por fim o meu ato era mecânico: ao despertar, já me achava seguro a ele, tentando um socorro impossível. (amos ao consultório médico pela manhã, tomar injeções. As minhas pernas ainda estavam ruins. Descíamos a escada, lentos, amparando-nos; chegávamos ao pátio, enfrentando numerosos obstáculos. Apporelly trauteava uma canção briosa, enérgica, atirada com fogo desde o Pavilhão dos Primários. Era engraçado vê-lo, arrimando-se,

capengando, insistir na marcha difícil. Ao chegar a um portão, lançava o estribilho:

*- Aqui não há quem nos detenha,
Não há quem vença a nossa galhardia.*

Ficava assim minutos a esgoelar-se, até que o guarda nos abrisse passagem.

UMA NOITE chegaram-nos gritos medonhos do Pavilhão dos Primários, informações confusas de vozes numerosas.

Aplicando o ouvido, percebemos que Olga Prestes e Elisa Berger iam ser entregues à Gestapo: àquela hora tentavam arrancá-las da sala 4. As mulheres resistiam, e perto os homens se desmandavam em terrível barulho. Tinham recebido aviso, e daí o furioso protesto, embora a polícia jurasse que haveria apenas mudança de prisão.

- Mudança de prisão para a Alemanha, bandidos. Frases incompletas erguiam-se no tumulto, suspenso às vezes com a transmissão de pormenores. Isso durou muito. Pancadas secas nos mostravam de longe homens fortes balançando varões de grades, tentando quebrar fechaduras. No dia seguinte vários cubículos estariam arrombados, imprestáveis algum tempo. Na Sala da Capela um rumor de cortiço zangado cresceu rápido, aumentou a algazarra. Apesar da manifestação ruidosa, inclinava-me a recusar a notícia: inadmissível. Sentado na cama, pensei com horror em campos de concentração, fornos

crematórios, câmaras de gases. Iriam a semelhante miséria? A exaltação dominava os espíritos em redor de mim. Brados lamentosos, gestos desvairados, raiva impotente, desespero, rostos convulsos na indignação. Um pequeno tenente soluçava, em tremura espasmódica:

- Vão levar Olga Prestes.

A queixa lúgubre deixava-me em situação penosa; esforçava-me por extingui-la. Nenhuma verossimilhança: com certeza aquilo era boato, consequência de imaginações desregradas. Vivíamos num ambiente de fantasmagorias. Asserções imprevistas me deixavam zozos, entre a realidade e o sonho, a perguntar a mim mesmo, considerando um homem que se transformava em duende: - "Estará doido? Ou serei doido eu?"

Dias antes, ao apagarem-se as luzes, deixara-me ficar num banco, debruçado nas tábuas dos cavaletes, lendo sob o quebra-luz de papel. De repente, barulho no fundo escuro da sala. José Brasil se erguera excitado, acendera todas as lâmpadas: - "Acordem, abram os ouvidos. Há metralhadoras lá embaixo, assestadas contra nós. É estúpido morrer como carneiros. Não ouviram? Acordem, vamos preparar a defesa." Várias pessoas roncavam; outras se moviam chateadas, esfregando os olhos; algumas se deixavam

contagiar, admitiam perigos indeterminados. E José Brasil comandava, indicava posições: - "Fiquem aqui, resguardem-se. Não passem diante das janelas." Feitas indagações, descobrira-se enfim a origem das metralhadoras: os ratos, no altar, haviam roído uma estante, derrubado um missal, causado o enorme espalhafato. Devia agora existir uma ilusão dessa espécie: alguém se embrenhara em fantasia maluca, achara adeptos, e ao cabo de uma hora as duas casas estavam contaminadas pela estranha loucura.

Em roda entraram a sacudir as persianas velhas, jogaram no pátio as moringas: privaram-nos de água. Os tamancos batiam firmes no chão movediço. Doía-me saber que essas rijas manifestações não teriam nenhum efeito no exterior. As duas mulheres saíam do Brasil se a covardia nacional as quisesse entregar ao assassino estrangeiro. A idéia repelida voltava; enfraquecia o desejo de amortecê-la. Para que buscar a gente enganar-se? Eram capazes de tudo. O rumor crescia, as vozes aumentavam. Em ligeiras pausas nessa borrasca inútil, engarrafada, chegavam-nos informes que, para ser compreensíveis a tal distância, vinham, julguei, dos pulmões, poderosos como foles, do tremendo Lacerdão. Nesses hiatos visitava-me a esperança de que os bichos antipáticos se houvessem

retirado Meia dúzia de palavras aniquilava-me o otimismo.

Em duro silêncio, fumando sem descontinuar, sentia na alma um frio desalento. Mas porque, na horrível ignomínia, haviam dado preferência a duas criaturas débeis? Elisa Berger, presa, era tão inofensiva quanto o marido, preso também. Contudo iam oferecê-la aos carrascos alemães, e Harry Berger permanecia aqui, ensandecido na tortura. O nazismo não exigia restos humanos, deixava que eles se acabassem devagar no cárcere úmido e estreito. A noite, na sala 4, Elisa despertava banhada num suor de agonia, os olhos espavoridos. A lembrança dos tormentos não a deixava; um relógio interior indicava o instante exato em que, meses atrás, a seviciavam na presença de Harry, imóvel, impotente. Olga Prestes, casada com brasileiro, estava grávida. Teria filho entre inimigos, numa cadeia. Ou talvez morresse antes do parto. A subserviência das autoridades reles a um despotismo longínquo enchia-me de tristeza e vergonha. Almas de escravos, infames; adulação torpe à ditadura ignóbil. Nasceria longe uma criança, envolta nas brumas do norte; ventos gelados lhe magoariam a carne trêmula e roxa. Miséria - e nessa miséria abatimento profundo.

A cabeça entre as mãos, os olhos fixos no mosaico, tentava desviar-me dali, fugir ao pesadelo. Acendia um cigarro, jogava-o fora, acendia outro. Esse exercício, único, enervava-me. Não seria possível fazer outra coisa? A brasa do cigarro a queimar-me os dedos convencia-me de que não me achava adormecido. Era uma vigília, sem dúvida, infelizmente diversa de outras aparecidas meses antes, quando a polinevrite me lançava à espreguiçadeira, na saleta do café. Idéias fúnebres iam, vinham, engrossavam-me o coração. Miseráveis. O campo sórdido, o opróbrio, a dor. E depois os fornos crematórios, as câmaras de gases. Outras figuras em roda permaneciam inertes como eu, cabisbaixas, olhos no chão Carlos Prestes, isolado, estaria assim, mas ignorava as ameaças à companheira. Chegar-lhe-ia aos ouvidos um som confuso do imenso clamor. De que se tratava? Pegaria um livro, mergulharia no estudo vagaroso e tenaz. A vozeria abafada não tinha para ele significação. E passaria meses sem poder inteirar-se da enorme desgraça. O tenente gemia, e as palavras invariáveis pareciam ter apagado as outras, escorregavam num soluço:

- Vão levar Olga Prestes.

Era afinal um desafoço manifestar-se alguém, insurgir-se de qualquer forma. Os utensílios da

marcenaria malhavam as portas, abafavam às vezes o ,lamento do rapaz. Havia uma suspensão, e as sílabas chorosas reapareciam. Os indivíduos expansivos imaginavam talvez estar sendo razoáveis: pancadas e gestos de indignação serviriam para alguma coisa. Horrível era o desânimo de muitos, a certeza de que a cidade se afastava de nós, indiferente.

- Para que isso? perguntava a mim mesmo impacientando-me. Ignoram tudo, e a imprensa, vendida, nos enegrece.

A lamúria do rapaz mexia-me os nervos. Lembrei-me da viagem à Colônia Correccional. Demorara-me diante dos cubículos, a despedir-me dos companheiros. No pavimento de baixo, ao transpor a larga porta, lembrara-me de ver as mulheres da sala 4: encaminhara-me à direita, subira a escada. No atordoamento, não me era possível examiná-las direito. Estavam à grade, em filas, umas no solo, outras suspensas, os tamancos pisando as traves, as saias entaladas, as pernas entre os varões de ferro, seguras a eles. - "Adeus." - "Boa viagem." Pedacos de rostos, mãos, coxas, tamancos, frases amáveis, sorrisos, misturavam-se, vagos, inconsistentes. Na ala inferior, branca e serena, Olga me atirara alguns sons guturais, provavelmente a expressão de bom desejo, difícil de perceber aquela situação. A pequena

distância, os bugalhos de Nise e os lábios sangrentos de Valentina. Desviara-me zonzó, descera, levando fragmentos vivos, a grulhada imperceptível e, dominando tudo, a fisionomia tranqüila, a alvura de nata, algumas palavras lançadas com pronúncia exótica. Certa manhã, na enfermaria, Elisa Berger surgira de repente na entrada ao fundo. Havia ali duas grades, a limitar um vão diminuto, e pelo menos uma estava sempre fechada. Naquele dia as duas se achavam destrancadas, exatamente quando Elisa passava por elas, dirigindo-se ao gabinete do dentista. Rápida, -a mulher entrara e, examinando cautelosa os arredores, estendera um envelope a Eneida, cochichara um instante e sumira-se, dando-me apenas o tempo necessário para notar que estava mais abatida e mais grisalha. Pouco depois as chaves tilintavam nas fechaduras. E sexta-feira à tarde os papéis fraudulentos haviam deixado a prisão, na bolsa de uma espanhola sonsa, que dizia ao velho, Nunes quando obtinha visita extraordinária. - "Nossa Senhora é quem lhe há de pagar, seu major."

Agora, sentado na cama, esforçava-me por escapar ao charivari embalando-me num pensamento que várias vezes me havia ocorrido. Era estranho as duas grades, em geral trancadas, fiscalizadas, se abrirem à passagem de Elisa Berger, em seguida se

fecharem como se nada irregular existisse. A coincidência trazia-me dúvida e espanto. Seria coincidência? Um minuto de abandono, suficiente para o contrabando; nenhum vigia no recinto circular. Finda a manobra, um guarda viera de supetão, rigoroso e desconfiado, metera as lingüetas nos encaixes. Mas porque se ausentara quando a ausência dele favorecia uma infração? Conveniência. Esta idéia me assaltara e fixava-se, embora me apoiasse em meros indícios. Uma débil esperança animou-me: outros cúmplices tentariam salvar as infelizes. Abafei com desânimo a ilusão: se algum doido quisesse arriscar-se por elas, inutilizar-se-ia sem nada conseguir. Enfim não se tratava de obséquio miúdo: retirar-se uma pessoa, voltar ao cabo de um instante, com firmeza e energia, receosa de comprometer-se.

As horas arrastavam-se, vagarosas, a balbúrdia aumentava um pouco, diminuía. Em frente à sala 4, a polícia jurava que as duas vítimas não sairiam do Brasil. A promessa nos era transmitida com hiatos, abafada e rouca. Espaçavam-se os gritos, as forças minguavam, não se prolongaria a resistência.

Tarde, a matilha sugeriu um acordo: Olga e Elisa seriam acompanhadas por amigos, nenhum mal lhes fariam. Aceita a proposta, arrumaram a bagagem, partiram juntas a Campos da Paz Filho e Maria

Werneck. Ardil grosseiro. Apartaram-nos lá fora. Campos da Paz e Maria Werneck regressaram logo ao Pavilhão dos Primários. Olga Prestes e Elisa Berger nunca mais foram vistas. Soubemos depois que tinham sido assassinadas num campo de concentração na Alemanha.

UM JUIZ do Tribunal Especial veio interrogar os presos que tinham processo. Mandou chamá-los à secretaria. Ninguém foi lá Era paisano e bacharel, e os militares se encarregaram de ridicularizá-lo muito depressa.

Acomodatício, o homem se instalou a alguns passos dos cubículos onde se arrastavam discussões trabalhosas e se compunham relatórios, manifestos, correspondência todas as se manas entregues aos correios de saias que nos visitavam no Cassino. Numerosos convites foram feitos, repisados com paciência. Nenhum transtorno aos rapazes. Atravessariam de relance o pátio miúdo e, descerrando um portão, entrariam numa sala, diriam meia dúzia de palavras necessárias. Só. Nem precisavam mudar a roupa. Concessão temerária: insinuavam-lhes falar quase nus à autoridade, o que realmente se deu pouco depois. Naquele momento rejeitaram a condescendência, intratáveis, duros, e insubordinaram-se. O local das reuniões secretas, vizinho ao refeitório, semelhava um cortiço de abelhas assanhadas. Não se reconhecia o Tribunal Especial, cópia do fascismo. Aquela gente anfíbia,

que ainda misturava peças de farda ao vestuário civil, calejava nos exercícios e tinha o coração perto da goela. Ia e vinha, subia e descia a escada, empurrava com força os dois portões fronteiros, simulava não enxergar o magistrado paciente e chinfrim da justiça reacionária.

Três ou quatro dias as mesmas cenas se renovaram: intimações, recusas, o sujeito da lei nova abancado horas a fio, surdo a remoques, seguro ao osso miserável do emprego. Surgiu-nos, com certeza por isso, um funcionário de modos policiais. Chegou-se com pés de gato às tábuas dos cavaletes, abriu uma pasta, desdobrou papéis, rosnou sons indistintos. Aproximando-me, conheci o intuito dele: convidava algumas pessoas a prestar declarações. Pegou uma lista e iniciou a chamada:

- Lourenço Moreira Lima.

Isso não produziu nenhum efeito. Em redor, indiferentes, jogavam xadrez, percorriam jornais, como se nada tivessem ouvido. Na frieza e na falta de respeito à ordem, o tipo gaguejou o apelo com voz mais forte. De camisa e cueca, sentado na cama junto ao altar, Moreira Lima tossiu, levou a mão à orelha, informou-se:

- An! Comigo! Não temos negócios não. Passe adiante. O funcionário fez ouvidos moucos à negativa e prosseguiu a leitura, fria, mecânica, profissional; os indivíduos mencionados pareciam distantes dali. Aquilo iria ter conseqüências desagradáveis, sem dúvida; se pudessem, alguns procurariam evitá-las, mas receavam mostrar-se covardes. A rebeldia inicial originava repulsa unânime, dava-nos fugitiva impressão de fortaleza. O instrumento da polícia arrumou as folhas e retirou-se. Que diabo nos aconteceria?

O juiz flexível cansou na espera inútil, desapareceu, foi substituído por outro, severo, intransigente, de maus bofes, oficial do exército. Esse usou método rápido e eficaz. Inteirou-se da oposição, entendeu-se com o diretor e ordenou conciso o arrastamento dos cabeçudos ao interrogatório. Como os guardas eram incapazes da tarefa, requisitou a polícia especial, que veio numerosa e bruta, invadiu as celas, distribuiu pancadas, malogrou a resistência.

Da saleta do café, ouvi um barulho feio. Entrei na oficina de encadernação, abri uma veneziana, vi Sócrates passar, de cueca e tamancos, agarrado por dois ferrabrases patibulares. Um tipo surgiu, bem vestido, solto, na disciplina da caserna, a publicar a dissidência amarga que fermentava na prisão.

Afastei-me, fui debruçar-me a uma das janelas próximas aos cavaletes. Lá embaixo havia metralhadoras dirigidas a nós, e homens fortes de bíceps enormes, cabeças vermelhas de galo-de-campina, andavam firmes, a expor energia. Pensei na extravagância de José Brasil, motivada pelos ratos, quando as luzes se apagavam. Já não era preciso buscarmos perigos insensatos no escuro da noite. A alguns metros, dia claro, lá estavam armas reais, indubitáveis, as bocas erguidas, e rijos latagões de cócoras, acertando a pontaria.

Essa fanfarronada impressionou menos que a fantasia louca de José Brasil. Diante das máquinas de aço a imaginação e a curiosidade esmoreceram. A princípio ainda chegá vamos ao parapeito, ficávamos algum tempo a observar a rumorosa exposição de força, na verdade inofensiva. Queriam apenas amedrontar-nos. Convencia-me disso vendo os gestos ásperos, as carrancas e os longos manejos invariáveis das robustas crianças perversas. Logo nos habituamos: no dia seguinte era como se o aparato marcial sempre nos tivesse feito a ameaça inútil. Conservaram-se ali talvez uma semana; praticadas as violências profissionais, retiraram-se, e a polícia da casa pôde levar os moços exaltados ao juiz escabroso.

Certa manhã, depois do café, anunciaram-me visita. Arranjei-me à pressa, desci, fui ver minha mulher na alfaiataria, onde se realizavam esses encontros irregulares, frutos de engenhosos pretextos, renovados, modificados com êxito. Sentamo-nos em cadeiras de vime, o Sousa alfaiate arredou-se discreto. Algumas perguntas e respostas chochas revelavam-me, nesses momentos de exceção, que a mulher gastara energia sem proveito. Como estava a saúde? Havia notícia das crianças? Que diziam de nós lá fora? Éramos uns patifes, segundo os jornais. Informando-me, queria saber se o juízo severo continuava firme na opinião pública ou se se notava qualquer mudança. Os meninos, sem novidade. E passávamos bem. Minha mulher não tinha doença. As dores das pernas já não me atormentavam, os cabelos cresciam: era-me possível usar pente. O vagabundo repulsivo, de cor terrosa e bochechas cavadas., visto no espelho meses atrás, desaparecera. Sentia-me lerdo e começava a engordar; apraziam-se a inércia, a cama, os cochilos; o menor esforço fatigava-me.

Naquela manhã, narrados os últimos sucessos, internos e externos, repisamos assuntos, caímos em silêncio. De repente ouvimos altos brados. Erguemo-nos, chegamos á porta, enxergamos à direita um grupo confuso. Já me habituara a cenas iguais: iam levando

um acusado ao interrogatório. Trouxemos cadeiras para a calçada, aí nos instalamos curiosos. Um novelo de corpos agitados passava diante de nós, a pequena distância. Arregalando os olhos, distingui Álvaro de Sousa, suspenso, a debater-se com desespero, nas mãos de quatro homens que lhe seguravam rijo os braços e as pernas. A cabeça, desgovernada, subia, descia, em duros solavancos, tentava equilíbrio; o rosto se avermelhava furioso; a boca torcia-se, vomitava injúrias ao governo, à justiça nova, ao exército. Alongando o pescoço, mostrava a cicatriz da navalha que lhe cortara músculos importantes, modificara a fisionomia. Batida pelo sol, aparentava insana mistura de raiva e escárnio. Os insultos não diminuía. E transportaram assim o capitão Álvaro de Sousa, meio despido, a exhibir marcas de tiros na barriga e no tórax, fardo incômodo.

Afastara-se, o barulho declinou, sumiu-se. Diante do vulto escuro, turbulento, recobramos idéias e ânimo; reapareceram as palavras fugitivas. Parecia-nos que Alvaro se abalava à toa, desperdiçava forças dele e de outros. A coragem louca perdia-se. Berros, esgares, movimentos de bicho feroz dominado a custo, seriam indistinto rumor além dos muros da prisão. E nada valiam serem percebidos: o juízo venenoso dos jornais insinuava-se nos espíritos.

Novo magote nos perturbou a conversa, mas esse mexia-se tardo, em desânimo visível. Ainda uma pessoa, chamada a prestar declarações, resolvera deitar-se, e não houvera meio de colocá-la em posição vertical. Necessário transportá-la daquele jeito, provisoriamente aleijada. Espantou-me nela a ausência de contorções, uma serenidade a contrastar com os destemperos de Álvaro, pouco antes. Os carregadores moviam-se vagarosos, sem esforço, e outros indivíduos vinham atrás, como gatos-pingados a realizar um enterro pobre. Tínhamos na verdade a impressão de nos acharmos num cemitério. No primeiro momento não reconheci a figura inerte, franzina, leve, metida num pijama de riscas. A alguns metros do portão a carga exígua deu sinal de vida e chegou-me a voz metálica de Agildo, cortante como lâmina:

- Bem. Já fiz o meu protesto. Larguem-me, vou levantar-me.

Não pedia: apesar de falar baixo, dava uma ordem, concisa e dura. Três homens o soltaram; o quarto, um negro alto e magro, continuou a segurá-lo a perna direita.

- Larguem-me, repetiu o moço, as costas no chão, uma banda meio levantada.

Não alcançando, na situação desfavorável, a obediência a que se habituara, encolheu-se, retesou os músculos e jogou um vigoroso pontapé na cara do negro. A ponta do tamanco

feriu carne, cartilagens, e o infeliz recuou limpando as ventas ensangüentadas. Finda essa proeza, rápido bote de cobra, Agildo retomou o sossego. Um instante depois marchava seguido pelos guardas, lento, economizando energia para ofensas acres ao juiz atrabiliário.

UMA NOITE, depois do chá, os militares trouxeram para o salão todos os bancos do refeitório. Alinharam perto dos cavaletes esses móveis toscos e em poucos minutos se formou um tablado, que mantas e lençóis ocultaram, seguros a cordas presas às paredes e às janelas. Num quarto de hora a prisão se mudou em teatro; íamos assistir a uma comédia. A peça não fora escrita: examinara-se o assunto nos cubículos, à tarde, e os atores, de improviso, desenvolveriam em liberdade os seus talentos no decurso da representação.

Enquanto se arranjava a cena, um grupo cochichava os últimos retoques à obra de arte composta de afogadilho. A platéia se organizou; os artistas muniram-se de cadeiras, de instrumentos necessários, subiram ao palco, afastando as cortinas grosseiras. Não havia ponto nem contra-regra: subordinando-se ao plano, cada qual teria o direito de entrar, sair, dizer qualquer coisa ou não dizer nada. Os papéis cresceriam, diminuiriam, conforme as circunstâncias. Que iria sair dali? Provavelmente não sairia nada, mas estávamos de pé, olhos e ouvidos

atentos, longe do *crapaud*, do xadrez, da paciência. O ensaio geral se realizava lá dentro, num burburinho.

Súbito o pano de boca se descerrou e distinguimos uma caricatura do tribunal que nos chateara uma semana. Em torno de uma pequena mesa, alguns sujeitos exibiam influência e carranca: Flávio Poppe, Rollemberg, outros, fardados, à paisana. Faziam sinais, folheavam papéis, sérios, atentos, em discussão muda. Ao centro, enrolado num paletó negro, uma pasta de algodão na gola, fingindo arminho, Apporelly coçava a barba e presidia, com bocejos. Diante dele, os braços amarrados às costas, um lenço a tapar-lhe a boca, erguia-se um tenentezinho débil, insignificância, tão magro e baixo que o tratavam por filhinho do Agildo. Pegara a alcunha: miúdo, franzino, Agildo se avantajava ao rapaz em músculo e estatura. Ao fundo, um tipo se agachava, as abas do chapéu a cobrir-lhe o rosto; fumava e cuspiam no chão e nas paredes de pano.

- É o tira, disse Flávio Poppe a um vizinho, indicando esse espantalho sombrio, de cara invisível.

Durante algum tempo os juízes mexeram nos autos, a murmurar segredos. Aquietaram-se, e Apporelly entrou a resmungar uma extensa arenga, de que não se distinguia uma palavra. Zangava-se, batia na mesa, dirigia-se interrogativamente à figurinha

amordaçada e imóvel. Depois de muito rosnar sons indistintos, balbuciou uma ordem pastosa:

- Defenda-se.

A criatura deu um passo, diligenciou levantar as mãos presas, estirou o pescoço, um gorgorejo rouco esmoreceu-lhe na garganta.

- Defenda-se, covarde, gritou Apporelly, esmurrando o ar, bravio.

Conteve-se, esperou, esfregando o pelame revolto da cara; dirigiu-se aos colegas:

- Não quer defender-se. Precisamos nomear-lhe um advogado.

Os outros concordaram, mas a escolha de patrono razoável originou um diálogo cheio de quiproquós. Avançavam, recuavam; o presidente, amolado, assentia, dissentia, embrulhava-se, ajeitava na gola a pasta de algodão rebelde, pregava os olhos no acusado, aproximava dele as cerdas longas e ásperas de javali:

- Defenda-se, canalha.

O tenente permaneceu quieto na mordança e na corda.

- Não é possível ser julgado sem defesa, tartamudeou Apporelly.

Agarrou uma folha e, vagaroso, tremelicou a redigir, riscar, de espaço a espaço virando-se para os lados, em consultas breves e moles aos figurantes do tribunal. Chamou o tira, ofegou um mandado bambo. O funcionário moveu-se, capengou, recebeu o papel, retirou-se pela porta única, ao fundo, a cuspir, a derrear-se, embicando o chapéu. O presidente esganiçou um risinho de aprovação babosa à força material e esfregou as mãos alegre, como se os muques da segurança pública fossem dele. Um minuto os juízes se entretiveram em conversa animada e silenciosa. O polícia, rebocando um homem, veio interrompê-los:

- Entra, chefe. O doutor chamou.

Só aí, pela voz rouca, distingui o indivíduo oculto sob as abas imensas do chapéu: era Moraes Rego, um oficial de intendência, teimoso em excesso. Meses atrás, na enfermaria, nunca deixava de contrariar-nos lançando idéias extravagantes; se acaso pensávamos como ele, mudava de opinião. Encolheu-se, foi representar, exímio, o seu papel de cão de fila.

E Ivan Ribeiro surgiu, chegou-se ao réu, entabulou um discurso em linguagem profundamente

revolucionária, sem nenhuma deferência aos magistrados. Jogou em cima deles

pedaços do programa da Aliança Nacional Libertadora e frases que diariamente se renovavam para animar os espíritos vacilantes. Pão, terra e liberdade - exigiu firme. Arrojou-se a atacar o governo e apresentou como herói o vivente mesquinho, deslocado nas ataduras. Foi pouco além do intróito. Logo aos primeiros arremessos, os julgadores alarmaram-se, arrepiaram-se como se os mordessem pulgas; entenderam-se à pressa, com visível receio de que tais desconchavos fossem ouvidos lá fora. A um gesto de Apporelly, Moraes Rego chegou-se a Ivan, segurou-lhe um braço, indicando a porta: - Anda, chefe. O doutor mandou.

O inconveniente defensor prosseguiu nas horríveis diatribes; levado aos empurrões, saiu a vociferar desacatos furiosos à justiça. Pancadas, berros, luta a esmorecer, a distanciar-se; veio o silêncio, quebrado agora por um forte pigarro nos bastidores. Esse rumor conhecido revelou a nova personagem. O polícia voltou; falou baixo ao presidente, foi agachar-se à entrada, apontou a mesa com o polegar, dirigindo-se a uma pessoa invisível. E Moreira Lima apresentou-se, curvo, temperando a

garganta, a apalpar as virilhas, a ajeitar a funda. Avançou, cumprimentou, digno.

- É outro advogado que vem patrocinar a causa deste miserável, bocejou Apporelly, sonolento, aos parceiros.

E, voltando-se para o recém-chegado: - Tem a palavra.

- Senhores membros do colendo Tribunal Especial, começou o bacharel feroz aproximando-se da mesa.

Pegou um caderno, abriu-o enfastiado, largou-o:

- Eu nem preciso examinar o processo, pois este caso é notório. O réu presente não esconde os seus crimes. Atentou contra as nossas instituições, conspirou, usou bombas e combateu as forças legais - todo o mundo sabe. Tomou parte na insurreição de Natal e sublevou-se em Pernambuco - todo o mundo sabe. Envolveu-se no barulho do 3.º Regimento, não pode negar - todo o mundo sabe. No mesmo dia insurgiu-se na Escola de Aviação todo o mundo sabe. Redigiu manifestos sediciosos, organizou comícios, pichou muros e escreveu artigos violentos em jornais clandestinos - todo o mundo sabe.

A cavernosa tosse costumeira algumas vezes interrompia as afirmações decisivas.

- Mas, senhores juízes, arquejou o extraordinário rábula, o acusado mostra pelo menos uma virtude: não procura inocentar-se. Obrigado a interrogatório, permaneceu quieto, e a denúncia está sólida. As faltas dele são graves - todo o mundo sabe. E no estado em que se acha não lhe seria possível negá-las. Além disso, devemos reconhecer, temos diante de nós um irresponsável. É um infeliz, um pobre-diabo, ruína física. Pela cara vemos perfeitamente: um imbecil, um idiota. Sem dúvida obedeceu às instruções dos agentes de Moscou. Assim, venerandos juízes, não venho pedir justiça, que este indivíduo é um canalha - todo o mundo sabe. Espero clemência, e baseio-me nas tradições misericordiosas da nossa cultura ocidental. Uma pena suave, meritíssimos juízes, aí uns trinta anos, porque enfim este bandido serviu de instrumento.

A defesa calou-se. A presidência esfregou o queixo barbudo, sorriu, alvitrou:

- Acho bom atendermos ao pedido, sermos generosos. Trinta anos. Que dizem? Há na verdade atenuantes. Apenas trinta anos, na ilha Grande. Uma sentença módica.

- Excelente, concordaram todos os comparsas levantando-se.

- Moraes Rego moveu-se, caxingou, deu uns safanões no condenado, arrastou-o:

- Anda, chefe.

As cortinas cerraram-se. A platéia ria. Na saleta do café, os guardas riam.

HOUVE efervescência nos cubículos, um rumor espalhou-se, encheu o pátio, o refeitório, a escada, os banheiros, a saleta do café - e a novidade precisou-se afinal: iam fazer a greve da fome.

- Doidice, afirmaram sujeitos graves, inimigos de abalos, ostentando experiência.

A medida extrema exigia preparação, alimento poupado em dias e meses, gasto pouco a pouco nas horas difíceis, para dar lá fora a impressão de que algumas dezenas de pessoas queriam na verdade morrer em suicídio lento. Nunca me haviam ocorrido essas cautelas. Os jornais me haviam imposto a incrível resistência de certos organismos, e isto me ajudava a suportar às vezes semanas de fastio. Comparado à rigorosa abstinência em duras prisões da Europa e da Ásia, o meu sacrifício no porão do *Manaus* e na Colônia Correccional fora pequeno. Davam-me notícia agora de uma técnica nas privações, dosadas convenientemente, se era possível comunicá-las ao exterior, mandá-las a outros países em telegramas.

Estariamos em condições de utilizar essa arma? Pensei na defesa dela, exposta por Medina, sustentada por Bagé, no terraço do Pavilhão dos Primários. Bagé rosnara motivos sem pé nem cabeça, a gaguejar, e um vizinho me tocara o braço, indignado: - "Provocação." Mas faltara-lhe ânimo para manifestar-se em voz alta. As caras em redor se anuviavam, quase todos se opunham, e quase todos, confusos, tinham aprovado maquinalmente o jejum. Finda a votação, Rodolfo Ghioldi se revelara, confessando-se vencido. Que vantagem podíamos esperar? Obteríamos publicidade? Como? A imprensa nos atacava: não éramos vítimas na opinião dela, fôramos agressores. Os deputados capazes de arriscar uma palavra a nosso favor estavam presos. Quem se interessaria por nós? O protesto ficaria em silêncio. O juízo divergente ocasionara modificação radical na assembléia, e o primeiro a desdizer-se fora Bagé, com um risinho besta, inofensivo. Não reparara naquilo, enganara-se. Leviandade. Segunda votação condenara unanimemente a coisa resolvida. Que diabo! Dependíamos de criaturas levianas. Depois, no colchão duro, na preguiça regulamentar, com freqüência uma idéia me assaltara, desagradável, misturada a conversas chatas e a percevejos. Homens vaidosos e ingênuos. Seriam realmente ingênuos? A quem aproveitava a ingenuidade? - "Enganei-me."

Engano suspeito. Se o conselho rebelde se efetuasse, alguns de nós iriam resfriar-se no chão molhado, em celas escuras. Um sopro me 'deixara no ouvido o aviso severo: - "Provocação."

Esse caso infeliz ressurgia enquanto os rapazes se agitavam semeando razões para greve. Achei-as bem fracas, mas afastei a idéia de existirem provocadores entre os homens que as defendiam. Vários deles eram meus inimigos, e isto deve ter-me levado a esforçar-me por ser imparcial. Não me sentia propenso a cultivar ódios. Certos indivíduos tinham sido injustos e grosseiros comigo. Teriam sido? Grosserias e injustiças esfumavam-se, vapor, sumiam-se rápido no ambiente a que nos submetiam. Ganhavam raízes os fuxicos de um energúmeno meio cego que via gênios em toda a parte. Mole, deixando a enfermaria antes da cura, desanimava-me a ler desgraças na Espanha. Enxergava ali uma derrota provisória: ainda amargaríamos tempos duros. - "Então você não acredita na vitória da revolução?" perguntara-me um oficialzinho cheio de susto. - "Não acredito em nada, meu caro. Não sou crente. Julgo infalível a vitória da revolução, hoje, amanhã, não sei quando. Isto não é crença. É certeza. Se eu pudesse acreditar, acreditaria nos anjos, em Deus, que têm pelo menos a vantagem de ser velhos." Dizendo tais

horrores, furtava-me a explicações - e era razoável evitarem-me. Além disso recusara-me a fazer conferências, a escrever um artigo e não atentara na eleição do Coletivo. Em suma: reacionário pessimista. Walter Pompeu buscava exasperar-me narrando comentários arrasadores. Paciência. Muitos vinham da caserna, tinham hábitos diversos dos meus, eram rigorosos com as pessoas indiferentes às canções patrióticas. Isso nos afastava, mas de nenhum modo me levava a supor que eles quisessem mandar-me pata a Colônia Correccional. Pensando bem, sentia-me perplexo, custava-me a ver em Mediria um provocador. Também ele fora enviado à Colônia. De volta, achara bom trancarem-me lá, darem-me assunto para um livro. Debaixo de ramos que nos importunavam, a bater asas, a trilar, desejava que me deixassem uns dias faminto, no barracão sórdido. Sairia dali uma história magnífica. Esse prognóstico amável não me seduzia. Preferível deixarem-me em paz, longe de trabalhos inúteis e responsabilidades. Bagé sumira-se, mas este propriamente não vivia, era simples apêndice. Finda a inexperiência, inclinava-me a agradecer a Mediria os bons propósitos. Irrealizáveis, sem dúvida. Cubano e Gaúcho ficariam desconhecidos, ou apareceriam deformados e imóveis, esboços feitos a custo, na ignorância. Não me seria desagradável tornar a vê-los, completar observações,

aprender alguma coisa. Voltar à Colônia, deitar-me na esteira podre, na cama suja de hemoptises, falar a Cubano, embalar-me nas aventuras de Gaúcho, saber como ele fugira de Fernando de Noronha. Esvaíra-se o princípio dessa fuga arriscada - e era-me preciso reconstituí-la. Embora o pormenor não tivesse importância, agarrava-me a ele, queria debalde lembrar-me de uma frase duvidosa, em gíria. Provavelmente as narrações de Gaúcho eram mentiras, e isto me prendia - e nos aproximava. Que havia nos meus livros? Mentiras. A necessidade horrível de entrar no galpão imundo, conversar com os meus amigos, perseguia-me. Os políticos me condenavam essa fraqueza - porque enfim Gaúcho, Cubano, Paraíba e seu Mota eram rebotalhos sociais, criaturas perdidas. Eu próprio havia dito isso quando França diligenciava meter idéias revolucionárias no espírito rombo de um infeliz como Paulista. Achava-me incoerente, a acusar e a inocentar Medina e Bagé. A greve falhara. Esboçava-se outra

Idas e vindas para cima e para baixo, murmúrios, constante barulho de tamancos na escada, argumentos sagazes - e o plano se desenvolveu pouco a pouco. Uns doidos, opinava firme Vergílio Benvenuto, largando a vitrola, os jornais, os retratos de mulheres nuas. Resolviam-se de improviso, sem

método. A prudência de Rodolfo Ghioldi fazia-me observar com desgosto os preparativos. Havia ensejo de publicidade? Logo notei que os rapazes dos cubículos não causariam transtorno a outros indivíduos: seriam eles os prejudicados. A gente da Sala da Capela refugou o convite, fria. Vantagens indecisas, remotas, exibidas com ânimo, foram vãs. Eram recentes as desordens praticadas nas barbas do tribunal, as conseqüências delas estavam bem vivas. Teríamos de novo no pátio os bichos fortes de cabeças vermelhas, a apontar-nos metralhadoras; safanões, resistência, gritos, baques, protestos ineficazes, homens em desespero, quase nus, levados à força. Imaginávamos as cenas desagradáveis, invariáveis; já nem sequer nos atraía a novidade. A coragem cega de Álvaro de Sousa e a dureza metálica de Agildo perderiam com a repetição. Esbanjaram-se alguns dias em extensas arengas - e as duas sociedades próximas não chegaram a entender-se. Vários dos meus vizinhos resignar-se-iam sem dificuldade ao projeto insano, mas eram pouco numerosos e nem conseguiram manifestar-se. A maioria, composta de engenheiros, médicos, jornalistas, advogados, intelectuais mais ou menos desiludidos em contatos rápidos com operários analfabetos e suspeitosos, reunia as suas ciências, entrincheirava-se nelas, desprezando naturalmente os indivíduos alheios aos

ofícios complexos. No meio fecundo em autoridade e orgulho, barbas severas, gestos altivos, períodos longos, silêncios eruditos, quebravam-se as decisões dos moços do andar inferior, amigos da ginástica, ruidosos, espalhafatosos, sempre dispostos a levar as questões mais simples às vias de fato. Esses não se detinham em raciocínios lentos, na regra: às vezes mandavam à fava as premissas, iam direito a conclusões apressadas, inconseqüentes. As recusas expostas em voz alta encobriam as diferenças de temperamento e educação; e mais fortes, mais decisivas, havia as discórdias, meses antes apenas entrevistas, depois claras, indisfarçáveis. O malogro inicial fez-me presumir uma desistência: não quereriam exhibir a falta de solidariedade. Enganei-me. Findas as consultas, o refeitório se despovoou.

Ao descer para o café, notei nos bancos muitos claros, podíamos mexer-nos à vontade, pôr os cotovelos em cima das tábuas. Perto um rumor ia crescendo até mudar-se em gritos, baixava, tornava a subir, e percebia-se na algazarra um estribilho concebido para amolar a administração. Aquilo, repisado no mesmo tom, era irritante. O velho Nunes, coitado, ia ver-se em talas. Não nos queixávamos dele, e era difícil arranjar-se um pretexto razoável para a rebeldia. Lá em cima as conversas, o pezunhar

dos tamancos, os discos da vitrola sufocavam a balbúrdia, mas da saleta do café ouvia-se distintamente o refrão insensato. Ignoro que exigência formulavam. Se não me equivoco, alguns receavam debilitar-se, enxergar no major um tipo amorável, propenso a condescender. Lembrei-me do Pavilhão dos Militares, besuntado, lavado, esfregado, muito diferente da Sala da Capela. Dormíamos no chão; à noite, o frio intenso nos mordida a carne. Debaixo, dos lençóis curtos, precisávamos encolher-nos, batíamos os dentes como caititus. Agulhas picavam-me as orelhas; as minhas mãos geladas procuravam aquecer-se entre as coxas insensíveis. Na perna direita a insensibilidade aumentava, descia ao joelho, passava daí. Pela manhã os pardais nos levantavam. Conversas bambas, anedotas ingênuas, esperanças débeis, os óculos, o ronrom asmático e a fraqueza de seu Eusébio. A comida excessiva e gordurosa causava náuseas. Um dia os homens fortes, Cabezon, Petrosky, Zoppo, imóveis na digestão do almoço, não tinham conseguido jantar. E um guarda correria a perguntar se a devolução das marmitas significava indisciplina. Que idéia! Significava que os presos estavam pesados, fartos como jibóias. Um diretor invisível nos ameaçava. Outro agora, apreensivo, esforçava-se por trazer ao bom caminho algumas dezenas de viventes extraviados.

Passaram-se dias. E a resistência continuava. Apenas as vozes enrouqueciam, os gritos se espaçavam, o longo estribilho exigente perdia o vigor. Os comentários à desordem, severos e monótonos, aborreciam-me. Para evitá-los, ia esconder-me na oficina de encadernação quando os operários saíam, tentava refugiar-me na leitura. Uma tarde, frases coléricas, arrogantes, soaram perto, afastaram-me do livro. Ergui-me, cheguei a uma janela, vi lá embaixo a mulher do major Nunes, uma virago terrivelmente fornida. Tinha um prato na mão, queria passá-lo entre os varões de uma cela próxima: - Gay, tu vais comer isto.

Não se ouvia a resposta de José Gay da Cunha. Certamente se calava, no horrível constrangimento, e a oposição muda exacerbava a pobre senhora:

- Tu és meu filho, Gay. Tua mãe foi minha amiga, era como se fosse irmã. E tu és meu filho, aqui tu és meu filho. Toma, obedece.

A teimosia do rapaz magoava a excelente criatura como ofensa pessoal, causava-lhe exaspero. Tive a impressão de que ela ia meter os braços fortes entre os ferros da grade e puxar as orelhas do menino ingrato. Homem de revolução, José Gay da Cunha, tímido, risonho, muito branco, tinha na verdade a aparência de uma enorme criança. Fazia um ano que

nos conhecíamos. E durante esse tempo, amável e arreado, Gay me tratava com cerimônia, como se me visse pela primeira vez. Imaginei-o confuso e pálido, a sussurrar agradecimentos difíceis e trêmulos, tentando esquivar-se à bondade violenta. A zanga rija caiu, a fala imperiosa abrandou, esmoreceu num pedido afetuoso:

- Aceita, filho. Tu não podes continuar assim. Toma. Fui eu que te preparei a comida.

Inúteis os conselhos e a dureza, a mulher deu o prato a um faxina, retirou-se em desespero, enxugando os olhos. Essa lastimosa cena deve ter contribuído para vencer a resistência dos grevistas. Fazia mais de uma semana que se obstinavam; já nem podiam gritar. Veio a renúncia uma noite. As grades se descerraram. Os homens dirigiram-se ao refeitório, magros, cadavéricos, silenciosos. Alguns, arrimando-se aos ombros dos, guardas, a arrastar as pernas, foram levados à enfermaria.

MINHA mulher entregou-me um papel, pediu-me que o assinasse. Formalidade: a assinatura na linha onde havia uma cruz a lápis.

- Espera. É necessário ver de que se trata, murmurei aborrecido com a tentativa de me despersonalizarem. Preciso ver. Que diabo é isso?

Li a folha: uma procuração a constituir o doutor Sobral Pinto meu advogado. Estupidez. Sobral Pinto defendia Prestes e Berger, tinha para nós grande importância; era idiota supor que fosse tratar de casos mesquinhos, insignificantes. Liberal, católico, homem de pensamento e homem de ação, afastava-me.

- Quem se lembrou disso? perguntei quase irritado. Fora José Lins, o amigo insensato que me escrevia bilhetes em beiras de jornais, arriscando-se a entrar na cadeia sem motivo. José Lins e certos camaradas nunca vistos anteriormente. Alguns escritores, muito poucos, haviam confiado no meu último livro, esperavam coisa menos besta no futuro e desejavam soltar-me. Daí a resolução de me entregarem às luzes de Sobral Pinto. A princípio esse cavalheiro não inspirava confiança. Berger o tratara

secamente, num inglês misturado com alemão: suspeitava de uma defesa imposta pelas autoridades. E Sobral, sem se ofender, gastara meses num trabalho áspero, provara enfim não ser um funcionário nomeado para afligir as criaturas. Prestes se havia tornado amigo dele. Surgira, após diversas entrevistas, um terreno escasso, estreita faixa neutra, onde o materialista e o espiritualista conseguiam mexer-se. Larguei a folha, aperreado:

- José Lins é um maluco. Não escrevo isto. Para que me metem nessa encrenca? O doutor Sobral Pinto deve ser rico, e eu nem tenho dinheiro para pagar os selos da procuração. Deixem-me em paz. Não posso entender-me com essa gente. Diga a José Lins que vá para o inferno. Estou bem; não se importem comigo.

Sentia-me fraco, em desânimo excessivo. O espelho da saleta mostrava-me às sextas-feiras uma cara gorda e mole. Arrastava-me lento, as pernas bambas. A perspectiva de liberdade assustava-me. Em que iria ocupar-me? Era absurdo confessar o desejo de permanecer ali, ocioso, inútil, com receio de andar nas ruas, tentar viver, responsabilizar-me por qualquer serviço. Longo tempo me esforçara por justificar a preguiça: todos os caminhos estavam fechados para mim, nenhum jornal me aceitaria a colaboração, inimigos ocultos iam prejudicar-me. Escasseavam

agora as evasivas covardes. A coragem de um editor, elogios fáceis na imprensa, vagas esperanças na minha literatura de carregação e afinal os bons propósitos de indivíduos estranhos revelavam-me solidariedade. As loucuras de José Lins não me surpreendiam: tínhamos sido companheiros na redação e no café. Mas novas camaradagens acenavam-me de longe, tão inesperadas como os obséquios de malandros e vagabundos na Colônia Correcional. Não podia encerrar-me no pessimismo; indispensável regressar à humanidade, fiar-me nela; impossível satisfazer-me com partículas de humanidade, poeira. Muito embaixo, na lama e na chuva, o frio a partir-me os ossos, um sujeito anônimo e sem rosto amparara-me, desviara-me da treva e da morte. Revolucionários infiltravam-se na polícia e procediam dessa maneira, discretos e silenciosos. Outros indivíduos chamavam-me de cima. Outros indivíduos. Como seriam eles? Imaginei-os Cubanos civilizados e brancos, desgostosos por saber-me inerte, a bocejar. As informações minguavam. Sobral Pinto não se distinguia bem do soldado paciente que me arrastara quilômetros no aguaceiro. Essa comparação atenazava-me. Achava-me propenso a misturar homens discrepantes, inconciliáveis, superiores, inferiores.

Várias vezes afirmei que não assinaria o papel, mas a afirmação era mecânica. Enquanto expunha motivos para não assinar, deixava-me levar por motivos opostos, não expressos. Reli a procuração e, numa incongruência aparente, lancei o meu nome na linha indicada. Minha mulher ia sem dúvida considerar-me estulto. Nunca me explicava, e os atos divergiam com freqüência das palavras. Certamente era pusilanimidade resignar-me à prisão, engordar, enfraquecer, jogar *crapaud*. Uma idéia me afligiu naqueles instantes de indecisão: temi, recusando a oferta, ser grosseiro com os amáveis desconhecidos.

Respirei, mudei de assunto, livre de pensamentos contraditórios. Dias depois chamaram-me à secretaria. Aí se apresentou um cidadão magro, de meia altura, rosto enérgico, boca forte, olhos terrivelmente agudos. Sobral Pinto. Inquietou-me vê-lo perder tempo em visita a um preso vagabundo, refugo da Colônia Correccional: imaginara que apenas redigisse ou mandasse redigir uma petição de *habeas corpus*. Estragava a manhã vindo falar-me. O advogado sentou-se, afastou essas lamúrias com um gesto seco, abriu a pasta e começou a interrogar-me. Era o primeiro interrogatório a que me submetiam. Ouvi perguntas e dei respostas embrulhadas; maquinalmente peguei uma folha de papel e um lápis;

mas achava-me tão confuso que, referindo-me à Casa de Detenção, fiquei sem saber se devia escrever detenção com s ou ç. Risquei, tornei a riscar - a incerteza permaneceu. No cipoal de questões enrasquei-me:

- Ora, doutor, para que tantas minúcias? Como é que o senhor vai preparar a defesa se não existe acusação?

O advogado estranhou a minha impertinência. Em que país vivíamos? Era preciso não sermos crianças.

- Não há processo.

- Dê graças a Deus, replicou o homem sagaz espetando-me com o olhar duro de gavião. Porque é que o senhor está preso?

- Sei lá! Nunca me disseram nada.

- São uns idiotas Dê graças a Deus. Se eu fosse chefe de polícia, o senhor estaria aqui regularmente, com processo. - Muito bem. Onde é que o senhor ia achar matéria para isso, doutor?

- Nos seus romances, homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo.

Não me ocorrera tal coisa. Os meus romances eram observações frágeis e honestas, valiam pouco. Absurdo julgar que histórias simples, produto de mãos débeis e inteligência débil, constituíssem arma. Não me sentia culpado. Que diabo! O estudo razoável dos meus sertanejos mudava-se em dinamite. O duro juízo do legista esfriou-me:

- Está bem. Não tinha pensado nisso.

Realmente pensava no prejuízo que me forçavam a causar ao paradoxo vivo ali sentado em frente de mim. Não havia dinheiro nem para os selos. Porque tirar da cadeia um pobre como eu? Sobral Pinto me fez outras visitas. Palavra aqui, palavra ali - notei que ele era pobre também. E por isso queria libertar-me. As nossas idéias discrepavam. Coisa sem importância. Sobral Pinto, homem de caridade perfeita, queria tirar da cadeia um bicho inútil, na minha opinião, um filho de Deus, na opinião dele.

U MA NOITE de calor, suando no colchão duro, chateava-me a folhear um romance idiota. Alguém, na cama vizinha, interrompia-me afirmando com enorme certeza que aquilo era uma bíblia. Desenvolvia motivos, indicava passagens onde se arrumavam belezas imperceptíveis. Aborrecia-me:

- Está bem. Isso mesmo.

Impossível descobrir alguma vantagem no livro espesso, bem construído, científico em demasia. As personagens, terrivelmente sábias, expunham temas difíceis, causavam-me dor de cabeça. Os insensatos elogios irritavam-me:

- Isso mesmo. Sem dúvida.

Calor horrível. Morriam-me nos ouvidos sons abafados, as luzes das lâmpadas tremiam. Percevejos líquidos e ardentes fervilhavam-me por baixo do pijama; a respiração encurtava-se. As figuras em redor perdiam a consistência; o discurso pedante do otimista pouco a pouco se desalentou e afinal as idéias sumiram-se dele. Falta de ar. De repente as letras começaram a mexer-se, a dançar, as linhas torceram-

se doidas, deixando largos espaços vagos no papel amarelo. Esfreguei as pálpebras. As janelas estavam longe, as lâmpadas subiam. Na mesinha redonda, ao centro, jogavam bridge. Distingui os parceiros pela conversa abalizada:

- Dizem os tratadistas...

Cascardo, Barreto Leite e Hermes Lima estavam ali, mexendo cartas, discutindo, invisíveis; o quarto jogador apagava-se no silêncio.

- Xeque.

O tabuleiro de xadrez, a alguns passos, desaparecia em sombra compacta. Uma nuvem cortada por faixas vermelhas cobria os objetos. Cheguei a página aos olhos, afastei-a, buscando ansioso juntar os caracteres rebeldes. Vários deram-me a impressão de reunir-se, formando um contrasenso: *dettera*. Que diabo significava *dettera*? Parecia italiano, mas, por muito que me esforçasse, não me lembrava de ter visto semelhante palavra. Demais o livro ali aberto era escrito em português. Que vinham fazer nele as estranhas sílabas? Procurei-as, e não houve meio de achá-las. Certamente não existiam, embora um minuto antes se houvessem mostrado claras, os dois *tt* negros e fixos. Ilusão, mas ilusão bem esquisita, com aparência de verdade. O negror e a

fixidez tinham-se esvaído, agora as manchas cresciam na folha, os traços vermelhos angustiam-me espalhando os sinais caprichosos.

Soltei a brochura, ergui-me, um peso enorme no coração: julgava-me inútil, condenado para o resto da vida a guiar-me pelos outros. Esqueci o otimista facundo, avancei alguns metros no soalho, orientando-me por indecisas claridades, atingi a mesa do *crapaud*, sentei-me num banco, tentei enganar-me fingindo seguir os lances de uma partida. Uma voz engrolada, cheia de *rr*, convidou-me para o jogo, senti os baralhos debaixo dos dedos.

- Obrigado. Não posso.

Levantei-me, peguei um braço, desviei-me tateando na penumbra e na aflição:

- Venha cá, Gikovate. Parece que estou cego, não consigo ler. Que diabo será isto?

Não era nada, respondeu calmo o rapaz tentando sossegar-me. A evasiva, a maneira rápida e fácil de eliminar um fato negando-o, agravou-me a inquietação. Como não era nada? Pouco antes achava-me tranqüilo, a bocejar diante de um livro. Súbito as linhas se haviam deslocado, e em largos espaços desertos mexiam-se letras vagabundas. Algumas se juntavam, formando uma palavra sem pé nem cabeça,

e manchas rubras corriam na página. Tinha-me sem dúvida aparecido qualquer desgraça. Não seria bom consultar outros médicos? Fazendo a pergunta, convencia-me da inutilidade evidente dela. Com certeza alguns dos vultos indecisos, atentos no xadrez e nos jornais, podiam examinar-me, traçar um diagnóstico, mas não tinham recurso para suprimir a horrível névoa espessa.

O judeu excelente achou desnecessária a consulta: dentro de meia hora aquilo ia passar. Usou expressões técnicas, aconselhou-me repouso, e a voz calma, segura, incutiu-me esperança. Lembrei-me de haver experimentado coisa semelhante anos atrás. Ocupava-me em redigir um vago esboço literário, destinado ao fogo, naturalmente: quando as gavetas se abarrotassem, seria preciso, como de ordinário, esvaziá-las, destruir as composições medíocres. O exercício longo, paciente, fixara-se, convertera-se em hábito, e em vão queria livrar-me dele. Desde a infância entregava-me ao dever estéril.

Naquele dia o caso novo me alarmara: a folha esmorecera, fundira-se às tábuas da mesa, e nessa pasta nebulosa a minha ficção capenga se dispersara, coberta de nódoas vermelhas. Esforçara-me por dominá-la, escancarando os olhos, aproximando, afastando o papel. A escuridão se prolongara cerca de

meia hora. O prognóstico de Gikovate avivava-me a cegueira provisória e reduzia-me o susto. Meia hora. Talvez o rapaz desejasse apenas enganar-me, estabelecesse o prazo à toa, mas a coincidência levava-me a confiar nele. Dentro de meia hora a neblina se adelgaçaria, novamente me seria possível agarrar pedaços de verdade nos telegramas divergentes da Espanha.

- Vou deitar-me. Venha comigo, não enxergo o caminho.

O companheiro guiou-me entre os móveis confusos. Estirei-me na cama, enrolei a cabeça no lençol.

- Obrigado. Faça o favor de apagar a lâmpada.

Só, busquei distrair-me apanhando migalhas de conversas no burburinho. A gargalhada rouca de Moésia cortava a narrativa de Moreira Lima, várias vezes repetida; Apporelly arrumava a paciência vagarosa, ouvia-se distintamente o chiar das cartas na mesinha; e Aristóteles Moura, solícito, cochichava-me oferecimentos indefinidos. Os receios desbotaram, fugiram lentos, chegou a inconsciência, resvalei no sono.

Levantei-me dia claro, respirei com alívio pensando na aflição da véspera, e a manhã luminosa a

entrar pelas janelas banhou-me como um favor. Pestanejei: as manchas tinham-se

esvaído sem deixar vestígio. Faixas de sol forte avançavam no soalho. Os homens iam e vinham, perfeitamente visíveis, entregues às insignificâncias da rotina. Longe, avultava a massa pedregosa da Favela, com a casaria indecisa espalhada em cinzentas ladeiras, transeuntes a subir, a descer, mulheres avizinhandos-se da igreja fina e amável pregada no cume. Tinham vivido ali possivelmente, preguiçando em botequins sórdidos, bebendo cachaça, tocando violão, alguns dos vagabundos agora comprimidos na piolheira da Colônia Correcional. Pensei nessas esquisitas personagens, incapazes de trabalho, expostas a uma contínua perseguição, comparei-as aos doutores que folheavam jornais nas tábuas dos cavaletes. Hermes Lima embebia-se nos seus cadernos de alemão. Pompeu Accioly resolvia problemas de xadrez. De volta do café, Maurício Lacerda encostava-se a um parapeito à esquerda e atirava aos pardais miolo de pão. Esse hábito diário constituía quase um dever, e na execução dele ratazanas enormes emboscavam-se entre blocos de cantaria, aguardando ensejo de assaltar as aves. Os bichos repulsivos, gordos, vorazes, reduziam bastante os intuitos benévolos do homem. Necessário fugir, era a

opinião de Sócrates Gonçalves, repetida muitas vezes. Marteladas, uma serra a chiar na pequena marcenaria da saleta.

Abri o volume abandonado com desespero à noite, reli a página duvidosa e opaca onde três sílabas se tinham agrupado, a zombar de mim. Nenhum sinal delas. Apenas uma w)rosa insulsa e pedante.

ENTRANDO no salão, vi na cama de Luís de Barros, fronteira à porta, um fardo trêmulo: agüentando o rijo calor de meio-dia, alguém se enrolava num cobertor de lã. - Que é isso, Luís? Suadouro?

O moço descobriu o rosto pálido, murmurou débil: - Não. Medo.

Abafei numa gargalhada a confissão intempestiva, não porque se tratasse de coisa rara, mas pela simplicidade com que se expunha. Evitamos referir-nos a tais fraquezas, embora não haja motivo para nos envergonharem. Lembrei-me do abafamento, aparecido às vezes como epidemia: ficávamos inúteis, sem apetite, os músculos bambos, a vontade suspensa. Na Colônia Correccional apavorava-me diante de um selvagem bêbedo. E a operação dos ratos levava uma noite José Brasil a perceber metralhadoras na sombra, assestadas contra nós. No estado normal, talvez nos espantássemos se alguém nos viesse falar nesses desconchavos, mais ou menos apagados; não seríamos capazes de amofinar-nos assim. Continuava a rir-me examinando a figura empacotada. Os olhos

escancaravam-se, os beijos contraíam-se, os dedos apertavam com força a orla do pano abaixo do queixo.

- Largue esse cobertor, homem. Você se derrete nesta quentura dos diabos.

O rapaz mexeu a cabeça, espalhou a vista pelos arredores com jeito cômico:

- Não brinque. Estou morto de medo. Covardia.

Era como se estivesse a indicar ameaças em roda, mas isto se mudava em truanice. Não havia ali sinal da esquisita fraqueza que de longe em longe nos contaminava; os jogos, os trabalhos desenrolavam-se monótonos, as conversas zumbiam. Nenhum soldado bruto viria trazer-nos exigências alarmantes. E rumores indefinidos não alvoroçavam as criaturas sugestionáveis; no sossego das tocas os ratos dormiam; impossível imaginar canos de armas, inimigos ocultos, na claridade intensa que inundava o pátio.

- Recebeu alguma notícia desagradável? inquiri afugentando razões imediatas.

Devia ser isto: desgosto de família, embaraços econômicos, obstáculos imprevistos surgidos no processo, encrencas sutis, esmorecimento do advogado. No ócio obrigatório e no ramerrão, esses contratempos se exageravam, roubavam-nos o sono.

- Seus parentes lhe disseram alguma coisa?

Não. Tudo em ordem. Mas estou com medo. Nem sei de quê.

As pálpebras caídas ergueram-se leves, um olhar rápido fuzilou, nos lábios frouxos correu momentâneo o sorrisinho malandro. Um instante depois lá estava no rosto bambo a máscara deplorável: rugas, o nariz longo, dois sulcos fundos a prolongar a boca. A tremura sacudia os músculos, e no pescoço os dedos crispavam-se agarrando o pano.

- Estou com frio.

Para o diabo. Ainda uma vez a criatura desassissada se entretinha a zombar de mim. Durante meses se apagara, anônima e sem cor, os modos lorpas, gaguejando ninharias. E afetara excessiva cautela sem nenhuma razão. Não iria comprometer-se deixando a assinatura numa folha de romance? Agora simulava covardia. Ao sentir-me novamente logrado, achava-me crédulo, simples objeto de brincadeiras nas mãos de um sujeito ordinário. Repetia a mim mesmo essa injúria, e zangava-me por afirmar uma injustiça. O homem possuía grande talento, mas era estúpido viver a esbanjá-lo representando papéis ridículos. Notando a fraude, julgava-me denso e lerdo; com certeza outros indivíduos me enganavam também, e

era-me impossível ajustar-me ao ambiente desgraçado. Tocaías. Pessoas a deslizar na sombra.

Afastei-me desgostoso, pensando que de fato procedíamos ali como se nos escondêssemos, em permanentes emboscadas. Veio-me ao espírito o juízo cínico de Walter Pompeu, desenvolvido meses atrás no cubículo 35 do Pavilhão dos Primários. Nordestino, bárbaro, acomodado à civilização, Walter admitia a negação e a fraude, meios de suprimir um inimigo com pouco esforço. A lei dos cangaceiros. - "É assim que se faz na guerra. Qual é o objetivo? Matar. Bem. Matamos reduzindo as probabilidades de risco. O homem sensato não se afoita em campo descoberto: resguarda-se junto a uma árvore, o olho na pontaria, o dedo no gatilho, o rifle apoiado a uma forquilha, e espera momento favorável. Um tiro, e acabou-se. O duelo é uma estupidez. Bobagem morrer à toa. Cavalheirismo, fanfarronada, isto é literatura besta." Recordando a opinião crua, vassourada razoável em muitas coisas vistas na aula primária, guardadas sem exame, surpreendia-me a argüir o oficial e a dar-lhe razão.

Literatura besta. A frase reaparecia, insistente. Ensinavam-nos a exhibir os nossos intuitos, a proceder com dignidade e honra - e com isto se resumia o trabalho da polícia. Evidentemente. Se cometêssemos

um crime, o remorso nos obrigaria a confessá-lo. Mas na guerra não existia remorso, os deveres ordinários findavam - e Walter Pompeu queria meter nas relações civis a moral e os hábitos da guerra.

Havia saltos nas minhas idéias, lacunas e discrepâncias. Farrapos de idéias. Afinal estávamos em guerra. Num banco estreito, em carro de segunda classe, inteirara-me disso lendo um jornal, entre dois fuzis. O Congresso Nacional prorrogara o estado de guerra. O disparate me indignara, arrancara-me pragas interiores. Agora, sentado na cama, olhando o monte vizinho, aplicava-me em reconsiderar. Havia na verdade um conflito a generalizar-se, briga invisível, e, em conseqüência, era natural que, por qualquer suspeita, nos tirassem do mundo. A esquerda, mulheres a descer a ladeira vermelha e pegajosa, na manhã clara, um burro e uma cabra quase imóveis, casas de tábuas e lata, a envergonhar-se, a encobrir-se nas ramagens, panos estendidos, crianças nuas. Paz. Em frente, a massa escura da Favela, a igreja alta e magra no topo, figuras vagas a achatar-se nos declives ásperos da pedra, tetos

ariscos. Paz. E em redor, na sala extensa, o zumbido monótono das conversas, a leitura paciente de Maurício Lacerda, o riso de Jorge El-Jaick, o pigarro de Moreira Lima, chiar de serra e marteladas

na pequena oficina de amadores. Paz. A guarita próxima, erguida no muro alto, parecia deserta; a sentinela devia cochilar pacificamente, esquecida a vigilância. Contudo, no sossego aparente vivíamos inquietos. Olhos atentos nos sondavam por detrás de óculos escuros, a gente se mexia entre ciladas, uma frase leviana figurava nos relatórios que indivíduos insuspeitos mandavam á polícia. O velho Marques me avisara: - "O senhor hoje pela manhã, ali na mesa dos jornais, cumprimentou com a mão fechada os rapazes do banho de sol. Um dos seus companheiros escreveu isso e eu fui portador da informação. Desconfie de toda a gente, de mim e dos outros, mas desconfie mais dos seus amigos." Isso nos envenenava. Afinal já nem sabíamos quem era amigo, quem era inimigo. Um sorriso nos envolvia, nos anestesiava, ocultando um punhal de assassino. Dias depois, feridos na sombra, seríamos postos num alojamento sujo de moribundos. Centenas de organismos a desconchavar-se lentos, envoltos em farrapos; pernas convulsas a estirar-se, finas como cambitos; bugalhos a rolar em desvario. Gemidos, rancos de agonia - um infeliz a acabar-se, a barriga aberta, jorros de sangue escuro e podridão cheia de bichos, sob o vôo das moscas. Poderíamos findar assim. E poderíamos resistir, livrar-nos, acomodar-nos outra vez, mais fracos e sem alma, junto ao altar, no quadrado firme de mosaico, lendo

romances tolos, vendo a igreja fina e distante, animais e -crianças nuas em cima da ladeira vermelha e, perto, longe do mundo, homens atentos no jornal e no jogo. Alguns suportariam miséria e fome, dentro de meses voltariam, como Aristóteles Moura, o crânio pelado, mais pálidos e magros, mover-se-iam tranqüilos, em paz. Paz no vasto salão de tábuas vacilantes, no morro vermelho, nas casas escondidas entre ramagens, nas pedras da Favela, nas guaritas pequenas trepadas no muro largo. Outros ficariam na ilha fúnebre, desmanchar-se-iam anônimos em covas abertas nas escarpas duras e negras, debaixo das piteiras luminosas nos crepúsculos cor de sangue. Emboscadas. O ranger das portas anunciava estalos de gatilhos; nas dobras das roupas escassas havia navalhas e facas. José Brasil se alucinara uma noite, percebera armas na treva.

Luís de Barros não se afligia com esses perigos complicados, mas enxergava possivelmente outros perigos. Retraía-se, envolvia-se em dúvidas: todos nós éramos capazes de prejudicá-lo. Enrolava-se no cobertor pesado, a queixar-se de frio e medo. Cercavam-no delatores. Semanas depois as grades se descerraram para ele. Vestiu-se cuidadoso, arrumou a bagagem, despediu-se mastigando o sorriso parvo, que me atenazava. Naquele momento era dispensável

a constante falsidade. Acompanharam-no ruidosos, com demonstrações vivas de alegria revolucionária. Luís de Barros andava de cabeça baixa, em silêncio. Parou à saída, virou-se, endireitou a visagem burlesca. Certamente ia fazer um discurso

- Obrigado, murmurou. A comoção e a prudência embargam-me a voz.

HOUVE luta física na Sala da Capela, e isto me alarmou, pois nunca me viera a suposição de que desavenças miúdas tomassem vulto, chegassem ao pugilato. Quais eram afinal os motivos dos rijos dissídios? Palavras. As discórdias começavam por elas, embrulhavam-se na significação delas, aprofundavam-se, alargavam-se. Porquê? Exatamente porque faltava razão para se alargarem, aprofundarem. Se houvesse razão, os adversários conseguiriam provavelmente superá-la, julguei. Repeti a mim mesmo que a dificuldade estava em darem à mesma coisa nomes diversos, darem a várias coisas um nome só. Impossível entenderem-se.

Haviam pedido a Leônidas Resende um curso de economia política. Leônidas enfermara, vivia estirado na cama, friorento, apesar do calor. Nas horas das refeições, erguia-se mole, descia trôpego ao refeitório, em desânimo. Se lhe falávamos, respondia com um sorriso murcho e balofo. Professor, homem de saber e método, apagava-se; não lhe reconheceriam valor se não aparecesse na encadernação um volume fornido com o nome dele. Daí o convite. Amável e paciente, Leônidas resignara-se às lições. A noite, no

rumor das conversas e da vitrola, fazia-me pena vê-lo recostar-se ao travesseiro, ampliar a voz fraca, desenvolvendo a matéria, como se ainda se achasse na cátedra. Desatento à força do trabalho, ao mercado, à super-valia, o auditório bocejava. E, ao cabo de alguns dias, os alunos pouco a pouco se dispersavam, iam estudar coisa menos chata, ensinando uns aos outros, com lápis e folhas de papel, em grupos animados, pelos cantos. Não haviam entendido bem o professor claro e minucioso; acabariam não se entendendo.

Apareciam-me de longe divergências em esboço, e éramos forçados a reconhecer que ninguém tinha culpa. Estávamos feitos daquele jeito, cada um de nós estava feito de certo modo - e em vão tentávamos explicar uns aos outros que a leitura de um artigo não nos transformava. Numerosos degraus. Homens ásperos, intolerantes; homens simples, cheios de ódio. Lembrava-me do beato José Inácio, baixo e grosso, um rosário de ave-marias brancas e padrenossos azuis no peito cabeludo, a mão curta a mover-se com raiva: - "Quando fizermos a nossa revolução, ateus como o senhor serão fuzilados." Havia na Sala da Capela indivíduos assim, não tão rudes, mas férteis em absurdos e inconciliáveis. Tornaram-se comuns as falas estridentes, e como andávamos quase despidos, as almas enfim surgiram também meio nuas. Porque

diabo me indispusera com algumas pessoas? Afligia-me não achar resposta, e talvez esses inimigos imprevistos fizessem debalde a mesma pergunta. Já na eleição do Coletivo aparecera no fim da sala, perto do altar, um princípio de bagunça, enquanto se apuravam as cédulas. Berros, palavrões, xingamentos, eleitores assanhados agarrando-se. E por esses votos insignificantes diversos militares me haviam torcido o focinho. Estupidez.

Agora as coisas pioravam. Certo dia dois sujeitos se engalfinharam. Um deles se desprende, foi à saleta, voltou armado com um formão, envolveu-se outra vez na desordem. Ao cabo de instantes desviou-se do grupo uma figura ensangüentada: na ação rápida os pacificadores não tinham conseguido meio de evitar o golpe. Gritos, barulho de tamancos, chaves a abrir maletas, passos na escada. O faxina trouxe uma bacia de água; Flávio Poppe, Gikovate e outros médicos estriparam rolos de algodão, e ocupavam-se na lavagem do ferimento quando o major chegou, acompanhado por guardas. Em silêncio, o velho estendeu o olhar severo em redor, ficou algum tempo a examinar a criatura esmorecida e cabisbaixa que se deixava manusear, um filete rubro a correr de uma brecha pequena aberta na fronte. Nenhuma censura, apenas a carranca desgostosa. Mas

isso nos causava aborrecimento e confusão, agravados pelo ar escarninho dos funcionários. Um deles guinchava olhando a testa pálida, onde logo se estirou um pedaço de esparadrapo. Guinchos, expressão velhaca e estúpida. Uma cara obtusa, beiços grossos e escuros arregaçando-se. Animal. Devia ser o tipo de que Agildo, levado a braços ao tribunal, se desembaraçara com um pontapé. Zombava de nós. Que vergonha!

O diretor afastou-se ríspido, sem se despedir, rosnou uma ordem, e sumiram-se pouco depois os utensílios da marcenaria. Dali em diante o chiar das serras e as marteladas não nos embalariam, a dissipar os desejos vagos e o tédio. Havia no alojamento um forte desânimo, e buscávamos reduzir a tristeza e o vexame fugindo a comentários.

Correram semanas. Os debates azedavam-se, entusiasmos ardentes esfriavam. Uma tarde nova desordem rebentou. Originou-se na saleta do café, cresceu rápida. Envolvendo muitas pessoas, tornou-se uma onda raivosa, transbordou. Sentado num banco, à mesa dos jornais, com um livro e um cigarro, vi, sapecando períodos, o fuzuê desenrolar-se, atravessar a porta, receber contingentes, espraiar-se. José Brasil se esgoelava, comandando, querendo estabelecer disciplina e método na bagunça. Para começar entalou

o pescoço de um vizinho debaixo do braço, num truque japonês, redemoinhou com o adversário, feito um boneco, sufocado nessa gravata. Os bíceps contraíam-se, inchavam, molas duras, e a voz áspera exigia sossego lançando injúrias e palavrões.

Ergui-me, sentei-me um pouco distante, reabri o volume, o desconchavo alcançou-me, bateu-me nas pernas; levantei-me de novo, afastei-me alguns metros, esforcei-me por adivinhar a página. Desviando-me da leitura, percebi que grande número de militares aderira à briga. Aquilo para eles era esporte, jogo necessário à saúde. Baques, desaforos; o combate se generalizava, deslocava os móveis, alargara-se até o meio da sala. Não me achando em segurança, fui acomodar-me ao fundo, perto do altar. As camas restavam desfeitas; formavam-se partidos, a animar, a desanimar os lutadores; e pessoas cautelosas se resguardavam junto às janelas. A fúria coletiva decresceu, morreu, e os contendores desgrudaram-se. Restabeleceu-se a ordem, arrumaram-se as peças nos tabuleiros de xadrez, as cartas espalharam-se no *crapaud* e na paciência, os discos da vitrola buscaram desfazer-nos a má impressão.

- Você tem sangue de barata, homem, veio dizer-me José Brasil.

- Porquê?

- Ora porquê! Num barulho como este, fica sentado, lendo, nem levanta a cabeça. Que diabo! Você não tem nervos.

- Pois sim! Vou lá meter-me em questão de soldados? Vocês se entendem. Arranham-se, trocam murros, quinze minutos depois estão amigos. E voltam-se contra os paisanos. Sou neutro. Arranjem-se.

O capitão arregalou o olho vivo, com espanto. Em seguida soltou uma gargalhada:

- Ótimo. É isso mesmo. Foi a opinião mais sensata que já ouvi a nosso respeito.

EXPLICAÇÃO FINAL

RICARDO RAMOS

Faltava apenas um capítulo destas memórias, quando morreu Graciliano Ramos. Escrevera todos os volumes em trabalho contínuo, lento é verdade, mas sem interrupções. Uma viagem ao estrangeiro, no entanto, ofereceu-lhe o suficiente para um novo livro, um livro que o interessou e o fez abandonar - por algum tempo, supunha - a obra quase terminada. Já doente, registrando com dificuldade as impressões que os países visitados lhe haviam deixado, não tentou concluir suas "Memórias do Cárcere". E se às vezes procurávamos lembrar-lhe esse fato, respondia:

- Não há problema. É tarefa de uma semana.

A atenção era desviada, falávamos de coisas diversas, que na aparência o faziam esquecer os sofrimentos prolongados. Certa manhã, encontrou-nos mexendo em seus papéis, lendo crônicas antigas, publicadas em 1921, num jornal de Palmeira dos Índios.

- Deixa isso!

Resistimos, é claro. Continuamos a ler, ignorando a raiva mansa. Demorou-se calado, finalmente inquiriu-nos sobre o tema. Referia-se à semana santa no interior de Alagoas, apanhando os rituais, o jejum, flagrantes inesperados.

- Então lê alto.

Obedecemos. Ouviu atento, meio desajeitado, sorrindo às passagens que o agradavam. Finda a leitura, sugeriu uma segunda, outra, e assim ficamos algum tempo, lembrando aspectos da cidade sertaneja.

Não está muito ruim, hem? Não estava.

- Você publicaria isso agora?

Evidente. Apenas não tinha uma justificativa.

- Mas depois... Vocês podem fazer o que entendam. Mudamos de conversa. Vieram as suas edições, artigos recentes que mereciam exame. Depois o livro da viagem, referências a Paris, à Geórgia. E finalmente chegamos às memórias na cadeia.

- Que é que pretende com o último capítulo? Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas.

- Eu conhecia o Rio de 1915...

E procurava orientar-se através de reminiscências, sem examinar as placas. A claridade forte, o movimento grande o atordoavam. Entrou num café, e ao levantar-se arrastou os pés, como se ainda usasse tamancos. Havia perguntas que se repetiam e esperava as respostas com impaciência, olhando a

valise. A mulher traria dinheiro bastante para o táxi? Aonde iriam? Como poderia viver?

- Um fim literário.

Sim. No começo do livro e também nos outros volumes já fizera considerações numerosas, seria inútil concluir dessa maneira. Talvez surgissem pontos acidentais, desdobrasse a matéria em dois capítulos. Mas nada que pretendesse valorizar, tivesse influência no conjunto. Somente as primeiras sensações da liberdade.

Antes que pedíssemos novo esclarecimento, menciona a revisão necessária. Vários anos a escrever e nesse período fatos que se modificaram, figuras apagadas vindo ao primeiro

plano, outras a se afastarem, transformando-se. Possivelmente essa leitura mostraria soluções e caminhos diversos dos encontrados. Ainda questões de unidade, estrutura da obra. Entretanto, se não pudesse fazer a versão definitiva, ficariam as observações iniciais, talvez repetidas e não inteiramente justas, mas que em princípio o satisfaziam.

- E o título?

Não importava. "Memórias do Cárcere" ou simplesmente "Cadeia". Inclina-se por um, mais

tarde iria preferir o outro. Não valia a pena forçar a escolha.

Estas as referências que ouvimos de Graciliano Ramos às suas memórias, agora publicadas. Julgou-se precisa uma explicação acerca do capítulo não escrito. Alinhamos as nossas recordações, em seguida as comparamos às de outras pessoas da família. E foi tudo o que pudemos trazer sobre o assunto.

Rio de Janeiro, 1953.

FIM DO VOL. II